

**ΠΡΟΤΡΕΪΤΙΚΟΣ ΠΡΟΣ ΕΛΛΗΝΑΣ  
(EXORTAÇÃO AOS GREGOS)**

**A HELENIZAÇÃO DO CRISTIANISMO EM CLEMENTE DE ALEXANDRIA**

por

**RITA DE CÁSSIA CODÁ DOS SANTOS**

Tese de Doutorado em Literatura Comparada,  
apresentada à Coordenação dos Programas de Pós-  
Graduação da Faculdade de Letras da UFMG.

Orientador Acadêmico: Prof. Dr. Jacyntho José Lins  
Brandão. Linha de Pesquisa: Literatura, História e  
Memória Cultural.

UFMG/Faculdade de Letras  
Belo Horizonte, 2º. semestre de 2006

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Jacyntho Lins Brandão, Orientador Acadêmico, por seu notório saber, por sua gentileza e sereno otimismo com que seus orientandos têm a certeza de poder contar.

À Banca Examinadora, pela aceitação dessa tarefa.

À Profa. Dra. Filomena Hirata, por me ter indicado o caminho das Minas Gerais.

Ao prof. Dr. Marcelo Pimenta (Filosofia) e à Profa. Dra. Tereza Virgínia R. Barbosa (Grego), pela cordial atenção e pelas percucientes observações, na ocasião do Exame de Qualificação.

Ao Prof. Dr. Ronaldo Fiúza Lima, pela cópia do Otto Stählin e pelo *abrégé* de sua eminente tese sobre Clemente de Alexandria.

À Profa Edna Sônia Monteiro Faro, colega e amiga, por sua prestimosa colaboração na busca de obras raras; aos colegas do Colégio Pedro II: Profa. Beatriz Frota, Profa. Dayse Elísio, Profa. Maria Manuela Valente, Prof. Geraldo Pinto Vieira. Ao NUDOM (Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II) e à Biblioteca da Unidade Centro do CP II, pelo acesso a obras raras e quase bicentenárias sobre Língua e Literatura Gregas. A Michell Alves, ex-aluno de Grego e professor de Filosofia, pelo Protréptico de Aristóteles, enviado da Suíça.

Aos amigos Ângela Cristina Hartl (Heidelberg-Alemanha) e Spiros Alexandrakis (Tessalônica-Grécia), pela remessa de cópias e de obras a respeito de Clemente de Alexandria e do Mundo Bizantino. Ao pessoal da Biblioteca da escola de Teologia da Universidade de Tessalônica (Grécia), pela atenção e familiaridade com que trata os estudantes e pesquisadores brasileiros.

A Letícia e a todo o pessoal da Secretaria da Poslit (UFMG), pela eficiência com que exercem seu trabalho e pela gentileza para com os alunos da Pós-Graduação, principalmente os forenhos.

**Eujcarivstwç**

**ἤδη γὰρ καὶ ὁ προἄγων καὶ μὴ θύρα ταῖς προ-  
 μύθων, οὐδέ οἱ κηρύσει συγχεύσασθαι  
 φιλοσοφίας καὶ τῶν ἀλλῆς παιδείας τοῖς  
 καλλίστοις ταῖς ἐπισημῶν**

(Clemente de Alexandria. *Strómata* I 15, 3)

Em verdade, o prelúdio do combate já é o combate; os prelúdios dos mistérios são os mistérios; e a nossa obra não hesitará em utilizar os mais belos registros da filosofia e da cultura que nos conduzem à ciência.

A meus pais,  
pela ascese da paciência e do  
silêncio.

## RESUMO

Esta pesquisa versa sobre a importância da retórica clássica e da cultura grega em geral na edificação do cristianismo. Analisa-se aqui o legado de Clemente de Alexandria – um dos mais notáveis apologistas cristãos dos séculos II e III – à doutrina cristã, através de sua obra *Exortação aos Gregos* (*Protreptikòs pròs Hèllenas*), um lídimo produto da cultura literária da época: a Segunda Sofística. Observa-se também a habilidade do processo de “demolição” do politeísmo e dos *mistérios* iniciáticos, como recurso retórico, e o emprego da terminologia místico-filosófica dos helenos na constituição do discurso teológico cristão.

Segue-se a nossa tradução do *Protréptico*.

## ABSTRACT

This research shows the importance of classical rhetoric and the role of Greek culture in general in the edification of the Christianity. The work of Clement of Alexandria – one of the most remarkable apologist in the 2<sup>nd</sup> and 3<sup>rd</sup> centuries – and his legacy to the Christian doctrine will be analyzed in his *Exhortation to the Greeks*, which stands as one of most prominent masterpieces of the literary culture of the time: the Second Sophistic. The paper will also consider the importance of the Greek Mysteries as a rhetorical resort, and the employment of Hellenic mystic-philosophical terminology in the constitution of the Christian theological discourse.

Also includes our translation of the *Exhortation to the Greeks*.

## RÉSUMÉ

Cette recherche montre l'importance de la rhétorique classique et de la culture grecque en général dans l'édification du christianisme. Nous analysons ici l'héritage que Clément d'Alexandrie – un des plus remarquables défenseurs du christianisme – a fait à la doctrine chrétienne dans son oeuvre *Le Protreptique*, un produit légitime de la culture littéraire de cette époque: la Seconde Sophistique. Nous observons aussi la prouesse du processus de “démolition” du polythéisme et des *mystères* initiatiques, comme ressource rhétorique, et l'emploi de la terminologie mystique et philosophique des Hellènes dans la constitution du discours théologique chrétien.

Ensuite, nous présentons notre traduction du *Protreptique*.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	9
2. O MANUSCRITO APOLOGÉTICO DE ARETAS E A SOBREVIVÊNCIA DO <i>CORPUS CLEMENTINUM</i> .....	16
<b>Uma história de ostracismo e ressurgimentos</b> .....	16
<b>O Primeiro Humanismo Bizantino e o ressurgimento dos manuscritos de     Clemente de Alexandria</b> .....	23
<b>A Renascença Européia e a redescoberta dos manuscritos de Aretas</b> .....	27
<b>A contribuição de Otto Stählin</b> .....	29
3. O LEGADO DE CLEMENTE DE ALEXANDRIA À LITERATURA GREGA CRISTÃ .....	32
<b>O crepúsculo dos deuses e o alvorecer do cristianismo</b> .....	34
<b>Paulo, o Apóstolo do Gentio: Os primeiros passos as helenização do     cristianismo</b> .....	36
<b>Clemente de Alexandria: erudição, eloquência e argumentação retórica na     apologética cristã</b> .....	38
<b>Das obras de Clemente</b> .....	43
3. O <i>PROTRÉPTICO</i> DE CLEMENTE DE ALEXANDRIA .....	45
<b>O argumento ético: a reputação do autor / emissor</b> .....	48
<b>O argumento patético: o conhecimento da natureza do receptor</b> .....	48
<b>O argumento lógico: a estrutura do discurso</b> .....	52
A apresentação do logos e seu cântico novo .....	54
A refutação ao politeísmo e às suas práticas .....	58
A concepção monoteísta de filósofos e poetas gregos .....	64
4. O PAPEL DAS CITAÇÕES DE POETAS GREGOS NO <i>PROTRÉPTICO</i> .....	70
5. CONCLUSÃO .....	80
6. TRADUÇÃO DO <i>PROTRÉPTICO</i> .....	83
7. BIBLIOGRAFIA .....	148

## INTRODUÇÃO

*A eloquência renasce constantemente ao longo da Antiguidade grega e em Roma. É um dos gêneros literários pelos quais a noção humanística da Antiguidade greco-latina tem um sentido.*

(Philippe BRUNET)<sup>1</sup>

### **Hipótese e tema**

O tema desta pesquisa tem como referência as duas colunas basilares da nossa civilização: a cultura helênica e o cristianismo. No âmbito da cultura helênica, vincula-se à retórica (clássica e pós-clássica); no que concerne ao cristianismo, prende-se à Patrística que, em primeira e última instâncias, foi uma apropriação da eloquência e da erudição gregas em prol da fé cristã.

A eloquência sempre foi um dos traços mais fascinantes da cultura helênica. O apreço que os gregos tiveram pela arte de bem-falar foi, sem dúvida, o maior testemunho de uma civilização não apenas pautada na oralidade, mas que sublimou a mais intrínseca característica da espécie humana: a fala. Portanto, a arte retórica foi uma consequência natural e coerente com um povo que soube, mais que nenhum outro, perceber o sublime poder da linguagem humana.

Cícero reconhecia em Górgias de Leontino o primeiro a ter esculpido a sua frase, a implantar equivalentes numéricos e sonoros e a articular a sua arte sobre o método da persuasão. Seu discurso pronunciado diante dos atenienses tocou os espíritos e -influenciou para sempre a arte da eloquência. Philippe Brunet assevera que o sofista de Leontino criou a retórica de aparato, e que a arte de Demóstenes e de Ésquines não seria grande coisa sem essa liberdade criadora.

Platão critica Górgias, acusa-o de negar a existência da verdade e do bem e de tão-somente fazer valer a sedução e a superficialidade. Aristóteles, por seu turno, lança um olhar

---

<sup>1</sup> BRUNET, Philippe. *La Naissance de la littérature dans la Grèce ancienne*. Paris: Librairie Générale Française, 1997, p. 178.

epistêmico e mais benevolente e reconhece na Sofística e na Retórica técnicas que atuam como mediadores universais e que supõem a experiência das relações entre os homens. Ao estabelecer as bases da Retórica e da Poética, o Estagirita inicia um “diálogo” infindável com seus pósteros. Dentre estes, o mais egrégio fora Cícero que concebeu a articulação entre Filosofia e Retórica e aprofundou a compreensão da tríade aristotélica *êthos*, *páthos* e *lógos*. Cícero atribuiu um papel central à arte retórica na sua concepção de mundo e de cultura, entretanto homologou algumas mudanças na *ars dicendi*. As circunstâncias exigiam uma certa proeminência do *páthos* ou efeito *ad hominem*: “É preciso conhecer bem a natureza humana, saber o que é o homem e o que pode excitá-lo e acalmá-lo, se se quer, pela palavra, atingir seu objetivo”.<sup>2</sup> Com isso, a Segunda Sofística vai propagar que o discurso é para a alma o que o *phármakon* é para o corpo. Longino apresenta o *sublime*, na Retórica e na Poética, como oriundo de três fontes: da grandeza da alma; da imitação dos antigos; da capacidade de criar *phantásiai* (imagens, tropos, figuras), da parte do orador. Quintiliano reitera, por sua vez, que aquilo que os gregos chamam de *phantasia* (e os romanos de *uisio*) é de grande eficácia para fazer nascer as emoções. Estreitam-se, pois, os laços entre Retórica e Literatura. E a Patrística, por sua natureza apologético-exortativo-ilustrativa, nascida sob a égide da Segunda Sofística, apropria-se de tudo isso para defender e fundamentar a doutrina cristã.

Dentre os movimentos culturais forenhos que emergiram no ecúmeno greco-romano, o cristianismo foi o mais importante, posto que irá dividir para sempre a história das idéias no Ocidente e porque, em sua estrutura formal, fora um lídimo produto da fusão do judaísmo helenístico da diáspora com a cultura grega propriamente dita. Antes, Filon de Alexandria (c. 23 a.C – 41 d.C.), pregador e filósofo judeu, já tentara uma aproximação entre judaísmo e platonismo. Entretanto, as idéias de Filon serão muito mais profícuas no âmbito da apologética cristã, *a posteriori*, do que entre os judeus. Por conseguinte, a idéia de fusão cultural, entre judaísmo e helenismo, já pré-existia ao cristianismo, no mundo grego. A idéia de um deus único também era difundida, de certa forma, pelos estóicos, e se harmonizará com a idéia filoniana do Logos divino, da qual o evangelho atribuído a São João é um dos mais autênticos testemunhos.

Surge, com os apologistas, a necessidade de justificar e racionalizar, não só perante os gregos mas também frente aos judeus, a fé cristã, um novo ramo do judaísmo que vinha do oriente sírio e se difundia no mundo helenístico. Coube a esses defensores do cristianismo a inclusão deste movimento ético-espiritual na realidade greco-romana, graças à arte retórica e à

---

<sup>2</sup> CICÉRON. *De l'Orateur*. Paris: Lib. Garnier, 1952.

erudição clássica. Por seu turno, esse contributo intelectual, que se mostra no esforço de “traduzir” a mensagem de Jesus para o mundo greco-romano, implica um duplo processo cultural: por um lado, a *inclusão* da nova fé na práxis grega; por outro, a *apropriação* não apenas da terminologia filosófico-religiosa mas da própria cultura dos helenos, na elaboração do discurso teológico cristão.

Dentre esses eruditos, CLEMENTE DE ALEXANDRIA (c.150-215 d.C.) é um dos mais brilhantes não só pela cultura eminente, mas - e acima de tudo - por seu talento e sua visão humanística. Seu legado à literatura cristã e à cultura helênica é de primeira grandeza. Sua obra, além de lançar luzes sobre determinados aspectos secretos da religiosidade helênica, testemunha a dificuldade de recepção da mensagem cristã entre os gregos, principalmente na cidade de Alexandria (centro do helenismo), no final do século II e início do III, e o esforço intelectual de um ilustre grego converso para unir a herança filosófica dos helenos à fé cristã.

Clemente representa o que há de mais original na literatura patrística. De suas obras emanam um grande vigor artístico e um humor que chega, em alguns momentos, às raias do sarcasmo e da ironia, sem, no entanto, deixar de ser comedido e agradável ao leitor. Lidar com o texto clementino é uma aventura muito emocionante mas que se torna uma tarefa muito exigente em face de sua *polymátheia*. Diante disso, resta-nos dizer da nossa modesta contribuição aos estudos clementinos.

O presente estudo - que tem por objeto a obra *Exortação aos Gregos* (Προτρεπτικός προς Ἑλληνας) - apresenta e analisa o emprego da argumentação retórica e da erudição grega, como reflexo da Segunda Sofística, na tessitura do discurso clementino. O cerne desta pesquisa é, por conseguinte, a análise dessa *apropriação* da cultura grega, realizada por um autêntico *scholar* helenístico-romano, um *pepaideuménos*, e averbada, de maneira inédita, nesta obra cujo título<sup>3</sup> já evidencia, *per se*, o efeito do processo de *inculturação* por que passou o cristianismo no ecúmeno de base grega, e que aqui denominamos *helenização*.

Damos, aqui, ao termo *inculturação* um sentido mais amplo que aquele dado pela teologia moderna que afirma ser este conceito “um neologismo teológico cunhado pela moderna missiologia, para indicar uma prática muito antiga e sempre presente em todas as gerações da Igreja, que propõe seja a anunciação da mensagem evangélica, seja o acolhimento desta palavra no coração das pessoas de todas as culturas, com as recíprocas interferências da cultura e da mensagem anunciada.”<sup>4</sup> Consideramos que, no caso da apologética,

<sup>3</sup> O termo *protreptikós* é essencialmente grego e usado no âmbito da filosofia e das ciências. Clemente o emprega, em seu *Protreptikós pròs Hèllenas*, com o objetivo de evidenciar esse processo de *inclusão* do cristianismo na civilização grega, considerando-o como a única e verdadeira filosofia.

<sup>4</sup> FIUZA LIMA, Ronaldo (OFM), 1999.

principalmente no que concerne aos Padres preniceanos, foi a inteligência grega que elaborou uma nova religião, tomando, como *leitmotiv*, os *lógia* de Jesus. Basta compararmos os termos que compõem a lexicologia eclesiástica com o que sabemos a respeito da pregação do Rabi da Galiléia e, posteriormente, com a estrutura hierárquica da Igreja, para percebermos que não houve uma interferência tão recíproca, e que não se trata de uma prática sempre presente, haja vista aos históricos testemunhos de intolerância que vêm marcando o longo percurso do Catolicismo. Incontestavelmente a idéia de um Deus único, de uma irmandade universal e de caridade entre os homens de todas as raças e de todas as classes já se fazia presente entre os gregos; mas a mensagem divulgada pelos apóstolos de Cristo trazia, de fato, um carisma muito forte porque se apresentava muito humana: a tolerância, a igualdade, a caridade e o perdão eram os fundamentos do *kérygma* cristão, autenticamente vividos por seus acólitos, nesse primeiro momento.

Embora o escopo deste trabalho se volte para a apologética cristã, não abordaremos assuntos de natureza teológica senão – quando necessário – à guisa de ilustração ou como suporte apodítico-argumentativo.

Quanto ao vocábulo *gregos*, tem ele, aqui, um amplo conceito, pois abrange não apenas os helenos mas também aqueles que eram helenizados e os súditos romanos da parte do Império que fala grego. Do ponto de vista do apóstolo Paulo, que é judeu, os gregos são os *gentios*, os não-judeus, cujo equivalente hebraico é *goim*.<sup>5</sup>

### **Objetivos e estrutura metodológica**

Por se tratar de um autor que suscitou e ainda suscita polêmicas no âmbito teológico, desde o paroxismo da Questão Origensita (Segundo Concílio de Constantinopla, em 553) até os nossos dias, a história dos manuscritos clementinos nos levou à elaboração de uma sucinta “biografia” do *Protréptico* ou *Exortação aos Gregos*. Por conseguinte, o objetivo do capítulo inicial é propiciar o conhecimento da árdua *odisséia* a que esteve ligada a sobrevivência do *corpus clementinum* até o ano de 1550, quando, em Florença, teve lugar a sua *editio princeps*.

A partir da análise do plano arquitetural do *Protréptico* de Clemente, pretendemos mostrar quão importantes foram a argumentação retórica e a cultura grega em geral para a

---

<sup>5</sup> Gentio (em hebraico *goi*, plural - *goim*) é um não-judeu, aquele que não é “filho da Aliança.” Os gentios idólatras eram os suspeitos de práticas sexuais imorais e de não terem respeito à vida humana. Eram tão desacreditados que mesmo os seus atos de bondade eram vistos como visando a sua própria glorificação. Cf. UNTERMAN, Alan. *Dictionary of Jewish Lore & Legend*. London: Thames and Hudson Ltd, 1991.

ilustração e estruturação do cristianismo, mormente sob o *kálamos*<sup>6</sup> de humanistas como o *Stromateús*<sup>7</sup>, objetivo último da nossa pesquisa.

Apresentaremos, ainda, a tradução (inérita) em português da *Exortação aos Gregos*, para que possamos chegar mais perto, e com mais comodidade, de um dos mais fascinantes textos da literatura grega cristã.

No que concerne à estrutura metodológica, os capítulos deste trabalho foram organizados de maneira a fundamentar aquilo que queremos comprovar. Para isso examinaremos:

- 1) O processo de desmistificação e demolição da religião ancestral, principalmente o desmascarar dos *mistérios* orgiásticos - um dos tópicos de maior sacralidade do politeísmo grego – encetado por Clemente, com grande estro e originalidade, em seu *Protreptikòs pròs Hèllenas*;
- 2) Os passos da “osmose cultural” que tenta justificar a inserção do cristianismo na história da filosofia grega, como culminância de um longo processo que começou com os hebreus e que foi pressentido por alguns filósofos e poetas gregos;
- 3) O papel das citações profanas e algumas oriundas dos *Oráculos Sibilinos*, de especial efeito retórico;
- 4) por fim, agruparemos os tópicos daquilo que consideramos como *helenização* do cristianismo em Clemente de Alexandria.

### **Divisão do trabalho**

O presente trabalho se divide em quatro capítulos:

O primeiro capítulo apresenta uma breve história textual do *Protréptico* desde Eusébio de Cesaréia até ao Renascimento, quando vem à luz a primeira edição das obras supérstites de Clemente, e ainda as circunstâncias de injustiça e intolerância de que fora vítima este escritor no âmbito eclesiástico.

O segundo capítulo trata dos primeiros passos da *helenização* do cristianismo dados por Paulo de Tarso, o Apóstolo do Gentio, que, utilizando a argumentação retórica grega, introduz a mensagem cristã no mundo helenístico-romano. Ainda neste capítulo trataremos da

<sup>6</sup> Peça de caniço talhado em ponta, apinçada ou rachada, outrora usado como instrumento de escrita em papiro ou pergaminho.

<sup>7</sup> Antonomásia atribuída a Clemente de Alexandria, por alusão a uma de suas obras: os *Strómata* (Tapeçaria, Miscelânea).

importância substancial da erudição de Clemente de Alexandria e da natureza de seu legado ao cristianismo.

O terceiro capítulo ocupar-se-á da análise estrutural da *Exortação aos Gregos*, enfatizando seu caráter essencialmente argumentativo, os recursos retóricos aí empregados, a contribuição intelectual (que vai da música à medicina, passando pela filosofia e pela literatura) e o aparato místico de que se serve o autor, uma vez que, ao refutar o discurso religioso greco-romano, elabora, com a mesma terminologia religiosa dos gregos, um discurso teológico-filosófico cristão. Com essa análise apresentaremos os argumentos que fundamentarão a nossa tese.

O quarto capítulo examinará o efeito retórico das citações de poetas gregos, com as quais Clemente encerra a sua argumentação em defesa do cristianismo.

### **Observações filológicas**

1. Para a tradução e análise do *Protréptico* usamos o texto estabelecido por Otto Stählin (Leipzig: J.C. Hinrichs Buchhandlung, 1936). Também cotejamos os textos e as traduções de Claude Mondésert (Paris: Éditions du Cerf, 1976; e a de 2004, revista e aumentada com a colaboração de André Plassart); o de G. W. Butterworth (Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1982) e o texto estabelecido por J.-P. Migne, in: *Patrologia* (cursus completus) – series graecae, tomus VIII, J.-P. Migne Editorem, 1891.

2. Como fizemos e apresentamos a tradução do *Protréptico*, os trechos desta obra, citados no corpo do trabalho, serão apresentados em português, com as devidas referências ao texto grego estabelecido por Otto Stählin. Quando se tratar de análise lexicográfica, apresentaremos os termos em grego com a respectiva tradução. As citações de outros autores, feitas por nós, oriundas de textos em grego, apresentam-se em português mas imediatamente seguidas de seu original grego, sejam em notas de rodapé, sejam no corpo do trabalho, segundo o critério de importância.

3. Ao tratarmos precisamente das citações de autores clássicos ou bíblicos existentes no *Protréptico*, assunto do capítulo IV, sempre que as deslocarmos do texto de Clemente, serão apresentadas em tamanho onze, entre aspas, por se tratar de citações, e com a respectiva referência. O “contexto” clementino, por sua vez, permanecerá também em tamanho onze, porém sem aspas.

4. Sempre que nos referirmos à obra-objeto do nosso trabalho, o faremos em fonte itálico, a saber: *Protréptico* e / ou *Exortação aos Gregos*, ou, ainda, a forma grega transliterada – *Protreptikòs pròs Hèllenas*. Quando nos referirmos à obra homônima de

Aristóteles, não usaremos a fonte itálico, apenas a designaremos com inicial maiúscula (Protréptico).

5. Optamos pela permanência da palavra Logos - ao longo do nosso trabalho e da nossa tradução - e não por sua equivalente vernácula Verbo, por considerarmos aquela mais adequada ao contexto clementino e à nossa proposta de trabalho, o que não significa uma completa exclusão desta, pois em alguns passos faz-se mister o emprego do vernáculo. No âmbito semântico, Logos, em Clemente tem o mesmo significado que encontramos nos apologistas dos séculos II e III (Justino, Atenágoras, Teófilo de Antioquia, Taciano *et alii*): é a inteligência de Deus que tem em Cristo a sua encarnação.

6. Sempre que nos referirmos aos mistérios gregos - cultos iniciáticos de grande voga no politeísmo greco-romano – usaremos sempre a fonte itálico (*mistérios*), para evitar implicações conotativas alheias ao nosso contexto.

## CAPÍTULO I

**O manuscrito apologético de Aretas e a sobrevivência do *corpus clementinum***

*Já que o espírito se formou na história, não é possível espírito sem tradição: só na tradição e em confronto com ela pode o espírito se desenvolver. [...] É, portanto, condição da história viva do espírito que as velhas formas sempre retomem nova vida e se transformem, em seguida, em si mesmas.*

(Bruno SNELL)<sup>8</sup>

**Uma história de ostracismo e ressurgimentos**

Numa carta de 9 de setembro de 1550, o editor florentino Petrus Victorius<sup>9</sup> dedica ao cardeal Marcellus Cervinus, futuro Papa Marcellus II, a primeira edição - *editio princeps* - das obras de Clemente de Alexandria, com o seguinte título: *Klémentos Alexandréos tà heuriskómèna hápanta. Ex Bibliotheca Medicea*. Nesta ocasião, o editor declara que, para os *Strómata*, usou apenas um exemplar conservado na Biblioteca dos Médici, o atual códice *Laurentianus V 3* e, para o *Protréptico* e o *Pedagogo*, usou uma cópia de um manuscrito mais antigo, porém semelhante, no aspecto formal, ao *Laurentianus V 3*, o *Mutinensis III. D. 7*, que é simplesmente uma cópia do códice *Parisinus graecus 451* - o famoso *corpus apologeticum* de Aretas - o arquétipo de todos os manuscritos existentes do *Protréptico* (e do *Pedagogo*), o qual se acha na Biblioteca Nacional da França. Neste mesmo códice constam obras de Justino o Mártir, Atenágoras e Eusébio de Cesaréia. No fólio 401<sup>v</sup> está subscrito que a cópia foi feita no ano 914, por Baanas, escriba do arcebispo Aretas de Cesaréia, tendo custado 20 moedas de ouro a cópia, e 6 o pergaminho. Destarte, sob a custódia da invenção de Gutenberg, no verão de 1550, em Florença, terminava a trajetória e, ao mesmo tempo, a própria história da

<sup>8</sup> *Die Entdeckung des Geistes*. Hamburg: Claassen Verlag, 1955.

<sup>9</sup> Pier Vettori (1499-1585) foi o maior greco-romanista italiano do século XVI. Publicou Cícero, Catão, Varrão, Terêncio, Salústio, Clemente de Alexandria e comentou a *Retórica*, a *Poética* e a *República* de Aristóteles.

transmissão e recepção dos manuscritos supérstites<sup>10</sup> de um dos primeiros humanistas cristãos: Tito Flávio Clemente (Τίτωϛ Flavbioϛ Κληvμhϛ), presbítero de Alexandria<sup>11</sup>.

Assim, cada manuscrito, cada códice da antiguidade greco-romana que chegou até nós teve a sua *odisséia* particular. E, de modo especial, os manuscritos de Clemente de Alexandria, por estarem imbricados à avaliação de seu autor no âmbito da Patrologia. Diante disso, não podemos deixar de nos debruçarmos, mesmo que rapidamente, sobre a história quase sempre fascinante desses manuscritos, pois nada nos fala melhor a respeito de sua recepção, conservação e valoração, ao longo do tempo, do que essa, por assim dizer, “biografia textual”.

Incontestavelmente devemos ao período bizantino a transmissão e a conservação desses textos que, de acordo com Martin West, são raramente anteriores ao século IX e não ultrapassam o século XVI. Há, portanto, algo sintomático a respeito destes dois marcos temporais que serão abordados mais adiante, no que toca aos textos clementinos. Antes, porém, faz-se mister ressaltar o ínterim que permeia a segunda metade do século II até ao século IX, uma vez que as obras de Clemente foram escritas no final do século II, quando os textos cristãos corriam o risco de ser destruídos concomitantemente às perseguições e, quase sempre, ao martírio de seus autores; no século VI, autor e obra sofrem as conseqüências do *Decreto Gelasiano* e, no século IX, Fócio, patriarca de Constantinopla, declara “obra blasfematória” as *Hypotypóseis* clementinas que, a partir de então, entrou no rol das obras desaparecidas.

Segundo Eusébio de Cesaréia (260-339), em sua *História Eclesiástica*, primeira fonte de informação a respeito de Clemente de Alexandria, este teria redigido suas obras *circa* 203, não obstante saber-se que seu período áureo já se havia iniciado em 193. Inclusive o *Protréptico* parece ter sido escrito em torno de 195, de acordo com alguns estudiosos.

<sup>10</sup> O códice *Laurentianus V,3* traz ainda outras obras de Clemente: *Excerpta ex Theodoto e Eclogae propheticae*. A homilia *Quis dives salvetur* se encontra no códice *Scorialensis W-III-19*, do séc. XI ou XII.

<sup>11</sup> Alguns autores acreditam que Clemente não fizera parte da hierarquia eclesiástica, e que o título de *presbítero* era apenas um signo do grande respeito e da estima de seus discípulos. Em verdade, pouco se sabe sobre a vida de Clemente de Alexandria. Parece ter nascido em Atenas, de uma família aristocrática pagã, e seguido o ciclo da *paidéia* grega até ao ensino da filosofia. Em plena maturidade, converteu-se ao cristianismo e, após ter percorrido a Grécia, a Magna Grécia e a Ásia Menor, em busca de ensinamentos da *verdadeira filosofia*, chegou a Alexandria do Egito e fundou uma escola de filosofia cristã, depois de ter ouvido os ensinamentos de um mestre cristão de nome Panteno, de formação estóica, natural da Sicília. Em 202, teria deixado Alexandria, quando da perseguição de Séptimo Severo, e se refugiado na Capadócia, ao pé de um ex-discípulo, o futuro bispo Alexandre de Jerusalém, onde teria morrido, em torno de 212-215, de acordo com a versão de Eusébio de Cesaréia (*HE*, VI, 8-9). P. NAUTIN assevera que Clemente fora sacerdote e não teria deixado Alexandria pelo motivo acima mencionado, mas sim por desentendimento com o bispo Demétrio, um pouco antes de 215, como mais tarde acontecerá com Orígenes. E mais ainda: não teria estado na Capadócia e teria morrido por volta de 230-31. Cf. *Lettres et écrivains des II et III siècles*. In: *Patrologie II*, 1961.

Ao que parece, as obras dos Padres anteniceanos como Justino o Filósofo, Clemente de Alexandria e Orígenes se resguardaram da sanha de alguns imperadores que antecederam o Edito de Constantino (de 313)<sup>12</sup> graças à erudição que delas emanava, fazendo-as cair em mãos de outros eruditos que as preservaram com extremo zelo. Esses apologistas e pensadores cristãos, vinculados ao passado clássico e que postulavam a síntese fé-razão, portanto herdeiros diretos do pensamento grego, cercavam-se de livros e conseguiram formar bibliotecas de grande porte, *exempli gratia*, a de Orígenes, em Cesaréia<sup>13</sup>, que foi em parte poupada, quando Diocleciano ordenou sua destruição em 303, cinquenta anos depois da morte do filósofo. Esta biblioteca, no dizer de Svend Dahl, fora para o cristianismo o mesmo que a da Alexandria ptolomaica fora para a civilização helênica; e acrescentamos que, com bastante probabilidade, fora a primeira grande estância das obras de Clemente de Alexandria.

Quando Constantino I homologa o cristianismo e se transforma no primeiro monarca cristão, nos finais do século IV, cessam as perseguições; contudo surge a necessidade de um cânon, de uma ortodoxia que pudesse, a um só tempo, identificar e distinguir a doutrina cristã das elucubrações dos gnósticos heterodoxos. Por um trágico desígnio, a maior vítima desta nova perseguição, agora investida da autoridade dos concílios ecumênicos e do césaropapismo, será Orígenes<sup>14</sup>, o maior filósofo cristão do Oriente. Já o Primeiro Concílio de Constantinopla expede-lhe quinze anátemas.<sup>15</sup> E como Clemente fora considerado mestre de Orígenes, a “questão origenista” suscitará inúmeros mal-entendidos em torno da reputação teológica do autor da *Exortação aos Gregos*.

<sup>12</sup> Diocleciano (em 303-305) ordenou a destruição dos prédios das igrejas e de cópias das Escrituras. Os cristãos que as entregavam eram chamados de *traidores*. Depois do Edito de Tolerância de Galério, Constantino põe fim às perseguições, com o famoso Edito de Milão.

<sup>13</sup> A biblioteca de Orígenes possuía estúdio de copistas – o *scriptorium* – não apenas para atender às próprias necessidades, mas também a encomendas, o que proporcionava uma fonte de renda e de prestígio para a instituição. Em 330, foi de lá que saíram os cinquenta exemplares das Escrituras Sagradas, encomendados por Constantino, para uso das igrejas do Império. De acordo com Eusébio de Cesaréia, os volumes foram escritos em pergaminho bem polido, pomposamente encadernados, e, tão logo acabados, iam sendo enviados para a Capital, em carruagens oficiais.

<sup>14</sup> Orígenes, natural de Alexandria (185-252), foi o grande mestre da Escola Catequética desta cidade e um dos pensadores mais originais da Antigüidade cristã. É ele quem opera a primeira exegese no âmbito do cristianismo; comentou todos os livros do AT e do NT, retomando o método alegórico inaugurado por Filon de Alexandria e dando-lhe uma inigualável amplidão. Sua obra representa o apogeu da Patrística grega e, a partir do século IV, foi objeto de grandes controvérsias, culminando com sua excomunhão em 553, no Segundo Concílio Ecumênico de Constantinopla.

<sup>15</sup> Os anátemas eram contra uns ensaios de Orígenes a respeito da pré-existência da alma e da criação dos corpos como castigo, e sobre a redenção final de todos, inclusive de Satanás. Como todo grego, Orígenes acreditava na eternidade da matéria. Surge, desde então, a Questão Origenista, entre os teólogos, encabeçada por Metódio de Olímpia, adversário número um de Orígenes.

Ao fundar definitivamente o Estado ortodoxo,<sup>16</sup> Teodósio o Grande (379-395) rompe com a tolerância aos pagãos, e a história espiritual do helenismo começa a se transformar axialmente. Já no século V os imperadores se tornam intolerantes com a filosofia, “a igreja romana do oriente chegou a suspeitar do humanismo e tratou de reprimi-lo. A literatura do passado clássico era perigosa. O estudante de Platão foi classificado entre os hereges e traidores”.<sup>17</sup> Werner Jaeger, por sua vez, considera o legado dos três grandes capadócijs (Basílio e os dois Gregórios) como o “último capítulo na história do ideal de *paideia* no mundo da Antiguidade grega e o início das transformações medievais latinas”.<sup>18</sup> As opiniões dos historiadores e humanistas sobre os romanos do Oriente são, em alguns aspectos, um pouco divergentes. Uns asseveram que os gregos de Bizâncio liam pouco os clássicos: contentavam-se com florilégios, compilações de citações, glossários, comentários, manuais, enfim, não se empenharam nas investigações do espírito; outros afirmam que “Bizâncio foi a biblioteca do mundo” e que os bizantinos preservaram a cultura helênica, garantindo-lhe a sobrevivência, estudando e ensinando os textos clássicos, pois sempre existiu ali uma elite cultural que não se contentava com florilégios e manuais, que copiava e miniaturava códices de interesse religioso ou profano, zelando pela conservação desse patrimônio cultural recolhido às bibliotecas palatinas ou a mosteiros distantes.

Pondo-se à parte tais divergências, coube, pois, ao mundo bizantino resguardar para a Humanidade quase tudo o que atualmente possuímos do legado grego. É notório que o alto saber humanístico e a sua transmissão sempre foram um apanágio da aristocracia e do alto clero, não apenas no mundo bizantino. Nem todos os cristãos ortodoxos dos sete concílios levavam a sério o que rezava no Código de Justiniano, a respeito da cultura helênica: “Nós proibimos que ensino algum seja professado por aqueles que estejam atacados da loucura sacrílega dos helenos”.<sup>19</sup> Entretanto, aos monges que não ambicionavam os altos escalões

---

<sup>16</sup> O Império Ortodoxo não era chamado de Bizantino por seus cidadãos, mas sim de România. Por mais de dois séculos, a partir de sua fundação, a Corte e grande parte da população da Nova Roma falaram latim, como língua culta, ao lado do grego. Os habitantes do Império do Oriente se denominavam *romáioi*. No século VIII é que a língua grega passa a ser o elemento unificador e distintivo do Império Ortodoxo. Cf. RUNCIMAN, op. cit., p. 22. Até o presente momento é o grego bizantino o dialeto oficial da Igreja Ortodoxa. Foi esta igreja que, nos séculos obscuros da opressão otomana, preservou a chama, quase apagada, do helenismo. À noite, as crianças acorriam aos mosteiros mais próximos para que os monges lhes ensinassem a língua grega e as “coisas de Deus” – Ta; eJllhnika; kai; tou~ Qeou~ ta; pravgmata. Há uma canção folclórica, cantada pelas crianças, que lembra esses tempos de ousadia e heroísmo. Cf. Krufov Scoleiov. Egkuklopaivdeia Tomhv. Aqhvnai: MIS, pleroforikhv AE, 2000.

<sup>17</sup> NORMAN BAYNES, op. cit., p. 79.

<sup>18</sup> Op. cit., p. 140.

<sup>19</sup> Código de Justiniano, I, 11,10. Cf. M. GIORDANI CURTIS. *Iniciação ao Direito Romano*. Rio de Janeiro: Lumem Iuris, 2000. À guisa de curiosidade, foi Justiniano quem fechou, em 529, a Academia de Atenas, fundada por Platão, confiscando-lhe os fundos monetários. Os professores, que aí lecionavam, exilaram-se na Pérsia.

eclesiásticos, mas tão-somente a comunhão com Deus e a *hesychía* (quietude), era-lhes feita a seguinte pergunta: “Para que servem os virtuosismos dos gramáticos e a filosofia de Sócrates e de Platão? O que se aproveita em ler os versos dos poetas antigos, de Virgílio ou Menandro? Que utilidade tem a história de Salústio, a de Heródoto ou a de Tito Lívio? Pode-se estabelecer alguma comparação entre a sabedoria do Evangelho e a cultura oratória e mundana de Varrão e de Demóstenes?”<sup>20</sup> Ruciman considera sem fundamento a acusação de ter sido a Igreja Ortodoxa não-intelectual e não-progressista. É notório que a doutrina da graça e o quietismo dispensam elucubrações intelectuais; não houve, pois, um Agostinho de Hipona nem um Tomás de Aquino na Igreja Ortodoxa. E nesse sentido, o século IV volta, mais uma vez, como marco divisor, pois até Aretas (séc. X), os grandes nomes da teologia e, ao mesmo tempo, da literatura bizantina foram Atanásio, o campeão da ortodoxia; Basílio, o fundador do movimento monástico grego; Gregório de Nissa, Gregório de Nazianza e João Crisóstomo. A razão disso se fundamenta no sentimento de que o caminho para a salvação estava nos estreitos limites das ortodoxas determinações de fé dos concílios. Estimulava-se, não obstante, segundo o historiador britânico, o estudo da filosofia grega, desde que não levasse à heterodoxia, constituindo, portanto, uma ameaça ao Estado. Basílio II, imperador ortodoxo, foi mais além ao afirmar que a instrução, além de ser um sério perigo para o Estado, era um luxo muito caro.

Apesar do olhar de desconfiança da parte da cristandade para a cultura ancestral – a cultura helênica - e da Questão Origenista, a fama da *polymátheia* e da sabedoria de Clemente denuncia uma receptividade digna de sua envergadura, entre os historiadores eclesiásticos e teólogos até o século IX. À guisa de ilustração, mencionamos aqui quatro destes, por marcarem bem o espaço de tempo anteriormente referido. O primeiro testemunho, citado por Eusébio de Cesaréia, é o de um ex-discípulo, o bispo Alexandre de Jerusalém, que o chama de *makavrioj presbuvteroj, ajnh;r ejnavretoj kai; dovkimoj e iJero;j Klhvmhj*<sup>21</sup>; no século VII, Máximo Confessor, guardião da ortodoxia, refere-se ao Mestre de Alexandria com o seguinte epíteto: *oJ aJgiwvtatoj Klhvmhj presbuvteroj jAlexandreiva j e, ainda, oJ tw~/o[nti filovsofoj tw~/n filosofwn*<sup>22</sup>; Atanásio Sinaíta (século VIII) o considera como *oJ iJero;ç kai; ajpostoliko;j didavskaloj, oJ polu;j ejn sofiva/ kai; gnwvsei*<sup>23</sup>; Giorgios

<sup>20</sup> GAETANO RIGHI, op. cit., p. 76.

<sup>21</sup> “bem-aventurado presbítero, homem pleno de virtudes e digno de credibilidade, santo Clemente”.

<sup>22</sup> “o santíssimo Clemente, presbítero de Alexandria, ... o filósofos dos filósofos, em essência”.

<sup>23</sup> “o santo e apostólico mestre, pleno de sabedoria e conhecimento”.

Synkellos (início do séc. IX) menciona Clemente em sua *“Eglogh; Cronografiva”* como o *“aristoj didavskaloj ejn th/~ kata; Cristo;n filosofiva”*.<sup>24</sup>

Em verdade, o período bizantino foi uma época de contrastes entre poderosos e pequenos, entre as reverberações da cultura clássica e a ortodoxia dogmática da Igreja do Oriente; por outro lado, evidencia-se uma espécie de confronto entre misticismo e superstição orientais e a tradição helênica, nos estratos mais baixos desta sociedade em que mesmo os que sabiam ler se limitavam às leituras de biografias de santos, aos milagres de São Demétrio e dos santos eremitas e estilitas, às curas miraculosas de Santo Artêmio e Santa Febrônia, ao comércio e, em tempos anteriores, ao *circus* (hipódromo). Assim como as homilias de São João Crisóstomo nos mostram, brilhantemente, a realidade cotidiana da sociedade de Constantinopla do século IV, mais tarde, no século XI, a epopéia de Vasilios Digenís Akritis, a maior obra de toda a literatura profana,<sup>25</sup> denunciará uma outra faceta da turbulenta história do Império Romano do Oriente: a constante ameaça de invasões turcas, os raptos de mulheres greco-romanas e as conseqüentes exogâmias que tanto caracterizaram o mundo bizantino. O Estado, por sua vez, tenta manter a cultura sob a égide dos patriarcados, e incrementam-se a produção e reprodução de textos litúrgicos, teológicos e sagrados, e biografias de santos. É interessante observar que, no século VIII, o mais famoso centro de copistas era o mosteiro de Stúdios, fundado por Teodoro Studita (759-826), e que exerce até hoje a hegemonia monacal ortodoxa. Nos vinte mosteiros das montanhas da península de Atos, na costa macedônia, alguns quase absolutamente inacessíveis e esquecidos dos homens durante séculos, foram resguardados, das grandes tempestades da História, cerca de onze mil manuscritos, embora, em sua maioria, teológicos e litúrgicos.

No Ocidente, dois séculos antes, mosteiros como o de Squillace, o de Montecassino, o de Bobbio e os da Irlanda cristã também trataram de proteger os manuscritos da Antigüidade contra as invasões bárbaras.<sup>26</sup> É nesse afã de preservação que Cassiodoro, proprietário do

<sup>24</sup> “o egrégio mestre na filosofia de Cristo”. Cf. KNAUBER, op. cit., p. 289-292.

<sup>25</sup> Digevnhç provém de duvo gevnoç (duas raças), a saber, a sarracena (árabe) e a românica, um verdadeiro reflexo da exogamia tão comum na época bizantina; Akrivthç, que é o sobrenome do herói, deriva do substantivo comum ajkrivtaç, denominação dada àqueles que guarneciam as fronteiras do Império. Cf. L. M. SOARES BRANDÃO, op. cit., p., 29-45.

<sup>26</sup> Sobre este fato, RIGHI faz uma magistral observação: “Um hecho de notable importancia en la historia de la Edad Media, si se piensa en las destrucciones llevadas a cabo por los bárbaros, es el del silencioso y casi milagroso traslado de la cultura clásica del continente a Irlanda. Recibió esta el cristianismo precisamente a la vez que le llegaban los textos de la cultura antiga, aquellos textos que en Italia fueron dispersados y destruidos en gran parte; de tal suerte que el ocaso de la cultura italiana con la irrupción de los longobardos empalma con la aurora cultural irlandesa. [...] De Irlanda saldrá san Columbano, que en 612 fundará en Italia el convento de Bobbio. Todas las escuelas europeas habían sucumbido bajo las invasiones de los pueblos del norte, excepto algunas de Italia, que fue saqueada por los godos mientras Ravena se resistía, hasta que, en 568, sobrevino da destructora invasión de los longobardos”. Op. cit., p. 80.

mosteiro de Squillace, no início do século VI, traduz um excerto das *Hypotypóseis* para o latim, cujo comentário introdutório e o coetâneo *Decretum Gelasianum*<sup>27</sup> acabam por lançar Clemente de Alexandria no rol dos heréticos. Inicia-se, então, uma história de *ostracismo* e *ressurgimentos* em torno das obras de Clemente, e muito mais para os romanos do Ocidente do que para os do Oriente.

Embora o Islã já se apresentasse como uma intermitente ameaça aos romanos orientais, as questões internas e de ordem teológicas ainda eram as mais sérias para a sobrevivência dos manuscritos antigos. Por outro lado, graças a essa história de amor e aversão à filosofia e à cultura clássica, de dogmas e heresias que tanto caracteriza a história bizantina e o medievo europeu, tomamos conhecimento da receptividade das obras dos Padres dos séculos II e III, especialmente as de Clemente de Alexandria, antes e depois de Fócio, patriarca de Constantinopla (século IX), responsável por um mal-fundamentado *referendum* a respeito das *Hypotypóseis* de Clemente, causa de danos funestos à sua obra e à sua pessoa perante o dogmatismo eclesiástico. A esse respeito, o parecer de M. Mees é bastante icástico e nos apresenta uma síntese magistral do estudo de Adolf Knauber, a respeito da avaliação patológica de Clemente:

A obra e a pessoa de Clemente foram, no âmbito do cristianismo antigo, tidas em grande estima. Isto se torna evidente pelos títulos honoríficos contemporâneos que lhe foram conferidos: *makários* (bem-aventurado) e *hágios* (santo), e isto até o fim do século VIII. Estava incluído, a 4 de dezembro, como santo, no martirologio de Usuardo. Hoje não está mais no martirologio romano, desde Bento XIV<sup>28</sup>. Este fato teve diversos motivos. Em primeiro lugar, Clemente e seus escritos foram prejudicados pelo fato de ele ter sido incluído, como presumido mestre de Orígenes, nas controvérsias origenistas, embora não tenha sido propriamente mestre deste último, e muitos pontos da doutrina, incriminados em Orígenes, nada tenham a ver com Clemente. [...] Encontra em seguida sua expressão peculiar no *Decretum gelasianum* que, no desconhecimento de toda a realidade, o põe simplesmente entre os hereges. [...] No Oriente, prejudicou-o, sobretudo, a condenação de Fócio que, condicionado por alguma rigidez e incapacidade de pensar historicamente, comparou a terminologia usada por Clemente e a do século II/III com a de seu próprio período e acreditou poder acusá-lo de heterodoxia

<sup>27</sup> Este decreto – *Decreto Gelasianum de libris recipiendis et non recipiendis* –, proveniente do sul da França, é uma obra particular de um clérigo do início do século VI. Hoje é considerado como uma pseudepigrafia bastante contestada. Segundo KNAUBER, Cassiodoro não chegou a conhecer este decreto, pois não o menciona em seus comentários. Ele provavelmente se baseou em comentários oriundos de antiorigenistas.

<sup>28</sup> À guisa de observação, o Papa Bento XIV (nascido Prospero Lorenzo Lambertini) exerceu seu pontificado durante os anos de 1740 a 1758. Frequentava os mais altos e elegantes salões das cidades em que viveu, a sociedade dos literatos e a dos sábios. Aos treze anos, entrou para o *Collegium Clementinum* de Roma onde estudou as humanidades e dedicou-se à teologia moral e dogmática, bem como ao direito canônico e ao civil. Distinguiu-se tanto que, muito moço ainda, foi, sucessivamente, Cônego da Basílica da Catedral de São Pedro, Consultor do Santo Ofício, Eleitor da Assinatura da Graça, Promotor da Fé, Advogado Consistorial, Secretário da Congregação do Concílio, Canonista da Sagrada Penitência, Arcebispo, *in partibus*, da Teodósia, Bispo de Ancona, Cardeal Padre e Arcebispo, *in partibus*, de sua cidade natal – Bolonha. Cf. EDMUNDO LINS, *in: Reminiscências literárias*. Rio de Janeiro: [Jornal do Commercio] Rodrigues & CIA, 1941, p. 23. (Esta nota não faz parte do trecho de Drobner, é, portanto, um adendo nosso.)

crisológica. Pela vasta influência de Fócio, seu parecer sobre os escritos de Clemente teve grande repercussão, produzindo um efeito negativo até nosso tempo.<sup>29</sup>

### O primeiro Humanismo bizantino e o ressurgimento dos manuscritos de Clemente de Alexandria

Personalidade emblemática do primeiro Humanismo bizantino, Fócio (820-895)<sup>30</sup> foi um erudito que reuniu em torno de si as mais inteligentes leituras e os leitores mais interessados nas diversas disciplinas. Seus banquetes intelectuais em que se discutiam livros eram famosos. Ele fora o maior elo entre a antigüidade grega e a teologia cristã, um dos articuladores da consciência bizantina. Compôs o *Myriobiblion* (*Mil livros*) em que reuniu obras de história, literatura e teologia, lidas e resumidas por ele; providenciou cópias de obras inteiras de vários escritores ou extratos das mesmas, muitas das quais hoje perdidas. Sua biblioteca – *Bibliotheca Focii* – é, até agora, uma das maiores fontes de referência de obras de autores gregos da Antigüidade e da Pós-Antigüidade.

Ao resenhar as obras de Clemente, o erudito patriarca de Constantinopla classificou o *Protréptico* como um livro do *corpus clementino*, em que seu autor refuta a impiedade pagã através de uma remarcável erudição e estilo agradável e elevado. Entretanto, sua crítica às *Hypotypóseis* (*Ensaaios / Demonstrações*),<sup>31</sup> sem a devida noção de distanciamento no tempo e no espaço, deixa Clemente numa situação ambígua perante a ortodoxia dogmática.

**jAnegnwsqh Klhvmento; jAlexandrevw; presbutevrou teuvch  
biblivwn triva, w|n to; me;n ejpigrafh; e|lacen JUpotupwvsei; to; de;  
Strwmateuv; to; de; Paidagwgo;.  
JO de; Paidagwgo; j ejn trisi; tovmoi; ejsti;n aujtw/~  
diapeponhmevno; h|qou; kai; bivou katorqwtikov;. [Ecei de; touvtwn  
kai; prohgovmenon kai; suntattovmenon lovgon e{teron, ejn w| th;n  
JEllhvwn dielevgei ajqeovthta. Oujde;n de; o{moion e|cousi pro; j**

<sup>29</sup> M. MEES, op. cit., p. 303-304.

<sup>30</sup> Este erudito patriarca contribuiu, também, para o cisma entre as duas igrejas. Tudo começou com a recusa do Papa Nicolau I a homologar a carta de entronização de Fócio como patriarca, pelas denúncias legais sobre sua eleição. “Fócio não se deixou intimidar: os dois pontífices se excomungaram mutuamente, e pouco tempo depois, com grande satisfação, Fócio descobriu o Papa subscrivendo uma heresia”. RUNCIMAN explica que a heresia se fundamentava no acréscimo do vocábulo *Filioque* (*e Filho*) ao credo. “Brincar com o credo era imperdoável aos olhos de Constantinopla e das igrejas do Oriente, às quais Fócio, cuidadosamente, informara sobre as iniquidades romanas. A diferença pode ser pequena, mas existia. Introduzindo-a claramente, Roma afastava-se de todo o corpo da ortodoxia. Daí por diante, embora os teólogos pudessem declarar que *Filioque* estava implícito no credo, foi essa palavra, mais do que todas as diferenças práticas, que tornou impossível a paz duradoura entre Roma e Constantinopla.” Op. cit., p. 98. Este argumento assinalado por Runciman esclarece, sobremaneira, o significado contemporâneo e sardônico da palavra *bizantinice*.

<sup>31</sup> Obra desaparecida em seu original grego e apenas citada por Eusébio em sua *HE*. O texto do fragmento latino advém de 3 manuscritos independentes: o códice *Laudun. 96*, do séc. IX; o *Berol. Phill. 1665* (atualmente n. 45), do séc. XIII, e o *Vatic. lat. 6154*, do séc. XVI.

**ta; j JUpotupwvsei j ou|toi oi J lovgoi: tw~n te ga;r mataivwn kai; blasfhvwn ajphllagmevnoi doxw~n kaqesthvksi, kai; hJ fravsi j ajnqhra; kai; eij j o|gkon hJrmevnh svmmetron meta; tou~ hJdevo j, kai; hJ polumavqeia ejmprevpousa.**

Li, de Clemente, presbítero de Alexandria, três volumes de livros; dentre os quais, um tem por título *Ensaíos (Hypotypóseis)*, o outro *Strómata* e o terceiro *Pedagogo*.

Seu *Pedagogo*, composto por três livros (partes), é próprio para conduzir corretamente a vida e os costumes. Ele tem um outro livro que precede e completa estes três, no qual refuta a impiedade dos Helenos. Estes livros não têm nada em comum com as *Hypotypóseis*, pois foram elaborados isentos de opiniões vãs e blasfematórias; o estilo é florido e se eleva a uma amplitude comedida e agradável; a erudição também é aí considerável.<sup>32</sup>

Fócio reconhece o talento, a erudição e mérito da “trilogia clementina” – *Protréptico, Pedagogo e Strómata* - no âmbito da teologia cristã, mas declara blasfematórias as *Hypotypóseis*. Lembramos, aqui, que os livros considerados blasfematórios ou heréticos, após a avaliação feita pelas autoridades eclesiásticas, eram confinados em armários especiais existentes no Patriarcado de Constantinopla – cúpula da Igreja Ortodoxa que funcionava como centro de controle dos acervos pertencentes às inúmeras comunidades religiosas espalhadas pelo Império. Esses armários representavam uma espécie de imposição de silêncio, um *ostracismo virtual*. Depois da avaliação do Patriarca de Constantinopla, as *Hypotypóseis* desapareceram.

Depois de Fócio, Aretas (séc. X), *metropolitá* (arcebispo) de Cesaréia da Capadócia, é a personalidade de maior destaque na história dos manuscritos gregos. Foi o primeiro erudito a demonstrar especial interesse pelos Padres anteniceanos, além dos clássicos. Sua biblioteca era célebre pela diversidade, pois aí se encontravam Homero, Píndaro, obras do teatro clássico, Teógnis, Calímaco, Marco Aurélio, Pausânias, Platão, Aristóteles e Luciano, ao lado de textos teológicos e sagrados. Copiando e mandando copiar, Aretas acumulou um acervo colossal que, segundo filólogos e historiadores, fez a glória das bibliotecas da Europa: a Bodleiana (Oxford) possui um Platão e um Euclides; a de Veneza, um Homero; o Museu Britânico, um Aristóteles; a de Roma, um Marco Aurélio; a de Viena, três cópias de Luciano de Samósata, e as já mencionadas (de Florença e da França) a respeito do *corpus clementinum*. O que caracteriza, *a fortiori*, os códices de Aretas não é apenas a excelente qualidade do trabalho dos copistas e do pergaminho, mas os escólios e correções feitos por sua própria mão.

<sup>32</sup> PHOTIUS, op. cit., pp. 79 e 81. Nossa tradução.

Por outro lado, essa “redescoberta” dos manuscritos antigos e o interesse por seus respectivos conteúdos, pela conservação e catalogação dos mesmos, como o fizeram Fócio, Aretas, Constantino Céfalo, o monge Planude e outros, não se fundamenta tão-somente no espírito acadêmico e na erudição da elite bizantina dos séculos IX e X, mas na crescente ameaça do Islã, que pairava sobre o Império Bizantino. Os romanos do Oriente se deram conta de que o melhor de sua tradição - o que os distinguiu de todos os *bárbaroi* - estava naqueles textos de escritores gregos que se arruinavam e empobreciam por falta de estudos críticos e exegéticos, consequência de uma cosmovisão obnubilada pelo dogmatismo ortodoxo. Runciman nos oferece um breve e vivo panorama do sincretismo cultural que marcou o Império Bizantino:

[...] Nos onze séculos decorridos entre o primeiro e o último Constantino, todas as circunstâncias exteriores da vida se alteraram muitas vezes. O cidadão do império permaneceu até o fim consciente de ser o produto mais civilizado da raça humana, consciente de ser romano, consciente de sua ortodoxia e consciente de ser o herdeiro do refinamento grego; mas o nobre de rosto escanhado do século V, envolto nas pregas soltas de uma toga e falando um latim sonoro, nunca teria reconhecido seu sucessor do século XV, barbado e coberto por um turbante, vestido num pesado casaco de brocado e falando um grego cujas vogais haviam perdido a diversidade de sons.  
[...] Quando o velho Império Romano começou a se desintegrar, no séc. V, o novo império baseou-se não na nacionalidade, mas na ortodoxia; e na língua grega, no VIII<sup>33</sup>.

Se levarmos em consideração que, nos séculos X e XI, apenas dez por cento da população do Império Romano do Oriente sabiam ler, as bibliotecas particulares - como a de Aretas, Constantino Céfalo, Monge Planude, Teodoro de Antioquia, João Comneno Sinadenos, Tíquico de Trebizonda, Jorge da Capadócia (este último emprestava livros ao imperador Juliano, o Apóstata), entre outras, – foram os verdadeiros baluartes dos manuscritos gregos, principalmente dos profanos. Os bizantinos não poupavam encômios à biblioteca de Aretas, por sua opulência; muitos de seus códices tornaram-se arquetipos, portanto indispensáveis à depuração de textos através de colação. Como soía acontecer, com a morte de seus proprietários, essas bibliotecas eram enviadas aos mosteiros. O de São João de Patmos (séc. XI), um dos maiores do mundo ortodoxo, recebeu grandes doações, desde sua fundação pelo monge Cristódulo<sup>34</sup>, em 1088, até ao século XVIII. Construído o *Seminário da*

<sup>33</sup> Op. cit., p. 147.

<sup>34</sup> A ilha de Patmos, local de exílio para condenados políticos no Império Romano, tornou-se célebre pelo fato de São João ter escrito aí, segundo a tradição eclesiástica, o último livro do Novo Testamento: o *Apocalipse*. Doada ao monge Cristódulo, por Aléxis I Comneno, para que aí edificasse o “Seminário da Virtude”, vê-se, ainda hoje, o crisóbulo, numa das paredes da biblioteca do mosteiro, com a seguinte expressão: “Por Aléxis, fiel ao Cristo Divino, Rei e Autocrata dos Romanos, o Comneno”.

*Virtude*<sup>35</sup>, o Patriarcado de Constantinopla o agraciou com cinquenta manuscritos, os quais foram exorcismados pelo *hósios*<sup>36</sup> Cristódulo com a seguinte imprecação: “Se jamais alguém reclamar algum dos livros que me foram confiados pelo santíssimo Patriarca... que sobre ele recaiam as maldições dos trezentos e dezoito Padres!”<sup>37</sup>

A biblioteca do Mosteiro de São João de Patmos tornou-se - e com total razão - uma das favoritas dos historiadores e compradores/caçadores de manuscritos. Transcrevemos aqui, à guisa de ilustração e argumentação para nossa hipótese, algumas informações dadas por alguns pesquisadores, entre eles, um grego, A. Papadópolos:

1) O inventário de 1201 acusa um acervo 330 volumes: 267 em pergaminho, e 63 em papel, 124 obras litúrgicas (12 evangelhos), 13 coleções de livros isolados do AT, 116 manuscritos dos Padres da Igreja e de vidas de santos (sete de São Basílio).

Os livros profanos eram manuais de gramática e de medicina, ou léxicos (dois). A literatura antiga estava representada por dois manuscritos (fragmentos) de Aristóteles e a *História dos Judeus* de F. Josefo; a de Bizâncio, pelo romance *Barlaam e Josaphat* (apontado, aliás, como obra edificante, único da literatura bizantina que chegou aos nossos dias - conta a vida de Buda travestido de cristão. Em verdade, trata-se de um texto original *pehlivi* (iraniano do leste) que chegou ao grego através de traduções do árabe e do georgiano, com personagens e tema pilhados do *Lalita-Vistara* (do sânscrito). Há também as crônicas do patriarca Nicéforo e a *História* de João Skylitzes.<sup>38</sup>

2) O ultra-prestimoso catálogo qualifica numerosos volumes de “velhos” ou “muito velhos” (o que pode ser tomado no sentido de “em mau estado”), destacando-se: um Jó ilustrado do século VII ou VIII; um São Gregório Nazianzeno, ornado de belas letras iniciais, escrito em 941 na Calábria; um São João Crisóstomo de 988; e o comentário dos Evangelhos pelo bispo de Bostra, do século IX ou X.<sup>39</sup>

3) Charles Diehl destaca a pobreza do rol em autores profanos, porém explica: “o de 1355 já denuncia menos prevenção e mais larga curiosidade – há manuscritos de Diodoro da Sicília, da *Ciropédia* de Xenofonte, dos *Diálogos* de Platão (**cópia de 895, feita por Aretas de Cesaréia**)<sup>40</sup>, e os livros de História parecem gozar de preferência bastante notável”.<sup>41</sup>

4) Um mosteiro que, num período de dificuldade para o Estado bizantino, segue como florescente centro cultural, guardião e produtor de textos importantes, úteis não apenas aos mosteiros que dependiam dele (os de Leros, Cós, Ásia Menor), mas também às vizinhas fundações religiosas da Ásia Menor - Cálimnos, Samos - e, ainda, a particulares.<sup>42</sup>

<sup>35</sup> Perífrase conferida ao Mosteiro de Patmos.

<sup>36</sup> Hósios (o{siój): piedoso, santo, justo.

<sup>37</sup> O número 318 é meramente simbólico. Trata-se de uma alusão aos 318 servos de Abraão. Os monges copistas também agiam de maneira mais ou menos semelhante, ao concluir suas tarefas.

<sup>38</sup> J. T. OLIVEIRA, op. cit., p. 154-5.

<sup>39</sup> Idem.

<sup>40</sup> O grifo é nosso.

<sup>41</sup> J.T. OLIVEIRA, op. cit., p. 155.

<sup>42</sup> S. A. PAPADÓPULOS, op. cit., p. 47.

É possível que outros manuscritos de Aretas, juntamente com os *Diálogos* de Platão, tenham dado entrada na Abadia de Patmos, uma vez que, estrategicamente, estariam bem mais protegidos do que nas bibliotecas particulares ou no Patriarcado de Constantinopla. Voltaremos oportunamente a questionar, na esteira da história filológica, tal possibilidade.

Depois de Aretas, os manuscritos de Clemente retornam ao *oblivium*. O próprio Mosteiro de São João, o Teólogo, emprestou muitos manuscritos que não mais retornaram, por causa das intempéries que chegaram ao paroxismo com a tomada de Constantinopla (1453), mas que vão reaparecer nas bibliotecas européias dos séculos XV e XVI, ou mesmo antes.

Pouco se sabe, com segurança, a respeito dos manuscritos no momento em que os turcos saquearam e se apoderaram de Constantinopla. Um dos maiores testemunhos do desespero dos gregos (romanos do Oriente) é a apóstrofe lancinante proferida pelo historiador grego Michael Doukas, em sua *História bizantino-turca* (Buzantinotourkikh; iJstoriva):

“Agora a Cidade chegou ao fim! Agora se vêem os sinais da destruição do nosso povo! Agora chegou o reino do Anticristo! O que será de nós? O que faremos? Ceifa-nos a vida, Senhor, para que os olhos dos teus servos não vejam a destruição da *Pólis*! Que os teus inimigos jamais digam: Soberano, onde estão os santos protetores desta cidade?” Não eram apenas os cristãos de Constantinopla que clamavam em pranto, mas também os que habitavam alguns pontos do Oriente, as ilhas e o Ocidente.<sup>43</sup>

Enquanto o povo se lamentava, os intelectuais, com “carrinhos entupidos de livros, fugiam para as províncias, pois naquela que fora a *Imperatriz das cidades* dez volumes de Platão, de Aristóteles ou de obras teológicas não alcançavam mais que uma peça de moeda”.<sup>44</sup> A maioria dos eruditos e proprietários de livros e manuscritos se refugiou na Itália e na França, “despejando nas respectivas bibliotecas bateladas de manuscritos”.<sup>45</sup>

## A Renascença européia e a redescoberta dos manuscritos de Aretas

Chegamos, pois, ao segundo marco na história dos manuscritos de Clemente – o século XVI, apogeu da Renascença, cuja característica essencial foi o afã de conhecer o homem

<sup>43</sup> “Nu~n to; te;loç h[ggise th~ç Povlewç; nu~n ta; shvmantra th~ç fqora~ç tou~ hJmetevrou gevnouç; nu~n aiJ hJmevrai tou~ ajnticrivstou; kai; tiv gevvmwnen h] tiv poihevswmen; jArqhvtw ajf jhJmw~n hJ zwh; hJmw~n, Kuvrie; kai; mh; i[dosan oiJ ojfqalmoi; tw~n douvlwn sou th;n fqora;n th~ç povlewç; mhde; ei[phsan oiJ ejcqroiv sou: Devspota, pou~ eijsin oiJ fulavssontev tauvthn a{gioi;” – Tauvthn ga;r th;n fwnh;n su;n klauqmww~/ ouj movnon oiJ th~ç povlewç, ajlla; kai; oiJ th~ç ajnatolh~ç sporavdhn oijkou~ntev cristianoi; kai; oiJ ejn tai~ç nhvsoiç kai; oij ejn th~/ divsei to; ajuto; meta; klauqmou~ ejbovwn. MICHAEL DOUKAS, op. cit., p. 457- 458.

<sup>44</sup> J. T. O., op. cit., p. 159.

<sup>45</sup> J. T. O. observa, com muita propriedade, que todos esses sábios bizantinos buscaram cidades do Ocidente. Nenhum deles procurou abrigo na Rússia ortodoxa.

antigo através dos textos e das obras de arte, com o objetivo de reviver os sentimentos da Antigüidade – sua percepção simples e genuína das coisas, já percebida no *Quatrocentos*, quando se esgotam as forças e os ideais do Medievo. Muito colaboram para isso os primeiros grandes descobrimentos de códices antigos da latinidade e do mundo grego, estes últimos vindos de Bizâncio.

Há um detalhe que não podemos perder de vista (e aqui retomamos a questão da possibilidade de os manuscritos de Clemente, copiados por Aretas, terem chegado a Patmos): é o papel do helenista francês Guillaume Budé (1467-1540), que fora aluno do sábio grego Ioánnis Láscaris, e que se tornou secretário e bibliotecário de Francisco I da França e, também, embaixador na corte do Papa Leão X. O próprio Budé fora o mentor da fundação do Colégio de França, núcleo inicial da biblioteca nacional de Paris. Existe aí um elo muito significativo na história do *corpus apologeticum* de Aretas: a presença do *Parisinus graecus 451* na Biblioteca de Fontainebleau, com uma capa (encadernação) que remonta ao tempo de Henrique II, rei da França. Ora, o *Parisinus A*, um outro célebre manuscrito pertencente a Aretas (que contém obras de Platão e completa o *Bodleianus B*),<sup>46</sup> foi adquirido por volta de 1490, no Oriente, pelo erudito grego Láscaris, que o levou para a Itália. Quando este morreu, os manuscritos - parte de seus espólios - foram comprados pelo cardeal Nicolau Ridolfi, sobrinho do Papa Leão X. Em 1550, os herdeiros do cardeal vendem estes manuscritos a um colecionador de nome Pier Strozzi, que vem a morrer em 1558. Depois disso, Catarina de Medici os recolhe e, após sua morte, o códice foi levado para a Biblioteca do Rei onde já se encontrava o *Parisinus graecus 451*. Sabe-se que Catarina de Medici foi casada com Henrique II (1519-1559), que este se aliou aos turcos e tomou três bispados ortodoxos. Por conseguinte, parece haver três hipóteses para a entrada na Europa do atual *Parisinus graecus 451* (onde se encontra o *Protreptikòs pròs Hèllenas*): 1) com Ioánnis Láscaris; 2) com o próprio Henrique II, ao saquear os bispados; 3) ou com os sábios recém-chegados de Constantinopla em 1453. Não encontramos nenhum indício de que, antes destas datas, o Ocidente guardasse, em alguma biblioteca, cópia ou os próprios manuscritos de Aretas.

---

<sup>46</sup> Sobre este famoso códice, encontramos duas versões divergentes: a de A. PAPANÓPULOS (historiador grego) informa que o manuscrito de Platão foi levado por Edward Clarck (1769-1822), um caçador de manuscritos, e que este não mais o devolveu ao Mosteiro. Por seu turno, a versão de HENRI ALLINE (historiador francês), em sua *História do texto de Platão*, assevera que Clarck comprou do próprio Abade não só os códices de Platão como também os *Poemas* de São Gregório de Nazianza, obras de Fílon de Alexandria, dois volumes de notações musicais gregas e o *Léxico* de São Cirilo. Mais ainda: estes manuscritos foram levados, por um empregado do Mosteiro, até ao navio, dentro de um cesto coberto de pães para que ninguém suspeitasse do que se tratava, inclusive o capitão-pachá, o comandante do navio. “Toda preocupação do Abade decorria do medo que tinha de que os habitantes da Ilha tomassem conhecimento do negócio.” Ao voltar à Inglaterra, em 1801, Edward Daniel Clarck, viajante e minerologista inglês, vendeu todo o lote de manuscritos à universidade de Oxford, por mil libras esterlinas.

### A contribuição de Otto Stählin

O primeiro *scholar* a usar o manuscrito de Aretas fora Nicolas le Noury, em suas *Dissertationes I. Cap.I Art. II*: “ Duos ...(Protreptici) Graecos codices manuscriptos nacti sumus. Prior est Regiae Bibliothecae et venerandae antiquitatis liber, in quo quaedam Justinii Martyris Athenagorae, aliorumque quorundam Patrum, anno Christi 914, descripta sunt.”<sup>47</sup> Em seguida, o códice foi descrito por vários especialistas europeus: Montfaucon, Otto, Harnack, von Gebhardt, Maass, Schwartz, Barnard, Dindorf, Gifford e, finalmente, O. Stählin. Segue-se um trecho de Stählin, o último a descrever, no outono de 1895, o manuscrito apologético de Aretas, o célebre *Parusinus graecus 451*:

O comprimento do pergaminho é de 24 e a largura de 19,3 cm; a altura do espaço reservado à escrita é de 14,7 cm e a largura é de 11,1 cm. As linhas são gravadas do mesmo modo que é marcado o espaço da escritura em ambos os lados da folha. As letras maiúsculas ficam em cima das linhas; o número de linhas é 26. A cor da tinta está agora mais para marrom. O manuscrito é proveniente da Biblioteca de Fontainebleau, e a encadernação que apresenta é do tempo de Henrique II.

O manuscrito tem agora 393 (mas são contadas 403 porque os números que vão de 370 a 379 são omitidos) folhas com o seguinte índice:

- f. 1-56 Clemens Alex. Protr.
- f. 57-154 Clemens Alex. Paed. De – **sewç to; dhktiko;n** (I 96,1) em diante.
- f. 155-163<sup>r</sup> [Justin] Epist. Ad Zenam et Serenum.
- f. 163<sup>v</sup>–187 [Justin] Cohortatio até **oiJ de; met ;aujtovn** (Cap. 36).
- f. 188-322<sup>r</sup> Eusebius Praep. Evang. I-V; (Do livro I falta o início até **hJ meta; cei~raj hjkponei~tai provqesi;j** (I 3, 5).
- f. 322<sup>v</sup>–348<sup>r</sup> Athenagoras Libellus pro Christianis.
- f. 348<sup>v</sup>–367 Athenagoras Oratio de resurrectione.
- f. 368-401 Eusebius Adversus Hieroclem.
- f. 402. 403 Um escólio da mão de Arethas para o Paed. I 15.<sup>48</sup>

Stählin nos diz que, ao final do exame do manuscrito, concluiu que, além das correções feitas por Baanas e Aretas, há muitas outras feitas por mãos do século XIV ou XV. E que os *scholia* também foram feitos por Baanas e Aretas; que este fez a maior parte de suas correções por sua própria conta, sem ter usado, para isso, nenhum manuscrito. Em alguns casos isolados, evidentemente, teria ele usado o modelo do atual *Parisinus graecus 451* (= P), embora não se possa afirmar com certeza onde e quando.

Depois da *editio princeps*, em Florença (1550), as obras de Clemente de Alexandria ganham edições várias e sucessivas: 1592 – Sylburg; 1612 – D. Heinsius; 1629 – Carolus Morellum; 1641 – edição especial de Paris; 1688 - edição de Colônia (Alemanha); 1715-1747

<sup>47</sup> In: STÄHLIN, op. cit., p. XVI.

<sup>48</sup> STÄHLIN, op. cit., p. XVII. Nossa tradução.

– John Potter; 1869 – William Dindorf (Oxford); 1857-1891 – Migne; 1905-1936 – Otto Stählin (Leipzig). Convém salientar que a divisão em capítulos foi feita por W. Lowth para a edição de J. Potter (1715), e a divisão em parágrafos se deve a R. Klotz (Leipzig, 1831). Os títulos de cada capítulo são formulados por conta dos tradutores, pelo fato de eles não existirem no arquétipo.

No entanto, os tempos modernos, que nos deram acesso às obras supérstites de Clemente, não o reabilitaram no âmbito da Igreja, em cujo alicerce ele depositou toda a sua erudição clássica, todo o seu talento poético e sua visão humanística. Em 1748, o Papa Bento XIV obstou o registro de seu nome no novo *martirologium*. A. Knauber, como muitos humanistas cristãos contemporâneos, advoga em favor de Clemente, tentando reabilitá-lo no âmbito teológico, ao fazer uma profunda pesquisa a respeito da avaliação do legado deste humanista e escritor cristão, desde os comentários de Eusébio de Cesaréia até à sua *editio princeps*. Sua conclusão é contundente:

Clemente de Alexandria foi posto, aos poucos, num fluxo de um completo e extraordinário amálgama de funestas circunstâncias de injustiças. Não fossem o Pseudo-Decreto Gelasiano, as falsas acusações de Fócio e os fúteis escrúpulos da Teologia pós-reformista, o nome de Clemente estaria, também, ainda hoje, no calendário dos santos da Igreja, assim como fora festejado, séculos afora, no dia 4 de dezembro, segundo o Martirologio de Usuardo: "Item Alexandriae sancti Clementis presbiteri, qui in divinarum eruditionum scholis quam maxime floruit"<sup>49</sup>.

No que concerne ao manuscrito *Parisinus graecus* 451, que pertenceu a Aretas de Cesaréia, Stählin fez um trabalho *ex cathedra*, a respeito das citações profanas e sagradas e dos numerosos escólios aí existentes. Todos os estudiosos e editores, a partir de 1905, reconhecem a excelência do trabalho do eminente *scholar* alemão e seu extraordinário legado aos estudos dos textos de Clemente de Alexandria.

Recapitulemos, pois, os dois marcos temporais, apresentados por M. West, na história dos manuscritos gregos: ambos estão marcados por um interesse *sui generis* pelos autores gregos, numa verdadeira ânsia de conhecimento da totalidade do homem. As resenhas e os catálogos de Fócio, assim como o *lexikón* de Suidas<sup>50</sup> (séc. X), a Antologia Palatina e a de Planude foram, em última instância, uma tentativa não apenas de preservação e transmissão

<sup>49</sup> A. KNAUBER, op. cit., p. 308: "Clemens Alexandrinus ist im Zuge eines ganz aussergewöhnlichen Zusammentreffens verhängnisvoller Umstände zu Unrecht unter den Scheffel gestellt worden. Wären nicht das Pseudo-Gelasianische Bücherdekret, die fälschen Anschuldigungen des Photios und die nichtigen Bedenken der nachreformatorischen Theologie gewesen, Clemens' Name würde auch heute noch im Heiligenkalender der Kirche stehen, so wie man ihn durch Jahrhunderte hindurch aus dem Martyrologium Usuardi auf den 4. Dezember verkündet hat: *Item Alexandriae sancti Clementis presbiteri, qui in divinarum eruditionum scholis quam maxime floruit.*" (Nossa tradução)

<sup>50</sup> SUIDAS foi um gramático e lexicográfico bizantino do século X, autor de uma compilação destituída de crítica e gosto, mas que contém um grande número de fragmentos de autores antigos.

do legado dos antigos, mas também de conhecer com mais profundidade e melhor avaliar essa herança. No séc. XVI, o interesse se processa com uma perspectiva mais abrangente e numa verdadeira azáfama intelectual: as obras da Antigüidade clássica, agora, são lidas e editadas com o objetivo de refazer o homem em suas mais puras energias.<sup>51</sup> As descobertas de códices causam “tão grande entusiasmo como se se houvesse voltado a encontrar velhos amigos perdidos”. E as obras de Clemente exalam esse humanismo que foi tão caro à renascença européia.

As palavras finais de W. Jaeger apontam para um fato assaz importante na história da transmissão do saber e, de modo especial, na história da literatura cristã:

É verdade que a secularização do homem medieval é uma das características mais freqüentemente destacadas da civilização italiana do século XV; mas os gregos que fugiram depois da queda de Constantinopla (1453) levaram com eles para a Itália toda a tradição literária do Oriente bizantino, e as obras dos Padres gregos eram sua parte mais seleta.<sup>52</sup>

Justiça seja feita à Época Bizantina, que fora uma conseqüência coerente da mudança radical das concepções metafísicas e espirituais por que passou o mundo greco-romano a partir da homologação do cristianismo por Constantino I. Diante das incongruências entre a nova fé e o racionalismo ancestral, os romanos do Oriente se puseram a copiar o passado, já que não podiam sequer imitá-lo ou estudá-lo, e, assim, salvaram para a posteridade os clássicos que, no dizer de Antoine Compagnon, “são todos aqueles que se resguardam da poeira do tempo”.

---

<sup>51</sup> Tanto a Reforma quanto a Contra-Reforma, ambas redescobrem os apologistas, filósofos e escritores cristãos dos primeiros séculos. Lutero se apóia em Santo Agostinho para interpretar o Evangelho. Afirma MOMIGLIANO que a relação entre paganismo e cristianismo passa a ser, no século XVI, uma questão de continuidade ou descontinuidade histórica entre aspectos específicos do paganismo e o cristianismo. Cf.: *De paganos, judíos y cristianos*. México: F.C.E., 1996.

<sup>52</sup> W. JAEGER, op. cit., p. 138-139.

## CAPÍTULO II

**O legado de Clemente de Alexandria à literatura grega cristã**

*Todo hombre es hijo de su propio tiempo, y es tarea vana intentar prescindir de esta base en que él se ha movido, respirado y vivido.*

(José ALSINA)<sup>53</sup>

... pavnta nu~n oJ didavskaloj kathcei~, kai; to; pa~n h[dh jAqh~nai kai;  
{Ella; j gevgonen tw/~ lovgw/.

... “agora este mestre tudo ensina, e, desde então, o mundo inteiro tornou-se, por meio do Logos, uma Atenas e uma Grécia.”<sup>54</sup>

Esta frase assinala nitidamente a cosmovisão de seu emissor: Clemente de Alexandria, um dos primeiros *pepaideuménoi*<sup>55</sup> a viabilizar a inculturação do protocristianismo no âmago da cultura helênica. Estamos, pois, no século II, época predestinada a operar uma grande síntese na história da Humanidade, a partir do grande confronto entre Oriente e Ocidente, entre *pístis* e *gnósis*, entre o protocristianismo e o racionalismo grego, época dos grandes apologistas cristãos.

Em verdade, o cristianismo está, desde cedo, marcado pela língua grega<sup>56</sup> e sua retórica e pela filosofia de Platão, apesar de a maioria de seus adeptos considerar a arte de bem-falar e o pensamento filosófico desnecessários ao *kérygma* cristão.<sup>57</sup> Quando muito, permitia-se fazer

<sup>53</sup> Op. cit., p. 98.

<sup>54</sup> *Protréptico*, XI, 112-1.

<sup>55</sup> Participio perfeito médio-passivo do verbo *paideuvw* = aquele que foi educado, um erudito, um *scholar*.

<sup>56</sup> O esteio lingüístico e cultural do cristianismo foi o grego e a cultura clássica. O latim começa, no Ocidente, por volta da década de 180.

<sup>57</sup> Tertuliano (160-230), o maior apologista e escritor cristão de língua latina e coetâneo de Clemente, perguntava “o que havia em comum entre a Academia de Platão e a Igreja; entre Atenas e Jerusalém?” “A Bíblia basta para a vida e para o culto. História, poesia, eloqüência moral, cosmologia, tudo isso tem a doutrina cristã.” Mas tarde, São Basílio vai dizer que o caráter idolátrico da escola clássica e dos autores profanos põem em perigo a *paidéia* cristã, e que um repertório de personagens bíblicas, de provérbios e da história sagrada substituíam nele a mitologia grega. Na ocidental Gália cristã, Sulpício Severo lança objurgatórias à cultura clássica, afirmando que o reino de Deus não se conquista pela retórica, mas sim com a virtude da fê; que a salvação é predicada

uso da arte retórica, parcamente, nas práticas judiciárias contra as acusações aos cristãos e ao cristianismo. Não obstante, coube à eloquência e à cultura helênicas a base para a síntese final. Assim, a apologética grega - produto da Segunda Sofística – veio ratificar o legado de Górgias de Leontino e, de certa maneira, apropriar-se dele. Contudo, faz-se mister dissecarmos alguns tópicos preambulares a respeito dessa apropriação que não se processou sem polêmica e muita desconfiança.

A princípio, houve três fatores básicos que favoreceram a *helenização* do cristianismo: 1) a penetração dos *lógia* de Jesus no mundo greco-romano, por meio de Paulo, judeu-helenístico, e sua difusão através da língua grega;<sup>58</sup> 2) a semelhança do cristianismo com os mistérios de iniciação; 3) a contribuição de intelectuais recém-conversos que tentaram justificar não só a sua conversão diante de seus pares, mas também a própria tradição grega diante do cristianismo e este diante da cultura helênica, ou seja, o trágico combate entre a natureza do cristianismo e a inteligência grega:

A religião cristã havia assegurado desde o princípio e havia mantido constantemente que era a verdade. Tal pretensão tinha por força que se medir com a única cultura intelectual do mundo que havia tentado alcançar a universalidade e o havia logrado: a cultura grega que predominava no mundo mediterrâneo. O sonho de Alexandre, ao fundar a cidade que leva o seu nome, havia de se realizar agora: dois sistemas universais – a cultura grega e a Igreja cristã – iam unir-se na poderosa sobre-estrutura da teologia Alexandrina. Neste momento, a fé cristã começa a participar do grande processo histórico do pensamento grego e a se unir ao ritmo contínuo de sua vida. Pois seria errôneo supor que a helenização do pensamento cristão que vemos realizar-se neste momento foi um processo unilateral, sem relação alguma com as necessidades internas da civilização grega tal como existia naquele então.<sup>59</sup>

Jaeger, por sua vez, assinala a questão das sínteses, deste momento crítico, como tentativa de salvar a tradição filosófica que, segundo ele, não resistira ao golpe do ceticismo: “Não obstante, as escolas filosóficas tradicionais foram concertando pouco a pouco uma estranha aliança de autodefesa e uniram suas forças numa *grande alliance* final, para a qual contribuíram platônicos, estóicos, pitagóricos e (em menor medida) aristotélicos”.<sup>60</sup> Apesar destas sínteses, Platão ainda se mantinha como a maior autoridade e referência para o

---

suficientemente não por letrados e filósofos, mas por uns pescadores; que nada importa conhecer a filosofia de Sócrates e a poesia homérica, mas apenas ser consciente do fim imortal da alma. Coube a Santo Agostinho solucionar e encerrar egregiamente esta problemática na Pós-Antiguidade.

<sup>58</sup> Segundo J. DANIELOU e H. MARROU, Alexandria será o pólo da cultura cristã. É lá que os costumes cristãos ordinários, herdados da igreja primitiva, se libertam de sua expressão judaica e assumem as peculiaridades do humanismo helenístico. É lá que o cristianismo assume as heranças retórica e filosófica antigas.

<sup>59</sup> JAEGER. W. *Cristianismo primitivo y paideia griega*. p. 62-63.

<sup>60</sup> Idem, p. 64.

pensamento grego, e, no dizer de Jaeger, sem a *paidéia* platônica, a cultura helênica teria sucumbido com o crepúsculo dos deuses olímpicos.

### **O crepúsculo dos deuses e o alvorecer do cristianismo**

O neoplatonismo foi, ao lado do cristianismo, o maior esforço do espírito religioso da Pós-Antigüidade. Harnack o considera como uma verdadeira religião universalista. O que impediu o sucesso do neoplatonismo foi a ausência de heroísmo em sua origem. O imperador Juliano, o Apóstata, e Plotino são, antes de tudo, filósofos, não são heróis religiosos. O neoplatonismo almeja a libertação da alma, mas essa libertação é obra das potências superiores que revelam ao homem o mundo divino e, pela contemplação do belo, levam-no em direção ao eterno.

Quanto ao cristianismo, este trazia consigo, desde o início, uma energia moral que devia acompanhá-lo por todos os seus percalços e cooperar com a sua vitória. As transformações éticas e morais eram profundas: as classes sociais superiores estavam por demais absorvidas pelo luxo e pelo refinamento da vida material para serem acessíveis a um severo senso religioso. A cultura era profundamente superficial. A *civilis religio* se tornava um simples dever para com o Estado, há muito envolvida nos interesses políticos e restrita ao culto do imperador que, a esta altura, nada tinha a ver com os anseios do povo grego. Aos filósofos, numa esfera mais alta que a dos *mistérios*, também lhes faltavam profundidade e a energia da fé. Sêneca os chama *cathedrarii philosophii*,<sup>61</sup> por só visarem ao lucro e à fama, não à vida virtuosa; Luciano diz que seu ceticismo é fruto de sua desilusão com os filósofos;<sup>62</sup> Apuleio, por sua vez, denuncia o alto preço que se cobrava pelas iniciações nos *mistérios*.<sup>63</sup>

Não obstante, esses *mistérios* traziam do Oriente o que faltava ao politeísmo oficial do Império: a vitalidade de suas orgias, o caráter místico de uma comunhão direta com a divindade e a promessa de salvação eterna. Além disso, esses cultos ofereciam a seus prosélitos a intimidade e a assistência de uma confraria. Seus membros ora se reuniam em santuários onde praticavam um culto regular; ora deambulavam, fazendo propaganda entre o povo, os quais passavam a ser vistos como verdadeiros hierofantes ou taumaturgos e gozavam de grande popularidade. Apuleio, em suas *Metamorfoses*, retrata-nos vividamente esse tipo de experiência coeva, quando se refere a um caldeu que operava prodígios, em suas andanças pelo mundo greco-romano:

<sup>61</sup> SÊNeca. *De brev. vitae*, X, 1

<sup>62</sup> Cf. *Peregrino e Proteu*

<sup>63</sup> Cf. *Metamorfoses*, livro 2, XII.

Nam et Corinthi nunc apud nos passim Chaldaeus quidam hospes miris totam ciuitatem responsis turbulentat et arcana fatorum stipibus emerendis edicit in uulgum, qui dies copula nuptiarum adfirmet, qui fundamenta moenium perpetuet, qui negotiatori commodus, qui uiatori celebris, qui nauigiis opoturnus.

De fato, neste momento, entre nós, um hóspede, um caldeu, de passagem para Corinto, deixa toda a cidade em alvoroço com seus oráculos admiráveis e ganha a vida revelando, publicamente, os arcanos do destino, dizendo qual é o dia propício às cópulas matrimoniais, que tal dia assegura às paredes fundações duradouras, qual é o dia favorável aos negócios, para percorrer as estradas, ou à navegação.<sup>64</sup>

É nesse momento de transformações no mundo helenístico-romano que surge, no Oriente sírio (Palestina), o cristianismo, como um produto do judaísmo posterior. Jaeger aponta algumas semelhanças entre a mensagem messiânica de Cristo e a piedade ascética de um grupo judaico que habitava as margens do Mar Morto, contudo descarta tal possibilidade:

À primeira vista, há algumas semelhanças notáveis. Entretanto salta à vista uma grande diferença, a saber, o fato de que o *kérygma* cristão não se deteve no Mar Morto nem na fronteira da Judéia, mas superou sua exclusividade e seu isolamento local e penetrou no mundo circundante, mundo dominado pela civilização e pela língua gregas.<sup>65</sup>

De fato, a difusão da mensagem de Jesus começa como propaganda dos judeus da Diáspora, nas cidades helenísticas. A princípio deu-se exclusivamente nas sinagogas dos judeus helenizados, para onde convergiam muitos gregos simpatizantes do judaísmo, mas que não se convertiam por causa do formalismo ritual. Por seu turno, a pregação dos apóstolos, que consideravam a Lei judaica com uma certa liberdade, trazia muitos gregos ao seio desta nova seita que, na cidade de Antioquia, por volta dos anos quarenta, recebeu o nome de *Christianoí* (Cristianoiv).<sup>66</sup> A este grande centro do mundo helenístico-romano, com uma grande e ativa comunidade judaico-helenística, acorreram alguns cristãos cipriotas e Cireneus, expulsos de Jerusalém, e aí iniciaram a pregação da mensagem cristã aos helenos. Como o grego era falado em todas as sinagogas das cidades mediterrâneas, e, por sua situação

<sup>64</sup> Op. cit., tomo I, livro II, XII e sg. Nossa tradução.

<sup>65</sup> *Cristianismo primitivo y paideia griega*, p. 11-12.

<sup>66</sup> **Cristianoiv**, os seguidores de Cristo. Antes os cristãos eram chamados de *nazarenos*, *galileus*, *santos*, *irmãos*, *o caminho*, *discípulos* para se referirem a si mesmos. Questiona-se se o termo *cristão* surgiu entre os próprios cristãos. Em *Atos* 26, 28, o imperador Agripa usa o vocábulo *cristãos* sarcasticamente; em *I Pedro* 4, 14-16, *cristão* é um ultraje usado durante as perseguições. Os historiadores romanos da época também se referem aos cristãos como gente odiada por suas más ações. Acredita-se que funcionários romanos tenham aplicado esse nome pela primeira vez em Antioquia, para distinguir o grupo judaico-cristão hostil a Agripa. Qualquer que tenha sido a sua origem, o termo foi inicialmente uma palavra de zombaria e desprezo. Por sua vez, a igreja de Antioquia foi a primeira a existir fora de Jerusalém e tornou-se célebre, na história do cristianismo, pela pregação dos apóstolos Barnabé, Paulo e Pedro. Cf. *Atos dos Apóstolos* XI, 19 a 26. “Do ponto de vista cultural, porém, a capital da Síria há muito se tornara uma cidade grega – ou melhor, helenística – assimilando, inteiramente, a língua e as tradições do helenismo, professadas por sua multiforme e inquieta população, formada de gregos, romanos, persas, armênios, citas, árabes e judeus.” GUIDA NEDDA BARATA. *A luz da Hélade*. p. 226.

geográfica, entre o oriente sírio e a filosófica Hélade, Antioquia – *A Pérola do Oriente* – torna-se o epicentro da pregação paulina, cuja base formal fora a argumentação retórica dos próprios gregos, pois, como assevera Jaeger, “toda a atividade missionária de Paulo se baseia neste fato. Suas discussões com os judeus, aos quais se dirige em suas viagens e aos quais trata de levar o Evangelho de Cristo, levam-se a cabo em grego e com todas as sutilezas da argumentação lógica grega.”<sup>67</sup>

### **Paulo, o Apóstolo do Gentio: Os primeiros passos da helenização do cristianismo.**

...ejpeidh; kai; jIoudai~oi shmei~a aijtou~sin kai; {Ellhnej sofivan zhtou~sin...

...“enquanto os Judeus pedem sinais, os Helenos buscam sabedoria ”...<sup>68</sup>

No dizer de Momigliano, foi da pequena nação dos judeus que saiu o mais radical desafio à sabedoria dos gregos: o cristianismo.

Entre 100 a.C. e 300 d.C, não houve obra no mundo grego que se pudesse comparar com a literatura em latim dos períodos de César e de Augusto: os gregos imperiais nunca tiveram um Cícero nem um Virgílio, nem sequer um Horácio ou um Propércio. Por outra parte, em latim não houve nada que se pudesse comparar, em importância revolucionária, ao Novo Testamento, produto da cultura grega. Por suposto, isso significa que a literatura cristã em grego teve uma importância decisiva na conformação da fisionomia intelectual da cristandade.<sup>69</sup>

E os paradoxos se seguem, pois coube a um judeu de sólida educação rabínica - conhecedor da cultura clássica e do sincretismo religioso dos gentios, defensor acérrimo da Lei e perseguidor dos cristãos helenizados - os primeiros passos da helenização do cristianismo. Sem ele a religião cristã teria sido apenas um ramo obscuro do judaísmo.

Assim, foi a primitiva missão cristã que obrigou os missionários ou apóstolos a usar formas da literatura e da fala gregas, ao se dirigir aos judeus helenizados, aos quais se voltaram, no início, e que encontravam em todas as grandes cidades do mundo mediterrâneo. Isto se fez ainda mais necessário quando Paulo se aproximou dos gentios e começou a lograr conversos entre eles.<sup>70</sup>

A cidade de Tarso, em termos geográficos e por causa de sua significativa comunidade judaico-helenística, propiciou, *incontinenti*, ao cristianismo, o primeiro contato com a cultura e a filosofia dos helenos e com as seitas de iniciação mística, pois é deste contexto que sairá o Apóstolo do Gentio, com subsídios formais e intelectuais para enfrentar os gregos. É com a

<sup>67</sup> *Cristianismo primitivo y paideia griega*, p. 16.

<sup>68</sup> *I Cor.*, I, 22.

<sup>69</sup> MOMIGLIANO. *De paganos, judíos y cristianos*. p. 235. México, 1996.

<sup>70</sup> JAEGER, op. cit., p. 20-21.

pregação de Paulo que o cristianismo primitivo dá o seu passo mais importante, com a afirmação de que “Cristo é um homem celeste” (*I Cor.*, XV, 47), pré-existente em Deus. Com isso, apresenta-se o mistério da encarnação, que abre caminho para o gnosticismo, e a teoria estoíca do *Lógos* (λογος), que foi uma tendência a divinizar o ideal moral e religioso de Jesus. Este conceito de *lógos* provém de Filon de Alexandria,<sup>71</sup> para quem o *Lógos* e o inteligência de Deus são uma só coisa, assim como para Paulo (*I Cor.*, XII,12; *II Cor.*, III,17).

As cartas do Apóstolo nos mostram a história interior de sua atividade missionária e lançam luz sobre sua personalidade religiosa. Seu pensamento se desenvolve em torno da idéia escatológica. O mundo atual, segundo Paulo de Tarso, está sujeito a potências demoníacas, mas Jesus, por sua morte e ressurreição, iniciou uma nova ordem: abriu aos eleitos a senda para a libertação, que começa com a identificação com Cristo e se conclui com a ressurreição final. Percebe-se, no discurso paulino, o reflexo do sincretismo religioso da época: a nova seita aparece como a grande síntese dos *mistérios*, e mais ainda: como o *mistério dos mistérios*, pois trazia consigo um forte diferencial – a fé num deus único, onipotente e imutável, e uma sólida idéia de salvação.

A formação farisaica de Paulo permite-lhe lançar mão das idéias messiânicas e das concepções filonianas a respeito do Logos divino. Jesus se torna, na predicação do Apóstolo do Gentio, a síntese dos ideais religiosos daquele momento: é o Messias celeste, o *Cristovs*; é o Senhor, o *Kuvrios*, e o *Swthvr*, o Salvador da humanidade.

O sucesso da missão de Paulo deve muito ao seu comportamento judaico diante da transcendência, pois como observa o historiador P. Brown,

os judeus vão chamar a atenção dos gentios por seu caráter de lealdade para com as suas tradições e entre eles próprios, traço este comum a personalidades judaicas tão variadas como os discípulos de Jesus, São Paulo e os sábios rabinos ulteriores, sem falar nos essênios e em Qumrã. Raramente se encontra, na história do mundo antigo, um sentimento tão explícito da necessidade de mobilizar todo o *eu* a serviço de uma lei religiosa e da necessidade concomitante de mobilizar o sentimento de solidariedade entre os membros de uma comunidade ameaçada. As primeiras comunidades cristãs crêem na presença do Espírito Santo entre os autênticos herdeiros de Israel. Seus adeptos podem experimentar esses momentos solenes em

<sup>71</sup> Filon de Alexandria (25 a.C. – 50 d.C.) é o maior representante do judaísmo helenizado. Aplicou ao *Pentateuco* uma interpretação alegórica e afirmava que Platão podia ter conhecido a *Torá*. Cf. MOMIGLIANO, A. *Os limites da helenização*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1990. Além da leitura alegórica do Antigo Testamento, Filon é o primeiro intelectual a fazer uma síntese teológica entre judaísmo e platonismo. O método alegórico usado por ele foi inventado pelos gramáticos alexandrinos para estudo dos clássicos gregos. Antes de Filon, os rabinatos de Alexandria e Jerusalém já haviam iniciado esse trabalho. Entretanto, é de Filon o mérito de haver elevado o método alegórico em nível de sistema exegético da Bíblia. Os grandes herdeiros do método de Filon serão os grandes mestres cristãos de Alexandria - Clemente e Orígenes – e, através destes, todos os Padres e os escolásticos.

que “as coisas do coração” são reveladas. É essa visão de uma solidariedade sem falha que obceca o mundo antigo em seus últimos séculos.<sup>72</sup>

Outro fator importante na pregação paulina foi a sua visão humanitária e universalista, ao obliterar todas as categorias antagônicas – judeus e gentios, escravos e homens livres, gregos e bárbaros, homens e mulheres – no interior da nova comunidade dos *crístão*, e apresentar o cristianismo como escândalo para os judeus e loucura para os gregos. Com sua morte (*circa* 64), encerra-se a era apostólica e se acentuam as divergências entre cristianismo judaizante<sup>73</sup> e cristianismo helenístico,<sup>74</sup> e este, a partir de então, receberá influências diretas do ambiente helenístico.

Por fim, a atividade parenética de Paulo, entre os gregos, fundamenta-se, por assim dizer, em quatro tópicos: 1) a difusão da caridade entre todas as raças e todas as classes e a lealdade das comunidades cristãs; 2) os relatos, em suas epístolas, a respeito de sua conversão e de sua atividade missionária; 3) a idéia de universalismo através de uma religião universal (*katholiké*); 4) o conhecimento da realidade filosófica da época, mormente as exortações (*paráinéseis*), produto da argumentação retórica grega, pois “as diversas escolas tratavam de ganhar novos prosélitos, por meio de discursos protrépticos em que recomendavam seu conhecimento filosófico ou *dogma* como o único caminho para a felicidade.”<sup>75</sup>

### **Clemente de Alexandria: erudição, eloquência e argumentação retórica na apologética cristã.**

Clemente de Alexandria viveu e respirou a atmosfera da Segunda Sofística, pois fora um refinado produto da *mimesis rhetoriké* ou cultura literária, cujo objetivo era tornar os poetas e escritores helenístico-romanos êmulos dos antigos. No século II, esta *zélisis* atinge seu apogeu. Como um erudito filho de seu tempo, Clemente não vacila em empregar sua erudição

<sup>72</sup> P. BROWN. Antiquidade tardia. In: *História da vida privada* (Do Império Romano ao ano mil). p. 240.

<sup>73</sup> “Na Palestina, o movimento continuou, ainda que fraco, até o ano 70. Neste ano, quando os romanos esmagaram a rebelião judaica e destruíram o Templo, o movimento judaico dos seguidores de Cristo virtualmente deixou de existir”. Cf. H. SCHLESINGER, *Raízes e origens judaicas do cristianismo*. São Paulo: Editora B’nai B’rith, 1971.

<sup>74</sup> Na opinião de HUGO SCHLESINGER, “não havia nenhuma razão para que os seguidores de Jesus se desapegassem da vida institucional judaica, nem havia outro caminho a seguir. Se os nazarenos preferiam passar o tempo esperando e orando pela realização das promessas de retorno do Mestre, era coisa que só a eles interessava. [...] Entre os nazarenos não havia eruditos. Eles pertenciam aos ‘pobres de Israel’ [...] É muito provável que, se o ambicioso, dinâmico e habilidoso judeu helenístico Paulo (Saulo) de Tarso não tivesse entrado em cena e penetrado no mundo dos gentios, em busca de solo mais fértil para a sua propaganda, não teria havido religião cristã, mas somente uma pequena seita essênica de judeus na Judéia, que persistiam na crença de que o crucificado Jesus era o Messias. Na verdade foi o cristianismo paulino ou gentio que ‘rejeitou’ o *Jesus judeu* e o transformou, por um processo de deusamento, no ‘filho de Deus’ – uma invenção pagã, tanto na religião egípcia, quanto na greco-romana.” Op. cit., pp. 16-19-20.

<sup>75</sup> JAEGER, op. cit., p. 21.

e sua capacidade retórica no terreno da apologética cristã, uma vez que os integrantes da Segunda Sofística vão propagar que o discurso é para a alma o que o *phármakon* é para o corpo: “A retórica é, por assim dizer, o homem no *logos*: ele aí se projeta, se exprime e, como o homem é múltiplo, a pluralidade das vozes se traduz na riqueza das expressões que servem de atributos à realidade.”<sup>76</sup> Era preciso, portanto, apresentar o cristianismo aos gregos como a última etapa de um processo que se iniciou com os hebreus, foi pressentido por alguns filósofos gregos e se concretizou, na plenitude dos tempos, com a *parousía* do *Logos* divino. Clemente, com sua verve poética e sua alma essencialmente grega, não podia concordar com Tertuliano e outros apologistas que repudiavam a cultura e a tradição filosófica dos helenos<sup>77</sup>.

Os Padres gregos, favoráveis ao diálogo fé-razão, compreendiam que escrever bem não era pura frivolidade e que as idéias precisam dessa beleza formal. Clemente, que se propõe, com grande cautela, a conciliar a fé cristã com a filosofia, é constringido a ser complacente com os incultos, aos quais bastava conhecer os pontos essenciais da doutrina. Ele se preocupava em reivindicar o direito de escrever, pois a maioria dos cristãos achava que quanto menos se escreve, tanto melhor. Orígenes, por sua vez, é a própria tentativa de elaborar uma gnose cristã. Mas a Igreja não podia correr riscos. Por conseguinte, a condenação de Orígenes representa, implicitamente, a condenação de todas as vias intelectuais e especulativas no âmbito do cristianismo.

Contudo, o discurso clementino é um autêntico testemunho da eloquência e da cultura literária de seu tempo que, a bem da verdade, fora um processo que começara com Górgias “e, através de Isócrates, do Perípatos e do helenismo, chegou, como alternativa de ação e de reação, à época imperial.”<sup>78</sup> A retórica filosofante deste período valoriza não apenas os efeitos, mas também o conteúdo dos discursos, daí a preponderância do *lógos*, “este tirano, que leva a cabo as ações divinas em microscópicos elementos materiais e perceptíveis.” No cerne desta eloquência gorgiana está a idéia de *kairós* – a alma de toda a retórica -, a articulação harmoniosa entre os objetivos do orador, o tempo, o lugar e as circunstâncias que envolvem aqueles a quem seu discurso se endereça. Esta ênfase no *páthos* para conseguir a persuasão é o que Bárbara Cassin denominou “efeito *ad hominem*”. É o que Górgias cria ao desenvolver um outro eixo retórico, enfatizando mais o poder encantatório das palavras que a pertinência das provas: a *psychagogía*. Daí a importância das antíteses e das metáforas no discurso gorgiano.

<sup>76</sup> M. MEYER, op. cit., p. 10.

<sup>77</sup> Estabelece-se uma taxionomia entre os apologistas dos séculos II e III: 1) os intransigentes (Tertuliano, Taciano, Hérmiás) e 2) os partidários do diálogo entre fé e racionalismo (Justino, Atenágoras, Minúcio Félix, Clemente de Alexandria e Orígenes).

<sup>78</sup> ALBIN LESKY, op. cit., p. 865.

Excetuando-se as observações de Cícero, a arte retórica não sofreu grandes alterações no quadro definido por Aristóteles até o surgimento do *Tratado do Sublime* (peri; u{youj}), obra que se coloca contra toda a tradição retórica anterior. Agora é o *páthos* que, combinado ao exercício da imaginação, articula a Retórica e a Poética. Ele participa do sublime, assim como o *éthos* do prazeroso.

Há, dir-se-ia, cinco fontes verdadeiramente capazes de produzir a grandeza do estilo, sendo previamente colocada, como fundamento comum a essas cinco formas, a aptidão à palavra, sem a qual não existe absolutamente nada. A primeira, e a mais importante, é a faculdade de lançar-se aos pensamentos elevados, como já nos explicamos na nossa obra sobre Xenofonte; a segunda é a paixão violenta e criadora de entusiasmo. Mas essas duas primeiras fontes do sublime são, na maior parte, dons constitutivos naturais; quanto às outras, elas passam também pela técnica; é de início a qualidade da fabricação das figuras (elas são de dois tipos, as figuras de pensamento e as figuras de palavras); é preciso acrescentar a expressão de nobreza, da qual fazem parte por sua vez a escolha das palavras e a expressão figurada e fabricada. A quinta causa da grandeza, e que engloba todas as outras enumeradas antes, é a composição digna e elevada.<sup>79</sup>

Estes pressupostos do sublime passam a ter grande utilidade na defesa e ilustração do cristianismo, quando se trata de um escritor da envergadura de Clemente, que recorre à cultura literária, à exposição e à argumentação filosóficas para justificar racionalmente a sua fé e, com isso, exortar os gregos à conversão. Toda a sua obra se volta, antes de tudo, para um único fim: ilustrar o cristianismo, inculturando-o não apenas na tradição filosófica, mas também no vocabulário místico dos gregos. E como Justino e Atenágoras, seus mais ilustres antecessores, ele teve a coragem de afirmar que a Filosofia é importante para o aprofundamento da fé cristã, embora soubesse do abismo que separava uma da outra. Entretanto insiste afirmando que a harmonia entre *pístis* e *gnósis* faz surgir o perfeito cristão - o verdadeiro gnóstico.

A teologia clementina segue, em síntese, os passos da concepção teológica de Justino de Samaria (o Filósofo). Fundamenta-se na idéia estóica do *Logos* divino, o princípio supremo que explica a criação do mundo e, ao mesmo tempo, é aquele que revelou Deus aos hebreus no Antigo Testamento, revelou-se aos gregos na filosofia e, depois, a todos os homens, por meio de sua própria encarnação. Só por intermédio do *Lógos* – *lógos spermatikós*, cuja semente já se havia espalhado por toda a humanidade – podemos conhecer Deus, o Inefável (a[rrhtoç). Essa semente é a razão divina que habita em cada ser humano. O *Lógos*, por conseguinte, habitava em Deus enquanto potência; por meio dele, Deus criou e ordenou o universo; depois, encarnado na pessoa de Cristo, ele se revelou como mestre e salvador da humanidade.

<sup>79</sup> LONGINO. *Do Sublime*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. Tradução de Filomena Hirata, p. 52.

Por outro lado, Clemente apresenta, em seus escritos, uma característica que lhe é peculiar: o uso perfeito do método alegórico de Fílon de Alexandria na ilustração do cristianismo. Como observam J. DANÉLOU e H.-I. MARROU, outros escritores já haviam usado a literatura proveniente do judaísmo helenístico. Houve os pseudepígrafos judeus, que citam os discursos órficos e Oráculos Sibilinos antes de Clemente. Entretanto, a habilidade deste se destaca no emprego correto do método filoniano, com citações explícitas e com a aplicação do mesmo método exegético.

Assim, podemos sintetizar os passos do método clementino da seguinte forma:

1) Os relatos da Escritura judaica são o ponto de partida, como verdades reveladas essenciais. Destarte, Jesus é o Logos de Deus que fora anunciado pelos Oráculos Sibilinos e pelos profetas do AT. À guisa de exemplo, o mutismo de Zacarias, pai de João Batista, é interpretado alegoricamente como o fim da era profética e a preparação para o advento do Logos, como se vê em *Protréptico* I 10,1: “João, o arauto do Logos, convidava também os homens a se prepararem para a vinda de Deus, de Cristo, e isso é também o significado do silêncio de Zacarias, esperando o fruto precursor de Cristo: a luz da verdade, o Logos, devia liberar, uma vez tornado boa-nova, o silêncio misterioso dos segredos proféticos.” O mesmo se dá com as imagens da estéril e do deserto (numa alusão direta ao nascimento e à pregação do Batista: o filho da estéril é a voz que clama no deserto), ambos fecundados pelo lavrador, a voz do Logos de Deus: “Por meio desta voz do Logos a estéril, feliz, procriará, e o deserto dará frutos.” (*Prot.* I 9, 3)

2) Os tópicos fundamentais da pesquisa de Clemente são equiparados a diversos dados do Antigo Testamento e se transformam, doravante, em objeto da ciência teológica, passando, assim, da fé à gnose. Com o método alegórico de Fílon, Clemente continua e aprofunda a tradição catequética de Panteno, que se baseia em dados puramente revelados. Podemos asseverar que a característica do método clementino é a equivalência. Como existe paralelismo entre o alegorismo estóico e a tipologia bíblica, o *lógos spermatikós* dos estóicos, que é o Logos de Deus filoniano, é também o Cristo, o Verbo encarnado.

3) Finalmente, como assevera Drobner, Clemente faz uso do “arsenal apologético” já existente contra o politeísmo, como já o tinham feito seus antecessores, ao investirem contra as práticas religiosas dos helenos.

A expressão “arsenal apologético” caracteriza bem a situação que existia, naquele momento, entre greco-romanos e cristãos. Estes viam no politeísmo grego, na filosofia e na literatura a maior fonte de imoralidade, charlatanice e idolatria. Os filões da sabedoria grega se chocavam com o *kérygma* cristão; em síntese, o enfrentamento era essencialmente



O primeiro a mencionar o conjunto das obras de Clemente de Alexandria foi Eusébio de Cesaréia, em sua *História Eclesiástica* VI, 13:

De Clemente conservam-se entre nós os *Stromateis*, os oito livros inteiros, aos quais se dignou intitular: *De Tito Flávio Clemente, Stromateis das memórias gnósticas segundo a verdadeira filosofia*.

De igual número que estes são os livros intitulados *Hypotyposesis*, nos quais menciona expressamente Panteno como seu mestre e expõe suas interpretações das escrituras e suas tradições.

Há também de Clemente um *Discurso aos gregos*, o *Protréptico*, e três livros da obra intitulada *O Pedagogo*; outro tratado seu, o assim chamado *Quem é o rico que se salva?* e o tratado *Sobre a Páscoa*; tratados *Sobre o jejum* e *Sobre a maledicência*, assim como a *Exortação à paciência* ou *Aos recém-batizados*, e o intitulado *Cânion eclesiástico* ou *Contra os judaizantes* que ele dedicou ao mencionado bispo Alexandre.

Vários historiadores eclesiásticos da Antigüidade tardia e da Época Bizantina as mencionam: Júlio Africano (numa crônica sobre a perseguição aos cristãos, nos dias de Cômodo), Alexandre de Jerusalém (numa carta a Eusébio de Cesaréia, em *HE*. VI 11,6), Hipólito (em *HE*. de Eusébio V 28, 4), Jerônimo (*De viris illustribus*), Fócio, Cirilo de Alexandria, Epifânio, Teodoreto, Sócrates (autor de uma história eclesiástica), Rufino (em Jerônimo, *De vir. ill.*,38), Anastássio Sinaíta e João Malalas. Mas apenas três nos dão maiores detalhes sobre as obras de Clemente, a saber, Eusébio de Cesaréia (260-339), Jerônimo (348-420) e Fócio (820-895). Este último dá a entender que não chegou a ler todas as obras de Clemente mencionadas por Eusébio, apenas diz que “o escritor (Clemente) afirma ter composto outros não poucos tratados, e que outros escritores também o atestam” (  $\text{jEpaggevlltai de; kai; ajlla; pepoih\sim sqai auJtw/\sim suggravmmata oujk ojlivga, kai; ge kai; uJf; ; j eJtevrwn pepoihkevnai memartuvrhtai}$ ).<sup>82</sup>

Chegaram até nós apenas a trilogia catequético-filosófica composta pelo *Pro- tréptico*, pelo *Pedagogo* e pelos *Strómata*; a homilia *Qui dives salvetur?*, *Excerpta ex Theodoto* e *Eclogae prophetae*.

Dentre as obras de Clemente, o *Protréptico* é a que melhor representa o espírito de síntese e de erudição e as tendências transcendentais daquele momento no mundo helenístico. A mente convertida porém esclarecida do autor nos transmitiu, de maneira viva e original, a problemática da recepção do cristianismo no seio da cultura grega. Clemente repudia o politeísmo e suas práticas, sem deixar de ser um grego erudito que tenta convencer seus iguais - por meio da argumentação retórica, da cultura grega (música, filosofia, teatro, medicina, poesia) e da Lei dos hebreus<sup>83</sup> - a acatarem a nova fé. Nada evidencia melhor o processo de

<sup>82</sup> PHOTIUS, op. cit., 111-112.

<sup>83</sup> Na filosofia houve uma fusão do espírito grego e do hebraico, que deu origem, com Filon de Alexandria, a uma obra original. Decerto que esta filosofia não abandona, em suas bases, o terreno do judaísmo e mantém

*inculturação* por que passou o cristianismo, no ecúmeno helenizado, do que esta obra. Com o intuito de elaborar um discurso endereçado aos gregos, a respeito do cristianismo, Clemente redige uma apologia *sui generis*, em que dá evasão ao seu espírito refinado e culto e ao seu entusiasmo de cristão converso. Sua sinceridade e liberdade de expressão, própria dos cristãos eruditos anteriores ao primeiro concílio de Nicéia, legaram-nos um verdadeiro caleidoscópio das idéias filosófico-espirituais, das seitas místicas, das credices e superstições que pululavam na pós-antiguidade greco-romana.

O que aqui concebemos por *inculturação* é precisamente esse processo de “tradução”, de amplificação, de defesa, de justificativa e de inserção cultural por que passaram, por meio dos *kálamois* dos apologistas gregos, a pessoa de Jesus e seus *lógia*. Segundo esses apologistas, o Novo Testamento encerraria todo um processo de evolução espiritual que começou com os hebreus, foi percebido por alguns filósofos e poetas gregos e culminou com a presença do Logos de Deus entre os homens. Cumpre-se, assim, por meio do cristianismo, a tão desejada unidade do Império.<sup>84</sup> E isso se deve à sabedoria grega.

---

intactos os princípios do monoteísmo puro e da divindade da Lei. O primeiro filósofo judeu é Aristóbolo, de quem Eusébio de Cesaréia e Clemente de Alexandria nos conservaram fragmentos. Sua *akmé* se dera por volta de 170-150 a.C. e era um eclético com tendências peripatéticas, que queria mostrar a concórdia entre o Pentateuco e a filosofia grega e como esta havia tirado seus ensinamentos essenciais de Moisés.

<sup>84</sup>A esse respeito, MOMIGLIANO observa que o cristianismo, “com ânimo vingativo”, trouxe de volta o velho paralelismo, “talvez introduzido por Aristóteles”, entre um deus e um rei: entre o Império e a Igreja cristã. Cf. *De paganos, judíos y cristianos*, p. 236. De fato, o cristianismo se fez, informalmente com Constantino I e formalmente com Teodósio I, religião estatal.

## CAPÍTULO III

**O Protréptico de Clemente de Alexandria**

*A Lei para os judeus; a filosofia para os gregos; a Lei, a filosofia e a fé para os cristãos.*

(SÃO JUSTINO)<sup>85</sup>

Os *protrépticos* ou *advertências filosóficas* são discursos que se caracterizam por exortarem a uma *metánoia* (metavnoia), a uma conversão a um tipo de vida melhor, geralmente por meio da filosofia ou do estudo das ciências. Derivado do verbo *protrépein* (protrevpein) – que significa exortar, excitar, empurrar para frente, estimular, convencer – o adjetivo *protreptikós*, portanto, qualifica os discursos, dirigidos a um destinatário claro, que trazem um *corpus apologeticum* e uma conclusão onde se mostra que, se o receptor acatar as instruções dadas, receberá o maior dos bens.

Desta *práxis* consuetudinária entre os filósofos, restam-nos alguns discursos célebres: dois de Platão (no *Eutidemo*), dois de Isócrates, um de Posidônio e um de Aristóteles. Este último, por sua objetividade e precisão, tornou-se exemplo do gênero e modelo para filósofos e moralistas estóicos e Padres da Igreja.<sup>86</sup>

---

<sup>85</sup> São Justino, o Mártir, é o apologista grego mais importante do século II e uma das mais nobres personalidades da literatura cristã primitiva. Foi o primeiro escritor cristão eclesiástico a tentar estabelecer uma ponte entre o cristianismo e a filosofia. Escreveu um discurso aos gregos – *Cohortatio ad Graecos* – em que procura convencer os helenos sobre a verdadeira religião. Para ele, a verdade se encontra em Moisés e nos profetas, que são anteriores à filosofia grega. Não obstante, em alguns poetas e filósofos gregos se encontram laivos do verdadeiro conhecimento de Deus.

<sup>86</sup> Apesar de a obra de Aristóteles não ter sido conhecida pelos Padres dos séculos II e III, devido à sua perda causada pela dissolução da Escola Peripatética, a influência do Estagirita, com seu Protréptico ao rei Temisão de Chipre, foi decisiva para o veterocristianismo, tanto na forma quanto no conteúdo. Santo Agostinho, que não gostava da língua grega, tomou contato com esta obra de Aristóteles por intermédio de uma exortação filosófica de Cícero – *Hortensius*. Segundo ALBERTO BUELA, em seu estudo sobre o Protréptico de Aristóteles (Buenos Aires, 1993), Clemente de Alexandria faz doze referências a esta obra, São Basílio cinco, São Gregório de Nazianza duas, Máximo Confessor e Tertuliano uma, Santo Agostinho oito, sempre através de Cícero ou de Jâmblico.

Convém observar que, na época helenístico-romana, a propaganda<sup>87</sup> – a pregação popular – revelava o caráter essencialmente religioso das correntes filosóficas. Dião de Prusa e Sêneca consideravam a filosofia como uma religião que carecia de pregação e defesa. Filósofos como Plotino e Porfírio foram também personalidades religiosas que fundaram escolas, com graus de iniciação, que atendiam, ao mesmo tempo, cristãos e pagãos.

Portanto, as advertências filosóficas, que se dirigiam aos leitores dos altos escalões da *urbs*, são agora reelaboradas por filósofos cristãos, pois “há um grande julgamento do cristianismo” no mundo helenístico-romano nos finais do século II e início do III, e a tradição retórica dos gregos se torna – depois do sangue dos mártires – o dispositivo mais eficiente para a estrutura e a afirmação da doutrina cristã que passará a ser a chave para uma nova leitura dos valores da Antigüidade. Como já observáramos, a cultura grega tinha as velhas formas; o cristianismo trazia o espírito de novidade, a começar pela noção do divino, pois enquanto o deus grego vive e atua dentro do mundo, o deus hebraico-cristão é “Aquele que é” desde todo o sempre e está fora do mundo; o *kérygma* cristão proclama a esperança da libertação do espírito e a fraternidade universal em Cristo como o único caminho para a salvação e redenção do homem. E isso parecia interessante, naquele momento, aos ouvidos do gentio.

Contudo, o cristianismo, no cerne do mundo helenístico, teve de ser traduzido para o grego. O Apóstolo do Gentio bem o sabia e fora mais além, ao lançar mão da retórica grega. Em seguida coube aos Padres apologistas<sup>88</sup> - favoráveis à filosofia como “prolegômeno da fé” - o terceiro momento desse processo apologético, pois alguma coisa deveria assemelhar-se, no seio do cristianismo, à *práxis* grega. E a tradição filosófica dos helenos não deveria ser de todo obliterada em face da nova fé, mas sim contribuir para a formação do verdadeiro gnóstico<sup>89</sup>. Na concepção desses eruditos, a filosofia terá sido, entre os gregos, uma

<sup>87</sup> A idéia de propaganda religiosa começa, no mundo helenístico, com os judeus da Diáspora. Antes das revoltas de 66 e 132, os judeus faziam proselitismo entre o gentio, ou seja, faziam propaganda de seu monoteísmo e expandiam sua religiosidade ‘pura’. Com essas revoltas, cessa o proselitismo e o judaísmo abandona a língua e a cultura gregas e se centraliza no farisaísmo.

<sup>88</sup> A Apologética Cristã se divide em 3 momentos: 1) apologética cristã primitiva, que se ocupava em refutar as acusações contra os cristãos; 2) defesa do cristianismo contra as falsas idéias a seu respeito; 3) justificativa, ilustração e fundamentação da fé apostólica e demolição do politeísmo grego. Clemente se insere no terceiro momento.

<sup>89</sup> Clemente apresenta dois tipos de gnose: 1) O conhecimento filosófico que resulta da demonstração; 2) O conhecimento dos segredos divinos pela revelação. FRANGIOTTI esclarece que alguns especialistas admitem ter sido o gnosticismo um amplo movimento que apresentou uma grande variedade de formas e de seitas cujo caráter comum parece ter sido o de fundir o cristianismo com as correntes filosóficas do helenismo. Em síntese, havia dois problemas que inquietavam os gnósticos: a *criação* e o *mal*. Se Deus é bom, como se justifica o mal no mundo e de onde vem? Se Deus não criou o mal, há alguém mais que compartilha da criação. Destarte, as elucubrações dos gnósticos se fundamentavam nas seguintes questões: 1) De onde procede o mal existente no mundo? 2) Como se originou a matéria? 3) Como se uniram, no homem, matéria e espírito? 4) Como o espírito se liberta da matéria e volta para Deus? Para responder essas questões, surgiram os pressupostos de que existe

preparação para o conhecimento da verdade. Presentida por alguns filósofos e até mesmo por poetas, ela elaborou a educação dos gregos, assim como o Antigo Testamento a dos judeus. Daí a sentença lapidar de Justino: “A Lei para os judeus; a filosofia para os gregos; a Lei, a filosofia e a fé para os cristãos,” herdeiros de uma nova ordem universal.

O que, de fato, os apologistas cristãos consideravam como filosofia, para que criticassem ferrenhamente os filósofos? Para os gregos, a filosofia era a ciência universal; abarcava quase todo o conjunto de conhecimentos que agrupamos sob o nome de ciência, de arte e de filosofia. Com Platão, filosofia se torna a busca da verdade e da natureza das coisas. Era esse o conceito dos apologistas. O que se torna, para eles, objeto de crítica são as diversas concepções a respeito da origem do universo e de Deus. Talvez tenham confundido, adrede, ciência com filosofia, mormente o conhecimento pré-socrático que ia de encontro com a doutrina cristã e abria caminho ao gnosticismo heterodoxo. Em meio a essa tensão cultural e espiritual, o gênero apologético-exortativo se torna, nas mãos de intelectuais conversos, o látego que fustigar a tradição politeísta e as veleidades filosóficas da aristocracia e das elites. Com efeito, como afirma P. Brown, esses apologistas foram, sem dúvida, os operadores da maior revolução espiritual da História, pois

a prática dos filósofos se transfere de seu contexto original, altamente específico e apoiado numa classe, para um grupo social diferente e de preocupações morais diferentes, o caráter das exortações filosóficas como a de Aristóteles a Temisão de Chipre desaparecem. O que os filósofos apresentavam como um novo adendo, a título de experiência, à antiga moral introspectiva da elite, torna-se, nas mãos dos mestres cristãos, as bases de uma sociedade inteiramente nova, cujas exigências dizem respeito a todos os estratos sociais. As exortações filosóficas que escritores como Plutarco e Musônio Rufo dirigiam aos leitores da alta sociedade romana são retomadas com entusiasmo por guias cristãos da alma, como Clemente de Alexandria, no final no século II. **As exortações filosóficas autorizam Clemente a apresentar o cristianismo como uma moral deveras universalista, arraigada num sentimento novo da presença de Deus – através do Logos – e da igualdade de todos os homens diante de sua lei**<sup>90</sup>. A democratização surpreendentemente rápida da cultura dos filósofos da classe superior pelos dirigentes da Igreja cristã é a mais profunda revolução da Antiguidade tardia.<sup>91</sup>

## O argumento ético: a reputação de Clemente de Alexandria

---

um reino de luz onde impera o Deus bom, e o das trevas que é o da matéria eterna. Entre o Deus-Abismo e o organizador da matéria, o demiurgo, existe um sem-número de entidades que são os *eões*. Estes, por seu turno, são as emanações superiores que participam dos atributos da essência divina, distribuídos em hierarquias. Da união dos *eões* surge o *plerona*, a plenitude da inteligência. Os gnósticos cristãos fizeram de Cristo um *eão superior* enviado por Deus para revelar aos homens o Deus supremo e lhes ensinar como superar a matéria. Cf. R. FRANGIOTTI. *História das heresias*. Ed. Paulus, 1995.

<sup>90</sup> O grifo é nosso.

<sup>91</sup> PETER BROWN, op. cit., p. 241.

Quando Brown infere que “as exortações filosóficas *autorizam* Clemente a apresentar o cristianismo como uma moral deveras universalista”, remete-nos, *incontinenti*, à famigerada questão da *autoritas*, do *êthos*, do caráter e da competência de quem fala (*ek tou légontos*) como o tópico mais relevante da dinâmica retórica, desde Aristóteles. O *êthos* é um fator que reforça a plausibilidade da argumentação exposta, e isso se deve tanto aos aspectos morais do orador / escritor, quanto àquilo que emana de seu próprio discurso. É mister que a confiança seja uma prerrogativa do discurso; que o caráter do orador leve à persuasão. E Clemente era incontestavelmente um *agathòs polites* e uma autoridade no contexto intelectual de Alexandria, não só por sua *paídeusis*, como por sua cosmovisão cristã, pois estava convicto da necessidade de um novo ideal humanístico, de uma nova *paidéia* em que Cristo, o Logos divino, fosse concebido como o Pedagogo da humanidade, posto que, sendo a razão divina, é ele, por essência, mestre e legislador do mundo. Em síntese, o autor da *Exortação aos Gregos* reconhece em Cristo o salvador da raça humana e o fundador de uma nova vida, que começa com a fé, avança até à ciência e à contemplação e, por meio da caridade e do amor, conduz à imortalidade e, por conseguinte, à deificação. Por outro lado, suas convicções filosóficas, seu embasamento literário e retórico consignam a seus escritos uma dimensão peculiar à noção de *kairós* (adequação ao momento, oportunidade), especialmente no *Protréptico*, em que o autor se vale das circunstâncias histórico-espirituais e do próprio imaginário grego para fundamentar e apresentar o cristianismo como “a filosofia das filosofias”.

### **O argumento patético: o conhecimento da natureza do receptor**

Agora se nos apresenta a problemática do receptor (*pròs hòn légei*) que, no caso do *Protéptico*, é a elite cultural greco-romana, familiarizada com a filosofia, e para quem a religião estatal não passava de práticas *pro forma*. As circunstâncias espirituais da época e a natureza especulativa dos gregos propiciavam a implantação e a estruturação da nova fé no seio do mundo helenístico-romano, e Clemente sabia que “de nada serve levar a persuasão àquele que não tem predisposição para aprender.” Por conseguinte, a sua *Exortação aos Gregos* é um fino produto da *práxis* grega, endereçada a seus pares: os gregos de Alexandria.

Considerada desde sua fundação, em 331, por Alexandre, o Grande, como o centro do Helenismo, Alexandria tornou-se muito cedo “um gigantesco empório industrial e comercial. Suas instituições de ensino superior eram um modelo de organização; cultivavam-se ali com raro brilho a filosofia e as ciências da natureza. O Museu e o Sarápio podiam gloriar-se de

possuir duas das mais amplas bibliotecas da antiguidade.”<sup>92</sup> Na Época Imperial, gregos, romanos, judeus e cristãos conviviam com os cultos egípcios, e o templo de Sarápis ainda dominava toda a metrópole. Os aspectos cultural, cosmopolita, liberal, tolerante e hospitaleiro de Alexandria eram cantados em prosa e versos e marcaram definitivamente a história de seus soberanos. Além disso, um certo caráter dissoluto, próprio de uma cidade aberta e portuária, conferia-lhe um ar de luxúria e exotismo que muito atraía visitantes, intelectuais e migrantes de toda espécie. Um dos testemunhos mais interessantes, porquanto irreverente, do *modus vivendi* dos alexandrinos é o que se encontra no *Mimo* I de Herondas, poeta do século I d. C.:

Tudo quanto  
pode existir ou produzir-se na terra, encontra-se no Egito:  
fortuna, desporto, poder, céu azul, glória,  
espetáculos, filósofos, ouro fino, lindos rapazes,  
templo dos deuses adelfos, o rei tão bom,  
Museu, vinho, todas as coisas boas que se podem desejar,  
e mulheres, tantas mulheres”...<sup>93</sup>

Em meio a todo esse ecletismo e sincretismo religioso, Alexandria se prepara, no dizer de Daniélou e Marrou, para desempenhar, no fim do século II e início do III, um papel importante na história do cristianismo: o de ser o pólo da cultura cristã. “No nível [cristão] ordinário vemos os costumes cristãos, herdados da igreja primitiva, se libertarem de sua expressão judaica e assumirem o melhor do humanismo helenístico. [...] É em Alexandria que o cristianismo assume a herança da retórica e da filosofia antigas<sup>94</sup>”...

Um fato assaz importante sobre a difusão do cristianismo em Alexandria é a existência de duas realidades sociais: uma população camponesa que, apesar da helenização do Egito, falava o velho egípcio demótico e que só no século II criou o alfabeto copta,<sup>95</sup> através do qual se escreveram os livros gnósticos encontrados em Nag Hammadi; e um ambiente urbano onde se encontrava uma elite mantenedora da cultura greco-romana, que nos deixou uma vasta documentação a respeito do encontro entre fé cristã e racionalismo grego. É deste ambiente que sairá a ortodoxia dogmática. É deste e para este ambiente rico e erudito que Clemente elabora o seu *Protréptico*.

<sup>92</sup> BÖHNER & GILSON, op. cit., p. 33.

<sup>93</sup> [...]ta; ga;r pavnta,  
o{ss j ejsti;n kou kai; givnet j, ejvst J ejn Aijgvptw//:  
plou~toç, palaivstrh, duvnami[ç] , eujd h/, dovxa,  
qevai, filovsofoi, crusivon, nehivskoi,  
qew~n ajdelfw~n tevmenoç, oJ basileu;ç crhstovç,  
moushvion, oi'noç, ajgaqa; pavnq j o[s ja[n crhv/zh/ç,  
gunai~keç, oJ [k] ovsouç...

<sup>94</sup> DANIELOU & MARROU, op. cit., p.143.

<sup>95</sup> O alfabeto copta utilizava caracteres gregos para transcrever uma outra língua não-grega.

As palavras de Aristóteles, no Protréptico ao rei de Chipre, devem ter sido decisivas para o Mestre de Alexandria: “Todo homem se decide por aquilo que, da melhor maneira, se harmoniza com a sua natureza [...] Está claro que, de maneira semelhante, todo homem espiritualmente bem dotado se volta para a filosofia.”<sup>96</sup> Clemente - filósofo e cristão - mesmo sabedor da dificuldade de conciliar a fé cristã com a filosofia grega, escolherá o caminho tão dileto aos gregos para conduzi-los à conversão: “aquilo que melhor se harmonizava” com a natureza deles. Outro tópico relevante para o caráter argumentativo do *Protréptico* é o profundo conhecimento que o autor tem do momento e do ambiente em que vive. Parece que nada escapa a Clemente, no que concerne aos anseios espirituais e éticos de seus concidadãos. Em síntese, Alexandria era um “caldeirão” de seitas e correntes filosófico-sapienciais à época do *Stromateús*:

Havia, aí, junto aos cultos egípcio, greco-romano e judeu, uma comunidade cristã e, por conseguinte, um culto cristão. As origens desta comunidade são pouco conhecidas. Os primeiros cristãos do Egito são gnósticos; aí nasceu Carpócrates; aí ensinaram também Basilides e Valetim, e a presença de heréticos autoriza a supor a de uma igreja. Seja como for, havia certamente em Alexandria, até 190, uma escola cristã, cujo mestre era Panteno (+200), estóico converso, que parece nada ter escrito, mas a quem Clemente deve o melhor de sua formação. Além do mais, essa metrópole compreendia uma importante comunidade de judeus, oriundos da Diáspora, tão completamente helenizados que fora preciso traduzir para eles o Antigo Testamento do hebraico para o grego. Nesse ambiente havia nascido o alexandrinismo judeu, cujo representante mais importante fora Filon. Judeus e cristãos reclamavam igualmente como seu o Antigo Testamento; por isso se concebe que a *exegese* de Filon, carregada de elementos platônicos e estóicos, exercera considerável influência sobre o pensamento dos cristãos de Alexandria.<sup>97</sup>

Filon será, portanto, o grande mentor de Clemente e de outros apologistas favoráveis à síntese fé-razão, pois “surge no panorama da literatura helenística como pensador fecundo e intérprete ousado da Escritura; como homem de cultura sem fronteiras, situado entre dois mundos e firmemente empenhado na missão de expor e perpetuar a sua fé hebraica pelo recurso de uma linguagem e conceptismo de fundo helênico.”<sup>98</sup> Ele fora o primeiro erudito a elaborar uma síntese teológica entre judaísmo e filosofia grega. Para B. Mondin, a Filon se deve o mérito de haver fundado uma filosofia religiosa, que ele fizera nascer do “feliz conúbio” entre cultura grega e judaísmo; a Clemente, o de haver realizado um projeto similar para o cristianismo, ao usar imagens analógicas e a lexicografia mística dos gregos em prol de uma mística cristã, como bem exemplifica esta passagem de pura emoção e júbilo em que se vê um efeito esplêndido de inculturação da doutrina cristã no mundo grego:

<sup>96</sup> Protréptico de Aristóteles, B 40. Texto estabelecido por Ingemar Düring.

<sup>97</sup> ETIENE GILSON, op. cit., p.47.

<sup>98</sup> ALEXANDRE JÚNIOR, op. cit., p. 21.

Ó mistérios verdadeiramente santos! Ó luz diáfana! As tochas me iluminam para contemplar Deus e os céus, eu me torno santo pela iniciação; o Senhor é o *hierofante* e marca o iniciado, iluminando-o com o seu selo; ele apresenta a seu Pai aquele que creu, para que Ele o guarde eternamente.

Tais são as festas báquicas dos meus mistérios; se tu queres, recebe, tu também, a iniciação e tomarás parte no coro dos anjos em torno do Deus “que não teve nascimento e nem terá morte,”<sup>99</sup> do único e verdadeiro Deus, enquanto o Logos de Deus se unirá a nossos hinos. Este é o eterno Jesus, o único grande sacerdote do Deus único que também é seu pai; ele ora pelos homens e os exorta: “Escutai, tribos inumeráveis,” mais ainda aqueles dentre os homens racionais, bárbaros e gregos; eu chamo toda a raça humana, eu, que sou o criador pela vontade do Pai.<sup>100</sup>

Clemente deseja mostrar aos gregos que a nova fé é portadora de uma alegria que não tem fim, através da união mística com a divindade e da confiança em sua lealdade e filantropia - tópicos essenciais para o perfil do cristianismo, que tenta suplantar a tradição politeísta e sua concepção de divindade.

A adequação ao *auditório* é, de fato, a condição imperiosa para quem se propõe persuadir indivíduos concretos. Portanto, todo discurso que visa a uma *metánoia* tem por fim provocar ou reforçar a adesão dos ouvintes / leitores. Daí a necessidade de o *emissor* conhecer muito bem aqueles que pretende convencer e se colocar o mais próximo possível da realidade circundante, para que a argumentação se torne eficaz e, com isso, logre-se um *auditório universal* que é

constituído por cada qual a partir do que se sabe de seus semelhantes, de modo a transcender as poucas oposições de que tem consciência. Assim, cada cultura, cada indivíduo tem a sua própria concepção do auditório universal, e o estudo dessas variações seria muito instrutivo, pois nos faria conhecer o que os homens consideraram, no decorrer da história, *real, verdadeiro e objetivamente válido*.<sup>101</sup>

O autor do *Protréptico* tinha plena consciência do que significava argumentar frente aos gregos a respeito dos dogmas cristãos. Ele próprio reconhece que, para convencer seus pares, “a filosofia só não é suficiente, que venha também a poesia.”<sup>102</sup> Disso resulta a gama de informações, relatos e detalhes ligados à tradição religiosa e literária dos helenos que encontramos nos escritos clementinos. Muitos desses relatos, assim como fragmentos de poetas e informações sobre os ritos de iniciação têm, nas obras do *Stromateús*, a sua única fonte de registro. Destarte, ao lado do legado filosófico-cristão, há ainda esse patrimônio

<sup>99</sup> PLATÃO, *Timeu*, 52 A.

<sup>100</sup> *Protréptico*, XII 120, 2. Convém observar, neste passo, que Clemente concebe Jesus Cristo como o criador do universo. A esse respeito, J. QUASTEN observa que “la idea del Logos es el centro del sistema teológico de Clemente y de todo su pensar religioso. Sin embargo, el principio supremo del pensamiento cristiano no es la idea del Logos, sino la de Dios. Esta es la razón por la cual Clemente fracasó en su intento de crear una teología científica.” BAC (Patrología I), MCMLXI, p. 326.

<sup>101</sup> PERELMAN. *Tratado da argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 1999 (p. 37).

<sup>102</sup> *Protréptico*, VII 73, 1.

cultural que, não fossem o *kálamos* e a erudição desse apologista, ter-se-ia deletado para sempre da memória dos séculos.

### **O argumento lógico: a estrutura do discurso**

A retórica filosofante de Aristóteles forneceu, de maneira especial, aos eruditos da Segunda Sofística a possibilidade de lidar, a um só tempo, com o conceito retórico de persuasão e com o conceito lógico do verossímil, princípio *sine qua non* para a obtenção do efeito *ad hominem*. Ao tratar do estilo, o Estagirita define a *táxis* (*dispositio*) como sendo o modo pelo qual se devem ordenar as diversas partes do discurso (*lógos*). E, tendo-se em mente aquele princípio, deve-se começar sempre pelo *exórdio*, “que é o análogo retórico do prelúdio musical; depois disso, passa-se à *narratio* e, em seguida, apresentam-se os argumentos (*písteis*)”.

Parodiando Roland Barthes, poder-se-ia dizer que o estilo, em Clemente, é “o prazer da viagem”. Viagem pelos meandros da cultura e da psicologia dos helenos, que o faz deixar de lado a estrutura arquetípica dos discursos protrépticos e seguir, obediente, os preceitos da Musa helenística: agradar pelo *éthos* e arrebatado pelo *páthos*. O objetivo do *Stromateús* é chamar a atenção dos gregos para a “lógica” do cristianismo e seu sentido de Deus e de homem, é tocar a sensibilidade dos helenos e escandalizar o seu racionalismo e a sua arrogância diante da fé cristã:

Eu quero perguntar se não vos parece estranho que vós, homens, criaturas de Deus, que dele haveis recebido vossa alma, que sois inteiramente de Deus, sejais escravos de um outro senhor... [...] Quem, podendo ser filho de Deus, sente prazer em ser escravo? Quem, pois, podendo ser cidadão do céu, persegue o Érebo?<sup>103</sup>

A nova fé, para Clemente, é - ao contrário do politeísmo e suas práticas - a religião da misericórdia, da libertação da alma, portadora de uma nova ética e de um novo humanismo. Portanto, não há porque os gregos olharem-na com desconfiança. Aqui o autor apela para a emoção:

Ele, tendo misericórdia da grande ignorância e do endurecimento da alma daqueles que se tornaram pedras em relação à verdade, lançou uma semente de piedade, sensível à virtude, entre as nações oriundas das pedras e que puseram sua fé em pedras. [...] Pois a todos esses animais violentíssimos, a essas espécies de “pedras”, este cântico novo pôde transformá-los em homens civilizados. [...] Vede quão poderoso é o cântico novo: de pedras ele fez homens; de animais selvagens também fez homens. Aqueles que, de certa forma, estavam mortos, que não faziam

---

<sup>103</sup> Ibidem, X 92, 4.

parte da essência da vida, tão-somente escutaram este cântico e tornaram-se redivivos.<sup>104</sup>

Como todo discurso se dirige a um *auditório* e, no dizer de C. Perelman, “quem pronuncia um discurso persuasivo deve organizar bem o seu tempo e a atenção dos ouvintes, é normal que conceda a cada parte de sua exposição um espaço proporcional à importância que gostaria de ver-lhe atribuída na consciência dos que o lêem ou o escutam.”<sup>105</sup> É o que se vê na *Exortação aos Gregos*: no lugar de uma introdução à maneira de Aristóteles, Clemente faz uma longa e poética apresentação de Cristo, como o Logos de Deus encarnado. Este *introito* é, metaforicamente, um verdadeiro prelúdio musical, pois o cântico do Logos é tido como o preâmbulo de uma nova ordem. A escolha da música como *leitmotiv* para a introdução do *Protréptico* ressalta não apenas a idéia estoíca da harmonia universal, mas também a importância dessa arte como fator encantatório e persuasivo, no âmbito da cultura grega,<sup>106</sup> aqui usada como argumento retórico *ad humanitatem*:

O meu Êunomo<sup>107</sup> canta não à maneira de Terpandro, nem à maneira de Céprio, nem à maneira frígia, nem lídia, nem dória; ele canta segundo o modo eterno da nova harmonia, a que traz o nome de Deus, o *cântico novo*, o cântico dos Levitas, “que dissipa a angústia, suaviza a cólera e faz esquecer todos os males”: um remédio doce, verdadeiro e persuasivo, temperado pelo canto.<sup>108</sup>

A dimensão literária do discurso toma, por conseguinte, diversas formas, de acordo com a especificidade de cada tópico, assim como a relação com o auditório e a emoção do orador. Se tomarmos como paradigma o tão decantado *Protréptico* de Aristóteles, modelo

<sup>104</sup> *Protréptico*, I 4, 3 – I 5, 2.

<sup>105</sup> PERELMAN, op. cit., p. 163.

<sup>106</sup> A música exerceu um papel muito importante na cultura helênica. Estava presente em todas as manifestações públicas: nas festas religiosas ou profanas, no teatro, nos combates, nos banquetes, e também tinha função pedagógica. Raros e fragmentados são os trechos de partituras da música grega. O que permaneceu da música escrita não é suficiente para que se possa produzir sequer um exemplo mais consistente. Entretanto, muitas informações sobre a prática musical, os instrumentos, o sistema de organização da música dos antigos helenos chegaram até nós por relatos escritos, cenas representadas em vasos de cerâmica e em monumentos. Como toda a música da Antigüidade, a música grega era monódica (uma única melodia entoada em uníssono). Era uma música predominantemente vocal, freqüentemente com grandes coros (como os peãs de Apolo), mas que também usava instrumentos para acompanhamento em uníssono. Seu sistema era bastante desenvolvido e complexo, pois se baseava em sete escalas chamadas *modos*. Seus respectivos nomes provêm das regiões onde eram usados, quais sejam: o modo frígio, o lídio, o dórico, o hipodórico, o hipofrígio, o hipolídio, o mixolídio etc. Clemente contrapõe o cântico polifônico e universal do Logos – o seu Êunomo – aos modos musicais gregos, porquanto monódicos, e à música hebraica de Jubal, “o pai de todos os que tocam harpa e órgão” (*Gênesis* 4, 21), por sua mesmice. Cf. STEHMAN, Jacques. *História da música européia: das origens aos nossos dias*. Lisboa: Liv. Bertrand Russel, 1979; ZIEMERMAN, Nilsa. *A música através dos tempos*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1996; CANDÉ, Roland. *História Universal da Música*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

<sup>107</sup> O nome Êunomo, neste trecho, ganha, simultaneamente, as conotações de “Bom Modo” e “Boa Lei”, numa alusão direta ao Evangelho.

<sup>108</sup> *Protréptico*, I 2, 4.

exemplar do gênero, veremos, de imediato, quão distante está o de Clemente da estrutura habitual, fato que outorga a esta obra o caráter de uma inédita apologia.<sup>109</sup>

De acordo com o trabalho de W. Lowth,<sup>110</sup> podemos estabelecer o seguinte plano arquitetural para a *Protréptico* de Clemente:

- a) Capítulo I: Apresentação de Cristo como o Logos divino e seu cântico novo, que faz silenciar todos os cantores míticos gregos. Vê-se, aí, uma bela antítese envolvendo Cristo e Orfeu, ao lado de outros cantores míticos.
- b) Capítulos II, III e IV: A crítica negativa ao politeísmo e a suas práticas (oráculos, templos, idolatria, *mistérios* e sacrifícios) chega ao paroxismo.
- c) Capítulos V, VI e VII: Clemente critica a opinião de alguns filósofos e poetas a respeito de Deus.
- d) Capítulo VIII: Refere-se aos oráculos dos profetas do Antigo Testamento e, com especial eloquência, aos da Sibila.
- e) Capítulos IX, X, XI e XII: Parte claramente exortativa da obra.

Na parte final (capítulos IX, X, XI e XII), essencialmente exortativa, o autor retoma e desenvolve a sua tese: Os gregos devem aceitar Cristo, o Logos de Deus, e seus ensinamentos como a verdadeira filosofia.

### ***Apresentação do Logos e seu cântico novo***

No *exórdio*, Clemente apresenta a argumentação que constituirá o *essencial* do seu *Protréptico*: Jesus Cristo é o Logos de Deus. E, visando a atuar sobre a disposição anímica de seus leitores / ouvintes, com a finalidade de conquistá-los ou captar-lhes a benevolência, a atenção e, em última instância, exortá-los à conversão, o autor escolhe a ordem *homérica* ou *nestoriana* de apresentação dos argumentos: começar e terminar com argumentos fortes,

<sup>109</sup> O *Protréptico* de Aristóteles apresenta um esquema muito objetivo e claro:

1. Introdução
  - 1.1- Apresentação do destinatário
  - 1.2- Estabelecimento do tema central
  - 1.3- O que significa filosofar
2. Corpo apologético
  - 2.1- A filosofia é possível
  - 2.2- A filosofia é vantajosa
  - 2.3- A filosofia é fácil
  - 2.4- A filosofia é desejável
  - 2.5- A filosofia é útil
3. Conclusão
  - 3.1- A filosofia é, segundo a ordem natural, o objetivo último do homem.
  - 3.2- Na filosofia se encontra a felicidade.
  - 3.3- Deve-se filosofar ou dizer adeus à vida.

<sup>110</sup> Deve-se a Lowth a divisão do *Protréptico* de Clemente de Alexandria em 12 capítulos.

deixando no meio todos os demais. Com idêntico objetivo, apresenta-se a seleção de expressões familiares aos gregos que suscitam argumentos espontâneos, “pois a apresentação dos dados não é independente dos problemas de linguagem, posto que a escolha dos termos, para expressar o pensamento, raramente deixa de ter alcance argumentativo.”<sup>111</sup> Portanto, as idéias e os conceitos concernentes a Cristo não poderiam deixar de ser apresentados senão por meio do imaginário grego: ‘o logos divino’ (oJ lovgoç qei~oç), ‘o cântico novo’ (to; a/sma kainovn), ‘o logos celeste’ (oJ lovgoç oujraavnioç), ‘o bom médico dos corpos doentes’ (oJ ijatrovç ajgaqo;ç tw~n nosouvntwn swmavtwn), ‘o nobre agonista coroado sobre o teatro do universo’ (oJ gnhvsioç ajgonisthvç ejpi; tw/~ panto;ç kovsmou qeavtrw/ stefanouvmenoç), ‘o salvador sempiterno’ (oJ prow;n swthvr), ‘o demiurgo’ (oJ dhmiourgovç), ‘o mestre’ (oJ didavskaloc). Também se usam formas verbais próprias da lexicografia dos *mistérios*, a saber: ‘o que purifica’ (kaqarsivwn), ‘revela’ (ajpokaluvptei) e ‘inicia nos *mistérios*’ (ejpoptevetai).<sup>112</sup> Com esses epítetos metafóricos, Clemente tenciona enfatizar e completar o conhecimento que os gregos tinham acerca de Jesus, pois, como afirma PERELMAN, o papel da metáfora fica mais evidente em função da teoria argumentativa da analogia.

A importância das figuras de estilo na conduta da inteligência – especialmente a metáfora, concebida por Aristóteles como o traço de união entre a retórica e a poesia - é inegável, pois contribui, *a fortiori*, não apenas para as relações de similitude, mas também para a compreensão de conceitos quer reais, quer abstratos. A escolha, portanto, do *essencial* não poderia deixar de estar em conformidade com as tendências culturais do mundo grego; nada mais propício do que a idéia estóica ‘da harmonia universal’ (aJrmoniva tw~n pavntwn) e do ‘modo eterno’ (ajjvdion novmon), aqui representados pelo ‘cântico puro’ (to; a/vsma to; ajkhvraton) do Logos. O homem, por sua vez, ‘instrumento harmoniosíssimo de Deus’ (o[ganon tou~ qeou~ panarmovnion), é um microcosmo que, como o cosmo, é harmonizado pelo sopro divino. Tem-se aqui a equivalência como argumento gnosiológico.

De resto, Clemente se vale não apenas da idéia aristotélica de *prelúdio* retórico, mas também do contexto da própria mística: a música como agente propiciatório de comunicação entre o homem e a divindade. As alusões a Davi, como o citarista que, com sua música, desviava os ídolos, servem-lhe de argumento *ex autoritate*<sup>113</sup> para iniciar o seu *Protréptico*,

<sup>111</sup> PERELMAN, op. cit., pp. 168 e 171.

<sup>112</sup> O verbo **ejpoptevuw** significa vigiar; observar; presidir; velar por; chegar ao mais alto grau de iniciação nos *Mistérios de Elêusis*.

<sup>113</sup> Não esqueçamos que Clemente está criando um discurso teológico cristão a partir das Escrituras e da cultura grega. Para o cristianismo, a única referência de autoridade, além dos evangelhos, é o Antigo Testamento, a lei dos judeus, povo que, antes de tudo, tinha uma religião deveras monoteísta e não uma barafunda de deuses e ritos que se misturavam e perdiam a sua identidade. A confiança que os judeus tinham no seu deus único e a posse de livros sagrados que apontavam para uma cosmovisão consistente impressionavam positivamente outros

opondo Cristo - ‘o cantor’ (οΙ w/jdovς) que extingue a amarga escravidão imposta pelos demônios tirânicos e nos põe sob o jugo doce e humano de sua piedade’ - a Orfeu, ‘o sofista’ (οΙ sofisthvς),<sup>114</sup> e a outros cantores míticos que, com seus cânticos, operavam prodígios, como atestam aquelas canções que os gregos ainda cantam em coro. Para desenvolver essa grande antítese, Clemente busca, como *leitmotiv*, o mito de Êunomo da Lócria e a cigarra pítica e, com isso, vai construindo outras imagens antitéticas e metafóricas como base para a sua argumentação. A imagem dos gregos reunidos em Delfos, aplaudindo o treno do dragão, como diz a canção, parece ser uma alusão à decadência do politeísmo, cujo símbolo passa a ser este réptil, e Delfos, com seu famoso oráculo, o centro desta fé. A cigarra que, por sua vez, recebe o apodo de pítica - οΙ tevttix οΙ Puqikovς - nos conduz à Sibila,<sup>115</sup> profeta e poetisa, como nos mostra o próprio Clemente num passo mais adiante: “Que nos cante, agora, a Sibila, a primeira profetisa, o cântico da salvação” (VIII 77, 2). O dragão Píton, que era o emissor dos oráculos, não recebe o apodo de pítico, é apenas mencionado como “o dragão morto” e “o réptil”. Após discorrer sobre o mito de Êunomo e a cigarra pítica, o *Stromateús* ironiza a credulidade dos gregos:

Como pudesdes crer em lendas vãs e achar que a música pode encantar animais selvagens? Por outro lado, a face resplandecente e única da verdade, como me parece, apresenta-se diante de vossos olhos carregada de desconfiança.<sup>116</sup>  
 [...] Aquele trácio, Orfeu, mais o tebano e o metimnense parecem-me homens indignos dos homens; foram charlatães que, sob o pretexto da música, ultrajaram a vida e, possessos por uma artística magia que conduz à perda – celebrando os mistérios da violência e divinizando o luto –, foram os primeiros a conduzir os homens à idolatria. Sim, com pedras e madeira, isto é, com estátuas e pinturas, foram eles os primeiros a instituir o mais torpe dos costumes, constringendo esta bela liberdade dos cidadãos da terra à mais ínfima servidão, por meio de cantos e encantamentos.<sup>117</sup>

Depois de insultar a inteligência de seus concidadãos, o Presbítero de Alexandria se volta para o teatro, lançando objurgatórias contra os poetas trágicos que fazem da infelicidade humana assunto de suas tragédias: “Que se encerrem todos eles nos montes Hélicon e Citero, juntamente com a loucura dionisíaca e o coro dos demônios, e se voltem para Sião, a

povos.

<sup>114</sup> Embora a figura e, de certa forma, o mito de Orfeu tenham sido muito usados pela literatura e pela arte cristãs, Clemente não o aproxima da figura de Cristo. Orfeu será sempre o “charlatão”, o sofista, aquele que, com sua música, levou os homens à idolatria, ao contrário do rei Davi.

<sup>115</sup> A Sibila de Cumas, por não atender aos desejos sensuais de Apolo, fora transformada, por este deus, numa cigarra imortal. No capítulo VIII 77, 2 do *Protréptico*, Clemente se refere à Sibila com os seguintes termos: “Que nos cante, pois, agora, a Sibila, a nossa primeira profetisa, o cântico da salvação”... (**Aujtivka gou~n hJ profh~tiç hJmi~n a/jsavtw prwvth Sivbulla to; a;;/sma to; swthvrion:**). Há toda uma simbologia latente nessa imagem da cigarra que, por sua vez, implica Apolo, o deus da *mântica*, o Pítico, e a judaico-cristianização da Sibila como porta-voz do Espírito Santo.

<sup>116</sup> *Prot.*, I 2, 1.

<sup>117</sup> *Ibidem*, I 3, 1.

montanha de Deus.” Ao coro trágico e à “loucura báquica” – “o coro dos demônios”- ele apresenta o coro dos profetas e dos anjos; às *oreibasíai* heliconianas e citerônias dos bacantes, a subida ao monte Sião, sobre o qual descerá a “verdade”:

[...]Mas, em verdade, os espetáculos teatrais e os poetas dos concursos das Linéias, já completamente embriagados, quando coroados de hera e estranhamente enlouquecidos pela iniciação báquica, encerremo-los com os sátiros, o tíaso das Ménades e o resto do coro dos demônios, no Hélico e no Cítéro do passado; façamos descer do alto dos céus, sobre a montanha de Deus, a verdade juntamente com a luminosíssima sabedoria e o santo coro dos profetas. Que esta verdade brilhe até o mais longe possível com sua luz radiante e ilumine de todas as partes aqueles que estão mergulhados nas trevas, que liberte os homens do erro, estendendo sua mão direita toda poderosa – a inteligência – para a salvação deles; os que se irão livrar e levantar a cabeça, irão abandonar o Hélicon e o Citero para habitar Sião: “Pois de Sião sairá a Lei, e de Jerusalém o Logos do Senhor”, Logos celeste, o verdadeiro vencedor coroado no cenário do universo.<sup>118</sup>

Com essas imagens, o autor elabora uma síntese eloqüente de suas convicções teológicas, para opor-se à trajetória mística dos helenos, fazendo com que emoção e razão se juntem numa eficiente estratégia que tocará, a um só tempo, a sensibilidade, a jactância e a inteligência dos gregos. Não sendo o homem apenas razão, a convicção intelectual só não basta; é preciso apelar também para a sua carga emotiva, já que esta desempenha um papel decisivo no processo integral de persuasão. Ao recorrer ao Antigo Testamento e à tradição cultural helênica, Clemente tenta, por meio do entrecruzamento de forças, atingir seus objetivos, pois, como um verdadeiro rétor-filósofo, o autor do *Protréptico* é o somatório de uma tríplice realidade convergente - natureza, conhecimento e prática -, como se pode observar neste passo em que, fazendo alusão aos seguidores do culto de Dioniso, *os bacantes*, traça, metaforicamente, o perfil do neófito cristão, o novo *mýstes*:

[...] Mas se tu desejas verdadeiramente ver Deus, toma parte nas cerimônias purificadoras dignas de Deus, não com folhas de loureiro e cintas bordadas de lã e de púrpura, mas coroado de justiça e com a fronte cingida de folhas de temperança, ocupando-te piedosamente de Cristo.<sup>119</sup>

Vê-se, aqui, a “novidade cristã” absorvendo a realidade grega e se tornando, em seguida, uma religião misteriosófica. Por outro lado, os objetivos soteriológicos da doutrina cristã são apresentados como um argumento radical contra os gregos, pois, como seus antecessores, o cerne da argumentação de Clemente é opor a imoralidade, a crueldade dos ritos e sacrifícios da tradição religiosa ancestral à ética cristã, que tinha de se fazer a religião da inteligência, da luz, da filantropia e da redenção: “O que quer, então, o Logos de Deus com seu cântico novo? Abrir os olhos dos cegos e os ouvidos dos surdos, conduzir os paralíticos e

<sup>118</sup> Ibidem, I 2, 1- 2, 2.

<sup>119</sup> Ibidem, I 3, 1.

os errantes à justiça, mostrar Deus aos homens insensatos.” A resposta a essa indagação retórica faz os gregos se reconhecerem, metaforicamente, cegos, surdos, errantes e corruptos, portanto, ética e filosoficamente “inferiores” aos cristãos:

Nós podemos dizer, pois, agora, que só o cristão é piedoso, rico, sensato, nobre e, por isso, uma imagem semelhante a Deus; nós podemos dizer e crer que, tornados pelo Cristo Jesus “justos e santos com a inteligência,” somos também semelhantes a Deus.<sup>120</sup>

Clemente encerra o capítulo I com imagens e termos próprios dos *mistérios*: Cristo é o *pontifex maximus*, o *mistagogo* do verdadeiro e único Deus, pois “ninguém conhece Deus senão o Filho, e aquele a quem o Filho O revelou. Esta porta, fechada até agora, aquele que a abre revela, em seguida, o que está no interior e mostra o que, antes, não se podia conhecer ...”<sup>121</sup>

### ***A refutação ao politeísmo e às suas práticas***

Na história do espírito é raro que, ao lado da dissolução, não recomece a reconstituição; a refutação, às vezes, não se torna convincente senão pela afirmação ou confirmação. Não se é de admirar, portanto, que a mais eficiente estratégia dos apologistas cristãos tenha sido a de demolir os valores religiosos do politeísmo para, em cima de seus escombros, recriarem novas formas de transcendência a que denominaram de verdadeira filosofia, gnosticismo ortodoxo, doutrina cristã. E aqui repetimos as percucientes observações de Bruno Snell (1955):

Já que o espírito se formou na história, não é possível espírito sem tradição: só na tradição, e em contato com ela, pode o espírito se desenvolver. É, portanto, condição da história viva do espírito que as velhas formas sempre retomem nova vida e se transformem, em seguida, em si mesmas.

Refutar a inconsistência do politeísmo greco-romano já era uma prática filosófica. A idéia platônica de um deus cósmico - imanente à natureza, ao qual se pode chegar pela contemplação - e a doutrina do *demiurgo* haviam de determinar toda a especulação posterior. O problema da infabilidade de Deus será o fundamento da doutrina paulina do deus desconhecido, posto que, *in limine*, eram dois os problemas religiosos que absorviam a preocupação do homem helenístico-romano: 1) a elaboração de um conceito de Deus o mais puro possível; 2) a aproximação do homem a Deus. E para fugir das concepções vetustas - a homérica e a dos poetas porta-vozes da aristocracia -, todas as correntes eram unânimes em distanciar, o máximo possível, Deus do mundo sensível. Contudo, o abismo que passa a

<sup>120</sup> Ibidem, XII 122, 4.

<sup>121</sup> Ibidem, I 10, 3.

existir entre a divindade e o homem é povoado por uma série de hierarquias cósmicas (daivmoneç) que lhe permitem acesso a um percurso menos abrupto. Esta série infinita de *daímones*, seres que, segundo Platão, são superiores aos homens e servem de liame entre a divindade e o mundo sensível, passarão a se identificar com os mensageiros do deus hebraico e serão denominados pelos cristãos de “anjos” (a[ggeloi), ao passo que o termo “demônios” (daivmoneç), para os apologistas cristãos, restringir-se-á aos anjos que se rebelaram contra Deus e que “implantaram na terra a idolatria.”<sup>122</sup> Todo esse amálgama filosófico-teológico servirá de base para o “arsenal apologético” cristão, pois o cristianismo carecia de embasamento filosófico e a filosofia grega não podia deixar de ter um sentido histórico-espiritual, ao menos para os filósofos cristãos.

Em contrapartida, os estratos sociais mais baixos, que não “tinham tempo” para elucubrações metafísicas, buscavam o imediatismo nas divindades mais exóticas possíveis, porquanto menos gastas. De certa forma, a superstição, a magia, o espiritismo, o fetichismo e o misticismo astral estão na ordem do dia de todas as classes sociais; a busca por uma resposta metafísica era comum entre os espíritos mais ilustrados que se sentiam perdidos em meio a tanta especulação; o próprio Clemente nos relata, em seus *Strómata*, suas inquietações e suas viagens em busca da “verdadeira filosofia”. Mas é Apuleio, um iniciado nos *mistérios* de Ísis, quem nos oferece maiores detalhes a respeito dessas inquietações que se apoderavam da mente dos eruditos na derrocada do politeísmo: “Eu jazia nas trevas e na noite cega e ondejava oscilante e incerto no mar agitado do mundo, preso a coisas incertas, ignaro de minha vida, longe da verdade e da luz” (*Met.* XI, 5).

Incontestavelmente a parte mais interessante e significativa da tradição religiosa dos gregos eram os *mistérios*.<sup>123</sup> E é justamente por eles que todos os apologistas começam a

<sup>122</sup> Clemente enquadra os deuses gregos em duas hierarquias de demônios: os grandes demônios e os secundários (os semideuses): “É evidente que os grandes demônios são mais venerados que os demônios secundários. Dentre os grandes demônios estão Apolo, Ártemis, Leto, Deméter, Perséfone, Hades e o próprio Zeus.” *Protréptico*, II 41, 2. São Justino é um dos primeiros apologistas a tratar da questão dos anjos. Ele afirma que estes são seres que cuidam dos seres humanos, desde o céu, e possuem um corpo semelhante ao humano, apesar de sua natureza espiritual. A queda de muitos desses anjos deve-se ao fato de terem tido relações sexuais com mulheres, deixando-se vencer pela volúpia. Dessa união nasceram os demônios que, até a segunda vinda de Cristo, se empenharão em extraviar e seduzir o homem. Cf. JUSTINO. *Apologia* I e II. Madrid: BAC, MCMLXI.

<sup>123</sup> Os mistérios eram associações fechadas, às quais se era admitido depois de um longo período de iniciação. Os candidatos deviam jurar manter o segredo revelado. Este juramento era ordinariamente mantido, pois a traição expunha o indivíduo a sérios perigos. É a partir dos escritos cristãos que se conhecem as doutrinas secretas. A iniciação possuía diversos graus e passava por provas de diversos gêneros. Era comum, no final da época imperial, pessoas se iniciarem em vários mistérios e viver em harmonia com todos eles. Dentre as religiões misteriosóficas, o mitraísmo foi a que mais se aproximou do cristianismo, chegando mesmo a rivalizar com este. Mitra era um antigo deus persa, protetor de todos os homens, deus da luz, o celeste mediador entre o deus inacessível, que reina na esfera eterna, e o gênero humano; é condutor dos mortais através dos sete céus até à sua purificação. O mundo se acabará em chamas, mas Mitra ressuscitará os mortos dando aos seus a imortalidade pelo espírito e pela carne. O cálice e o pão faziam parte do culto mitraico. O paralelismo com a eucaristia cristã era tão evidente que os padres da Igreja acusaram o mitraísmo de imitar os ritos cristãos. A solenidade principal

“bombardear” o politeísmo, posto que a doutrina que esses *mistérios* postulavam era um conhecimento de Deus – uma *gnôsis* (gnw~~siç) - fundado na revelação, na predicação mística e não sobre a razão, por meio de alegorias sacras, veículos de teorias inacessíveis aos profanos; era mister esvaziá-los para provê-los de um novo conteúdo. Além do mais, a capacidade simbiótica que esses cultos iniciáticos apresentavam permitia a seus teólogos associarem e absorverem as múltiplas tendências existentes, pois todos pensavam Deus de forma monística, como uno-todo reverberando em infinitas manifestações. É o que se vê, *exempli gratia*, no final do Império, com o culto de Ísis a absorver todos os cultos da natureza, e, nos estratos mais ilustrados, o *corpus hermeticum* a sintetizar todas as tendências místicas desta época que convergiam para a infabilidade de Deus, só acessível por meio do êxtase místico. Portanto, os *mistérios* seriam a melhor via de acesso para a compreensão e aceitação dos arcanos difundidos pela fé apostólica, pois, sob o olhar dos próprios cristãos, o cristianismo foi uma seita misteriosófica vinda do Oriente, e os escritores cristãos reconhecem a dependência de sua doutrina em relação aos *mistérios*. Convinha, pois, obliterar-lhes todo o aspecto “negativo”, porquanto incompatível com a nova crença, e acrisolar o compatível.

Depois da eloqüente apresentação do Logos, Clemente começa, no capítulo II, a criticar sardonicamente o lado obscuro, imoral e irracional do politeísmo. Faz uma rápida observação sobre certos oráculos famosos no ecúmeno helenístico-romano, como o de Zeus em Dodona, nas areias do deserto, o de Delfos e outros mais, com seus mananciais proféticos que não passam de ilusões diante do Verbo de Deus encarnado e seu cântico novo:

Abandonai aos velhos mitos um velho tronco de carvalho, venerado pelas areias do deserto, e o oráculo que ali mesmo se deteriora juntamente com esta própria árvore. [...] Narram-nos ainda a respeito de outros oráculos, ou seja, de lugares de delírios, oráculos inúteis, o de Claro, o de Píton, o de Dídimo, o de Anfiareu, o de Apolo... [...] Que se abandonem, pois, às trevas os *telestérios* egípcios e a necromancia dos tirrenos! Loucura tudo isso, como verdadeiramente são os sofismas dos homens incrédulos e as casas de jogos de pura ilusão.<sup>124</sup>

Embora a estrutura discursiva de Clemente siga o impulso da emoção, podemos entrever um certo esquema ou, antes, um determinado critério para a refutação do politeísmo nessa segunda parte do *Protréptico*:

1. Aos oráculos e mananciais proféticos dos gregos se opõem os profetas do Antigo Testamento, a Sibila e João Batista, a voz precursora do Logos, voz que estimula à coragem e direciona à salvação, voz que exorta à herança dos céus (hJ fwnh; provdromoç tou~~ lovgou, tinha lugar a 25 de dezembro, festa do nascimento de Mitra. As iniciações começavam na primavera, o iniciado devia se submeter a sérias provas e passar por sete graus. O mitraísmo foi a mais elevada das religiões sincréticas do final do Império Romano, e o imperador Constantino, o Grande, foi um de seus seguidores.

<sup>124</sup> *Protréptico*, II 11, 3.

fwnh; paraklhtikhv, proetoimavzousa eijç swterivan, fwnh; protrevpousa eijç klhronomivan oujranw~n).<sup>125</sup> Essa voz, ao contrário dos oráculos de Zeus e de Apolo, que fenecem nas areias do deserto, fez a *estéril* conceber e o *deserto* dar frutos.

2. Os *mistérios* orgiásticos, por sua vez, que veneram a impudicícia, o incesto, o crime, a libertinagem, o primitivismo das *homofagias* representam o lado mais obscuro e irracional da mística grega. Segundo Clemente, estas práticas teriam sido implantadas por embusteiros como Dárdano, Eécio, Midas, Cínicas, Melampo. E metonimicamente os esconjura: “Maldito seja, portanto, o primeiro que implantou esta fraude entre os homens... Eu diria mesmo que todos esses foram a causa primeira do mal: pais de mitos ímpios e de uma superstição funesta, semente do vício e da corrupção – esses *mistérios* – implantados na vida humana.”<sup>126</sup>

2.1. O próximo passo é desmascarar o conteúdo inconsistente e derrisório “das coisas secretas” e a imoralidade dos símbolos desses *mistérios*:

2.2. Nos *mistérios* de Afrodite, a Filomédea, “a nascida das genitálias” de Urano, os iniciados recebem, como símbolo, um grão de sal, um bolo em forma dum falo e uma moeda para oferecer à deusa - a “cortesã”.

2.3. Os *mistérios* de Deo / Deméter celebram uma série de incestos entre Zeus, Deméter e Perséfone, cujos símbolos são os testículos de um carneiro e uma serpente que é introduzida no seio dos iniciados. Em Elêusis, os atenienses celebram a errância e a tristeza de Deméter em busca de Perséfone. É aí que Baubo, com a intenção de aliviar o coração de Deméter, levanta as vestes e lhe mostra as partes licenciosas. Deméter se alegra com a cena e aceita beber o *cíceon*, a bebida mística dos iniciados nos *mistérios* de Elêusis. Clemente vai mais além e apresenta as palavras secretas - o *suvnqhma* – o passe dos iniciados, como sendo o cúmulo da estupidez: “Eu jejuei, bebi o *cíceon*, retirei de dentro da corbelha; após ter agitado, depusitei-o dentro dum vaso, e do vaso na corbelha.”<sup>127</sup>

2.4. As *orgias* dionisíacas e os *mistérios* órficos reverenciam a morte cruel do infante Dioniso, despedaçado pelos titãs. Com esse relato e muitos outros, os apologistas apelam para a natureza dos deuses gregos que não eram nem filantrópicos, nem onipotentes,

<sup>125</sup> Ibidem, I 9, 2.

<sup>126</sup> Ibidem, II 14, 1.

<sup>127</sup> Clemente de Alexandria é o primeiro escritor grego a mencionar o *synthema* (*suvnqhma*) dos *Mistérios* de Elêusis. Hipólito de Roma (+ c. 235), em sua *Refutatio omnium haeresium* V, 8, também se refere aos cultos místéricos e relata a cena do *iJero;ç gavmoç* (união sagrada) de Zeus e Deméter, que a impotência do hierofante – esterilizado à base de cicuta – reduzia a um simulacro de união sexual com a sacerdotisa de Deméter. Neste momento, os *mýstai* (os iniciados) pronunciavam as palavras *uJetivze kai; kuve* (chove e gera); logo após vinha a proclamação do hierofante: “A augusta Brimo engendrou o sagrado Brimos, a forte engendrou o forte”. Clemente se refere a esse detalhe que envolve os *Mistérios Eleusinos*, no *Protréptico*, como um abominável ato de violência.

tampouco oniscientes, pois Zeus não foi capaz de prever o crime hediondo cometido contra seu filho Dioniso.

**3.** Clemente parte para o exame da natureza dos deuses gregos e conclui que podem ter sido homens divinizados por seus súditos, em consonância com as teorias de Evêmero de Agrigento, Nicanor de Chipre, Diágoras e Hípon de Melos, e Teodoro de Cirene, todos considerados ateus pelos gregos, porque, segundo o autor, levaram uma vida sábia e tiveram uma visão mais penetrante do que o restante dos homens.

**4.** Se, por um lado, esses deuses não foram seres humanos, também não são deuses, pois lhes faltam a filantropia, a imutabilidade e a eternidade em que a onipotência e a existência são uma única coisa. Os deuses gregos foram criações de poetas e filósofos que, de diversas formas, introduziram a charlatanice entre os homens, deificando paixões e sentimentos.

**4.1.** Homero e Hesíodo foram os primeiros a engendrar as histórias desses seres pusilânimes, dissolutos, vítimas de paixões abjetas, submissos aos humanos, concupiscentes, que necessitam de alimento, que cochilam:

Está bem claro que esses vossos deuses eram não apenas escravos de suas próprias paixões, mas também carregavam o jugo da própria escravidão, antes mesmo daqueles que os lacedemônios chamavam de hilotas: Apolo na casa de Admeto; Hércules na casa Ônfale; Laomedonte teve, como empregados, Poseidão e Apolo, este último como servo inábil, sequer capaz de obter a liberdade...

[...] O próprio Zeus ignorou que Licaão de Arcádia, seu anfitrião, havia esquartejado seu próprio filho e lhe servido cozido como alimento.

Belo personagem, esse Zeus profético, protetor dos hóspedes e dos suplicantes, pleno de mansuetude, fonte de todos os oráculos, vingador de crimes! É muito antes o oposto: o injusto, o criminoso, o imoral, o sacrílego, o misantropo, o violento, o corruptor, o adúltero, o libertino! Ainda bem que esse Zeus só existiu enquanto homem; agora, até os vossos mitos – segundo me parecem – também envelheceram. Zeus não é mais dragão, nem cisme, nem águia, nem homem ardente de amor; não é mais o deus volátil, nem pederasta, nem apaixonado. [...] Procuras o teu Zeus? Então não te ocupes do céu mas sim da terra. Os cretenses falar-te-ão dele, junto aos quais está sepultado, como diz Calímaco em seus hinos: “Pois os cretenses, ó Senhor, construíram o teu túmulo.”<sup>128</sup>

**4.2.** Outra hipótese é a de que os deuses foram demônios misantropos que se alegravam com sacrifícios humanos: “...eles se saciam, de modo superlativo, com mortes humanas; e, caindo sobre cidades e povos, como epidemias, exigem libações atrozes:

Aristómenes de Messênia, a saber, degolou trezentos homens a Zeus Itometeu, acreditando oferecer um sacrifício tão grande quanto agradável; [...] O povo táurio, que habita as cercanias do Quersoneso táurio, imola imediatamente à Ártemis da Táurida todos os naufragos estrangeiros que eles capturam. Eurípides põe em cena em suas tragédias esses sacrifícios. [...] Erecteu da Ática e Mário de Roma

<sup>128</sup> Ibidem, II 37, 1 e 37, 3 e 4.

sacrificaram suas próprias filhas; o primeiro à Feréfata, de acordo com Demarato, em seu primeiro livro *Sobre as Tragédias*; e o segundo aos deuses tutelares, conforme narra Doroteu, no quarto livro de suas *Itálicas*.<sup>129</sup>

Clemente apresenta um colosso de relatos sobre sacrifícios humanos, superstições e crendices populares, a partir de obras de autores<sup>130</sup> que transitavam no mundo greco-romano:

Tu acreditas que estes fatos que te expomos são tirados de textos fraudulentos? Não reconheces, pois, teus próprios escritores, os quais eu trago aqui como testemunhas de tua incredulidade, vós, ó infortunados, que preenchestes toda a vossa vida com objetos ridículos e ímpios, tornando-a deveras impossível de suportar?<sup>131</sup>

5. Outro aspecto combatido pelos apologistas foram as estátuas dos deuses – os ídolos, que se iniciam com as primitivas *xóanas* de madeira, em épocas remotas, e chegam ao apogeu com as obras de Fídias e Praxíteles. Segundo Clemente, elas tinham menos significado que os animais e os elementos da natureza que os povos bárbaros veneram,

pois uma estátua nada mais é que matéria morta plasmada pelas mãos de um artista; para nós ao contrário, a estátua da divindade é uma concepção do espírito, não um objeto sensível, feito de matéria sensível. Espiritual e não-sensível é o único Deus verdadeiro. [...] Que se louve a arte, mas que ela não engane o homem, passando-se por verdade. [...] Fídias escreveu sobre o dedo de seu Zeus Olímpico ‘Pantarces é belo’; em verdade, não era Zeus que lhe parecia belo, mas sim seu amado. Praxíteles, por sua vez, como mostra claramente Posidipo, em seu livro sobre Cnido, ao esculpir a estátua de Afrodite Cnídia, deu-lhe a mesma fisionomia de Cratina, sua amante, para que os infelizes tivessem de adorar a amante de Praxíteles. Quando a cortesã Frine, natural de Téspias, estava em plena florescência, todos os pintores reproduziam seus belos traços nas estátuas de Afrodite, assim como, em Atenas, os escultores das estátuas de Hermes tomavam Alcibiades por modelo.

Fica a teu critério se queres também adorar as *hetairas*.<sup>132</sup>

<sup>129</sup> Ibidem, III 42, 3-7.

<sup>130</sup> MONDÉSERT e PLASSART, no estudo sobre o *Protréptico*, apresentam a relação das obras citadas por Clemente e seus respectivos autores. Segue-se a nossa tradução dos referidos títulos e seus respectivos autores: 1) *Origens* (**Aijtiva**), de Calímaco de Cirene; 2) *História da Argólida* (**jArgolikav**), de Demétrio de Falero; 3) *Em volta da terra* (**Gh~ç perivodoç**), de Eudócio; 4) *História de Delfos* (**Delfikav**), de Apeles; 5) *As paixões ou os belos* (**{Erwteç h} Kaloiv**), de Fânocles; 6) *O cocheiro* (**{Hnivocoç**), de Menandro; 7) *Assembléia dos taumaturgos* (**Qaumasivwn sunagwghv**), de Mônimo; 8) *Teogonia* (**Qeogoniva**), de Hesíodo; 9) *A sacerdotisa* (**Jlevreia**), de Menandro; 10) *Histórias* (**iJstorivai**), de Antíoco; 11) *História da Itália* (**jItalikav**), de Doroteu; 12) *Íon* (**JIwn**), de Eurípides; 13) *Ciclo* (**Kuvkloç**), de Dionísio; 14) *Poemas cíprios* (**Kuprika; poihtmata**), de autor anônimo; 15) *Fundações de santuários* (**Ktivseis iJerw~n**), de Heráclides; 16) *Usos e costumes bábaros* (**Novmima barbarikav**), de autor anônimo; 17) *Os regressos* (**Novstoi**), de Antíclides; 18) *Da Concórdia* (**Peri; oJmonoivaç**), de Pítocles; 19) *Sobre os mistérios* (**Peri; musthrivwn**), de Hicésio; 20) *De Cnido* (**Peri; Knivdou**), de Posidipo; 21) *De Chipre* (**Peri; Kuvprou**), de Filostéfano; 22) *História da Pérsia* (**Persikav**), de Diógenes; 23) *História de Samos* (**Samiakav**), de Olímpico; 24) *A história de Filopátor* (**Ta; peri; to;n Filopavtora**), de Ptolomeu; 25) *De Timeu* (**Ta; pro;ç Tivmaion**), de Pólemon; 26) *Das tragédias* (**Tragw/douvmena**), de Demarato; 27) *Histórias caldaicas* (**Caldaikai; iJstorivai**), de Beroso.

<sup>131</sup> Ibidem, II 39, 1.

<sup>132</sup> Ibidem, IV 53, 4-5-6.

A ação de Clemente sobre seus leitores é, portanto, uma agressão, posto que seu procedimento argumentativo, no dizer de Perelman & Olbrecht-Tyteka, é, acima de tudo, uma ação de um indivíduo sobre outros indivíduos com o objetivo de mudar-lhes as convicções. Daí a importância das provas (*pístis*) “que devem levar toda mente bem constituída a reconhecer a verdade.”<sup>133</sup> As citações de obras e de autores, o conhecimento profundo dos costumes religiosos dos gregos são a base da argumentação clementina, pois ele sabe que a adesão de pessoas a teses que se lhes apresentam não é um simples registro dos resultados conseguidos pela argumentação, uma vez que as teses adotadas podem ser remanejadas, modificadas, para que sejam harmonizadas com outras convicções. Por isso Clemente apela para os diversos setores da cultura grega para convencer os próprios gregos: “A filosofia só não é de modo algum suficiente, que venha também a nós a poesia que passa todo o seu tempo em torno da ficção”.

O espetáculo cultural que o *Stromateús* apresenta aos gregos como argumento é deveras digno de contemplação, pois, para os antigos, a argumentação devia propiciar uma espécie de visão, para que se chegasse à contemplação:

Estes são, pois, os arquétipos de vossa sensualidade; esta é a teologia da arrogância; estas são as lições de vossos deuses que praticam convosco a concupiscência. “Aquilo que se deseja, nisto se crê”, diz o orador ateniense.<sup>134</sup>

### ***A concepção monoteísta de alguns poetas e filósofos***

Clemente passa rapidamente em revista a tradição filosófica dos helenos, desde os pré-socráticos até Epicuro. Considera-os ateus e os trata com um certo desdém, principalmente os estóicos que, segundo ele, desonravam a filosofia: “Também não passarei em silêncio sobre aqueles do Pórtico que dizem que o divino se propaga por toda a matéria, mesmo a mais vil: eles desonram a filosofia!”<sup>135</sup> O autor da *Exortação aos Gregos* parece não perceber que, no capítulo I, emprega alguns princípios estóicos, como a permeabilidade do Logos, quando se refere à harmonia universal:

Este canto puro, que se difunde do centro até às extremidades e das extremidades ao centro, sustenta a harmonia do universo e ajustou este complexo não de acordo com a melodia trácia, semelhante àquela de Jubal, mas segundo a vontade paternal de Deus, aquela que David procurará com ardor.<sup>136</sup>

<sup>133</sup> PERELMAN & OLBRECHT-TYTEKA. *Retóricas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 370-371.

<sup>134</sup> *Protréptico*, IV 61, 1.

<sup>135</sup> *Ibidem*, V 63, 3.

<sup>136</sup> *Ibidem*, I 5, 2.

Aristóteles e seu emérito discípulo Teafrasto de Eresos são refutados rapidamente pelo autor do *Protréptico*, assim como Epicuro. Platão já merece alguns comentários: Clemente declara ter o filósofo ateniense recebido dos bárbaros a sabedoria (filosófica), embora o Mestre da Academia ocultasse esse fato. Mas o *Stromateús* afirma reconhecer os mestres de Platão e tenta desmascarar-lhe a egrégia sabedoria:

Donde vem, Platão, esta alusão à verdade? De onde [te] vêm subsídios para essa abundância de discursos em que vaticinas sobre a religião? - Das raças mais sábias dentre os bárbaros – diz ele. – Eu conheço, pois, teus mestres, embora desejaste escondê-los: a geometria aprendeste junto aos egípcios, a astronomia junto aos babilônios, dos trácios recebeste os sábios *mantras* (cantos encantatórios), os assírios também te ensinaram muitas coisas, mas para as leis, ao menos aquelas que são verdades também para a glória de Deus, os próprios hebreus [te] ajudaram<sup>137</sup>...

Mas não é Platão o legado mais importante da filosofia grega, para o autor da *Exortação aos Gregos*. Ele menciona Antístenes, que fala como um verdadeiro discípulo de Sócrates, e Xenofonte de Atenas, que foi inspirado pela Sibila dos hebreus. O filósofo estóico Cleante de Pédaso é outra personalidade que, no dizer de Clemente, apresenta uma teologia verídica, pois, para ele, Deus é bom, justo, santo e piedoso.

Os pitagóricos são os últimos a ser mencionados, e o Presbítero de Alexandria aprova *in totum* o conceito de Deus que eles apresentam. Em verdade, Pitágoras fez uma reforma do orfismo<sup>138</sup> e substituiu Dioniso, o deus da loucura e dos delírios orgiásticos, por Apolo, o deus da razão e da ciência, a fim de tornar possível, no dizer de Giovanni Reali, uma conjunção entre a sua seita e a filosofia. Isso era exatamente o que Clemente almejava, em relação ao cristianismo. E com um trecho de Pitágoras (*Sent. 35. Frag. Philos. Graec.*, I, 50) encerra ele seu comentário sobre os filósofos:

“Deus”, dizem eles, “é único e não está fora da ordenação do universo, mas nela, todo inteiro no ciclo inteiro, velando por tudo o que há de vir, misturando tudo nele, existindo eternamente, mestre de sua própria atividade, iluminador de todos os corpos celestes, pai de tudo, espírito de animação do ciclo inteiro, movimento de todas as coisas.”

<sup>137</sup> Ibidem, VI 70, 1.

<sup>138</sup> A vida órfica consistia em práticas ascetas (abstenção de carnes, de sacrifícios etc) e em rituais purificatórios que buscavam a liberação da alma e, por conseguinte, a sua transmigração. Os órficos foram os primeiros, na Europa, que, em meio à vida sempre alegre do mundo greco-romano, lançaram o grito “Fazei penitência!”. O inferno é uma criação dos órficos. O prêmio da alma purificada é a vida santa para sempre; os não-purificados devem passar por penas no inferno e retornar em novas existências sobre a terra. A concepção órfica do paraíso e do inferno foi, ao que parece, arquétipo para o cristianismo. Não havia templos órficos, e seus pregadores (sacerdotes) eram errantes que celebravam seus ritos em “casas sagradas”. À diferença de outros mistérios - como os de Elêusis, por exemplo - os mistérios órficos (ou as doutrinas pitagóricas) ostentavam uma gama de elementos filosóficos e morais. E isso interessava aos padres apologistas que pontificavam pela síntese fê-razão.

Depois dos filósofos, Clemente apela para os poetas, não apenas por ser um homem de letras, mas também por fidelidade aos preceitos platônicos e aristotélicos concernentes à teoria do discurso que enfatizavam a existência de uma relação íntima entre cognição e emoção.<sup>139</sup>

Orfeu, Arato, Homero, Hesíodo, Eurípides, o Pseudo-Sófocles e Menandro perceberam, segundo Clemente, que não podiam fazer grande coisa sem o *lógos* da verdade. Constrangidos por esta mesma verdade, os poetas se lançam a satirizar os deuses em suas obras. Primeiro Clemente reconhece que os poetas são os porta-vozes da tradição, depois afirma que, com o tempo, eles se deram conta de que se haviam enganado. O primeiro a reconhecer o erro foi Orfeu que, “após ter revelado os *mistérios* e enunciado a teologia dos ídolos, entoou a palinodia da verdade, mesmo tarde, entoou a palavra santa:”

Eu falarei àqueles a quem é permitido ouvir; profanos, diante de vós fechai as portas, todos igualmente; mas tu, Museu, filho da lua brilhante, escuta, pois eu vou revelar a verdade e que nada daquilo que é manifestado em teu coração, doravante, não te afaste da vida feliz. Olha para a palavra divina, sê fiel a ela, conduzindo, de coração, o invólucro inteligente; anda como é preciso sobre o sendeiro, olha para o único rei imortal do mundo. Ele é único, nascido dele mesmo, e deste único ser todas as coisas nasceram; nelas ele se move; nenhum dos mortais o vê, enquanto ele os vê a todos.<sup>140</sup>

Clemente acusa os gregos de se terem envergonhado da verdade. Se conseguiram vislumbrar, de maneira mais eficiente que os outros povos, algumas centelhas do Logos divino e entenderam algumas poucas verdades, por que motivo não chegaram ao fim? Certos poetas como Eurípides e Menandro se mostram dignos, no dizer de Clemente, da escola de Sócrates, ao ironizar os deuses.

Mas o verdadeiro caminho é apontado pela Sibila e pelos profetas dos hebreus. Desprovidas de pretensão estilística, as Escrituras são as rotas da economia da salvação. A Sibila é, portanto, a figura emblemática da síntese entre o judaísmo e a cultura helênica. Em seguida vêm os profetas, principalmente Jeremias, Isaías, Oséias e o patriarca Moisés como porta-vozes do Espírito Santo, ratificando a onipotência do deus judaico-cristão. Por outro lado, Clemente insiste no fato de que os gregos não se envergonham de persistir no erro, em face do cristianismo:

Não vos envergonhais de vos mostrar mais irracionais do que os seres irracionais, vós que passastes tantos anos na impiedade? Vós fostes crianças, depois adolescentes, depois efebos, depois homens sem ser jamais virtuosos! Respeitai ao menos vossa velhice; chegados ao ocaso da vida, tornai-vos sábios; ao menos ao fim da vida conheci Deus, para que este fim se torne o começo de vossa salvação.

<sup>139</sup> Cf. *Filebo* e *Fedro* de Platão.

<sup>140</sup> ORFEU, fragmento 246, citado por Clemente no *Prot.* VII 74, 4.

Envelhecei, se permanecerdes voltados para a superstição; rejuvenecei, se quereis atingir a verdadeira religião.<sup>141</sup>

### *O apelo do Logos*

Toda a estrutura do pensamento clementino se baseia na idéia de que a sabedoria de Deus é luz e é revelada pela inteligência. Esta idéia de luz que emana das bases do cristianismo perpassa toda a obra do autor, envolvida por um lirismo ímpar no âmbito da apologética: “Recebe o Cristo, recebe a faculdade de ver, recebe a tua luz.” (Apovlabe to;n Cristovn, ajpovlabe to; blevpein, ajpovlabev sou to; fw~~ς).<sup>142</sup> O *Protréptico* retoma, por fim, o cântico do Logos que resgata das trevas as almas endurecidas pela ignorância. Os gregos têm a inteligência obscurecida e são estrangeiros na vida de Deus, pela arrogância e pelo sarcasmo se submeteram a toda espécie de prática ímpia e imoral. Se nada nos impede de ouvir a voz da verdade e de aceitar a salvação, “por que servir ao Mal e não ao Bem?” “O Logos não se esconde de ninguém, é luz que brilha para todos os homens, não existem cimérios em relação ao Logos; apressemo-nos em direção à salvação.”<sup>143</sup>

Com a vinda do Logos, na concepção do autor, não há necessidade de escolas humanísticas, pois a filosofia já contempla toda a vida do homem; os demais princípios se aplicam apenas a questões restritas e ínfimas: “A filosofia, segundo a palavra dos antigos, é uma deliberação prolongada, que procura obter o amor eterno pela sabedoria.”<sup>144</sup> Mas o Clemente cristão, não o filósofo, logo infere que, como o desígnio de Deus é salvar todo o rebanho dos homens, Ele enviou o Bom Pastor.

Os apelos finais do Presbítero de Alexandria são tão místicos quanto poéticos: Que os gregos fujam de seus velhos mitos – de Cila e Caribde, do canto das sereias...- “Fujam, marinheiros meus companheiros, fujam dessas ondas, elas vomitam fogo; existe aí uma ilha do mal onde se amontoam ossos e cadáveres; uma jovem cortesã aí canta, é a volúpia que se diverte com uma música vulgar.”<sup>145</sup>

“Vem para cá, célebre Odisseu, grande glória dos aqueus;  
Atraca a tua nau, para escutar uma voz mais divina.”<sup>146</sup>

<sup>141</sup> *Prot.*, X 108, 2-3.

<sup>142</sup> *Ibidem*, XI 113, 2.

<sup>143</sup> *Ibidem*, IX 88, 2.

<sup>144</sup> *Ibidem*, XI 113, 1.

<sup>145</sup> *Ibidem*, XII 118, 2.

<sup>146</sup> *Odisséia*, XII, 184 sg.

O estratagema de Ulisses para ouvir o canto das sereias (a busca do conhecimento), como metonímia da inteligência grega, já se encontra em Platão (*Teeteto*, 176 A B), e Clemente o retoma, aqui, dando-lhe uma amplitude metaforicamente mística:

Navega para além desse canto, artesão da morte; basta que tu o queiras, e eis vencedor da perdição; preso ao madeiro, tu te livrarás de toda corrupção, o Logos de Deus será teu piloto, e o Espírito Santo te fará atracar nos portos celestes; então tu contemplarás o meu Deus, tu serás iniciado em seus santos mistérios, tu usufruirás dos bens secretos do céu...<sup>147</sup>

Unindo as extremidades de seu discurso – *introito* e *peroratio* -, conforme o padrão *nestoriano* ou *homérico*, o autor retoma a imagem da montanha sagrada de Sião, o palco consagrado aos dramas da verdade, em que o coro dos justos e dos anjos celebra a glória do verdadeiro Deus. Nesse passo, o adivinho Tirésias, personagem lendário e emblemático da religiosidade tebana, aqui tomado como metonímia dos seguidores de Dioniso – a grande oposição aos *mistérios* órficos - é exortado à conversão:

Vem a mim, ó ancião, tu também deixa Tebas, abandona a adivinhação e o culto de Baco, deixa-te levar pelas mãos da verdade; vê, eu te dou o madeiro para nele te apoiares; apressa-te, Tirésias, crê: tu verás! O Cristo brilha mais que o sol, ele que faz os olhos dos cegos verem; a noite fugirá para longe de ti, o fogo se amedrontará, a morte deixará de existir; tu verás os céus, ó ancião, tu que não vês Tebas!<sup>148</sup>

Diante de tudo o que foi dito, só resta apelar para a inteligência dos gregos: “Sejamos, pois, ambiciosos por belas coisas, sejamos seres humanos que amam a Deus, e adquiramos estes bens que são os maiores de todos: Deus e a vida.” Mas os gregos ainda não se decidiram entre o julgamento e a graça. Então Clemente põe em cena o *Lógos protreptikós*: “Escutai tribos inumeráveis, vós todos que sois racionais, bárbaros e gregos; eu conclamo toda a raça humana, da qual sou o criador pela vontade do Pai. Vinde a mim, a fim de receber vosso lugar sob as ordens do Deus único e do único Logos de Deus.”<sup>149</sup>

Clemente crer já ter falado demais e diz que, se assim o foi, foi por amor à humanidade, pensando em exortar os gregos ao maior dos bens: a salvação.

<sup>147</sup> *Prot.*, XII 118, 4.

<sup>148</sup> *Ibidem*, XII 119, 3.

<sup>149</sup> *Ibidem*, XII 120, 3.

CAPÍTULO IV

**O papel das citações de poetas gregos no *Protréptico***

*A citação tenta reproduzir na escrita uma paixão da leitura,  
reencontrar a fulguração instantânea da solicitação...*

(Antoine COMPAGNON)<sup>150</sup>

A rede de citações da Bíblia, dos Oráculos Sibilinos e de poetas gregos que Clemente nos apresenta como *písteis* para convencer os helenos, aponta-nos para o domínio de uma técnica que, desde Aristóteles, faz parte da concepção discursiva, pois serve, a um só tempo, de *ornatus* e *autoritas*. É o que o Presbítero de Alexandria busca nas citações: não só o charme da erudição, mas também o princípio mesmo da coerência textual, ao estabelecer um nexo de conformidade entre pensamento e expressão, e a autoridade de uma tradição que lhe assegure credibilidade. No caso do discurso protréptico de Clemente, esta credibilidade advém, antes de tudo, do monoteísmo judaico e sua Lei, dos sincréticos Oráculos Sibilinos, da mística neoplatônica e, em última instância, da própria tradição literária dos gregos, com seus poetas que, em certos momentos, foram sensíveis, segundo o *Stromateús*, ao apelo do Logos.

Não podemos olvidar que a Segunda Sofística, com sua cultura literária, fez dessa técnica uma prática imprescindível que, segundo Compagnon, se tornará a paixão da leitura, o fundo literário, o resíduo de cada escritor, pois

a imitação, a partir de Aristóteles, na Grécia e em Roma, é mais uma relação entre obras que uma imitação da natureza. *Oratio publicata res libera est*, diz o adágio que governa os comportamentos da escrita. A coisa dita, escrita, publicada, chega logo ao domínio público: é uma coisa, *res*, e não uma palavra, *verbum*, de autor. Todo mundo pode imitá-la sem que seja preciso homenagear um sujeito, pagar-lhe tributo.<sup>151</sup>

Clemente, no *Protréptico*, usufrui deste princípio com grande originalidade. Sua estratégia é a seguinte: uma vez feita a ablação, as citações são magistralmente enxertadas na enunciação, ora em forma de paródia, ora *ipsis litteris*, conferindo ao discurso coerência, amplificação e elevação, donde se deduz, também, o nível intelectual de seus leitores. Se, por um lado, as citações profanas atestam a cultura eminente do autor e, conseqüentemente, a sua autoridade, por outro, engendram um certo sentido histórico-existencial entre a filosofia grega e o judaico-cristianismo, como queriam alguns apologistas. Entretanto, o que mais nos chama a atenção, no que diz respeito às citações dos poetas, é o jogo sofisticado de que Clemente lança mão. Destarte, as suas citações têm, *a priori*, três funções:

<sup>150</sup> Op. cit., p. 23.

<sup>151</sup> Ibidem, p. 63-64.

- a) Convencer os gregos de que seus deuses e suas práticas místicas são deveras irracionais, portanto indignas de seu tão decantado racionalismo; que esses deuses e seus cultos são obras da imaginação dos poetas;
- b) Mostrar que os próprios servidores das Musas, os poetas, também tiveram laivos de “sensatez” e que, constrangidos pela verdade, acabaram por admitir o erro grego, mesmo aqueles que criaram os mitos, os deuses e glorificaram os *mistérios*;
- c) Provar que essa verdade sentida pelos poetas é o sinal da existência de uma “antiga aliança natural entre os homens e o céu, perdida na escuridão da ignorância, mas que, subitamente, de alguma parte, se alça, resplandecente para fora das trevas.” (*Prot.*, II 25,

Podemos depreender, a partir dessas três funções, que os trechos dos poetas, à medida que depõem contra o politeísmo, atuam em defesa do cristianismo, principalmente as citações tiradas dos poetas arcaicos.

### **Os poetas criaram os deuses e seus mitos**

Clemente elenca os principais poetas, começando pelo mítico “poeta dos ídolos”, o músico mágico, promotor da civilização e das artes da paz, o fundador do dionisismo.

#### ***Orfeu***

O primeiro poeta a ser mencionado e citado é Orfeu que, pelas palavras de Clemente, foi um dos primeiros a conduzir os homens à idolatria. Percebe-se aqui, de fato, entre os apologistas anteniceanos, uma relação muito difícil - paradoxal mesmo - de fascinação e repúdio pela tradição ancestral. Foi preciso uma grande capacidade de osmose cultural e um grande esforço de aceitação no âmbito das idéias e, principalmente, da mística, pois, como afirma GUTHRIE, Orfeu era, para os helenos, o profeta dos deuses, sua própria existência se prendia à fé que os gregos tinham nela. O mito de Orfeu representa, por conseguinte, a mais profunda concepção da transcendência helênica. É exatamente por meio de um hino órfico (frag. 52) que Clemente de Alexandria tenta deletar aquilo que a apologética cristã considerava imoral nos *Mistérios* de Elêusis: “Eu vos citarei os próprios versos do cantor da Trácia, para que tenhais o *mistagogo* como testemunha dessa indecência”:

“Tendo assim falado, [Baubo] levantou o seu peplo e mostrou,

de seu corpo, toda a parte que não convinha [mostrar];  
o menino Iaco, que lá estava, rindo, precipita a mão sob as partes  
íntimas de Baubo; a deusa, então, prontamente sorriu em seu  
coração; ela aceitou a taça colorida, na qual se achava o cíceon.”  
(*Prot.*, II 21, 1)

É notório que o combate aos *mistérios*, levado a cabo pelos apologistas, se fundamentava num único detalhe: a herança primitiva desses cultos orgiásticos, a saber, os objetos sagrados (ta; iJerav), os passes (ta; sunqhvmata) e a simbologia ritual (brinquedos infantis, falos, representações de casamentos secretos etc). Segundo BUTTERWORTH, Clemente não refutava a idéia geral dos *mistérios* nem seus ensinamentos, mas aquilo que se prendia ao primitivismo de suas origens. Ele provavelmente fora um iniciado e simpatizava com muitas dessas seitas secretas que, antes dele, homens como Sófocles e Cícero as tinham em grande respeito, pois eram a parte mais séria do politeísmo grego.

### ***Homero e Hesíodo***

Depois de Orfeu, vem Homero – a voz da tradição grega – atestar, com seus próprios versos, que Palas Atena e os demais deuses são demônios: “pois Homero, por maldade, honrava a própria Atena e os outros deuses, chamando-os de demônios”:

“Ela havia retornado ao Olimpo, residência de Zeus portador da égide,  
para junto dos outros demônios.” (*Iliada*, I, 221 e sg.) (*Prot.*, IV 55, 4)

Ares, o deus da guerra, é apresentado ironicamente como aquele que “foi honradíssimo pelos poetas,” mas execrado pelo próprio Homero:

“Ares, Ares, funesto aos mortais, sanguinário, assaltador de muralhas.”  
(*Iliada*, V, 31 e 455) (*Prot.*, II 29, 2)

Ao lado de Ares, está Afrodite, o símbolo do adultério na corte ambrosíaca. Versos da *Iliada* e da *Odisséia* ratificam a debilidade e a conduta nada exemplar destes deuses. Diante disso, Clemente se indigna e entrega a palavra ao aedo: “Ai de mim, que impiedade! [...] Canta-nos, Homero, com tua bela voz”,

“os amores de Ares e de sua Afrodite de diadema, seu primeiro  
encontro secreto na casa de Hefesto, e todos os dons de Ares,  
e o tálamo ultrajado do senhor Hefesto.” (*Odisséia*, VIII, 266 e sg)  
(*Prot.*, IV 59, 1)

Em seguida, o Alexandrino ataca a natureza mortal dos deuses, fazendo alusão aos Dióscuros: Os meninos de Zeus “foram homens mortais, caso se dê total crédito ao relato de Homero a respeito deles:”

“Estes, em verdade, a terra fecunda os cobria,  
lá mesmo, na Lacedemônia, em sua pátria querida.” (*Iliada*, III 243 e sg)  
(*Prot.*, II 30, 4)

Hesíodo também é convocado para reafirmar que “existem, sobre a terra que nutre inumeráveis seres, três miríades de demônios imortais, guardiões de homens mortais.” (*Trabalhos e os Dias*, 252 e sg.) (*Prot.*, II 41, 1)

Clemente põe, aqui, o sentido cristão da palavra *daímon* nos versos de Homero e de Hesíodo, para confundir as mentes propensas à nova fé e, por outro lado, ridicularizar o panteão helênico, pois estes dois poetas representam as fontes do imaginário religioso dos gregos. Nada do que Homero e Hesíodo disseram sobre os deuses se opõe à concepção grega de divindade. O jogo sofisticado dos apologistas torna, às vezes, derrisórias certas citações, porquanto deslocadas abruptamente de seu contexto e por evidenciarem um conseqüente anacronismo.

### ***Píndaro***

De Píndaro, Clemente cita alguns versos sobre Asclépio, o deus-médico, que, se tendo deixado seduzir pelo dinheiro para curar um homem rico, foi fulminado por um raio de Zeus: “Vós tendes, entre vossos deuses, um médico; mas este médico era amante do dinheiro: Asclépio era seu nome. Eu porei, agora, diante de ti, o teu poeta, o beócio Píndaro:”

“Ele também foi seduzido pelo esplêndido salário,  
ouro a reluzir em suas mãos, mas o Cronida lançou,  
contra os dois, o raio reluzente, precipitando-lhes o destino.”  
(*Pítica* III, vv 54-58) (*Prot.*, II 30, 1)

Nesta mesma *Pítica*, nos versos 47-53, Píndaro louva a excelência de Asclépio, como médico. Clemente omite essa parte positiva por razões óbvias, mas, no capítulo I 8, 2 do *Protréptico*, usa essas imagens pindáricas em relação ao Logos, chamando-o de “o bom médico dos corpos doentes” (οJ ijatro;ς ajgaqo;ς tw~~n nosouvntwn swmavtwn).<sup>152</sup>

<sup>152</sup> Píndaro: “Todos aqueles que vinham a ele, portadores de úlceras no corpo, feridos em qualquer parte pelo bronze polido ou pela pedra de arremesso, o corpo devastado pelo ardor do verão ou pelo frio do inverno, ele livrava cada um de seu mal, quer curando-os por doces encantamentos, quer lhes dando poções curativas, quer aplicando em seus membros toda espécie de remédios, quer, enfim, curando-os por meio de incisões.” (*Pítica* III, vv. 47-53)

Clemente: “[O Logos] canta para os outros, assim como um excelente médico que, dentre os corpos doentes, cobre uns com cataplasmas, limpa e banha outros, intervém com o ferro, cauteriza aqui e ali, mais adiante amputa com a serra os membros de alguns, quando ainda é possível salvar o homem como um todo ou uma de

## Os poetas gregos são convocados para refutar o politeísmo

Depois dessa apresentação negativa da criação dos poetas, o *Stromateús* afirma que alguns deles, “constrangidos pela verdade”, admitiram ter errado. Clemente forja uma espécie de continuidade da tradição monoteísta, embora titubeante, por intermédio de Hesíodo, poeta arcaico, e de outros que transitaram entre o estoicismo e o orfismo, como Eurípides, Arato, o Pseudo-Sófocles e Menandro. Daí a existência de uma certa contradição inevitável, posto que a necessidade de justificar uma e outra coisa – o cristianismo e a cultura grega – deixou os escritores cristãos desse período numa situação dilemática, mas que tinha de ser solucionada, pois não havia lugar para a aporia.

### *Hesíodo*

O Poeta de Ascra volta, mas desta vez para testemunhar, digamos, um novo conceito de divindade:

“Ele é, pois, o rei e o soberano de todas as coisas: entre os imortais nenhum pode rivalizar com ele em força.” (frag. 195) (*Prot.*, VII 73, 3)

Com efeito, Hesíodo se refere a Zeus, mas Clemente manipula a citação em favor de seus interesses, afirmando que o poeta, “já sobre a cena, nos desvela a verdade.”

### *Orfeu*

Percebe-se que Clemente, como asseverou Butterworth, via nos ensinamentos dos *mistérios* algo muito sério e sagrado. Prova disso é a seleção que faz dos versos de um hino órfico. Aí, Orfeu não é mais “o poeta dos ídolos”, mas aquele que entoou “a palavra verdadeiramente santa”. Os versos atribuídos ao filho de Eagro são citados em toda a sua beleza e eloquência mística. O cristianismo não poderia deixar de lado essa espécie de profissão de fé tão em conformidade com a sua natureza:

“Ele é único, nascido dele próprio, desse único ser todas as coisas surgiram; nelas ele circula; nenhum dentre os mortais o vê, mas ele próprio tudo vê.” (ORFEU, fr. 246) (*Prot.*, VII 74, 5)

### *Eurípides*

Ao citar o fragmento 941 de Eurípides, diz o *Stromateús* que o poeta, ao olhar para o céu, exclamou:

---

suas partes.” (*Prot.*, I 8, 2)

“Considera isso como sendo Deus.”

Mais adiante, Clemente enxerta o fragmento 935, também de Eurípides, que evidencia idéias órficas na obra do tragediógrafo, mas que, aqui, são dissimuladas:

Vedes, nas alturas, este éter ilimitado  
que envolve a terra com seus braços úmidos?  
(*Prot.*, II 25, 3)

Noutra passagem, cita um trecho das *Troianas* (vv.884 e sg.), para justificar que o dramaturgo já tinha idéias a respeito da inefabilidade de Deus:

Ó suporte terrenal, tu que tens teu trono sobre a terra,  
o que quer que sejas, é-nos difícil contemplar-te.  
(*Prot.*, II 25, 3)

Dentre os poetas gregos, parece ser Eurípides o que mais atende aos objetivos demolidores de Clemente. Com este trecho abaixo, da tragédia *Íon* (vv. 442-447), o autor de *Exortação aos Gregos* se sente, por assim dizer, contemplado em seus intentos parenéticos:

“Como é justo que vós, que haveis fixado aos mortais  
suas leis, acusei-os de injustiça? Se os homens, um dia, - isso  
não acontecerá, eu farei, portanto, uma hipótese – vos castigarem  
por vossos amores desenfreados, tu, [Apolo], assim como Poseidão, e Zeus, que  
governa o céu, para pagar vossas iniquidades,  
será preciso esvaziareis vossos templos.”  
(*Prot.*, VII 76, 6)

### **Arato**

Natural da Cilícia, Arato (315-240 a.C.) foi poeta, astrônomo e filósofo estóico. Em seus *Phainόμενα* (*Os Fenômenos*), ele apresenta um quadro de conhecimentos a respeito da terra, dos corpos celestes, da meteorologia. *Os Fenômenos*, assim como o *Hino a Zeus*, de Cleante (331-232 a.C.), são as obras que exprimem com maior vigor a idéia de uma religião universal. Para N. Festa, Arato foi o modelo de poeta estóico. Apesar de afirmar que os estóicos “desonram a filosofia”, Clemente apresenta sua obra impregnada de idéias estóicas. Do poema de Arato - que se cinge a Hesíodo, trazendo um proêmio que celebra Zeus como princípio vital do universo -, o *Stromateús* apenas cita os versos que se adaptam às concepções cristãs e deixa de lado o restante:<sup>153</sup>

<sup>153</sup> Eis o poema, segundo a tradução de J.-P. LÉMONON, para o texto das Éditions du Cerf, Paris, 1985:  
“Que todo cântico comece por Zeus! Não deixemos jamais, ó mortais, seu nome sem louvor. Tudo está cheio de Zeus, as ruas e as praças, onde os homens se reúnem, e o vasto mar e os portos; em qualquer lugar a que formos, temos todos necessidade de Deus. Tanto é que somos de sua raça. E ele, como pai muito amoroso, dá aos homens sinais propícios, incita-os ao trabalho, lembrando-nos o cuidado com o pão de cada dia. Ele revela o tempo em que a terra está melhor para a aração dos bois e para o enxadão, diz quando a estação é boa para a terra

“Para que todas as coisas se produzam constantemente, é a ele que se deve louvar sempre em primeiro e em último lugar: salve, pai, grande prodígio, grande socorro para os homens.”

(Arato, *Phaen.*, 13-15) (*Prot.*, VII 73, 2).

### ***O Pseudo-Sófocles***

Sublimados são os versos atribuídos ao Pseudo-Sófocles (frag. 1025) que, como afirma o Mestre de Alexandria, “teve a audácia de apresentar, sobre o palco, a verdade aos espectadores”:

“Único em verdade, único é Deus,  
ele que criou o céu e a terra imensa  
e as ondas brilhantes do mar e a violência dos ventos;  
e nós, mortais, temos, inúmeras vezes,  
no desvairio de nosso coração,  
dedicado aos deuses, como consolação para nossos males, estátuas,  
imagens de pedras, de bronze, de ouro ou de marfim;  
nós lhes oferecemos sacrifícios e vãos panegíricos,  
e com isso acreditamos fazer atos de religião.” (*Prot.*, VII 74, 2)

### ***Menandro***

Eurípides e, agora, Menandro mostram-se, no dizer de Clemente, como verdadeiros discípulos de Sócrates, por testemunharem que, se o homem é um ser racional, atuar racionalmente é a conduta apropriada à natureza humana. Portanto, o fragmento 245 expressa bem a indignação do comediógrafo ateniense em face do barulhento culto à deusa Cibele, a Grande Mãe frígia, e por tentar confundir, segundo Clemente, “o orgulho ímpio desse erro”:

“Se um homem, com seus címbalos,  
leva Deus a fazer o que ele deseja,  
este que faz tal coisa é maior que Deus;  
mas tudo isso são instrumentos de audácia e de violência,  
inventados pelos homens.” (*Prot.*, VII 75, 4)

Por fim, o autor do *Protréptico* recorre aos Oráculos Sibilinos, como a primeira fonte da verdadeira sabedoria.

### **O sincretismo dos Oráculos Sibilinos**

---

ser afofada em redor das plantas e para a sementeira dos grãos. Porque ele fixou os sinais no céu, separando as constelações, e para o ano todo preparou o plano de uma seqüência de astros que possam indicar-nos, o melhor possível, o trabalho a fazer, para que todas as coisas se reproduzam constantemente, é a ele que se deve louvar sempre em primeiro e em último lugar: Salve, pai, soberano maravilhoso, poderoso benfeitor dos mortais, tu e a raça primeira. Salve, vós todas, Musas muito bondosas. Meu voto, à medida que é permitido, é dizer o quinhão dos astros: levei a termo o cântico todo.”

A Sibila, na mitologia grega, era uma sacerdotisa que emitia os oráculos de Zeus, assim como a Pitonisa os de Apolo. A partir do século VII a.C., surgem os Oráculos Sibilinos, e a Sibila<sup>154</sup> aparece como uma profetisa mítica, de idade sobre-humana, de origem oriental (possivelmente persa), cujos oráculos percorriam a Grécia, desde o século V a.C.. Com a Diáspora judaica no ecúmeno helenizado do século III a.C., os *Oracula Sibyllina* se transformam em propaganda anti-romana e recebem interpretações e conteúdos novos. As profecias da Sibila eram consideradas como testemunhos em prol do monoteísmo e

anunciavam muitas vezes o juízo universal com seus horrores e castigos e convocavam todos à conversão. O que os relaciona com a apocalíptica é a pseudonímia das imagens, a colocação fictícia num passado distante e os *vaticinia ex eventu*, visões gerais da história no futuro, que deveriam demonstrar a verdade de toda a profecia. Ao contrário dos apocalipses, que visavam a fortalecer os fiéis, os oráculos sibilinos se preocupam com a propaganda e defesa contra os de fora. Na segunda metade do século II d. C., os cristãos recebem do judaísmo esse gênero literário que na forma, nas temáticas e na intenção parecia muito adequado à luta e à auto-afirmação frente aos de fora.<sup>155</sup>

Clemente, como outros apologistas, apresenta a Sibila como porta-voz da sabedoria de Deus - profetisa e poeta - que “retira a máscara da turba dos deuses”:

“Vós andais na vaidade e no delírio e, tendo abandonado o caminho freqüentado e retíssimo, partistes por entre espinhos e agulhões. Por que errais, ó mortais? Parai, vaidosos! Abandonai as trevas da noite! Abraçai a luz.” (*Oracula Sibyllina*, frag. 1, 23-25 e 27) (*Prot.*, II 27, 4)

As citações dos Oráculos Sibilinos se tornam um precioso suporte argumentativo para os apologistas cristãos. Clemente faz uma bela seleção deles para se referir aos oráculos de Apolo, ao famoso templo de Ártemis em Éfeso e aos cultos religiosos próprios do Egito, que rapidamente se difundiram entre os gregos, na Pós-Antigüidade. As imagens escatológicas dos hebreus, imputadas a esses oráculos, ganham foros de discurso teológico e são usadas, com certa autoridade, para esconjurar o politeísmo e seus símbolos. As visões de destruição dos antigos templos passam a ter, para os cristãos, um duplo sentido: o fim de uma era e a vitória do cristianismo sobre o politeísmo. A beleza mística e poética que emana dos versos sibilinos parece exercer um certo fascínio sobre Clemente:

Como vosso mestre, citarei, portanto, a Sibila profetisa:

“Profetisa, não do falso Febo, a quem os homens fúteis chamam de deus e, falsamente, qualificaram-no de adivinho, mas do grande deus que não se plasmou

<sup>154</sup> A popularidade da Sibila fez surgir várias sibilas em lugares diversos: Cumas, Eritrêia, Delfos...

<sup>155</sup> H. DROBNER, op. cit., p. 51.

por mãos humanas, à semelhança dos ídolos mudos, em pedra talhada e polida.”  
(*Or. Sib.*, 4, 4-7) (*Prot.*, IV 50, 1)

Esta, em verdade, prevê a destruição dos templos, dizendo que o de Ártemis Efésia será tragado por fendas ctônicas e abalos sísmicos, a saber:

“Em escombros, Éfeso se lamentará, chorando sobre suas praias escarpadas, procurando seu templo não mais habitado.”  
(*Or. Sib.*, 5, 297) (*Prot.*, IV 50, 1)

O de Osíris e Sarápis, no Egito, - diz ela - será destruído e incendiado:

“Ísis, deusa três vezes infeliz, tu permaneces sobre as águas correntes do Nilo, solitária, errante, muda, sobre as areias do Aqueronte.”

Em seguida, diz mais adiante:

“E tu, Sarápis, recoberto de inúmeras pedras reluzentes, jazes como um imenso cadáver no Egito três vezes infeliz.”  
(*Or. Sib.*, 5, 484-485 e 487-488) (*Prot.*, IV 50, 3)

Por fim, Clemente se volta mais uma vez para Homero e se apropria do grito de Heitor quando este tentava reunir seus aliados (*Iliada*, XVII, 220): - *Escutai, tribos inumeráveis...* (“kevklute, muriva fu~~la”...). Com este apelo, o *Stromateús* tenta exortar todos os seres humanos, gregos e bárbaros, ao que ele considerava como a verdadeira filosofia. “...eu chamo toda a raça humana de que sou o Criador pela vontade do Pai.” (*Prot.*, XII 120, 3)

Percebemos que o papel da citação, no *Protréptico*, se baseia em dois processos: ligação e dissolução ou, se quisermos, continuidade e descontinuidade. Ora as citações aproximam elementos distintos e permitem estabelecer entre eles uma espécie de afinidade que visa a valorizá-los positiva ou negativamente um pelo outro; ora visam a dissociar, provocar rupturas, desunir elementos considerados solidários ou pertencentes a um mesmo sistema de pensamento. A partir dessa espécie de antilogia, filósofos e humanistas, como Justino, Clemente e Orígenes, com suas mentes mais abertas, conseguiram apontar para uma nova perspectiva ético-espiritual em que se imbricam elementos da cultura grega e o *kérygma* cristão.

A tradição literária dos gregos, ao lado da filosófica, foi a pedra de toque do discurso clementino. Um século e meio depois, Basílio de Cesaréia dirá que “se há alguma afinidade entre a literatura profana e a cristã, o conhecimento de uma e de outra seguramente só nos poderá ser útil. [...] Se somos sábios, tiraremos desses livros tudo o que pode nos convir, tudo o que se adequa à verdade.”<sup>156</sup>

<sup>156</sup> SAINT BASILE. *De la lecture des auteurs profanes*. Paris: Hachette, 1859, p. 18.

## CONCLUSÃO

Após a análise da *Exortação aos Gregos*, de Clemente de Alexandria, percebemos o grande dilema do autor perante os dois filões ideológicos de seu tempo: a doutrina cristã e a

cultura grega. Como cristão converso, sente-se no dever de demolir as práticas politeístas e declarar o cristianismo como sendo a verdadeira filosofia; como mestre cristão, tinha de convencer, pela fé, os menos cultivados; como erudito tenta converter os gregos cultos pela razão e pela emoção, pois como assevera Momigliano, “o cristianismo foi o maior desafio à inteligência grega,” e que, ao entrar no mundo helenístico, teve de enfrentar, também com os elementos da retórica grega, o seu maior desafio: o racionalismo grego.

Os gregos ridicularizavam a fé cristã e se sentiam ofendidos com os discursos dos cristãos e com a rejeição ao seu modo de viver. Celso e Porfírio rejeitaram sardonicamente os dogmas cristãos. Porfírio, por sua vez, submeteu a uma crítica impiedosa os livros sagrados sobre os quais os cristãos fundamentaram a sua crença. Essa crítica textual se equiparou a argumentos doutrinários para abalar a autoridade do cristianismo e arruinar, nos meios mais cultivados, o atrativo que ele podia exercer. Criaram-se, com essa polemização, um desprezo mútuo e circunstâncias funestas de perseguições e martírios que só foram sanados com o Edito de Constantino, com a promulgação do Estado Ortodoxo por Teodósio o Grande e, depois, com Justiniano, que fechou a Academia de Atenas, exilou os filósofos e bombardeou definitivamente o paganismo.

Clemente entendeu logo que não bastava a fé para convencer os gregos, pois implantar uma nova cosmovisão - com dogmas e valores espirituais e morais completamente outros - exigia uma argumentação que não renegasse de todo a herança ancestral. Seria mais fácil uma tentativa conciliatória, uma helenização da nova fé do que a demolição radical da cultura greco-romana em favor do cristianismo. Afinal, o cristão, segundo Clemente, tinha de ser um gnóstico, portanto precisava de uma base filosófica, e a filosofia, por sua vez, carecia de credibilidade não apenas diante dos gregos politeístas mas também das elites simpatizantes da doutrina cristã.

Ao estruturar o seu *Protréptico*, do ponto de vista formal e contedístico, Clemente não poupou as fontes de persuasão: razão e emoção. Com isso, a sua *Exortação aos Gregos* se tornou, também, um produto da junção da arte retórica, da poética e da mística, ou seja, a sua helenização foi a mais poética e a mais alegórica, sem deixar de fazer uso do decantado “arsenal apologético”. Para isso, podemos inferir que o *Stromateús* usou dois procedimentos em seu discurso protréptico: 1) demolição e 2) reconstrução.

#### 1) Demolição

Como todos os apologistas, Clemente tentou demolir a religiosidade dos gregos, atacando sarcasticamente os oráculos, os deuses e seus cultos, (os sacrifícios, os templos, os jogos atléticos, as estátuas dos deuses) e alguns tópicos dos *mistérios*.

Em seguida, atacou a literatura, através do teatro e da poesia, os filósofos e *modus vivendi* dos gregos. Isso fazia parte do “arsenal apologético”. Ele se apropriou dos comentários de Taciano, de Hérmiás e de outros apologistas que só viram o lado negativo da cultura helênica.

## 2) Reconstrução

Todas as demolições religiosas e culturais foram reedificadas, num segundo momento, por meio de citações de poetas e filósofos, que foram subitamente transformados em arautos da verdade; por intermédio de alegorias, paralelismos, comparações, metáforas e antíteses o autor estabeleceu o seu processo de substituição e de transfiguração, principalmente da religiosidade grega, como aconteceu com o tratamento dado, *a posteriori*, a certos tópicos dos *mistérios*, que foram, por assim dizer, adaptados e/ou transfigurados e se tornaram, ao lado do Antigo Testamento e dos Oráculos Sibilinos, os fundamentos do cristianismo primitivo.

Percebemos que o objetivo de Clemente, na *Exortação aos Gregos*, não é ainda o dogmatismo, mas sim uma relação de causa e efeito entre helenismo, cristianismo e a tradição religiosa dos hebreus, que, segundo suas convicções, pode ser contemplada tanto pela fé como pela inteligência. Ele “encaixa” a doutrina cristã na história do pensamento grego, ou, se quisermos, o pensamento grego na história da fé monoteísta dos hebreus, da qual o cristianismo seria o fim último. Muito contribui para isso o tratamento exegético que ele deu a certos episódios do Antigo Testamento quando os compara com a postura dos gregos. Ao lado das citações de poetas profanos, essa pesquisa exegética confere o maior traço de originalidade ao *Protréptico*. Como observou Puech, esta obra de Clemente “é o resultado de uma vivência plena, de um espírito mais discursivo que sistemático, mais moralista e místico que metafísico.”

Como já observamos acima, merece especial destaque o papel das citações de poetas e de filósofos gregos no discurso clementino. Com isso, o autor forja testemunhos que estabelecem um liame entre o pensamento religioso dos gregos e a fé cristã, ou seja, tenta mostrar que os gregos também perceberam a verdade, “apenas não foram até o fim”.

*Protrepitikòs pròs Hèllenas* representa, pois, no contexto da Patrística grega, o arquétipo da *inculturação* por que passou o cristianismo no mundo helenístico-romano: primeiramente houve uma *aceitação* (Clemente é um grego convertido), em seguida, uma *tradução* para a realidade grega (a teoria do Logos de Deus, proveniente de Filon, assunto do capítulo II),

depois uma *amplificação* e uma *estruturação* (os subsídios filosóficos e místicos da tradição politeísta são depurados e se inserem no contexto da nova fé, como vimos nos capítulos III e IV).

Enfim, para convencer as elites gregas de Alexandria de que o cristianismo é a “filosofia das filosofias”, Clemente lançou mão da arte retórica com algo mais que habilidade, com talento. O primeiro capítulo do *Protréptico* é uma espécie de metonímia de toda a obra. Aí ele pratica, a um só tempo, a demolição da religiosidade grega e edifica, com alguns fragmentos da demolição, as bases da doutrina cristã. As imagens de Cristo como a inteligência de Deus, sua encarnação, morte e ressurreição e seu cântico novo - a sua mensagem ético-espiritual - se opõem aos *mistérios* de iniciação, de maneira poética, por meio de metáforas, antíteses e símiles, assim como o monte Sião aos montes Hélicon e Citéron. Ao explorar, com muita originalidade e habilidade retórica, essas imagens, o escritor transforma o primeiro capítulo na parte mais importante e mais bem elaborada de toda a obra; vemos, portanto, aí, o paroxismo de sua helenização da fé cristã:

1. Concebe o cristianismo como a verdadeira filosofia, respaldada numa antiga aliança entre Deus e o homem;
2. Os *mistérios* pagãos foram suplantados pelos *mistérios* revelados por Cristo, o Logos divino, em sua encarnação;
3. O cristão é o novo *mýstes*, o verdadeiro gnóstico, aquele que tem ao lado da fé “a inteligência, que é a mão direita de Deus”;
4. Cristo é apresentado às elites cultas de Alexandria como o grande *mistagogo* e *hierofante* do Deus único;
5. Seu discurso está sob a égide da autoridade das Escrituras e da cultura helênica.

Convinha, pois, ilustrar o cristianismo, assim como era preciso dar um sentido histórico-espiritual à filosófica grega. As duas realidades se encontram e se fundem na Alexandria dos primeiros séculos da nossa era, ao lado da tradição hebraica que sintetizava, por meio de suas Escrituras, do pensamento de Fílon e dos *Oráculos Sibilinos*, a fé monoteísta com a tradição filosófica dos helenos e o misticismo oriental. Primeiramente interessou aos cristãos a helenização do cristianismo, por motivos de continuidade histórica; interessou depois ao Império Romano, como símbolo de unidade política; mas coube à retórica e à erudição clássica dos Padres apologistas dos séculos II e III o primeiro grande passo para a síntese entre a doutrina cristã e o racionalismo grego.



**EXORTAÇÃO AOS GREGOS**

**(DE CLEMENTE DE ALEXANDRIA)**

**ΠΡΟΤΡΕΠΤΙΚΟΣ ΠΡΟΣ ΕΛΛΗΝΑΣ**

**(ΚΛΗΜΕΝΤΟΣ ΣΤΡΩΜΑΤΕΩΣ)**

TRADUÇÃO

de

**RITA DE CÁSSIA CODÁ DOS SANTOS**

Complementação do *corpus* da Tese de Doutorado em Literatura Comparada, na sub-área Letras Clássicas (Língua e Literatura Grega). Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Esta tradução se baseia no texto estabelecido por Otto STÄHLIN (Leipzig, 1936), seguido pelo de Claude MONDÉSERT (Paris, 2004) e o de G. W. BUTTERWORTH (Cambridge, 1982).

UFMG/Faculdade de Letras

Belo Horizonte, 2º. semestre de 2006

## EXORTAÇÃO AOS GREGOS

(CLEMENTE DE ALEXANDRIA)

### CAPÍTULO I

#### APRESENTAÇÃO DO LOGOS DIVINO E SEU CÂNTICO NOVO<sup>157</sup>

Anfião de Tebas e Arião de Metimne, “ambos eram cantores e ambos eram mitos” (isso é uma canção dos gregos, que se canta em coro): pela arte musical, este encantou um delfim; o outro erigiu as muralhas de Tebas. Há ainda um outro sofista, um trácio (este também um outro mito grego) que amansava animais selvagens apenas por seu canto e até transplantava, através de sua música, árvores, pinheiros. Eu ainda teria um outro mito para contar-te, idêntico a estes dois, também de um cantor, Êunomo da Lócrida, e a cigarra de Delfos: Uma assembléia pan-helênica se realizava [em Delfos] para celebrar a morte do dragão Píton; Êunomo, então, cantava o epitáfio do réptil: hino ou lamento pela serpente? Eu não saberia dizer. Mas era um concurso, e Êunomo tocava sua cítara, numa hora de intenso calor, ao mesmo tempo em que as cigarras, por baixo das folhas, cantavam em cima dos montes, aquecidas pelo sol de verão. Elas não cantavam, evidentemente, pelo dragão morto, Píton, mas pelo Deus sapientíssimo, à maneira delas, superior à arte de Êunomo. Rompe-se uma corda do lócrido. A cigarra voa até ao cepo da cítara e, pousada no instrumento, como sobre um galho de árvore, cantava; o cantor, então, harmonizando-se ao canto da cigarra, deixa de lado a corda quebrada. Portanto, não foi pelo cantar de Êunomo que a cigarra se conduziu, como quer a lenda, que erigiu, em Delfos, uma estátua de bronze de Êunomo, com sua cítara, e sua companheira de concurso. Esta, por sua vez, voou espontaneamente e cantou espontaneamente. Perante os gregos, a cigarra tornou-se executante musical.

Como pudestes crer em mitos vazios e supor que a música encanta animais selvagens? Por outro lado, a face única e resplandecente da verdade, como me parece, apresenta-se, diante de vossos olhos, carregada de desconfiança. Com efeito, o Citéron, o Hélicon, os montes de Odrissa e da Trácia, *telestérios*<sup>158</sup> do erro, foram sacralizados pelos mistérios e cantados em hinos. Eu mesmo, apesar de serem mitos, mal suportou ver tantas desgraças tomadas como assunto de tragédias; mas, para vós, os registros de desgraças tornaram-se

<sup>157</sup> Os títulos foram estabelecidos pela Tradutora.

<sup>158</sup> Lugar onde se faziam as iniciações nos mistérios. Na Ática, o *telestério* mais famoso se encontrava no templo de Deméter, no subúrbio de Elêusis. (N. do T.)

peças de teatro, e os atores, espetáculo de satisfação. Mas, em verdade, os espetáculos teatrais e os poetas dos concursos das Linéias, já completamente embriagados, quando coroados de hera e estranhamente enlouquecidos pela iniciação báquica, encerremo-los, juntamente com os sátiros, o tíaso das Mênades<sup>159</sup> e o resto do coro dos demônios, no Hélicon e no Citéron do passado; façamos descer do alto dos céus, sobre a santa montanha de Deus, a verdade com a luminosíssima sabedoria e o santo coro dos profetas. Que esta verdade, resplandecendo ao mais longe possível sua luz brilhante, ilumine de todas as partes aqueles que estão mergulhados nas trevas, que liberte os homens do erro, estendendo sua mão direita toda poderosa – a inteligência - para a salvação deles; os que se irão livrar e levantar a cabeça, irão abandonar o Hélicon e o Citéron para habitar Sião: “Pois de Sião sairá a Lei, e de Jerusalém o Logos do Senhor,”<sup>160</sup> Logos celeste, o verdadeiro vencedor coroado no cenário do universo.

Mas o meu Êunomo canta não no modo de Terpandro, nem no de Cépion, nem no modo frígio, nem no lídio, nem no dório; ele canta segundo o modo eterno da nova harmonia, a que traz o nome de Deus, o cântico novo, o cântico dos Levitas, “que dissipa a angústia, suaviza a cólera e faz esquecer todos os males.”<sup>161</sup> um remédio doce, verdadeiro e persuasivo, temperado pelo canto.

Aquele trácio - Orfeu, mais o tebano e o metimnense parecem-me seres indignos do nome de homem, pois foram charlatães: sob o pretexto da música ultrajaram a vida e, possessos por uma artística magia que conduz à perda – celebrando os mistérios da violência e divinizando o luto -, foram os primeiros a conduzir os homens à idolatria. Sim, com pedras e madeira, isto é, com estátuas e pinturas, foram eles os primeiros a instituir o mais torpe dos costumes, constringendo esta bela liberdade dos cidadãos da terra à mais ínfima servidão, através de cânticos e encantamentos.

Mas de tal natureza não é absolutamente o meu cantor, pois ele vem para abolir a grande e amarga escravidão dos demônios tirânicos e, transportando-nos sob o jugo doce e humano da piedade, exorta aos céus aqueles que se haviam precipitado sobre a terra. Apenas pela verdade ele abrandou os mais difíceis animais como nunca existiram – os homens: aves como os frívolos, serpentes como os embusteiros, leões como os violentos, porcos como os voluptuosos, lobos como os ladrões. Pedras e madeira, os insensatos; mais insensível que as pedras é o homem mergulhado na ignorância. Que a voz dos profetas venha testemunhar por nós, em harmonia com a verdade, piedosa para com aqueles que foram consumidos pela

<sup>159</sup>As mênades (*mainádes*) – *as loucas* - eram as bacantes, mulheres que faziam parte dos tíasos dionisíacos. (N. do T.)

<sup>160</sup> *Isaías*, 2, 3.

<sup>161</sup> *Odisséia*, IV, 221.

ignorância e pela insensatez. “Deus é capaz de suscitar destas pedras filhos a Abraão.”<sup>162</sup> Ele, tendo misericórdia da grande ignorância e do endurecimento da alma daqueles que se tornaram pedras em relação à verdade, fez germinar uma semente de piedade, sensível à virtude, entre as nações oriundas das pedras e que puseram sua fé em pedras. Aliás, a certos homens peçonhentos e inconstantes, hipócritas e embargadores da justiça, Ele os chamou de “raça de víboras”; mas se alguma dentre essas víboras vier a arrepender-se, acolhendo o Logos, torna-se “um homem de Deus.”<sup>163</sup> Ele chama os outros de “lobos” recobertos com pele de ovelhas, referindo-se, metaforicamente, àqueles que, sob a forma de homens, não são senão impostores. Pois a todos esses [animais] violentíssimos e a essas espécies de “pedras”, este cântico novo pôde transformá-los em homens civilizados. “Pois, de fato, éramos outrora insensatos, indóceis, errantes, escravizados pelos prazeres e pelas paixões, vivendo no mal e na inveja, execrados, odiando uns aos outros”, como diz a carta do Apóstolo: “...mas quando a bondade e o amor de Deus, Nosso Senhor, aparecer, Ele nos salvará, não por nossas obras de justiça, mas segundo sua misericórdia.”<sup>164</sup> Vede quão poderoso é o cântico novo: de pedras ele fez homens; de animais selvagens também fez homens. Aqueles que, de certa forma, estavam mortos, que não faziam parte da essência da vida, tão-somente escutaram este cântico e tornaram-se redivivos.

Além disso, Ele ordenou todo o universo harmoniosamente, submeteu a dissonância dos elementos a uma ordenação harmoniosa, para que o universo inteiro se tornasse uma sinfonia. Se Ele deixou o mar desencadeado, proibiu-o de invadir a terra; e a terra, por sua vez, Ele a privou de movimento e fez dela limite em face do mar. Também abrandou o ímpeto do fogo com o ar, como quem mistura a harmonia lídia com a dórica; Ele domesticou a frigidíssima rudeza do ar com a intercessão do fogo; misturou, por fim, de maneira não-dissonante, os sons mais novos do universo. E este cântico puro, que se difunde do centro até às extremidades e das extremidades ao centro, sustenta a harmonia do universo e ajustou esse conjunto não de acordo com a melodia trácia, semelhante àquela de Jubal, mas segundo a vontade paternal de Deus, aquela que David procurará com ardor. Entretanto, esse descendente de David já existia antes de David, o Logos de Deus, que, desprezando a lira e a cítara, instrumentos sem alma, harmonizou, pelo Espírito Santo, o cosmo e esse microcosmo – o homem, alma e corpo do Logos; e o Logos salmodia a Deus através desse instrumento polifônico e canta em sintonia com esse mesmo instrumento: o homem. “Tu és, pois, para

<sup>162</sup> *Mateus*, 3, 9 (ou *Lucas*, 3, 8).

<sup>163</sup> Expressão oriunda do apóstolo Paulo.

<sup>164</sup> *Tit.*, 33-5.

mim, uma cítara, uma flauta e um templo”<sup>165</sup>: cítara pela harmonia, flauta por teu sopro, templo por tua razão; de modo que uma vibra, a outra respira e o último abriga o Senhor. Sim, o rei Davi, o citarista, de quem falamos um pouco acima, exortou-nos à verdade, desviando-nos dos ídolos; muito longe de louvar os demônios, ele os afugentava de si com sua música de verdade: Quando Saul esteve possesso, ele apenas cantou e o curou. O Senhor soprou nesse belo instrumento que é o homem, plasmou-o segundo sua própria imagem; ele é também um instrumento harmoniosíssimo de Deus, afinado e santo, sabedoria supra-terrestre, Logos celeste.

O que quer, então, esse instrumento, o Logos de Deus, o Senhor, e seu cântico novo? Abrir os olhos dos cegos e os ouvidos dos surdos, conduzir os paralíticos ou os errantes à justiça, mostrar Deus aos homens insensatos, fazer cessar a corrupção, vencer a morte, reconciliar com os pais os filhos desobedientes. Esse instrumento de Deus ama os homens: o Senhor apieda-se, instrui, exorta, adverte, salva, protege, promete-nos uma recompensa por nosso aprendizado da esperança de salvação: o reino dos céus. Tudo isso com a única intenção de nos salvar. O mal se nutre da perda dos homens; a verdade, por seu turno, como a abelha, não prejudica nada do que existe, apenas se alegra por sua salvação. Tendes, pois, a promessa: o amor pela humanidade. Tomai parte desta graça. E quanto ao meu cântico salvífico, não o concebas como novo, como móveis ou como uma casa, pois ele já existia “antes da aurora”, e “no início havia o Logos e o Logos estava em Deus, e Deus era o Logos.”<sup>166</sup>

O erro, porém, é antigo, enquanto a verdade parece algo novo. Se, pois, cabras lendárias ensinaram os antigos frígios, se poetas escreveram sobre os arcádios antelunares ou se a terra dos egípcios, como querem os sonhadores, foi a primeira a produzir deuses e homens, não houve, entretanto, nenhum deles sequer que houvera existido antes do mundo; mas antes da criação do mundo, nós, que devíamos existir nele, fomos anteriormente gerados por Deus, nós, criaturas racionais do Logos-Deus, por meio do qual existimos desde o início, porque “no início havia o Logos.” Como o Logos existe desde o início, ele era e é o princípio divino de todas as coisas; mas como agora recebe o nome outrora consagrado e que é digno de sua força – Cristo -, eu o chamo de cântico novo. Com efeito, o Logos, o Cristo, é a causa de nós existirmos por todo o sempre (pois ele estava em Deus) e da nossa boa existência (porque agora ele aparece aos homens); este próprio Logos, dualidade una, Deus e homem, causa de todos os nossos bens: com ele aprendemos a bem-viver para sermos conduzidos à vida eterna.

<sup>165</sup> Citação de autor desconhecido.

<sup>166</sup> *João*, I, 1.

Segundo o maravilhoso apóstolo do Senhor, “a graça de Deus, a salvação, apareceu a todos os homens e ensina-nos a renunciar à impiedade e às paixões do mundo, a vivermos no século presente com temperança, justiça e piedade, esperando a bem-aventurada promessa e aparição da glória do Grande Deus e Nosso Salvador, Jesus Cristo.”<sup>167</sup> Este é o cântico novo, que agora vem brilhar em nós, aparição do Logos que estava no início e que pré-existia, pois apareceu agora aquele que pré-existia como Salvador; ele apareceu, aquele que, no Ser, era mestre, pois “o Logos estava em Deus;” e ele apareceu, aquele por quem tudo foi criado. Como demiurgo, ele deu a vida no início, ao mesmo tempo em que criava; depois, como mestre, ele ensinou a bem-viver, para que procurássemos, mais tarde, como Deus, a vida eterna. Mas não é, pois, agora, a primeira vez que ele se apieda de nossos erros, mas desde o princípio, desde o começo; porém, hoje, já perdidos, ele apareceu para nos salvar. Pois o réptil perverso, por charlatanismo, parece-me, ainda escraviza e maltrata os homens, torturando-os como aqueles bárbaros que atavam – dizem – seus prisioneiros a cadáveres, para que, amarrados, ambos tombassem em decomposição. Esse dragão, tirano perverso, fez-se mestre daqueles a quem, desde o nascimento, amarrou com o liame miserável da superstição; a pedras, a carcaças de madeira; a imagens ou ídolos do mesmo gênero fez, como dizem, oferendas vivas em honra dos mortos e os encerrou, destarte, em tumbas, até que eles apodrecessem com os já mortos. De modo semelhante, também é única a charlatã que desencadeou a morte desde as origens – Eva - e ainda continua arruinando muitos homens. Nós não temos, para isso, senão um único protetor, um só auxílio, o Senhor, que, primitivamente, nos advertiu de maneira profética e que, agora, nos exorta claramente à salvação.

Fujamos, pois, obedientes à instrução do Apóstolo, “do chefe da potência do ar, do espírito que agora se apodera dos filhos da desobediência;”<sup>168</sup> corramos ao Salvador, ao Senhor, que agora e sempre nos exorta à salvação: no Egito, por meio de sinais e prodígios; no deserto, através da sarça ardente e da nuvem, onde sua misericórdia acompanhou os hebreus como a lealdade de uma serva. Ele estimulava seus corações endurecidos através do medo; antes, também, já o havia feito por meio do sapientíssimo Moisés e de Isaías, o amigo da verdade, e por todo o coro dos profetas; Ele convertera ao Logos, de maneira muito racional, aqueles que possuíam ouvidos: ora Ele injuria, ora ameaça; por outro lado, lamenta por alguns; canta para outros, assim como um excelente médico que, dentre os corpos doentes, cobre uns com cataplasmas, limpa e banha outros, intervém com o ferro, cauteriza aqui e ali, noutro lugar amputa alguns pela serra, quando ainda é possível curar o homem

---

<sup>167</sup> *Tito*, 2, 11-13.

<sup>168</sup> *Efésios*, 2, 2.

como um todo ou apenas um de seus membros. O Salvador é polifônico e engenhoso a respeito da salvação dos homens: ameaçando, adverte; injuriando, converte; lamentando, apieda-se; salmodiando, exorta; fala através da sarça ardente (os hebreus tinham necessidade de sinais e prodígios) e intimida os homens com o fogo, fazendo sair chamas da coluna, sinal de graça e de medo, a um só tempo: caso se obedeça, tem-se a luz; caso se desobedeça, tem-se o fogo. E como a carne [do homem] é mais valiosa que uma coluna e uma sarça, são os profetas que, depois disso, se fazem ouvir; é Ele, o Senhor, que fala pela boca de Isaías, de Elias e dos profetas. Mas se tu não crês nos profetas e aceitas, ao contrário, mitos, charlatães e o fogo, Ele, o Senhor, a ti te falará como “aquele que é semelhante a Deus, mas que não usufrui deste privilégio, fazendo-se inútil a si próprio.”<sup>169</sup> Esse Deus compassivo deseja ardentemente salvar os homens; é Ele, agora, o Logos, que te fala claramente, desmascarando a tua incredulidade; sim, eu digo, o Logos de Deus tornado homem, a fim de que tu ainda aprendas, por meio de outro homem, como um homem pode vir a ser Deus.

Não é estranho, ó amigos, Deus sempre nos exortar à virtude, e nós nos esquivarmos de seu auxílio, desprezando a salvação? Não era verdade, também, que João nos exortava à salvação e se tornou, por inteiro, a voz que exorta? Perguntemos, pois, a ele: Quem és tu dentre os homens? Ele não dirá ser Elias e negará ser o Cristo; mas confirmará que é a voz que clama no deserto. Mas quem é João? À guisa de exemplo, permito-me dizer que é a voz do Logos exortativo que clama no deserto. O que clamamos, ó voz? Di-lo também a nós! “Tornai retos os caminhos do Senhor.”<sup>170</sup> João é o precursor, e sua voz é a precursora do Logos, voz que encoraja, voz preparadora da salvação, voz que exorta à herança dos céus. Por meio desta voz, a estéril e solitária não mais ficarão sem descendentes. A voz do anjo me profetizou essa gravidez; essa voz também era precursora do Senhor, mensageira da boa-nova à estéril, assim como João o fora à solidão do deserto. Com efeito, através dessa voz do Logos, a estéril, feliz, concebe, e o deserto produz frutos. Essas duas vozes precursoras do Senhor, a do anjo e a de João, dizem-nos enigmaticamente que a salvação está oculta nelas, como se, após a epifania do Logos, colhêssemos o fruto da salvação: a vida eterna. Ambas as vozes, por certo, convergem para uma só, e as Escrituras explicam claramente todo o pensamento: “Que escute aquela que é estéril; que ela faça retumbar a sua voz, sem sentir as dores do parto, porque a prole da [mulher] solitária será maior do que a da que tem marido.”<sup>171</sup> O anjo nos anunciou a boa-nova; João nos exorta a pensar no lavrador, isto é, a procurar o marido, pois o marido da

---

<sup>169</sup> *Filipenses*, 2, 6-7.

<sup>170</sup> *Isaías*, 40, 3 (tb. *Mat.*, 3, 3; *Marcos*, 1, 3; *Lucas*, 3,4 e *João*, 1, 23).

<sup>171</sup> *Isaías*, 54, 1.

mulher estéril e o lavrador do deserto são um único e um mesmo ser: aquele que saciou a força divina – a mulher estéril e o deserto.

De fato, muitos são os filhos da mulher de boa raça; por outro lado, a mulher hebréia, que desde o início tivera muitos filhos, agora se encontra sem nenhum, por causa de sua incredulidade; a estéril, por sua vez, recebe um marido, e o deserto um lavrador; em seguida, o deserto dá frutos; a mulher estéril, fiéis; ambos fecundados pelo Logos. Não obstante, ainda hoje sobrevivem a mulher estéril e o deserto: são os infiéis.

Quanto a João, o arauto do Logos, este exortava [os homens] a manterem-se preparados para a vinda de Deus, de Cristo, e isto era o que dizia metaforicamente o silêncio de Zacarias, esperando o fruto precursor de Cristo, a fim de que a luz da verdade, o Logos, pusesse fim ao silêncio místico dos enigmas proféticos, uma vez tornado boa-nova.

Mas se tu desejas verdadeiramente ver Deus, toma parte nas cerimônias purificadoras dignas de Deus, não com folhas de loureiro e cintas bordadas de lã e de púrpura,<sup>172</sup> mas coroado de justiça e com a tua fronte cingida de folhas de temperança, ocupando-te piedosamente de Cristo; “pois eu sou a porta,”<sup>173</sup> disse ele em alguma passagem; portanto, aqueles que desejam conhecer a Deus precisam aprender a maneira como ele abrirá, diante de nós, todas as outras portas dos céus. As portas do Logos são razoáveis, abrem-se com a chave da fé: “Ninguém conhece a Deus, senão o Filho e aquele a quem o Filho revelou,”<sup>174</sup> Eu bem sei que essa porta, que se manteve fechada até agora, aquele que a abre revela, em seguida, o que há no interior e mostra o que não se podia conhecer antes, senão quando se houvesse passado pelo Cristo, o único, por meio do qual Deus se revela.

---

<sup>172</sup> Clemente faz, aqui, alusão aos iniciados nos mistérios báquicos, através da indumentária. (N. do T.)

<sup>173</sup> *João*, 10, 9.

<sup>174</sup> *Mateus*, 11, 27.

## CAPÍTULO II

## A DEMOLIÇÃO DOS MISTÉRIOS E DOS MITOS GREGOS

Não vos ocupeis, pois, com santuários ímpios, nem com fendas ctônicas plenas de histórias inverossímeis, nem com o caldeirão de Tesprócia, nem com a trípole de Cirra, nem com o bronze de Dodona. Abandonai aos velhos mitos um velho tronco de carvalho, venerado pelas areias do deserto, e o oráculo que ali mesmo se deteriora juntamente com esta própria árvore. Por certo também silenciaram a fonte de Castália e a outra, a de Colofônio, igualmente feneceram os mananciais proféticos, desprovidos de vapores subterrâneos, como se demonstrou posteriormente, desapareceram com seus próprios mitos. Narram-nos, ainda, a respeito de outros oráculos, ou melhor, de lugares de delírios, oráculos inúteis, [como] o de Claros, o de Píton, o de Dídimos, o de Anfiareu, o de Apolo, o de Anfíloco; mas se desejais, interrogai, ao pé destes oráculos, aqueles que observam e interpretam prodígios, os que interpretam o vôo e o canto das aves, e os que interpretam os sonhos. Levai para colocar perto do Píton, a um só tempo, todos esses adivinhos que usam farinha de trigo em seus vaticínios, os que usam cevada, e os ventríloquos, ainda hoje venerados pelas multidões. Que se abandonem, pois, às trevas os *telestérios* egípcios e a necromancia dos tirrenos! Loucura, tudo isso, como verdadeiramente são os sofismas dos homens incrédulos e as casas de jogos de pura ilusão. Companheiras dessas fascinações enganosas são as cabras adestradas à adivinhação e os corvos amestrados por homens, para proferir oráculos a outros homens!

Que tal se eu te enumerasse os mistérios? Não parodiarei, pois, como dizem de Alcibíades, mas revelarei clara e belamente, segundo o discurso da verdade, aquela charlatanice escondida neles, e aqueles que são chamados, por vós, de deuses, com suas iniciações místicas; tal como sobre o palco da vida, eu os farei aparecer aos espectadores da verdade.

A Dioniso enlouquecido celebram os bacantes com a homofagia<sup>175</sup>, arrebatados pelo delírio sagrado, fazem a partilha ritual da carne das vítimas sacrificiais, coroados de serpentes, euforicamente gritando o nome de Eva, esta mesma Eva que introduziu o erro; e o sinal das orgias báquicas é uma serpente sagrada. Agora, ou seja, segundo a precisão da língua dos hebreus, o nome *Héyia*, aspirado, significa “serpente fêmea”. Déo e Coré tornaram-se assunto

---

<sup>175</sup> Homofagia (wJmofagiva), no ritual dionisiaco, é a ação de comer as carnes cruas das vítimas sacrificiais. (N. do T.)

de drama místico, e Elêusis celebra com tochas, em memória delas, a errância, o rapto e a desolação [de Deméter].

Parece-me ser conveniente, também, estabelecer a etimologia das palavras *órgia* e *mystérion*, uma é proveniente da cólera de Deméter [Déo] contra Zeus; a outra é oriunda do crime abominável cometido contra Dioniso; ou, ainda, de um certo Mius, natural da Ática, o qual, diz Apolodoro, morreu caçando (quanto a esse detalhe eu não me oponho); em verdade, vossos mistérios se glorificam de honras fúnebres. Mas tu podes conceber ainda de uma outra maneira, a saber: os mistérios como tradições míticas - pela correspondência das letras -, pois essas espécies de mitos, embora haja outras tantas, aprisionam os mais bárbaros dos trácios, os mais insensatos dos frígios e, dentre os gregos, os supersticiosos. Maldito seja, portanto, o primeiro que implantou esse embuste entre os homens: quer tenha sido Dárdano, o que introduziu os mistérios da mãe dos deuses; quer Eécio, aquele que estabeleceu as orgias<sup>176</sup> e as iniciações dos deuses de Samotrácia; ou aquele frígio, Midas, que aprendeu junto ao Odrisso<sup>177</sup> e difundiu, entre seus súditos, a artificiosa charlatanice. De modo algum, o cipriota Ciniras, aquele insular, persuadir-me-ia! Ele, que teve a audácia de transladar as orgias indecentes de Afrodite, desejoso por divinizar uma prostituta sua conterrânea. Já outros dizem que foi Melampo, filho de Amitão, quem teria transportado do Egito para a Grécia as festas de Deméter, a celebração do luto. Eu diria mesmo que todos estes foram a causa primeira do mal, pais de mitos ímpios e de uma superstição funesta, semente do vício e da corrupção – estes mistérios – implantados na vida [humana].

Mas, agora, já que a ocasião se apresenta, eu provarei como pululam, em vossas orgias, fraudes e inverossimilhanças. Se fôsseis também iniciados, vós riríeis muito mais de vossos mitos, destes mitos venerandos! Eu proclamo publicamente o que está escondido, sem medo de dizer aquilo que vós não vos envergonhais de adorar. Assim, aquela que “nasceu da espuma”, a que “nasceu em Chipre”, a amiga de Ciniras (eu falo de Afrodite, a “Filomédea, porque nasceu das genitálias”, isto é, dos testículos amputados de Urano, daqueles órgãos libidinosos que, mesmo após a mutilação, violentaram as ondas do mar): Eis como dos membros impudicos surgiu um fruto digno de vós. Nos mistérios de iniciação desta divindade marinha da volúpia oferecem, em memória de seu nascimento, um grão de sal e um bolo em forma dum falo aos iniciados na arte do adultério; os iniciados, por sua vez, levam-lhe uma moeda, como amantes a uma cortesã.

---

<sup>176</sup> o[rgia, wn (ta;) - ritos secretos, mistérios, cerimônia religiosa, sacrifícios. (N. do T.)

<sup>177</sup> Orfeu. (N. do T.)

Os mistérios de Déo não são outra coisa senão a união amorosa de Zeus com sua mãe Deméter, e a ira (eu não sei o que dizer: sua mãe ou sua mulher?), digamos, de Déo, a quem se atribui o nome de Brimo, pelas súplicas de Zeus, a taça de fel, a extração do coração e a ação abominável. Os frígios realizam esses ritos em honra de Átis, de Cibele e dos Coribantes. Divulgaram, à meia voz, como Zeus, após ter amputado os testículos de um carneiro, levou-os e os lançou no âmago do seio de Deméter, punindo-se a si mesmo, de maneira mentirosa, por sua união violenta e impudica, como se ele houvesse castrado a si próprio. É supérfluo apresentar os símbolos dessa iniciação. Eu sei que eles levar-vos-ão ao riso, através de suas representações, mesmo se não sentirdes vontade de rir: “Eu comi sobre o tímpano; do címbalo bebi; levei os vasos sagrados, precipitei-me no leito nupcial”. Esses símbolos não são verdadeiros atos de violência? Os mistérios não são uma chalaça?

Que tal se eu continuasse o relato? Deméter, por seu turno, dá à luz; Core cresce; Zeus une-se, novamente e, desta vez, com Feréfata, “a engendrada por ele”, sua própria filha, depois de ter feito o mesmo com sua mãe Deméter, esquecido do primeiro crime; Zeus, pai e corruptor da menina, uniu-se a ela transformado em dragão, dando demonstração do que ele era. Por isso o passe simbólico para os iniciados nos mistérios de Sabásio é a expressão “o deus que perpassa o seio;” é essa tal serpente que se faz penetrar no seio dos iniciados, testemunho da debilidade de Zeus. Feréfata também dá à luz um filho tauriforme; como, acertadamente, diz um poeta dos ídolos:

... o touro  
é o pai do dragão, e o pai do touro é o dragão,  
na montanha, boiadeiro, o teu aguilhão secreto,...

O que eles chamam “aguilhão do boiadeiro”, eu suponho, é a férula que os bacantes usam como coroa.

Tu queres que eu discorra também sobre a colheita [de flores] de Feréfata, sua cesta de flores, o rapto por Hades, as fendas do solo e os porcos de Eubuleu tragados com as duas deusas? É por isso que nas Tesmofórias jogam-se leitões nos *mégara*?<sup>178</sup> As mulheres festejam esse mito de maneiras diversas, segundo as cidades: *Thesmophória*, *Skirophória*, *Arrhetophória*; todas representam, com algumas alterações, o rapto de Perséfone.

Os mistérios de iniciação de Dioniso, em verdade, são desumanos: era ele uma criança ainda e foi cercado pelos curetas, numa dança de armas, quando os titãs se aproximaram dele, dissimuladamente, e o enganaram com jogos infantis; os mesmos titãs, então, o

---

<sup>178</sup> *mégara*: buracos feitos na terra para lançar os leitões durante as Tesmofórias. (N. do T.)

esquartejaram, estando Dioniso ainda em tenra idade, como diz Orfeu, o trácio, o poeta dessa iniciação:

Um fruto de pinho, um pião; bonecas articuladas,  
belas maçãs de ouro das Hespérides de bela voz.<sup>179</sup>

Também não é inútil apresentar-vos, para vossa condenação, os símbolos inúteis dessa cerimônia de iniciação: um pequeno osso, uma esfera, um pião, maçãs, uma roda, um espelho, um floco de lã. Atena, por sua vez, por haver retirado o coração de Dioniso, mereceu o epíteto de Palas, devido às batidas deste coração; os titãs, que o haviam dilacerado, puseram um caldeirão sobre um tripé e aí jogaram os membros de Dioniso; primeiro ferveram as carnes, depois traspassaram-nas com espeto e “as puseram sobre Hefesto”. Mas Zeus depois aparece (se ele fosse deus, prontamente, de algum lugar, teria sentido o cheiro das carnes assadas, meio pelo qual os vossos deuses reconhecem “receber homenagens”) e fere os titãs com seu raio e entrega a Apolo, seu filho, os membros de Dioniso, para enterrar. Apolo, por sua vez, desobedecendo a Zeus, leva para o Parnaso o corpo mutilado de Dioniso e lá o enterra.

Se queres, revelo-te, também, as orgias dos Coribantes que, tendo matado um terceiro irmão, cobriram a cabeça do cadáver com um manto púrpura e a coroaram, em seguida puseram-na sobre um escudo de bronze e a enterraram ao pé do monte Olimpo (e são estes os mistérios, para dizer resumidamente: assassinatos e funerais). Mas seus sacerdotes, que os interessados nomeiam *anactotélestes*, acrescentam circunstâncias prodigiosas a esse acontecimento; proibem pôr sobre a mesa aipo com sua raiz, pois acreditam que é do sangue derramado do corpo do coribante que este legume brotou! Da mesma maneira, sem nenhuma dúvida, as mulheres que celebram as Tesmoforias resguardam-se de comer os grãos da romã: elas acreditam que os coágulos que caíram por terra, oriundos do sangue de Dioniso, fizeram germinar as romãs. Ao chamarem de Cabiros os Coribantes, denunciam, destarte, a iniciação cabíria, pois esses dois fraticidas, em verdade, carregando o cesto no qual se encontrava o membro viril de Dioniso, fugiram para a Tirrênia, levando com eles essa gloriosa mercadoria. Aí eles permaneceram como refugiados, expondo à veneração dos tirrênios, como uma preciosa lição de piedade, as genitálias de Dioniso e o cesto que as guarda. Por este motivo, não de todo inverossímil, alguns invocam Dioniso Átis, por ter sido este deus castrado. Mas o que há de surpreendente no fato de os bárbaros tirrênios se fazerem iniciar, assim, numa vergonhosa paixão, quando os atenienses, por sua vez, e o resto da Hélade – eu me envergonho de dizer – preservam uma tradição mitológica a respeito de Deméter? Errante, pois, à procura de sua filha Core, em torno de Elêusis (um subúrbio da Ática), ela perde o

---

<sup>179</sup> *Hino órfico*, frag. 34.

ânimo e, desesperada, senta-se perto de um poço. Ainda hoje é proibido aos iniciantes este gesto, para que eles não pareçam imitar a desolação de Deméter. Os habitantes de Elêusis, nesta época, eram autóctones; eram chamados de Baubos, Dísauls, Triptólemos e ainda Eumolpos e Eubuleus; Triptólemo era boiadeiro; Eumolpo, pastor de ovelhas; Euboleu, porqueiro. Destes habitantes descendem as famílias que floresceram em Atenas e de onde saíam os *hierofantes*<sup>180</sup>, como os Eumólpidas e os Céricos. Então (pois eu não cessarei de falar), Baubo, que acolhe Deméter, oferece-lhe o *cíceon*,<sup>181</sup> mas a deusa desdenha da taça e não deseja beber o líquido (pois está desolada); Baubo, a partir de então, fica aflita, como que se sentindo menosprezada, e, levantando suas vestes, mostra à deusa suas partes pudicas. Com essa cena, Deméter se alegra e, encantada com o espetáculo, não com pouco esforço, enfim, aceita a bebida. São estes, pois, os mistérios secretos dos atenienses! Orfeu vos descreve tudo isso. E eu vos citarei os próprios versos do Cantor da Trácia, para que tenhais o *mistagogo*<sup>182</sup> como testemunha dessa indecência:

Tendo assim falado, [Baubo] levantou o seu peplu e mostrou,  
de seu corpo, toda a parte que não convinha [mostrar];  
o menino Iaco, que lá estava, rindo, precipita a mão sob as partes íntimas de Baubo;  
a deusa, então, prontamente sorriu, sorriu em seu coração;  
ela aceitou a taça colorida, na qual se achava o cíceon.<sup>183</sup>

Eis as palavras do passe, o sinal secreto, dos mistérios de Elêusis: “Eu jejei, bebi o cíceon, retirei de dentro da corbelha, após tê-lo preparado, pus num vaso, e do vaso para a corbelha.” Belo espetáculo, pois, e conveniente a uma deusa!

Ritos, em verdade, dignos da noite, do fogo e do povo “magnânimo”, ou melhor ainda, da raça frívola dos Erectídas, e também do resto dos helenos: estes, após a morte, desejam um destino especial. Para quem, então, profetiza Heráclito de Éfeso? “Para os noctívagos: magos, homens e mulheres bacantes, iniciados”, a estes tipos, ele ameaça com o *post-mortem*; a estes o fogo prenuncia: “em verdade, fazem-se iniciar impiamente em ritos, considerados, pelos homens, como *mistérios*.” Um costume, uma vã conjectura, uma fraude, esses mistérios do dragão, observados como prática religiosa; recorre-se, com uma piedade falsa, a iniciações verdadeiramente profanas e a cerimônias não-orgiásticas. Tais são as corbelhas místicas! É preciso, pois, desmascarar a “sacralidade” dessas coisas e proclamar as coisas secretas. Há

<sup>180</sup> *hierofante* < iJerofavnthç; aquele que lida com as coisas sagradas; o que revela o secreto; pontífice máximo: de iJerovç (sagrado, divino, augusto, consagrado aos deuses) + faivnw (mostrar, tornar visível, anunciar, acusar, manifestar...). (N. do T.)

<sup>181</sup> *cíceon* < kukevwn : bebida feita de uma mistura de farinha, água e uma espécie de menta, segundo um hino homérico à Deméter (v. 208 sg.).

<sup>182</sup> *mistagogo* < mustagwgovç: sacerdote encarregado da iniciação nos mistérios. (N. do T.)

<sup>183</sup> *Hino órfico*, frag. 52.

outras coisas além de bolos de sésamo, mel e farinha; bolos em forma de pirâmide e com pequenas bolas, grãos de sal e uma serpente, símbolo-ritual de Dioniso Bássaro?<sup>184</sup> Há outras coisas além de grãos de romã, ramos de figueira, pães de férula, hera, bolos e pastéis redondos? Estes são os objetos sagrados deles! Existem ainda os símbolos secretos de Têmis: orégano, uma lamparina, uma espada e um pente feminino: um eufemismo e uma maneira mística de referir-se às partes pudentes da mulher. Ó impudicícia declarada! Antigamente, a noite silenciosa era o véu da volúpia para os homens sensatos; agora, a noite é reveladora das práticas de intemperança dos iniciados, e o fogo das tochas revela as paixões. Apaga, ó *hierofante*, essa chama! Respeita esse fogo, tu que carregas os archotes! Essa luz denuncia o teu Iaco;<sup>185</sup> confia os mistérios às sombras da noite! Que as orgias sejam reverenciadas pelas trevas! O fogo não dissimula, ele recebe a ordem de acusar e de castigar.

São esses os mistérios dos ateus. Eu chamo, com razão, de ateus aqueles que, de fato, ignoram o verdadeiro Deus, que veneram despudoradamente uma criança despedaçada pelos titãs, uma mulher desesperada e as partes verdadeiramente proibidas, pelo pudor, de ser mencionadas; possessos por uma dupla impiedade: a primeira é a que os faz ignorar Deus, não reconhecendo como Deus aquele que verdadeiramente o é; a outra, a segunda, é este erro de atribuir existência àqueles que não a têm, chamando de deuses aqueles que, em realidade, não o são, ou mesmo nunca existiram, pois tão-somente obtiveram um nome! Por isso o Apóstolo, em verdade, nos explicava dizendo: “Vós éreis forasteiros a respeito dos pactos da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo.”

Muitas graças advieram ao rei dos Citas (um certo Anácarsis). Tendo este um súdito que reproduzira na Cítia os mistérios de Cízico, em honra da mãe dos deuses, batendo nos tambores, fazendo retinir os címbalos e trazendo atados ao pescoço certos signos dos sacerdotes de Deméter, crivou-o de flechas, por ele ter-se tornado efeminado entre os gregos e por ter ensinado aos citas essa moléstia. Por causa dessas coisas (de modo algum ocultarei a verdade), chega a espantar-me a maneira como trataram de ateus a Evêmero de Agrigento, Nicanor de Chipre, Diágoras e Hípon de Melos e, com eles, aquele famoso cireneu (Teodoro era o seu nome) e tantos outros afora, por terem levado uma vida sábia e por terem tido uma visão mais penetrante do que o resto dos homens, ao verem os erros concernentes a esses deuses, foram chamados de ateus; se eles não conceberam a própria verdade, ao menos pressentiram o erro; é uma semente não-pequena pronta para germinar aquele que, se

<sup>184</sup>Bássaros ou Bassareus < Βανσσαρος, um dos epítetos de Dioniso, por causa da longa túnica lídia (βασσαρνυα) usada pelas Mênades ou Bacantes. MONDÉSERT, *Protrep.*, p. 77.

<sup>185</sup>Iaco < Ιακχος; nome místico de Dioniso, quando invocado nos mistérios órficos. ( N.do T.)

voltando para a verdade, mantém acesa a chama da inteligência. Um desses filósofos recomendou aos egípcios o seguinte: “Se vós acreditais nos deuses, não os lamenteis, nem batei em vosso peito por causa deles; mas se os chorais, não acreditais serem eles deuses.” Um outro, recorrendo a uma estátua de Hércules, de madeira, disse (ele cozinhava alguma coisa em sua casa, com certeza): “Vamos, então, ó Hércules, agora se te apresenta o momento oportuno, como a Euristeu, de, sem embargo, concluir para nós o teu décimo terceiro trabalho e preparar para Diágoras a refeição.” Tendo dito isto, pôs a estátua sobre o fogo, como lenha.

Existem dois extremos na ignorância: a impiedade e a superstição, fora das quais é conveniente se manter. Não vês o *hierofante* da verdade, Moisés, proibir de tomar parte na assembléia o eunuco de nascença, o emasculado e o filho da prostituta? Ele faz alusão, por meio dos dois primeiros vocábulos, à conduta do ateu, privado da força fecunda de Deus; através do último, ou seja, do terceiro, ele se refere àquele que imputa numerosos deuses falsos contra o único e verdadeiro Deus, como o filho da prostituta se queixa a vários pais, na ignorância de seu verdadeiro genitor. Havia, desde os tempos priscos, uma certa aliança natural entre os homens e o céu, perdida nas trevas da ignorância; mas, subitamente, de alguma parte, ela se lança, resplandecente, para fora destas trevas. Dela alguém falou o seguinte:

Vedes, nas alturas, este éter ilimitado  
que envolve a terra com seus braços úmidos?<sup>186</sup>

E ainda isso:

Ó suporte terrenal, tu que tens teu trono sobre a terra,  
o que quer que sejas, é-nos difícil contempar-te.<sup>187</sup>

E tantas outras coisas mais cantam os filhos dos poetas. Porém, concepções erradas, desviadas do caminho certo, e verdadeiramente funestas, afastaram “a planta celeste,” o homem, de uma conduta celeste e o subjugaram sobre a terra, persuadindo-o a se prender às criaturas terrestres. Uns, em verdade, convencidos por todos os lados, na sua contemplação do céu, e acreditando apenas no que seus olhos vêem, apressam-se em perseguir, extasiados, os movimentos dos astros e a diviniza-los; estes chamam os astros de *theós* (deus), da palavra *theîn* (divinizar), e adoram o sol, como os indianos, e a lua, como os frígios. Os outros, que colhem, dentre as plantas nascidas da terra, os frutos cultivados, denominam o trigo Déo, como os atenienses; a uva, Dioniso, como os tebanos. Outros, tendo observado as recompensas dos vícios, divinizam o retorno da sorte, adorando inclusive as desgraças. Daí os

<sup>186</sup> EURÍPIDES, frag. 935 (citado também nos *Stromata* V, 14.114, 1.)

<sup>187</sup> Idem, *Troianas*, 884 sg.

poetas terem imaginado [no palco] as Erínias e as Eumênides – divindades da vingança, da justiça e da punição. E agora, alguns dentre os filósofos, seguindo os passos dos poetas, transformam em ídolos suas próprias paixões: personificam o Medo, o Amor, a Alegria e a Esperança, assim como o velho Epimênides edificou altares, em Atenas, à Arrogância e à Impudicícia. Outras idéias, movidas pelas mesmas circunstâncias, são deificadas pelos homens e ganham aparência antropomórfica tais como: Dice, Cloto, Láquesis, Átropos, Himármene, Auxo e Talo, as divindades áticas. Há uma sexta maneira de introduzir a charlatanice criadora de deuses: é aquela que consiste em enumerar os doze deuses, dos quais Hesíodo canta o nascimento, em sua *Teogonia*, e Homero, por seu turno, narra suas histórias. Resta, porém, ainda, um último procedimento (em verdade, eles são sete, ao todo): aquele que resulta da benevolência divina para com os homens. De fato, por não serem capazes de compreender a beneficência divina, eles conceberam Dióscuros salvadores, um Hércules e um Asclépio médico.

Essas vias da verdade, escorregadias e perigosas, fazem o homem tombar, afastar-se do céu e voltar-se para o abismo. Eu gostaria, entretanto, de mostrar-vos esses deuses em pessoa, tais como são, se existem, para que, de uma vez por todas, vós vos aparteis do erro e, novamente, corrais em direção ao céu. “Nós éramos, pois, de certa maneira, filhos da ira, juntamente com os demais; Deus, porém, que é rico em misericórdia, por causa do grande amor que nos consigna, fez-nos reviver com o Cristo, quando já estávamos mortos por nossos erros.” Pois o “Logos vivo” e sepultado com Cristo elevou-se a Deus. Porém, os que ainda permanecem incrédulos, chamam-se “filhos da ira”, alimentados pela cólera. Por outro lado, nós não somos mais frutos da cólera; uma vez afastados do erro, celebramos agora a verdade. Por isso, seguramente, nós, então filhos da ilegalidade, tornamo-nos, pela filantropia do Logos, filhos de Deus. Mas, a vós, também, o vosso poeta Empédocles de Agrigento fez alusão:

Portanto, atormentados por duras provações,  
Nunca aliviareis vosso peito de tristes aflições.<sup>188</sup>

Quase tudo que se diz de vossos deuses é narrado em forma de mito e ficção; e tudo quanto se supõe ter acontecido, tudo isso foi averbado por homens imorais e concupiscentes:

Vós andais na vaidade e no delírio e, tendo abandonado  
o caminho freqüentado e retíssimo, partistes por entre espinhos e agulhões.  
Por que errais, ó mortais? Parai, vaidosos! Abandonai as trevas da noite!  
Abraçai a luz!<sup>189</sup>

<sup>188</sup> EMPÉDOCLES, frag. 145.

<sup>189</sup> *Oráculo Sibilino*, frag. 1, 23-25 e 27.

Essas coisas nos recomenda a Sibila – poeta e profetisa. Eis, também, o que a verdade nos ordena, quando retira a máscara da turba dos deuses, essas máscaras horríveis e aterradoras, convencendo, por sinonímias, esses produtos da imaginação.

Há ainda, segundo certos autores, três Zeus: um filho de Éter, na Arcádia, e os dois outros filhos de Cronos – um nascido em Creta e o outro ainda na Arcádia. Há outros que admitem cinco Atenas: uma filha de Hefesto, a de Atenas; uma de Nilo, a egípcia; uma terceira, filha de Cronos, a inventora da guerra; a quarta é filha de Zeus, a qual os messênios chamavam Corifásia, por causa do nome de sua mãe; a quinta é filha de Palas e da oceânida Titânis, que, após ter imolado impiedosamente o pai, adornou-se com a pele deste, como se fosse um toirão de ovelha. Quanto a Apolo, Aristóteles nomeia um primeiro como sendo filho de Hefesto e de Atena (nesse caso Atena não era mais virgem?!); um segundo nasceu em Creta e era filho de Cirbas; um terceiro, filho de Zeus; e o quarto era natural da Arcádia, filho de Sileno, cognominado Nômio, pelos arcádios; além desses, ele enumera o Apolo Líbio, filho de Amón; e o gramático Dídimos acrescenta a isso tudo um sexto: o filho de Magnes. Mas, agora, quantos Apolos existem? Inumeráveis mortais, homens precípeis, chamados pelo mesmo nome que aqueles acima citados.

Que tal se eu contasse dos vários Asclépios, ou dos inumeráveis Hermes, ou dos legendários Hefestos? Eu não gostaria de ultrapassar a medida, inundando vossos ouvidos com essa multidão de nomes. Mas que, ao menos, suas pátrias, suas profissões e suas vidas e ainda seus túmulos vos convençam de que eles foram homens. Ares, por exemplo, foi honrado, pelos poetas, tanto quanto possível,

Ares, Ares, funesto aos mortais, sanguinário, assaltador de muralhas,<sup>190</sup>

este “inconstante” e “hostil” era, como diz Eficarmo, espartano; mas Sófocles o acreditava da Trácia; outros, da Arcádia. Homero diz ter sido Ares prisioneiro durante treze meses:

Ares também sofreu quando Oto e o poderoso Epialtes,  
filhos de Aloeu, o acorrentaram em sólida cadeia;  
e num cárcere de bronze esteve metido por treze meses.<sup>191</sup>

Os cários, sacrificam seus cães [a Apolo] são muito honrados. Os citas, por sua vez, não cessam de imolar seus asnos, como diz Apolodoro, e também Calímaco:

---

<sup>190</sup> *Iliada*, V, 31 e 455.

<sup>191</sup> *Iliada*, V, 385-387.

Febo se levanta com os sacrifícios de asnos dos hiperbóreos.<sup>192</sup>

O mesmo diz em outra parte:

Gordurosas asnofagias alegram Febo.<sup>193</sup>

Hefesto, por sua vez, o qual Zeus precipita do Olimpo, “do divino umbral”, tendo caído em Lemnos, aí se tornou ferreiro, aleijado dos pés, “a coxear, afanoso, sobre as pernas recurvadas e inseguras.”<sup>194</sup>

Vós tendes também, entre vossos deuses, um médico, não apenas um ferreiro; mas este médico era amante do dinheiro: Asclépio era o seu nome. Eu porei, agora, diante de ti o teu poeta, o beócio Píndaro:

Ele também foi seduzido pelo esplêndido salário, ouro a reluzir em suas mãos; de suas mãos, pois, o Cronida lançou, contra os dois (o raio), privando-lhes do peito o alento, e o raio reluzente precipitou-lhes o destino.<sup>195</sup>

E também Eurípides:

Em verdade, Zeus é o responsável por ter morrido meu filho Asclépio, lançando uma flama contra seu peito.<sup>196</sup>

A vítima jaz, então, fulminada pelo raio, nas fronteiras de Cinósuris. Filócoro diz que Poseidão é venerado como médico, e que Cronos repousa na Sicília, pois lá está sepultado. Pátroclo de Túrio e Sófocles, o Jovem, contam, em três tragédias, a história dos dois Dióscuros: estes Dióscuros foram homens mortais, caso se leve em total crédito o relato de Homero a respeito deles:

Estes, em verdade, a terra fecunda os cobria,  
lá mesmo, na Lacedemônia, em sua pátria querida.<sup>197</sup>

E eis ainda o que diz o autor dos Poemas Cíprios:

Castor era mortal, o quinhão da morte foi-lhe destinado;  
enquanto Pólux (Polideuce) era imortal, rebento de Ares.<sup>198</sup>

Isso nada mais são que mentiras poéticas; Homero é o mais digno de fé, ao falar dos dois Dióscuros, e quando diz que Hércules também é apenas um ídolo; um ser humano, Hércules, o autor de grandes trabalhos! Homero sabe que Hércules é um homem mortal; Jerônimo, o filósofo, também nos pinta o seu retrato: pequeno, cabelos eriçados, vigoroso; Dicéarco, porém, o faz rijo como um toro de madeira, robusto e nervoso, escuro, nariz

<sup>192</sup> CALÍMACO, frag. 187-188.

<sup>193</sup> Ibidem, frag. 187-188.

<sup>194</sup> *Iliada*, XVIII, 411.

<sup>195</sup> PÍNDARO, *Pítica*, III, 97 e 100-105.

<sup>196</sup> EURÍPIDES, *Alceste*, 3 sg.

<sup>197</sup> *Kýpria*, frag. 5.

<sup>198</sup> *Iliada*, III, 243 sg.

adunco, olhos brilhantes. Esse Hércules viveu cinquenta e dois anos e terminou sua vida com honras fúnebre numa pira no monte Eta.

As Musas, que Alcman fez nascer de Zeus e Mnemósine, os outros poetas e escritores as vêem e veneram como deusas, as quais, agora, também cidades inteiras honram com seus “museus”. Essas tais Musas eram servas mísias, compradas por Megaclo, filha de Mácar. Este era rei dos lésbios e estava sempre em desavença com sua mulher. Megaclo, por seu turno, indignava-se por causa de sua mãe: o que poderia fazer para mudar as coisas? Ela compra, então, para si própria, essas servas oriundas da Mísia, cujo número é sabido de todos, e as chama de *Moísai*, segundo o dialeto eólio. Ela as ensina a celebrar, harmoniosamente, pelo canto, acompanhado pela cítara, os feitos heróicos do passado. Sua música contínua e apaziguadora e a própria beleza de seus cânticos encantam Mácar e põem fim à sua cólera. A própria Megaclo, por causa disso, e agradecida por sua mãe, mandou cunhar a efígie das Musas em bronze e ordenou que elas fossem honradas em todos os templos. Essas eram as Musas, segundo a história contada por Mirsilo de Lesbos.

Agora escutai, pois, os amores de vossos deuses, as estranhas fábulas de suas fraquezas, suas feridas, suas prisões, seus risos, suas batalhas, suas sujeições, seus banquetes, seus amplexos, suas lágrimas e paixões, seus prazeres carnavais. Façam-me vir Poseidão e o coro das que foram seduzidas por ele: Anfitrite, Amímone, Álope, Melânipe, Alcione, Hipótoe, Quione e uma multidão de outras. Com tantas outras quantas eram, o vosso Poseidão ainda andava em apuros por causa de suas paixões. Chamem-me também Apolo: este que é o Febo, o sagrado adivinho e nobilíssimo conselheiro. Mas não é isso o que dizem dele Estérope, Etussa, Arsínoe, Zêuxipe, Prótoe, Marpessa, tampouco Hipsópile; apenas Dafne, de fato, escapou do adivinho e da desonra. E venha agora, antes de tudo, o próprio Zeus, o “pai dos homens e dos deuses”, segundo vós próprios! Este se entrega prodigamente aos prazeres afrodisíacos, desejando todas e com todas saciando seu desejo. Não obstante, o bode de Tmuite se satisfaz muito mais com as suas cabras do que Zeus com todas as suas mulheres.

E teus poemas, Homero, me causam admiração:

Tendo dito, o Cronida, com suas negras sobranceiras, aquiesceu;  
as madeixas divinas do Senhor agitaram-se sobre a fronte imortal;  
e o grande Olimpo estremeceu.<sup>199</sup>

Tu nos plasmas, ó Homero, um Zeus soberano e lhe outorgas um sinal de cabeça imponente. Porém, ó amigo, se lhe mostrares apenas um cinto bordado, esse Zeus se revela e

---

<sup>199</sup> *Iliada*, I, 544 e sg.

sua cabeleira perde a compostura. Até que ponto esse Zeus não se excedeu em fornicação, ele que passou tantas noites dissolutas com Alcmena? Também não coube a esse libertino nove grandes noites (uma vida inteira fora curta para a sua intemperança!) para engendrar as deusas que afugentam os males? Hércules, filho de Zeus, verdadeiramente tal qual o pai (Zeus), nasceu de uma longa noite, sofreu desgraçadamente por muito tempo, para consumir os doze trabalhos, mas uma só noite foi-lhe suficiente para violentar as cinquenta filhas de Téstio e tornar-se, ao mesmo tempo, corruptor e noivo de tantas virgens. Não é, portanto, sem razão, que os poetas o chamam de “cruel” e “celerado”. Seria, pois, cansativo narrar seus inúmeros adultérios e corrupção de jovens rapazes. Com efeito, vossos deuses não poupam sequer os meninos: um foi amante de um certo Hilas, outro de Jacinto, um outro de Pélops, mais um outro de Crisipo, e Zeus de Ganimedes. Eis os deuses que vossas mulheres devem adorar! Que elas lhes implorem para que seus maridos sejam tais quais essas divindades: saudáveis de espírito, para que possam rivalizar com esses deuses! Vossos filhos devem habituar-se a venerá-los, a fim de tornarem-se homens, recebendo, como herança, os vossos deuses, a imagem diáfana da devassidão.

Mas, dentre os deuses, apenas os machos usufruem da isotimia da concupiscência?

“Mas as deusas, estas permanecem, por pudor, cada uma em sua morada,”<sup>200</sup>

diz Homero; as deusas se indignam, em sua majestade, ao verem Afrodite após ter cometido adultério. Pois, de fato, elas se entregam ao adultério, mas com muito mais ardor, quando proibidas de cometer adultério: Eos com Titono, Selene com Endimíone, Nereis com Eaco, Peleu com Tétis, Jasião com Deméter, e Adônis com Feréfata. Afrodite, uma vez possuída por Ares, passou a Ciniras, depois se casou com Anquises, em seguida arma uma emboscada para Faetonte, ama Adônis, disputa com “a deusa de olhos bovinos,” e, depois de se despojarem de suas vestimentas, por uma maçã, as deusas se apresentam nuas a um pastor que deve julgar a beleza delas.

Vamos, pois, percorrer rapidamente os certames e façamos cessar esses panegíricos junto a certos túmulos: os Jogos Ístmicos, os Nemeus, os Píticos e, sobremaneira, os Olímpicos. Em Delfos, cultua-se o dragão pítico, e a festa desta serpente é divulgada com o nome de Jogos Píticos; no Ístmo (de Corinto), por seu turno, o mar lançou para a terra um cadáver, e os Jogos Ístmicos choram por Melícerte; em Neméia, prestam-se honras fúnebres a uma outra criança, Arquémoro, e os jogos fúnebres em honra deste menino se chamam

---

<sup>200</sup> *Odisséia*, VIII, 324.

(Jogos) Nemeus; para vós, ó pan-helênicos, Pisa é o túmulo de um auriga frígio, e as libações em memória de Pélops, denominadas Olimpíadas, o Zeus de Fídias se apropriou delas.

Assim, como os mistérios, eram também fúnebres esses jogos atléticos – como me parece - e os oráculos, e tanto estes quanto aqueles se tornaram instituições públicas. Os mistérios de Agra e de Halimonte da Ática restam circunscritos a Atenas, mas os certames, assim como as faloforias em honra de Dioniso, uma vergonha universal, infestaram ignominiosamente a vida. Dioniso, por sua vez, desejando descer ao Hades, ignorava, pois, o caminho; um certo tipo, de nome Prósimno, promete-lho indicar mas não sem um preço: um salário nada interessante, mas que pareceu interessantíssimo a Dioniso. A recompensa – o salário – era entregar-se aos prazeres do amor, o que muito alegrou Dioniso; o acordo deixa o deus excitado e este promete cumprir a promessa, se voltar, e, todo fervoroso, sela o pacto com um juramento. Uma vez informado, ele se vai; volta depois e não encontra Prósimno (pois este havia morrido); ansioso por cumprir o voto feito, Dioniso vai até ao túmulo do amante e aí se deixa dominar pela libido: corta, a esmo, um galho de figueira, dá-lhe a forma do membro viril e em cima disso se senta para consumir a promessa feita ao morto. Como recordação mística deste sofrimento, nas cidades dedicam-se falos a Dioniso: “se não fosse para Dioniso que se faz o cortejo e se canta um hino às partes pudibundas, excluir-se-ia um ato de extrema falta de vergonha”, diz Heráclito, “é preciso, por conseguinte, identificar Hades e Dioniso, para que se celebrem as Bacanais e as Linéias”, não tanto pela embriaguez do corpo, creio eu, como pela ignominiosa iniciação na concupiscência.

Está bem claro que esses vossos deuses eram não apenas escravos de suas próprias paixões, mas também carregavam o próprio jugo da escravidão, antes mesmo daqueles a quem os lacedemônios chamavam de hilotas: Apolo, na casa de Admeto, em Feres; Heracles, em Sardes, na casa de Ônfale; Laomedonte teve, como empregados, Poseidão e Apolo, este último como servo inábil, sequer capaz de obter a liberdade junto ao seu primeiro senhor; com isso, os dois erigiram as muralhas de Ílion, em benefício dos frígios. Homero não se envergonha de dizer que Atena acompanhava Odisseu, tal qual “uma lâmpada de ouro em suas mãos;” sobre Afrodite, nós lemos que, semelhante a uma servazinha libertina, ela andava carregando Helena numa pequena liteira e a colocava diante de seu sedutor, como que para provocar o amplexo dos dois. Paníasis, além desses relatos, narra muitos outros a respeito de deuses que serviram aos homens; eis como ele discorre:

Deméter sofre resignada; sofre também o ilustre coxo (Hefesto);  
sofre Poseidão; Apolo do arco de ouro se submete a trabalhar assalariadamente,  
por um ano, junto a um simples mortal; Ares, o de coração violento, experimenta

o constrangimento paterno...., e assim por diante.<sup>201</sup>

Depois disso, cabe mostrar-vos, sem circunlóquios, quão dissolutos e passionais são os vossos deuses, conduzidos levemente pela condição humana. “Também eles, em verdade, possuem um corpo mortal”. Homero testemunha perfeitamente, quando põe em cena Afrodite lançando terríveis e agudos gritos por causa da ferida, e quando nos descreve o belicosíssimo Ares ferido no flanco por Diomedes. Pólemon, por sua vez, também diz que Atena fora ferida por Órnilo; e conta ainda que Hades fora ferido por uma flecha de Hércules. Homero e Paníasis relatam algo semelhante a respeito de Hélio (o Brillante). Este mesmo Paníasis diz, em seguida, que Hera, a que preside os casamentos, fora ferida por Hércules “na arenosa Pilos”. Sosíbio, por outro lado, assevera que Hércules teve a mão ferida por Hipocôntides. Se há ferida, há sangue! E o ícor, esse líquido que os poetas associam ao sangue, é mais repugnante que o sangue comum, pois *ikhor* significa putrefação do sangue.

É mister, portanto, conceder aos deuses cuidados e alimento, já que têm necessidade de tais coisas. Por isso há banquetes, embriaguez, riso e uniões. Praticariam eles os prazeres carnis próprios dos humanos, procriariam e cochilariam, se fossem imortais, sem carência de coisa alguma e possuidores da agerasia? O próprio Zeus tomou parte num banquete humano junto aos etíopes, e, na casa de Licaão, na Arcádia, serviram-lhe uma comida desumana e criminosa: ele se serviu, espontaneamente, de carne humana. O deus ignorava, pois, que o arcádio Licaão, seu anfitrião, havia esquartejado o próprio filho (de nome Níctimo) e lhe servido cozido como alimento.

Belo personagem, esse Zeus profético, protetor dos hóspedes e dos suplicantes, pleno de mansuetude, fonte de todos os oráculos, vingador de crimes! É muito antes o oposto: o injusto, o criminoso, o imoral, o sacrílego, o misantropo, o violento, o corruptor, o adúltero, o libertino! Ainda bem que esse Zeus só existiu enquanto realmente existiu como homem; agora, até os vossos mitos – segundo me parecem – também já envelheceram. Zeus não é mais serpente, nem cisne, nem águia, nem homem ardente de amor; não é mais um deus volátil, nem pederasta, nem apaixonado, nem usa mais da violência, e, no entanto, ainda existem muitas mulheres belas e mais graciosas do que Leda; mais esbeltas do que Sêmele; adolescentes mais belos e educados do que o boiadeiro frígio. Onde está agora aquela famigerada águia? Onde está o cisne? Onde está Zeus, ele mesmo? Envelheceu junto com suas asas; com certeza não é porque se haja arrependido de suas aventuras eróticas, tampouco porque tenha aprendido os ensinamentos da prudência e da temperança. Nós vos desvelamos o mito: Leda morreu, morreu o cisne, morreu a águia... Procuras o teu Zeus? Então não te

<sup>201</sup> PANÍASIS. *Heracléia*, frag. 16.

ocupes do céu, mas sim da terra. Os cretenses falar-te-ão dele, junto aos quais ele está sepultado, como diz Calímaco em seus hinos: “Pois os cretenses, ó Senhor, construíram o teu túmulo.”<sup>202</sup>

Portanto (não te irrites), Zeus morreu, assim como Leda, como o cisne, como a águia, como os homens sedutores, como o dragão.

Agora, os próprios supersticiosos parecem compreender, mesmo a contra-gosto, seus erros a respeito dos deuses:

Pois estes não são nascidos nem de um carvalho antigo e célebre,  
nem de um rochedo, - eles são filhos de homens,<sup>203</sup>

mas, em pouquíssimo tempo, serão transformados em madeira e pedra. Um certo Zeus Agamêmnon, conforme narra Estáfilo, é venerado em Esparta; Fânocles, em seu livro *Os Amores ou os belos rapazes*, mostra Agamêmnon, o rei dos helenos, erigindo um templo à Afrodite Argina, por causa de seu amado Argino. Quanto aos arcádios, estes invocam uma Ártemis denominada “afogada”, como diz Calímaco, em *Origens*. Em Métimne venera-se uma outra Ártemis, a Condilítis. Existe também, na Lacônia, um santuário de uma outra Ártemis, a Podagras, como nos diz Sosíbio. Pólemon conhece uma estátua de Apolo Boquiaberto, e uma outra de Apolo Glutão venerada na Héliida. Os helidenses também oferecem sacrifícios a um Zeus “Caça-moscas”, assim como os romanos o fazem a um Hércules “Espanta-moscas”, juntamente com a Febre e o Medo, os quais eles inseriram no círculo dos companheiros de Hércules. Permito-me, ainda, falar dos argivos e dos lacônios: estes rendem culto a uma Afrodite “Profanadora de túmulos”; os espartanos, por sua vez, veneram uma Ártemis “que tosse e escarra”, pois eles empregam o vocábulo *chelyttein* para a ação de tossir.

Tu acreditas que esses fatos que te expomos são tirados de textos fraudulentos? Não reconheces, pois, teus próprios escritores, os quais eu trago aqui como testemunhas de tua incredulidade, vós, ó infortunados, que preenchestes toda a vossa vida com objetos ridículos e ímpios, tornando-a deveras impossível de suportar? Não se venera, em Argos, um Zeus Careca, e em Chipre um outro Zeus Vingador? Os argivos não fazem oblações a uma Afrodite Períbaso; os atenienses a uma Afrodite Cortesã; os siracusanos a uma Afrodite Calípige, a qual o poeta Nicandro imputa o epíteto de “a de belas nádegas”? Agora eu silêncio a respeito de Dioniso *Choiropsálas*, o libertino. Os habitantes de Sícion o adoram como protetor das mulheres enlouquecidas pelo furor erótico, iniciador ignominioso, que se tornou o guardião

<sup>202</sup> CALÍMACO. *Hino a Zeus*, 8 e sg.

<sup>203</sup> *Odisséia*, XIX, 163 e IV, 63.

venerável das partes vergonhosas. Tais são os deuses que zombam dos deuses; mais ainda, zombam deles próprios e se ultrajam a si próprios. E, por acaso, são os gregos – que adoram esses deuses - melhores que os egípcios que adoram, nas aldeias e nas cidades, animais irracionais? Os animais irracionais, ao menos, não são adúlteros, nem concupiscentes, tampouco buscam prazeres contra a sua natureza. Mas será ainda necessário dizer alguma coisa a respeito dos gregos, quando já foram suficientemente desmascarados? Em verdade, os egípcios – de quem eu me lembrei agora – possuem uma grande variedade de cultos, entre eles, os sienitas veneram o fagro, um peixe; os habitantes de Elefantina, o maiote (outro peixe); os de Oxírinco, o peixe que leva o mesmo nome que o da terra deles; os heracleopolitanos, o icneuno; os saítas e os tebanos, a ovelha; os licopolitanos, o lobo; os cinopolitanos, o cão; os habitantes de Mênfis, Ápis; os de Mendes, o bode. E vós, que em tudo sois melhores do que os egípcios (eu hesito em dizer – piores), não cessais de rir diariamente deles. Quais são, pois, as vossas posturas a respeito dos animais irracionais? Entre vós, os tessalonicenses honram as cegonhas, em obediência a uma tradição; os tebanos, o peixe-gato, por causa do nascimento de Hércules. E o que dizem, ainda, os tessálios? Estes veneram as formigas – dizem – porque aprenderam que Zeus se havia metamorfoseado em formiga para se unir à filha de Clétor – Eurimedusa – e engendrar Mirmidão. Pólemo narra que os habitantes das cercanias da Trôade cultuam os ratos de sua região, os quais eles chamam de “esmíntios”, porque roem as cordas dos arcos de seus inimigos; e de Esmíntio, palavra que alude a esses ratos, eles sobrenomeiam Apolo. Heráclides, em seu livro “Fundações dos santuários em torno de Acarnânia”, diz que lá, onde se encontram o promontório Áctio e o templo de Apolo Áctio, imolava-se um boi às moscas. Também não olvidarei os sâmios (que, como diz Euforião, veneram uma ovelha), nem os sírios da Fenícia, dentre os quais uns cultuam as pombas, outros os peixes, e com tanta magnificência quanto os eleenses, em relação a Zeus.

Pois bem, uma vez que não são deuses esses seres a quem vós rendeis culto, parece-me, portanto, conveniente examinar se eles não seriam demônios engajados, como vós dizeis, numa segunda categoria. Se, de fato, são demônios, são, por conseguinte, companheiros da gula e da luxúria. Encontram-se, pois, assim, livre e indiscriminadamente, nas cidades, esses demônios regionais, reverenciados como objetos de culto: Menédeme, entre os citnienses; Calistágoras, entre os tenienses; Ânio, entre os délios; Astrábaco, entre os lacônios. Em Falero, honra-se também um certo “herói da poupa,” e a Pítia admoestava os plateenses a sacrificarem a Andrócrates, a Demócrates, a Cicleu e a Lêucon, como se eles estivessem no

auge da luta contra os medo-persas. Existe ainda um sem-número de outros demônios, caso se queira, por mais simples que seja, fazer um exame:

Em verdade, há três miríades, sobre a terra nutridora de muitos seres,  
de demônios imortais, guardiões de homens mortais.<sup>204</sup>

Quem são esses guardiões, ó Beócio? Não te intimides de dizer-nos. É evidente que os grandes demônios são mais venerados que aqueles demônios secundários. Dentre os grandes demônios estão: Apolo, Ártemis, Leto, Deméter, Perséfone, Hades, Hércules e o próprio Zeus. Mas não é por medo de que nos afastemos deles que eles nos guardam, ó Ascreu, é, talvez, para que nós não cometamos erros; eles que, evidentemente, jamais os cometeram. Aqui, sem dúvida alguma, vale a pena citar o seguinte provérbio:

Um pai que não permite ser repreendido, repreende o filho.<sup>205</sup>

Se esses são, pois, vossos guardiões, não é pela benevolência que sentem por vós, mas presos à vossa ruína; como adutores, eles perseguem o que lhes mantém a vida, atraídos pela fumaça (dos sacrifícios). Esses mesmos demônios, de alguma maneira, reconhecem a sua gula:

Libações e a fumaça odorífica das vítimas é o que nós temos como recompensa,<sup>206</sup>

dizem eles. Que outra linguagem teriam - se pudessem ter uma – os deuses do Egito, por exemplo, os gatos e as doninhas, senão a de Homero e dos poetas, amiga do odor dos sacrifícios e da gastronomia? Eis o que são, para vós, os demônios, os vossos deuses, e também todos aqueles a quem chamais de semideuses; como se dissesse semiasno: pois, de fato, vós não tendes carência de nomes para essas criaturas compostas de impiedade.

---

<sup>204</sup> HESÍODO. *Trabalhos e os Dias*. 252 sg.

<sup>205</sup> Autor desconhecido.

<sup>206</sup> *Iliada*, IV, 49.

## CAPÍTULO III

## OS SACRIFÍCIOS HUMANOS E OS TEMPLOS DOS DEUSES

Continuemos, então, e acrescentemos o fato de como os vossos deuses são demônios misantrópicos: não apenas se regozijam com a demência dos homens, mas também com assassinatos. Eles se dão ao prazer de agenciar ora lutas armadas, pelo simples desejo de vitória; ora guerras em que uma ardente emulação conduz os soldados a inumeráveis combates, instigados pela ambição. Destarte, eles se saciam, de modo superlativo, com mortes humanas; e caindo sobre cidades e povos, como epidemias, exigem libações atrozes. Aristómenes da Messênia, a saber, degolou trezentos homens a Zeus Itometeu, acreditando oferecer um sacrifício tão grande quanto agradável; nesta tríplice hecatombe estava incluído Teopompo, rei dos lacedemônios, nobre vítima sacrificial. O povo táurio, que habita as cercanias do Quersoneso táurio, imola imediatamente à Ártemis da Táurida todos os naufragos estrangeiros que eles capturam. Eurípides põe em cena em sua tragédia estes vossos sacrifícios. Mónimo narra, em sua *Seleção das maravilhas*, que em Pela da Tessália se imola um homem aqueu a Peleu e a Quirão; Antíclides, em seus *Retornos*, mostra os líctios (um povo natural de Creta) degolando homens em honra de Zeus; Dósidas diz, a respeito dos lesbienses, que eles oferecem este mesmo sacrifício a Dioniso; dos fócios, por sua vez (e não gostaria de omiti-los), Pítocles narra, em seu terceiro livro *Da concórdia*, que eles oferecem um homem em holocausto a Ártemis Taurópolis. Erecteu da Ática e Mário de Roma sacrificaram suas próprias filhas; o primeiro à Feréfata, de acordo com Demárates em seu primeiro livro *Sobre as tragédias*; e o segundo, aos deuses tutelares, conforme narra Doroteu, no quarto livro de suas *Itálicas*. Tudo isso torna evidente que, de fato, os demônios são filantrópicos! Como, pois, não são analogamente santos aqueles que temem esses deuses? Estes são celebrados como salvadores; aqueles como suplicantes da salvação, ao pé dos que conspiram contra a salvação. Certamente, imaginando oferecerem belos sacrifícios aos deuses, eles não se dão conta de que degolam seres humanos. Com efeito, não é o lugar que transforma um homem assassinado em oferenda sacrificial, tampouco se este homem foi degolado em honra de Ártemis ou de Zeus, num lugar sagrado, em vez de fazê-lo movidos pela cólera ou pela luxúria, demônios da mesma legião; sobre os altares, ou mesmo nos

grandes caminhos, pode-se muito bem degolar um homem e proclamá-lo oblação aos deuses, entretanto esse tipo de sacrifício não deixa de ser um homicídio, um assassinato.

Que estultícia, ó homens, vós que sois os mais sábios dos animais! Nós fugimos dos animais selvagens! Se, por acaso, nos deparamos com um urso ou um leão, nós nos desviamos deles,

como quem, vendo uma serpente na garganta de uma montanha, rápido recua; um tremor domina-lhe os membros, e ele recapitula.<sup>207</sup>

Mas, quando houverdes pressentido e compreendido que eles são demônios funestos, criminosos, insidiosos, misantrópicos e corruptos, não vos desviais deles? Não vos voltais contra eles? Que verdade poderiam vos dizer esses seres maléficos, ou a quem seriam úteis? De imediato eu posso vos mostrar que muito melhor que os vossos deuses e os vossos demônios é o homem; que Ciro e Sólon são melhores que Apolo, o adivinho. Vosso Febo ama os presentes mas não os homens. Ele traiu Creso, seu amigo, e, esquecendo as oferendas recebidas (como era desastrado!), conduziu-o através do Hális até a fogueira. É assim que esses demônios que amam os homens guiam-nos em direção ao fogo. Tu, porém, ó homem, mais solidário e mais sincero que Apolo, tem piedade daquele que está atado à pira; tu, Sólon, vaticina a verdade; e tu, Ciro, apaga essa fogueira! Por certo, mesmo no momento extremo, tu te tornaste sábio, ó Creso, tendo aprendido com o sofrimento: é um ingrato aquele que veneras. Ele se apodera do salário e, de posse do ouro, volta a mentir. “Considera o termo”: não é o demônio, mas sim o homem que te fala. Sólon não profere oráculos ambíguos, em suas palavras há apenas a verdade, ó bárbaro; disso, em cima da pira, tiveste a prova.

Eu me interrogo, com espanto, por quais fantasias e em que ocasião esses primeiros homens errantes difundiram a superstição e estabeleceram cultuar demônios criminosos; se foi o famigerado Foroneu, ou Mérops, ou algum outro dentre aqueles que edificaram templos e altares, foram, também, segundo os relatos, os primeiros a oferecer sacrifícios a esses demônios. Em verdade, séculos depois, ainda se esculpem deuses para adorar. Seguramente, esse tal Eros, que se considerava o mais velho dos deuses, ninguém o honrava antes de Carmos que, tendo conquistado um adolescente, construiu um altar na Academia, em ação de graças pela realização de seu desejo, e chamou de Eros a violência impudica desse mal, divinizando um desejo obsceno. Os atenienses ignoravam Pã, não sabiam sequer quem ele era, antes de Filípides lhes dizer. De fato, desde o início e de algum lugar qualquer, a superstição logrou tornar-se fonte de vícios estúpidos e, não tendo sido impedida, progrediu bastante e se difundiu, tornando-se engendradora de uma multidão de demônios, sacrificando

---

<sup>207</sup> *Iliada*, III, 33-35.

hecatombes, celebrando panegíricos, levantando estátuas e construindo templos. Quanto a esses templos, não silenciarei e os refutarei. Por eufemismo, são eles chamados de templos, pois foram, antes, tão-somente túmulos. Porém, ao menos agora, vós esqueceis a superstição, envergonhados de venerar túmulos.

No templo de Atena, na acrópole de Larissa, encontra-se o túmulo de Acrísio; e na acrópole de Atenas, o de Cécrops, como diz Antíoco, no nono livro de suas *Histórias*. E o que dizer de Erictônio? Não recebeu ele honras fúnebres no templo de Atena Políade? E Immárado, filho de Eumolpo e Daira, nos outões do Eleusino, ao pé da acrópole? As filhas de Celeu, também, não foram sepultadas em Elêusis? Que tal mencionar as mulheres da estirpe dos hiperbóreos? Elas se chamavam Hipéroque e Laódice e receberam as honras fúnebres no Artemísio, em Delos, que faz parte do santuário de Apolo Délio. Leândrio diz que Cléoco está sepultado em Mileto, no Didímio. Aqui, nesse catálogo, não se pode olvidar o túmulo de Leucofrine que, segundo Zenão de Mindos, recebeu honras fúnebres no santuário de Ártemis, em Magnésia; nem o altar de Apolo em Telmeso: este altar é, pelo que narram, o túmulo do adivinho Telmiseu. Ptolomeu, filho de Agésarco, diz, no livro primeiro de sua *História de Filopátor*, que, em Pafos, Ciniras e seus descendentes estão sepultados no santuário de Afrodite. Se eu quisesse, pois, passar em revista todos os túmulos venerados por vós,

todo o tempo possível não seria suficiente.<sup>208</sup>

Quanto a vós, se não vos resta nenhum laivo de vergonha de tais audácias, é porque, enfim, não sois senão cadáveres que, de fato, depositaram sua fé em cadáveres:

Ah, infelizes! De que mal padeceis? A noite cobriu vossas cabeças.<sup>209</sup>

---

<sup>208</sup> Autor desconhecido

<sup>209</sup> *Odisséia*, XX, 351 sg.

## CAPÍTULO IV

## A NATUREZA DOS DEUSES GREGOS

Se eu ainda expuser, acrescentando ao que já foi dito, essas vossas estátuas de deuses, para que as examineis, ireis considerar uma verdadeira estultícia esse costume de suplicar a coisas insensíveis, a obras oriundas de mãos humanas. Antigamente, os citas adoravam o alfanje, os árabes a pedra, os persas o rio, e, entre outros povos, ainda mais antigos, assentavam-se pedaços de madeira, visível a todos, e erigiam-se colunas de pedras; a isso deram o nome de *xoana*, por causa do polimento dado à madeira.

Seguramente, em Ícaros, a estátua de Ártemis era um pedaço de madeira não-talhada, e a de Hera Citerônia, em Téspia, era um tronco cortado; a de Hera Sâmia, como diz Étlío, fora, primeiramente, um toro de madeira, depois, sobre o arcontado de Procles, adquiriu forma de figura humana. Quando se puseram a dar às *xoanas* forma humana, retiraram do epíteto *brotoi* (mortais) o nome *brétas*<sup>210</sup>. Em Roma, uma antiga lança veio a ser a *xoana* de Ares, segundo o escritor Varrão, numa época em que os artistas ainda não se haviam dedicado a essa preciosa fraude. Depois que esta arte floresceu, o erro se expandiu.

Tanto em pedras quanto em pedaços de madeira, vê-se claramente a matéria com que as estátuas de figura humana foram feitas, para as quais fingis piedade, caluniando a verdade; isso já está claro *per si*, mesmo que essa demonstração necessite de raciocínio lógico, não se deve fazê-lo. Todo mundo sabe que o Zeus de Olímpia e a Políade de Atenas, de ouro e marfim, foram obras de Fídias; a *xoana* de Hera, em Samos, foi feita por Esmílis, filho de Euclides, conforme escreveu Olímpico, em sua obra *Sâmios*. Não duvideis de que duas das denominadas Venerandas, em Atenas, Escopas as plasmou na pedra chamada *lychneús*, sendo, a do meio, obra de Calo; eu posso citar-te Pólemon, que narra isso no quarto livro do *A Timeu*; o mesmo se dá em Pátara da Lícia, onde as estátuas de Zeus e Apolo foram esculpidas ainda por Fídias, assim como os leões a eles consagrados; acredita, pois. Se, como dizem alguns, a obra era de Briáxis, isso não importa, este também foi um escultor; atribui-a a qualquer um dos dois, como quiseres. Também são obras de Telésias de Atenas, como diz Filócoro, as estátuas, de nove braços, de Poseidão e Anfítrite, veneradas em Tenos. Demétrio,

<sup>210</sup> Brevtaç, -eoç, -ouç: estátua de madeira, bastante primitiva. (N. do T.)

no segundo livro de suas *Argólicas*, registra que a *xoana* de Hera, em Tirinto, era de madeira de peral, e que seu autor fora Argos. Muitos, prontamente, espantar-se-iam se soubessem que o Paládio, considerado caído do céu (procedente de Zeus), o qual Diomedes e Odisseu haviam – dizem – saqueado em Ílion e confiado a Demofonte, fora construído com os ossos de Pélops, assim como o Zeus de Olímpia o fora com os ossos de uma besta oriunda da Índia. Eu ponho à vossa disposição o historiador Dionísio, na quinta parte de seus *Ciclos*. Mas Apeles, em suas *Délficas*, diz que houve dois *Palládia*, ambos feitos por mãos humanas. Entretanto, para que nenhuma me pareça omitida por ignorância, eu citarei a estátua de Dioniso Mórico, em Atenas, esculpida num mármore chamado *phellátas*, obra de Sícon, filho de Eupálamo, como diz Pólemon, em uma carta. Existiram também dois outros escultores – suponho que cretenses –, Escílis e Dípinos, que esculpíram as estátuas dos dois Dióscuros, em Argos, a estátua de Hércules, em Tirinto, e a *xoana* de Ártemis Muníquia, em Sícion.

De que coisa me ocupei! quando, em verdade, posso mostrar-vos o que era esse grande demônio, Sarápis, o egípcio, que, por excelência, era considerado – dizem - digno da veneração de todos, e que ousaram dizer cuja imagem não foi feita por mãos humanas. Uns contam que ela foi enviada, como dádiva de gratidão, pelos sinopeus a Ptolomeu Filadelfo, rei do Egito; este os cativou quando, consumidos pela fome, conseguiram trigo do Egito; esta *xoana* era uma estátua de Plutão. Ptolomeu, tendo-a recebido, assentou-a sobre a acrópole que, naquela época, era denominada Racótis, lá onde também se venera o santuário de Sarápis, nos limites de seus domínios. Ptolomeu, por sua vez, mandou transportar e sepultar, nesse mesmo lugar, Bléstique, sua concubina, que morrera em Canope. Outros dizem, porém, que Sarápis era um ídolo do Ponto, que foi transportado para Alexandria, com honras magníficas. Apenas Isidoro diz que a estátua foi levada de Selêucia, perto de Antioquia, cujos habitantes se achavam na penúria e que foram saciados por Ptolomeu. Aliás, Atenodoro, filho de Sândon, querendo atribuir a Sarápis uma antiga tradição – não sei como -, cai em contradição, argumentando que essa estátua era simplesmente bem-acabada; ele diz que Sesóstris, rei do Egito, depois de ter subjugado a maior parte dos povos da Hélade, retornou ao Egito, levando consigo artistas habilidosos; o próprio Sesóstris lhes encomendou uma estátua, suntuosa e finamente trabalhada, de Osíris, seu ancestral, que foi esculpida pelo artista Briáxis, não o ateniense, mas por um outro, homônimo, que usou, em seu trabalho, diversas matérias misturadas. Havia, de fato, limalha de ouro, de prata, de bronze, de ferro, de chumbo e também de estanho; nenhuma das pedras preciosas do Egito lhe faltava: fragmentos de safira, de hematita, de esmeralda e, enfim, de topázio. Tendo polido a estátua inteira e a mesclado, tingiu-a de azul, motivo pelo qual a estátua tornou-se mais negra. Com as drogas

que restaram do embalsamamento de Osíris e Ápis, esse artista modelou o seu Sarápis, cujo nome faz alusão ao fato de ter em comum honras e objetos fúnebres, tornando-se Osirápis, síntese de Osíris e Ápis.

O imperador romano entronizou piedosamente um outro novo deus no Egito (e pouco se precisa para que isso também aconteça na Grécia): o seu charmosíssimo amado Antínoo, por ele consagrando, assim como Zeus fez com Ganimedes, pois não se freia facilmente um sentimento que não conhece o medo; agora os homens celebram essas noites sagradas de Antínoo, de cujo dissolutismo o amante, insone, compartilhava. Por que fazer desfilar diante de mim um deus honrado pela prostituição? Por que me proibir de pranteá-lo como a um filho morto? Por que discorrer sobre sua beleza? É uma vergonha o belo consumido pela soberba. Não te conduzas, ó homem, como um tirano, diante da beleza; tampouco insultes a juventude em sua eflorescência; guarda-a pura para que ela seja bela! Torna-te rei da beleza e não seu tirano; que ela permaneça livre; reconhecerei a beleza em ti quando terás guardado pura a sua imagem; adorarei a beleza quando ela se tornar o verdadeiro arquétipo das coisas belas. Existe, agora, um túmulo do ser amado; em verdade há um templo e uma cidade de Antínoo; uma veneração semelhante, penso eu, àquela que envolve os templos, assim como os túmulos realizadores de prodígios, as pirâmides, os mausoléus e os labirintos, todos templos de mortos, como o são aqueles túmulos de deuses.

Como vosso mestre, citarei, por conseguinte, a Sibila profetisa:

Profetisa, não do falso Febo, a quem os homens fúteis chamam de deus e, falsamente, qualificaram-no de adivinho, mas do grande Deus que não se plasmou por mãos humanas, à semelhança dos ídolos mudos, em pedra talhada e polida<sup>211</sup>...

Esta, de fato, prevê a destruição dos templos, dizendo que o de Ártemis Efésia será tragado por fendas ctônicas e abalos sísmicos, a saber:

Em escombros, Éfeso se lamentará, chorando sobre suas praias escarpadas, procurando seu templo não mais habitado.<sup>212</sup>

O de Osíris e Sarápis, no Egito, - diz ela – será destruído e incendiado:

Ísis, deusa três vezes infeliz, tu permaneces sobre as águas correntes do Nilo, solitária, errante, muda sobre as areias do Aqueronte.

Em seguida, diz mais adiante:

E tu, Sarápis, recoberto de inúmeras pedras reluzentes, jazes, como um imenso cadáver, no Egito três vezes infeliz.<sup>213</sup>

<sup>211</sup> *Oráculos Sibilinos*, 4, 4-7.

<sup>212</sup> *Ibidem*, 5, 294 e 296-297.

<sup>213</sup> *Ibidem*, 5, 484-485 e 487-488.

Mas, se tu não dás ouvido à Profetisa, escuta, ao menos, aquele filósofo, Heráclito de Éfeso, quando insulta a insensibilidade das estátuas: “E a essas estátuas se lhes imploram, como se conversassem com casas.”<sup>214</sup> Com efeito, não são prodigiosos aqueles que suplicam às pedras e, depois, colocando-as, também, diante de suas portas, como se elas pudessem fazer alguma coisa? Eles adoram Hermes como deus e guardião das portas, veneram a estátua do “Protetor dos caminhos”. Se, realmente, eles os ultrajam como seres insensíveis, porque, então, adoram-nos como deuses? E se acreditam que eles são dotados de sentimentos, porque fazem deles seus porteiros? Os Romanos, que atribuem à Fortuna os seus maiores êxitos e concebem-na como uma grande deusa, carregaram-na em uma cloaca e aí a instalaram, outorgando a essa deusa suas latrinas, como templos verdadeiramente dignos dela.

A bem da verdade, tudo é indiferente a uma pedra insensível, a um pedaço de madeira, ao ouro precioso; seja o odor das vítimas, seja o sangue vivo a escorrer nos altares, ou a fumaça que os deixam enegrecidos, nem mesmo a honra ou a desonra. Essas estátuas são menos dignas de veneração do que qualquer animal. Como se pôde divinizar objetos insensíveis! A mim, é-me difícil compreender e sentir compaixão da loucura desses homens perdidos e, por conseguinte, infelizes; é certo que alguns animais não têm todos os sentidos, assim como os vermes e as lagartas e todos aqueles que, desde o primeiro momento de sua criação, surgiram deficientes, como a toupeira e o musaranha que, segundo Nicandro, é cego e causa pavor; contudo, valem mais do que essas *xoanas* e essas estátuas destituídas de sensibilidade; aqueles seres, ao menos, têm um dos sentidos, por exemplo, a audição, ou o tato, ou alguma coisa análoga ao olfato e ao paladar; enquanto as estátuas não possuem a menor sensibilidade. Há vários animais que não possuem nem visão, nem audição, nem voz, como é o caso da espécie das ostras; entretanto elas vivem, crescem e sofrem as influências da lua; por outro lado, as estátuas rudes são inúteis, inertes, insensíveis, são fixadas, cravadas, fundidas, lixadas, polidas, esculpidas. Os fabricantes de estátuas “aviltam a argila”,<sup>215</sup> constringendo a própria natureza da terra e persuadindo seus semelhantes à idolatria por meio da arte; esses “fabricantes de deuses” adoram não deuses e demônios, mas argila e arte, que são, de fato, essas suas estátuas. Uma estátua nada mais é que matéria morta plasmada pelas mãos de um artista; para nós, ao contrário, a estátua da divindade é uma concepção do espírito, não um objeto sensível, feito de matéria sensível. Espiritual e não-sensível é o único e verdadeiro Deus.

<sup>214</sup> HERÁCLITO, fragmento 5.

<sup>215</sup> *Iliada*, XXIV, 54.

Por contradição, nessas tais conjunturas, esses supersticiosos, que adoram as pedras, aprendem pela experiência a não venerar a matéria insensível. Deixando-se vencer pela própria necessidade, sucumbem pela própria superstição, pois, de igual maneira, eles desprezam as estátuas, mesmo não o querendo demonstrar abertamente; os próprios deuses menosprezam as estátuas a eles consagradas.

O tirano Dionísio, o Jovem, que mandou fazer um manto de ouro em volta da estátua de Zeus, na Sicília, determinou, à sua revelia, que substituíssem aquele por um outro de lã, dizendo, com uma certa urbanidade, que este era melhor que o de ouro, porquanto mais leve no verão e mais quente no inverno. Antíoco de Cízico, não tendo dinheiro, tomou a iniciativa de fundir a estátua de ouro de Zeus, de quinze braças de altura, e consagrou, de novo, ao deus, uma outra estátua semelhante àquela, porém de uma matéria menos preciosa, apenas recoberta com folhas de ouro. As andorinhas e a maior parte dos outros pássaros voam sobre essas estátuas e aí defecam, sem se preocuparem com Zeus Olímpico, Asclépio de Epidauro, Atena Políade ou Sarápis do Egito. Entretanto, nem mesmo com esses animais vós compreendeis a insensibilidade das estátuas. Por outro lado, há certos malfeitores ou inimigos que se prendem a elas: são aqueles que, ávidos de luxúria, devastam os santuários e roubam as oferendas, ou mesmo derretem as estátuas. E se foi um Cambises ou um Dario ou outro louco qualquer que cometeu tais atentados, e se alguém matou o Ápis do Egito, eu acho graça porque esse alguém matou o seu próprio deus, e me indigno do que a luxúria é capaz de realizar.

Deliberadamente cessarei de falar sobre essas malfeitorias, esses atos não de heroísmo mas de arrogância da parte dos ídolos. De modo algum, o fogo e os terremotos, que agem por si próprios, se amedrontam, nem se intimidam diante desses demônios e dessas estátuas, não mais que as ondas diante dos seixos amontoados sobre as praias. Eu bem sei, por mim mesmo, que o fogo é um bom argumento e um remédio para a superstição; se queres por fim à insensatez, o fogo te conduzirá à luz. Esse fogo também consumiu o templo de Argos, com a sacerdotisa Crísis; em Éfeso, o templo de Ártemis, o segundo depois do templo das Amazonas; em Roma, várias vezes, sorveu o Capitólio, tampouco respeitou, na cidade de Alexandria, o santuário de Sarápis. Em Atenas, derrubou o templo de Dioniso Eleutério, e o de Apolo, em Delfos, que, primeiramente, foi devastado por um furacão e, depois, varrido pelo fogo inteligente. Essas coisas mostram-te o proêmio daquilo que o fogo se encarrega de fazer.

Os fabricantes de estátuas parece confundirem aqueles que, dentre vós, são sensatos e desprezam tais obras: Fídias de Atenas escreveu sobre o dedo de seu Zeus Olímpico: “Pantarces é belo”; com efeito, não era Zeus que lhe parecia belo, mas sim seu amado.

Praxíteles, por sua vez, como mostra claramente Posidipo, em seu livro sobre Cnido, ao esculpir a estátua de Afrodite Cnídia, deu-lhe a mesma fisionomia de Cratina, sua amante, para que os infelizes tivessem de adorar a amante de Praxíteles. Quando Frine, cortesã de Téspies, estava na flor de sua juventude e beleza, todos os pintores reproduziam seus belos traços nas estátuas de Afrodite, assim como, em Atenas, os escultores das estátuas de Hermes tomavam Alcibíades por modelo. Deixa-se a teu critério o trabalho de discernir, se queres também adorar as *hetairai*.

A partir disso, creio eu, os antigos reis, que desprezavam todos esses mitos, eles próprios se proclamavam, deliberadamente, deuses, pois não havia nada a temer da parte dos homens; com isso, eles ensinam que também aqueles – os deuses – foram proclamados imortais graças à sua glória. Ceix, filho de Aiolo, foi nomeado Zeus, por sua mulher Alcíone, e esta, por sua vez, foi chamada Hera, por seu marido. Ptolomeu IV foi chamado de Dioniso; o mesmo fez Mitrídate do Ponto, autodenominando-se Dioniso; Alexandre, por seu turno, queria passar por filho de Amon e ser representado com cornos pelos escultores de estátuas, apressado que estava em ultrajar a beleza do rosto humano. Os reis não foram os únicos, particulares também adornaram-se a si próprios com apelações divinas, como é o caso do médico Menécrates, apelidado de Zeus. É necessário ainda que eu cite Alexarco, sábio gramático que, segundo Aristo de Salamina, representava a si próprio como Hélio? E preciso mencionar Nicágoras? Este pertencia a uma família natural de Zeléia e viveu no tempo de Alexandre. Fazendo-se passar por Hermes, tomou emprestado para si as vestes do deus, como ele próprio o testemunha. Mas, que necessidade há desses exemplos, quando povos inteiros e cidades habitadas, insinuando-se na adulação, depreciam os mitos que dizem respeito aos deuses, atribuindo a si próprios – simples homens – a condição de ser semelhante aos deuses, imbuídos de glória e pondo à votação, entre eles próprios, honras desmesuradas? Então, o macedônio de Pela, Filipe, filho de Amintas, que decretou ser adorado em Cinosargo, ele que, “com a clavícula quebrada e a perna estropiada”, teve ainda um olho amputado; depois é a vez de Demétrio, que também se proclama deus; lá onde desceu do cavalo, quando entrou em Atenas, há um santuário de Demétrio *Kataibátes* e altares por toda parte; inclusive os atenienses lhe engendraram um casamento com Atena, mas ele desdenhou da deusa, por não poder desposar uma estátua; ele subiu, então, a acrópole levando consigo a cortesã Lâmia e lá, na “alcova” de Atena, une-se à *hetaira*, mostrando à vetusta virgem as posturas obscenas da jovem cortesã.

Que não se indigne, pois, de ver Hípon querer imortalizar sua própria morte; este tal Hípon mandou gravar em seu próprio túmulo este dístico elegíaco:

Este túmulo é de Hípon, que o Destino fez,  
após sua morte, semelhante aos imortais.

Tu nos manifestas bem, Hípon, o erro humano! Se, quando falavas, eles não acreditavam em ti, que se tornem agora, depois de estares morto, teus discípulos! Eis o oráculo de Hípon. Meditemos, pois, sobre ele: aqueles que são adorados entre vós e que, na vida real, outrora foram homens, morreram depois; mas o mito e o tempo cobriram-nos de honras. Portanto, é de praxe menosprezar, de algum modo, o presente, porque se convive com ele. Enquanto o passado, que imediatamente se distancia das provas e se põe à parte, na obscuridade do tempo, é coberto de glória pela ficção; por um lado, desconfiam do presente; por outro, enchem-se de admiração pelo passado. Assim, certamente, os antigos mortos, enaltecidos e venerados pela autoridade que o tempo consigna ao erro, são considerados deuses por seus sucessores. Prova disso são os vossos mistérios, os vossos panegíricos, os liames, as feridas e as lágrimas dos vossos deuses:

Ai de mim, porque o destino quer que Sarpédon, que me é o mais caro dentre os homens, seja morto por Pátroclo, filho de Menécio!<sup>216</sup>

A vontade de Zeus é dominada, e o vosso Zeus, vencido, lamenta-se por causa de Sarpédon. De fato, tendes razão em chamar, vós mesmos, os vossos deuses de ídolos e demônios, pois Homero, por maldade, honrava a própria Atena e os outros deuses chamando-os de demônios:

Ela havia retornado ao Olimpo, residência de Zeus portador da égide, para junto dos outros demônios.<sup>217</sup>

Como, pois, ainda são tidos como deuses, ídolos e demônios, esses espíritos verdadeiramente infames e concupiscentes, reconhecidos por todos como terrestres e impuros, que tendem à ignomínia, “que rondam os túmulos e os monumentos fúnebres” e, errantes, deixam-se entrever indistintamente como “fantasmas de sombra”?

Eis os vossos deuses: ídolos, sombras e, com eles, essas criaturas “coxas, enrugadas e caolhas,” as Suplicantes, filhas de Tersites, e não de Zeus; a mim me parece muito engraçado o que diz Bión a esse respeito: “Como poderia ser correto os homens implorarem belos filhos a Zeus, quando nem a si próprio ele pode conceder tal coisa? Que impiedade! Enterrastes a substância absoluta, o quanto pudestes; aquilo que é puro e santo sepultastes nos túmulos, depois de terdes despojado o divino de sua verdadeira e real substância. Por que, então,

<sup>216</sup> Ibidem, XVI, 433-434.

<sup>217</sup> Ibidem, I, 221-222.

atribuístes honras divinas àqueles que não são deuses? Por que, tendo abandonado o céu, venerastes a terra? Que outra coisa é o ouro, a prata, o aço, o ferro, o cobre, o marfim, as pedras preciosas senão terra e produtos oriundos da terra? Não são, por acaso, filhos da mesma mãe, a terra, todas essas coisas que vedes? Por que, então, ó homens vãos e frívolos (e eu ainda repetirei mais vezes), após haverdes blasfemado contra o “lugar supraceleste,” fostes contra a piedade do solo, plasmando deuses terrestres e indo em busca dessas criaturas, em vez de vos endereçardes ao Deus incriado, caindo, por conseguinte, nas profundezas das trevas? O mármore de Paros é belo, mas ele ainda não é Posidão; belo é o marfim, mas ainda não é Zeus Olímpico; a matéria sempre carece da arte, enquanto Deus não necessita da arte. A arte se apresentou, e a matéria ganhou forma; e se a riqueza da substância faz disso um objeto de que se pode tirar lucros, é unicamente a forma que a torna digna de veneração. As vossas estátuas são de ouro, madeira, pedra e, se remontardes aos primórdios, de terracota; seja do que for, recebeu do artista a forma. Eu, por minha vez, ocupo-me de andar sobre a terra e não de adorá-la; pois não me é concedido, em momento algum, depositar as esperanças de minh'alma em coisas inanimadas.

Aproximai-vos, pois, ao máximo, das estátuas, para que vos habitueis a acusar o erro apenas com um simples olhar; a aparência de vossas estátuas traz claramente impressa a predisposição interior de vossos demônios. Se se percorrer, pois, essas pinturas e estátuas, a fim de observá-las, reconhecer-se-ão imediatamente vossos deuses, a partir de suas atitudes e posturas injuriosas: Dioniso, por sua indumentária; Hefesto, por sua arte; Deméter, por sua infelicidade; Ino, por seu véu; Posidão, por seu tridente; Zeus, por seu cisne; a pira designa Hércules; e, quando se vê a pintura de uma mulher nua, pensa-se logo na Afrodite “dourada”. Foi assim que aquele tal Pigmalião de Chipre se apaixonou por uma estátua de marfim, era a estátua de Afrodite e ela estava nua; subjogado pela beleza da estátua, o cipriota se uniu a ela, conforme narra Filostéfano. Em Cnido havia uma outra Afrodite, esta era de mármore e também era bela, e um outro se apaixonou por ela e fornicou com o mármore; quem relata isso é Posidipo (o primeiro caso está em seu livro sobre Chipre e o segundo se acha no livro sobre Cnido). Tamanha é a força que a arte tem para seduzir, tornando-se a sedutora de homens apaixonados, a ponto de levá-los ao abismo! A força criadora dos artistas é poderosa, mas não é capaz de enganar uma pessoa que raciocina, nem aquelas que vivem segundo o Logos; são como pombos que, por causa de uma pintura representando uma pomba, voam para perto dessa tal representação; são cavalos que relinham em direção a éguas belamente desenhadas. Fala-se de uma jovem que se apaixonou por um retrato; houve um belo rapaz que se apaixonou por uma estátua, em Cnido; mas os olhos de quantos contemplam essas obras

são ludibriados pela arte, pois ninguém, em sã consciência, se uniria à estátua de uma deusa, nem se sepultaria com um cadáver, nem se apaixonaria por um demônio ou uma estátua de pedra. Mas a vós, a arte vos enganou por meio de um outro embuste, suscitando, se não o amor, ao menos o respeito e a veneração pelas estátuas e pela pintura.

Com efeito, a pintura é verossímil! Que se louve a arte, mas que ela não engane o homem, passando-se por verdade. O cavalo parou de andar por causa da tranquilidade; a pomba está imóvel, sua asa em repouso; a vaca de Dédalo, feita de madeira, excitou um touro selvagem; a arte que fez o touro se excitar, lançou-o também sobre uma mulher apaixonada por ele, violentando-a.

As artes, por sua habilidade perversa, provocam esses arrebatamentos nos seres irracionais. Não obstante, aqueles que cuidam e alimentam os macacos constataram, com espanto, que estes não se deixam enganar com figuras e bonecas de cera ou de argila; sereis vós, então, piores que os macacos, cultuando quadros e míseras estatuetas de pedra, de madeira, de ouro e de marfim? Os artesãos, que vos fazem esses jogos funestos, são os escultores, criadores de estátuas, os pintores, os artistas e os poetas que introduziram a multidão de coisas dessa espécie: nos campos, os Sátiros e os Pãs; nas florestas, as Ninfas Orêiades e Hamadriades e, ainda, perto das águas, dos rios e das fontes, as Naíades; perto do mar, as Nereidas. Aliás, as Magas, por sua vez, se vangloriavam de ter, a serviço de sua impiedade, demônios como serviçais, atuando como domésticos, e que foram reduzidos à escravidão por força da magia. Há, ainda, a memória dos casamentos, das procriações, dos adultérios e fornicações de vossos deuses, tudo isso cantado pelos poetas, assim como seus banquetes e seu riso descomedido na embriaguez do vinho são postos nas comédias; todas essas coisas me estimulam a lançar um esgar, quando, em verdade, gostaria de calar-me. Ai de mim, que impiedade! Fizestes do céu uma cena; o divino tornou-se, para vós, uma peça de teatro; representastes em comédia o que é santo, com máscaras de demônio; pela superstição, transformastes em dramas satíricos a verdadeira piedade divina.

Agora, o aedo começou a cantar um belo canto;  
canta-nos, Homero, com tua bela voz,

os amores de Ares e de sua Afrodite de diadema, seu primeiro encontro secreto na casa de Hefesto, e todos os dons de Ares, e o tálamo ultrajado do senhor Hefesto.<sup>218</sup>

Cessa teu canto, ó Homero! Ele não é belo, ele ensina o adultério; nós e nossos ouvidos repudiamos o adultério, pois nós somos – nós – os portadores da imagem de Deus, e nessa

<sup>218</sup> *Odisséia*, VIII, 266-270.

estátua viva e animada, que é o homem, há uma imagem que habita conosco, que nos aconselha, que nos faz companhia, que vive junto a nós, que tem misericórdia de nós e sofre mais do que nós. Nós somos oblações feitas a Deus por Cristo: “Nós, a raça escolhida, o real sacerdócio, nação santa, povo eleito, que outrora não era um povo, mas que agora é o povo de Deus;”<sup>219</sup> nós que, segundo João, não somos “das profundezas,”<sup>220</sup> mas aprendemos com aqueles que vieram do alto, aqueles que meditaram a economia divina, aqueles que nos exercitaram “a andar segundo uma nova maneira de vida.”<sup>221</sup>

Mas não são essas as idéias da maioria dos homens; rejeitando o pudor e o medo, suas casas representam a impudicícia dos demônios. Eles ornamentam suas alcovas com certas pequenas pinturas, penduradas no alto das paredes, como se fossem quadros votivos, acreditando ser a concupiscência um ato de piedade. Deitados em seus leitos, unidos pelo amplexo, olham para aquela Afrodite nua, submissa ao amante; também mandam pintar, em suas alcovas, a ave apaixonada pela feminilidade, voando em torno de Leda, e concebem a gravura como um signo da libertinagem de Zeus.

Esses são os arquétipos de vossa sensualidade; essa é a teologia da arrogância; essas são as lições dos vossos deuses, que praticam convosco a concupiscência. “Aquilo que se deseja, nisso se crê”, diz o orador ateniense. Vós tendes ainda outras imagens semelhantes: pequenos deuses Pãs, jovens nuas, sátiros embriagados, falos em ereção, que vossas pinturas exibem abertamente, mesmo condenados pela intemperança. Hoje, não vos envergonhais de contemplar, com a população inteira, as pinturas que representam as posturas mais indecorosas; ainda bem que as guardais como *ex-voto*, como naturalmente o fazeis com as imagens de vossos deuses; consagrais, portanto, em vossas casas, estelas impudicas, representando tanto as posturas de Filênis, quanto os trabalhos de Hércules. Nós denunciemos vossa indulgência a todas essas coisas indecentes, condenando não apenas a prática, mas também o ato de vê-las e ouvi-las. Vossos ouvidos se prostituíram, vossos olhos cometeram adultério, e o mais estranho ainda: vosso olhar cometeu adultério antes mesmo dos amplexos libidinosos. Ó vós que cometeis violência para com o homem, arrancando-lhe brutalmente a inspiração divina, vós não credes em nada para estareis vivamente apaixonados: vós credes em vossos ídolos, ciumentos que sois da libertinagem deles, mas não credes em Deus, porque não suportais a temperança; vós odiastes o melhor e venerastes o pior, tornando-vos não espectadores da virtude, mas atores do vício.

Segundo a Sibila, apenas são, por assim dizer, realmente felizes aqueles

<sup>219</sup> *Pedro*, 2, 9 sg.

<sup>220</sup> *João*, 8, 23 e 3, 31.

<sup>221</sup> *Rom.*, 6,4.

que, ao olhar, desviar-se-ão de todos esses templos e altares, vulgares construções de pedra bruta, de *xoanas* de pedra e de estátuas feitas por mãos humanas, manchadas de sangue vivo e de sacrifícios de quadrúpedes, bípedes, de assassinatos de animais alados.<sup>222</sup>

Com efeito, é-nos claramente proibido produzir uma arte leviana. “Não farás imagens” – diz o profeta – “de tudo quanto existe no alto dos céus, nem de tudo quanto existe cá embaixo, sobre a terra.”<sup>223</sup> Acaso conceberíamos como deuses a Deméter de Praxíteles, sua Core e seu místico Iaco, assim como as obras de Lisipo e aquelas de Apeles, cuja estrutura de madeira é revestida de aparência da glória divina? Vós insistis em fazer a estátua tão bela quanto possível, mas não insistis – por insensibilidade - em vos tornardes, vós próprios, semelhantes às vossas estátuas, disso não vos ocupais! Em todo caso, a palavra do profeta, numa linguagem clara e concisa, censura essa atitude, quando diz: “Todos os deuses das nações são ídolos de demônios; mas Deus fez os céus”<sup>224</sup> e as coisas que nele estão.

Alguns chegam a cometer o erro – eu não sei como – de adorar não a Deus, mas a obra divina: o sol, a lua e todo o coro dos astros; de maneira irracional, eles os consideram como sendo deuses, esses instrumentos do tempo. “Por seu Logos, foram eles solidamente estabelecidos, e, pelo sopro de sua boca, fez-se toda a força deles.”<sup>225</sup> A arte, por seu turno, produz casas, navios, cidades, retratos; mas, quanto a Deus, como poderíamos dizer tudo quanto Ele fez? Olhai o universo inteiro, é obra sua: o céu, o sol, os anjos, os homens são “obras de seus dedos.”<sup>226</sup> Quão grande é o poder de Deus! Apenas por sua vontade Ele criou o mundo, pois só Deus o criou, uma vez que só Ele é realmente Deus; por sua simples vontade, Ele cria e apenas por meio dela, fez surgir tudo quanto existe. Nisso o coro dos filósofos desafina, reconhecendo que verdadeiramente o homem foi feito para a contemplação do céu, mas adoram eles os fenômenos celestes e o que seus olhos apreendem. Se, de fato, as obras que estão no céu não são obras humanas, foram, no mínimo, criadas por homens. Que algum dentre vós não adore o sol, mas que direcione seus desejos ao criador do sol; que ele não divinize o universo, mas que procure o criador do mundo! Existe, pois, como se pode ver, apenas um refúgio para aquele que deseja chegar às portas da salvação: é a sabedoria divina; lá, como num asilo sagrado, o homem não mais será tentado por nenhum dos demônios e rapidamente andará rumo à salvação.

<sup>222</sup> *Orác. Sib.*, 4, 24 e 27-30.

<sup>223</sup> *Êxodo*, 20, 4; *Deut.*, 5, 8.

<sup>224</sup> *Sal.*, 95, 5.

<sup>225</sup> *Ibidem*, 32, 6.

<sup>226</sup> *Ibidem*, 8, 4.

## CAPÍTULO V

## AS IDÉIAS SOBRE DEUS SEGUNDO A FILOSOFIA GREGA

Percorramos, pois, se queres, também as opiniões que os filósofos se vangloriam de ter a respeito dos deuses; e, de alguma maneira, descobriremos que a própria filosofia teve a presunção de criar ídolos de matéria, divinizou também fenômenos celestes, o que nos sugere que ela teve imagens oníricas da verdade. Assim, de acordo com as teorias preliminares que alguns nos deixaram, os elementos seriam os próprios princípios do universo: Tales de Mileto celebrou a água, Anaxímenes, também milésio, celebrou o ar; este último foi seguido por Diógenes de Apolônia. Parmênides de Eléia propôs, como deuses, o fogo e a terra; mas um só dentre esses elementos, o fogo, foi admitido como deus, por Hípaso do Metaponto e Heráclito de Éfeso; Empédocles de Agrigento, chegando ao sistema da pluralidade, enumera, com esses quatro elementos, a discórdia e a amizade.

Esses são ainda ateus, pois, por meio de uma sabedoria louca, foram adoradores da matéria e da pedra; se eles não honraram pedra e pedaços de madeira, ao menos divinizaram a terra, mãe de todas essas coisas; e se não plasmaram Poseidão, ao menos foram suplicantes da própria água. O que é, de fato, Poseidão senão uma substância úmida cujo nome se origina da ação de beber (*pósis*)? Do mesmo modo o beligerante Ares é assim chamado pelo fato de destruir e aniquilar (*ársis* e *anáresis*). Parece-me, por isso, que muitos, apenas ao fixarem a espada na terra, oferecem sacrifícios como se fosse a Ares; isto é próprio dos citas, segundo diz Eudóxio, no seu segundo livro *Giro da Terra*. Os sauromatas da Cítia, como diz Iquézio, no seu livro *Sobre os mistérios*, veneram um alfanje. O mesmo acontece com os seguidores de Heráclito, que veneram fervorosamente o fogo como princípio criador; este mesmo fogo é chamado, por outros, de Hefesto.

Os magos da Pérsia veneravam o fogo, assim como muitos habitantes da Ásia; os macedônios também, como narra Diógenes, no primeiro livro de suas *Pérsicas*. O que ainda me falta enumerar? Que os sauromatas, segundo narra Ninfodoro, em seus *Costumes bárbaros*, veneram o fogo, ou os persas, os medas e seus magos...? Dino narra que estes sacrificam a céu aberto, por considerarem apenas como imagens dos deuses o fogo e a água. Não quero ocultar a ignorância deles. Se eles acreditam, pois, afastarem-se do erro, deixam-se cair numa outra ilusão; não admitem, como os gregos, estátuas dos deuses talhadas na madeira nem na pedra, tampouco íbis e icneumos (mangostas), como os egípcios, mas o fogo

e a água, como os filósofos. Por isso, muitos ciclos de anos mais tarde, Beroso, no terceiro livro de suas *Caldaicas*, representa o fogo e a água sendo venerados como estátuas de figuras humanas; depois disso, Artaxerxes, filho de Dario Oco, introduziu tal costume, sendo ele o primeiro a erigir uma estátua de Afrodite Anaítis, na Babilônia, em Susa, em Ecbátana, induzindo os persas, os bactrianos, os damascenos e os habitantes de Sardes a venerar essa deusa. Que os filósofos reconheçam, pois, seus mestres nos persas, nos sauromatas ou nos magos, junto aos quais aprenderam a doutrina atéia desses princípios que eles veneram; eles ignoram o poder do criador de todas as coisas e do autor desses mesmos princípios, o Deus eterno; eles direcionam suas preces a esses pobres e fracos elementos, como diz o Apóstolo, que foram criados para o serviço dos homens.

Entre os outros filósofos que, tendo ido além dos elementos, pesquisaram algo mais elevado e mais importante, alguns celebram o infinito, como Anaximandro (que era de Mileto), Anaxágoras de Clazômena e o ateniense Arquelau. Estes dois últimos puseram a inteligência acima do infinito; por outro lado, o milésio Leucipo e Metródoro de Quios deixaram, ao que parece, a teoria de um duplo princípio – o pleno e o vazio; Demócrito de Abdera acatou as idéias destes últimos e acrescentou as imagens (ídolos). Alcmeão de Crotona, com efeito, acreditava que os astros eram deuses, por serem dotados de movimento. Não silenciarei a respeito da impudência deles: Xenócrates (o de Calcedônia) dá a entender que os sete planetas são deuses e que o mundo, constituído de todas as coisas fixas, é o oitavo. Também não deixarei de lado aqueles do Pórtico, que dizem que o divino se estende por toda matéria, mesmo a mais desprezível; eles simplesmente desonram a filosofia.

Eu creio que, tendo chegado até aqui, não é difícil lembrar aqueles do Perípatos; o pai da seita mesmo, não tendo concebido o pai do universo, acreditava que aquele a quem chamava de “supremo” é a alma do universo; ora, concebendo como Deus a alma do mundo, ele se contradiz. Pois aquele que estende a providência até à própria lua e, em seguida, acredita ser o mundo Deus, põe por terra a sua própria teoria, sustentando a opinião de que aquilo que não faz parte de Deus é Deus. Aquele tal Teofrasto de Ereso, célebre discípulo de Aristóteles, supõe ser Deus tanto o céu quanto o ar. Epicuro é o único que, adrede, deixarei no esquecimento; ele crê que nada interessa a Deus; ele é completamente impiedoso. E Heráclito do Ponto? Ele não arrasta para si as imagens de Demócrito?

## CAPÍTULO VI

**ALGUNS FILÓSOFOS SENTIRAM-SE INSPIRADOS PELA VERDADE**

Uma grande turba me vem à mente, como espectros, apresentando-se como hóspedes divinos, de silhueta insólita, narrando seus mitos com a fantasia de mulher velha; é preciso, pois, recomendar muito aos homens que escutem tais discursos, com os quais, nem às nossas crianças, quando estão a chorar, temos por hábito acalmá-las. Como se diz, temos medo de fazer crescer, juntamente com as crianças, a impiedade declarada por esses pretensos sábios, que nada mais sabem sobre o verdadeiro do que um bebê. Por que, em nome da verdade, mostrais, tragados pela onda que se desfaz em turbilhões desordenados, aqueles que acreditam na vossa filosofia? Por que encher a minha vida de imagens vãs que representam, como deuses, os ventos e o ar, o fogo e a terra, as pedras, a madeira ou o ferro, o mundo cá embaixo e também os astros errantes? Realmente, aos homens que caíram no erro, por meio dessa famigerada astrologia, – não digo ser astronomia – ela fala dos fenômenos celestes e os ludibria. Eu aspiro ao mestre dos ventos, ao mestre do fogo, ao criador do mundo, ao iluminador do sol, não às obras de Deus.

Quereis que eu apresente, de vossa parte, um colaborador para essa investigação? Não perdemos, pois, completamente a esperança em vós. Platão, se tu o queres. - Como, pois, ó Platão, Deus foi descoberto? - “É um grande feito descobrir o pai e o criador deste mundo e, uma vez tendo-o achado, é impossível explicá-lo a todos.” - Qual a razão do nome Dele? - “Ele é absolutamente inefável.” É bom, pois, que Platão profira a verdade; mas não te desanimes: lança-te comigo em busca do bem, pois a todos os homens em geral, principalmente àqueles que passam seu tempo dedicando-se aos estudos, foram concedidos alguns eflúvios divinos. Graças a isso, mesmo a contragosto, eles reconhecem que Deus é uno, imperecível e eterno, que Ele está no alto, em torno da abóbada celeste, em seu observatório próprio e particular.

Que idéia é preciso fazer a respeito de Deus?  
É aquele que vê tudo sem que ele próprio seja visto,

diz Eurípides.<sup>227</sup> Parece-me que Menandro, de fato, errou quando disse aqui:

---

<sup>227</sup> EURÍPIDES, fr. 1129.

Sol, é a ti que se deve adorar como o primeiro dentre os deuses,  
é por meio de ti que se vêem os outros deuses.<sup>228</sup>

Pois o sol não mostraria jamais quem é o verdadeiro Deus, mas sim o Logos salutar que é o sol da alma, e que só ele, saindo das profundezas da mente, ilumina o olhar;<sup>229</sup> daí Demócrito dizer, não sem razão, que “alguns, dentre os homens sensatos, elevam suas mãos e chamam de Zeus tudo o que agora, nós, os gregos, chamamos de ar; este sabe tudo, dá e separa tudo, ele é o rei de tudo.”<sup>230</sup> Por este mesmo motivo, Platão, também pensando em Deus, fala enigmaticamente: “Todas as coisas existem em torno do rei do universo, e isso é a causa de tudo o que é belo.”<sup>231</sup>

Quem é, então, o rei do universo? – Deus, que é a medida da verdade de todos os seres. Assim como as coisas mensuráveis são concebidas pela medida, de igual modo também a verdade é medida e concebida pela faculdade de pensar deus. Moisés, verdadeiramente consagrado “Àquele que é”, disse: “Em teu saco não terás um peso e outro peso, um grande e um pequeno; tampouco terás em tua casa uma medida grande e uma medida pequena; terás, portanto, um peso verdadeiro e justo para ti;”<sup>232</sup> ele apenas concebia Deus como o peso, a medida e o número do universo, pois as imagens da injustiça e da iniquidade foram representadas pela casa, pelo saco e, por assim dizer, pelas imundícies da alma; mas a única medida justa, o único e verdadeiro Deus, que é sempre igual a Ele mesmo, mede e pesa tudo, uma vez que detém e mantém firmemente, por sua justiça, como numa balança, a natureza do universo. “Deus, segundo um antigo relato, que contém o começo, o fim e o meio de todas as coisas, vai direto ao seu objetivo, fazendo as coisas acontecerem segundo sua natureza; a justiça, vingadora daqueles que abandonaram a lei divina, é sempre acompanhada por Deus.”<sup>233</sup>

Donde vem, Platão, essa alusão à verdade? Donde te vêm subsídios para essa abundância de discursos em que vaticinas sobre religião? – Das raças mais sábias dentre os bárbaros – diz ele. – Eu conheço, pois, teus mestres, embora desejasses ocultá-los: a geometria aprendeste ao pé dos egípcios, a astronomia junto aos babilônios, dos trácios recebeste os sábios cânticos encantatórios, os assírios também te ensinaram muitas coisas, mas para as Leis, ao menos aquelas que são verdades também para a glória de Deus, os próprios hebreus [te] ajudaram,

<sup>228</sup> MENANDRO, fr. 609.

<sup>229</sup> PLATÃO. *Rep.*, VII, 533 D.

<sup>230</sup> DEMÓCRITO, fr. 30.

<sup>231</sup> *Carta II*, 312 E.

<sup>232</sup> *Deuteronomio*, 28, 13-15.

<sup>233</sup> PLATÃO, *Leis*, IV, 715 E – 716.

aqueles que, nem por vãs ilusões, honraram as obras dos homens; que sejam elas de ouro, bronze, prata ou marfim, nem dentre aquelas de madeira ou pedra, imagens de efêmeros mortais, como fazem os homens, na frivolidade de seu querer; mas que, ao contrário, elevam ao céu as mãos puras, tendo, desde a manhã, deixado o leito e sempre purificando na água o seu corpo; eles veneram apenas o deus imortal que sempre os protege de tudo.<sup>234</sup>

Não te detenhas, ó Filosofia, apenas nesse único Platão, mas apressa-te em me apresentar muitos outros que, em realidade, proclamam, em alta voz, o único Deus, sob inspiração divina, quando, de alguma maneira, eles se apoderaram da verdade. Antístenes não pensou como um cínico, mas sim como um célebre discípulo de Sócrates, quando disse que “Deus não parece com nada, e que ninguém o pode conhecer a partir de uma imagem.”<sup>235</sup> Xenofonte de Atenas, por sua vez, teria escrito, em termos precisos, a respeito da verdade, testemunhando-a como Sócrates, se ele não tivesse tido medo do veneno de Sócrates; mas ele não fez nenhuma alusão a isso. Ele disse: “Aquele que abala e acalma todas as coisas, que se manifesta como um ser grande e poderoso, quem é ele em sua forma? – invisível; o sol, que parece ser todo brilhante, não parece permitir também que o vejam, mas se alguém o contemplar, ele o priva da visão.”<sup>236</sup> De que fonte advém a sabedoria do filho de Grilo? É evidente que da parte da profetisa dos hebreus, quando ela emite este oráculo:

Que criatura carnal pode ver, com seus olhos, o Deus supraceleste, verdadeiro e imortal, que habita o pólo? Os homens não são capazes de ficar diante dos raios do sol, posto que nasceram mortais.<sup>237</sup>

Cleante de Pédaso, filósofo estóico, expõe não uma teogonia poética, mas sim uma verdadeira teologia. Ele não ocultou o conhecimento que tinha a respeito de Deus:

Tu me perguntas o que é o bem? Escuta, pois:  
Ele é ordenado, justo, santo, piedoso, senhor de si mesmo, útil, belo, decente, austero, franco, sempre utilitário, intemorato, alegre, vantajoso, indolor, misericordioso, prazeroso, seguro, amigo, honorável, reconhecido, glorioso, modesto, atencioso, dócil, forte, longo, irreprouvável, sempre persistente. Não é de todo livre aquele que olha em direção à opinião, como se quisesse obter dela algum bem.<sup>238</sup>

Este trecho nos ensina claramente – penso - o que é Deus, e como o senso comum e o hábito tornam escravos aqueles que os seguem sem procurar por Deus. Também não dissimularei em torno dos seguidores de Pitágoras, que dizem: “Deus é único, ele não está, como alguns supõem, fora da organização do universo, mas nela própria, todo inteiro, no ciclo

<sup>234</sup> *Oráculos Sibilinos*, 3, 586-588; 590-594.

<sup>235</sup> ANTÍSTENES, fr. 24.

<sup>236</sup> *Memoráveis*, IV, 3, 13 e sg.

<sup>237</sup> *Orac. Sib.*, fr. 1, 10-13.

<sup>238</sup> CLEANTE, fr. 75 e 101 (Ed. Pearson).

inteiro, observando todo o porvir, misturando tudo nele, existindo eternamente, obreiro de suas próprias atividades e forças, iluminador de todos os corpos celestes e pai de tudo, inteligência e animação do ciclo inteiro, movimento de todas as coisas.”<sup>239</sup> Estas coisas que, também, sob inspiração divina, foram escritas por eles, mas explicadas por nós; esse conhecimento de Deus é suficiente para aqueles que, mesmo sem grande experiência, são capazes de considerar meticulosamente a verdade.

## CAPÍTULO VII

### OS POETAS TAMBÉM TESTEMUNHARAM A VERDADE

Que venha também a nós (já que a Filosofia só não é suficiente) a própria poesia que emprega todo o seu tempo em torno da ficção; ela virá, a duras penas, testemunhar, ao menos uma vez, a verdade, ou mais ainda: confessar a Deus a transgressão de seus mitos. Que compareça o primeiro poeta, qualquer um que se queira. Arato, por sua vez, pensa que o poder divino perpassa todas as coisas:

Para que todas as coisas se produzam constantemente, é a ele que se louva sempre em primeiro e em último lugar: salve, pai, grande prodígio, grande socorro para os homens.<sup>240</sup>

Eis como também Hesíodo de Ascra alude obscuramente a Deus:

Ele é rei e soberano de todas as coisas: dentre os imortais nenhuma outra força pode rivalizar com ele.<sup>241</sup>

<sup>239</sup> PITÁGORAS, *Sent.*, 35 (Ed. Mullach, *Frag. Phil. Graec.*, I).

<sup>240</sup> ARATO, *Phaen.*, 13-15.

<sup>241</sup> HESÍODO, fr. 195 (Ed. Rzach).

Mas, já em cena aberta, também se nos desnuda a verdade; um deles, ao elevar os olhos para o éter e para o céu, diz: “Considera isso como sendo Deus”: Eurípides.<sup>242</sup> Um outro é Sófocles, filho de Sófilos:

Único em verdade, único é Deus, que criou o céu e a imensa terra,  
e as ondas brilhantes do mar e a violência dos ventos;  
e muitos mortais errantes de coração, edificamos aos deuses,  
como consolação para os nossos males, estátuas, ídolos de pedra,  
de bronze, de ouro ou de marfim; nós lhes oferecemos sacrifícios  
e vãos panegíricos, acreditando, destarte, praticarmos atos de piedade.<sup>243</sup>

Foi assim que o poeta, audaciosamente, apresentou, já em cena, a verdade aos espectadores. O hierofante e, ao mesmo tempo, poeta, Orfeu, o trácio, filho de Eagro, depois de ter revelado os mistérios orgiásticos e proferido a teologia dos ídolos, entoou a palinodia da verdade; embora tarde, cantou, no mesmo modo, a palavra verdadeiramente santa:

Eu anunciarei àqueles a quem é permitido ouvir; profanos, fechai as portas diante de vós, todos igualmente; mas tu, Museu, filho da lua brilhante, escuta, pois, vou revelar-te a verdade; que nada do que se manifestou outrora, em teu peito, te prive de uma vida longa e feliz. Olha em direção à palavra divina e sê vigilante para com ela, conduzindo o invólucro inteligente de teu coração; anda retamente pelo caminho, observa em direção do único rei imortal do universo.

Em seguida, mais abaixo, ele acrescenta em termos precisos:

Ele é único, nascido dele próprio, desse único ser todo as coisas surgiram; nelas ele circula; nenhum dentre os mortais o vê, mas ele próprio tudo vê.<sup>244</sup>

Orfeu chegou, portanto, a entender, com o tempo, que ele andou a errar:

Mas não hesites, mortal astucioso, nem demores mais;  
mesmo errante, tenta apaziguar-te com Deus.<sup>245</sup>

Se, de fato, os gregos entreviram, melhor que os outros, alguns sinais do Logos divino e entenderam certos laivos da verdade, confirmaram, pois, com seu testemunho, que a força da verdade não estava oculta, entretanto eles próprios se acusam de fraqueza, por não terem chegado ao fim.

Agora eu creio que parece claro a todos que, fazer ou dizer alguma coisa sem o logos da verdade, é algo completamente semelhante a andar sem ter pés. Mesmo com tantas provas, estais confundidos, em relação à salvação e a respeito de vossos deuses, os quais são ridicularizados pelos poetas, em suas comédias, por meio da verdade. Assim, Menandro, o comediógrafo, na peça *O cocheiro*, escreve:

<sup>242</sup> EURÍPIDES, fr. 941.

<sup>243</sup> PSEUDO-SÓFOCLES, fr. 1025.

<sup>244</sup> ORFEU, fr. 246.

<sup>245</sup> *Orac. Sib.*, 3, 624 e sg.

Não me agrada um deus – diz ele – que perambula em companhia de uma velha, nem que entra numa casa apoiado numa muleta,<sup>246</sup>

tais quais os sacerdotes de Cibele. Eis por que, com razão, Antístenes, quando eles lhe pediam esmola, dizia: “Não alimento a mãe dos deuses, que os deuses a alimentem!”<sup>247</sup> O mesmo comediógrafo, em sua peça *A sacerdotisa*, mais uma vez se indigna com esse costume e tenta confundir a vaidade desse erro, declarando sabiamente que

se um homem, com seus címbalos,  
leva violentamente Deus a fazer o que ele deseja,  
este homem que faz isso é maior que Deus;  
mas essas coisas são instrumentos de audácia e de violência,  
inventados pelos homens.<sup>248</sup>

Não apenas Menandro, mas também Homero, Eurípides e outros tantos poetas confundem vossos deuses e não temem em insultá-los o quanto podem. Por exemplo, Atena é “mosca de cachorro,”<sup>249</sup> Hefesto é o “aleijado das duas pernas”<sup>250</sup> e Helena diz a Afrofite:

Que tu não tornes a pôr os teus pés no Olimpo!<sup>251</sup>

Sobre Dioniso, Homero escreve abertamente:

[Licurgo],  
certa vez, perseguia as amas de Dioniso Menômeno,<sup>252</sup> sobre o sagrado Nisa; e todas, ao mesmo tempo, lançaram por terra suas insígnias, constrangidas pelo assassino Licurgo.<sup>253</sup>

Eurípides, como verdadeiramente digno da escola de Sócrates, olhando de longe a verdade e desdenhando os espectadores, um dia confundiu Apolo,

que tendo sua morada no umbigo da terra, distribui  
seus oráculos aos mortais com palavras claríssimas:  
foi para obedecer a ele que matei minha mãe,  
tomai-o por criminoso e matai-o;  
foi ele quem cometeu o erro, não eu,  
por ser ele muito ignorante do bem e da justiça.<sup>254</sup>

Num outro momento, ele nos apresenta Hércules furioso, inclusive bêbedo e insaciável;<sup>255</sup> como denominá-lo de outra maneira? “Devorador de carne”:

<sup>246</sup> MENANDRO, fr. 102.

<sup>247</sup> ANTÍSTENES, fr. 70 (Ed. Mullach).

<sup>248</sup> MENANDRO, fr. 245, 2-6 (Ed. C. A. F. III, 70).

<sup>249</sup> *Iliada*, XXI, 394 e 421.

<sup>250</sup> *Iliada*, I, 607.

<sup>251</sup> *Iliada*, III, 407.

<sup>252</sup> Enlouquecido. (N. do T.)

<sup>253</sup> *Iliada*, VI, 132-134.

<sup>254</sup> EURÍPIDES, *Orestes*, 591 e sg.

<sup>255</sup> EURÍPIDES, *Heraclês e Alceste*.

ele comia ainda figos verdes, lançando gritos que discordavam até com a educação dos bárbaros.<sup>256</sup>

Já na peça *Íon*, ele apresenta aos espectadores os deuses com a face descoberta:

Como é justo que vós, que haveis fixado aos mortais suas leis, acusei-nos de injustiça? Se – é evidente que isso não acontecerá, eu apenas teço uma hipótese – os homens um dia vos punirem por vossas uniões amorosas, tu, Apolo, assim como Poseidão e Zeus, o senhor do céu, para pagar vossas iniquidades, será preciso esvaziar os vossos templos.<sup>257</sup>

## CAPÍTULO VIII

### OS PROFETAS DOS HEBREUS SÃO OS GUARDIÕES DA VERDADE DIVINA

É hora, já que tratamos sucessivamente do resto do assunto, de irmos aos textos proféticos: seus oráculos, que nos abrem os caminhos da piedade, são os fundamentos da verdade; as escrituras, a um só tempo, divinas, sociais e prudentes, são os caminhos da salvação; elas se apresentam despojadas de pretensões de estilo, fora da eufonia, da eloquência e da lisonja, elas reerguem o homem subjogado pelo vício, elas impedem a queda na vida mundana, por uma única e mesma palavra; elas nos prestam muitos serviços, desviando-nos do engano funesto, exortando-nos visivelmente à salvação certa: Que nos cante, pois, agora, a Sibila, a primeira profetisa, o cântico da salvação:

Vede este que, como um astro fixo, é completamente visível,  
vinde, não perseguis, sem cessar, as trevas e a obscuridade.  
Vede, a luz do sol, de doce olhar, ela brilha plenamente.  
Conhecei-o, depois de terdes posto a sabedoria em vosso peito.  
Ele é o deus único, que envia as chuvas, os ventos, os terremotos,  
os relâmpagos, a fome, as epidemias, os tristes funerais,  
a neve, o gelo: mas por que enumerar todas estas coisas?  
Ele governa o céu, comanda a terra, existe por si próprio.<sup>258</sup>

É absolutamente por inspiração divina que ela compara o erro às trevas, o conhecimento de Deus ao sol e à luz; aproximando, metaforicamente, esses dois termos, ela ensina como proceder na escolha; pois a mentira não se distingue da verdade pela simples comparação, mas pelo emprego da verdade é que ela é expulsa e posta em fuga.

<sup>256</sup> EURÍPIDES, fr. 907.

<sup>257</sup> *Íon*, 442-447.

<sup>258</sup> *Orác. Sib.*, fr. 1, 28-35.

Jeremias, o profeta pleno de sabedoria, ou melhor, em Jeremias, o Espírito Santo nos mostra Deus. “Eu sou o Deus próximo”, diz ele, “e não o Deus distante. Se um homem fizer qualquer coisa em segredo, eu não o verei? Eu não sacio o céu e a terra? Diz o Senhor.”<sup>259</sup> E o Espírito Santo ainda por meio de Isaías: “Quem medirá”, diz ele, “o céu, com seu palmo, e, com seu punho, toda a terra?”<sup>260</sup> Vede a grandeza de Deus e sereis tomado pelo temor. Adoremos aquele de quem o profeta diz: “Em face de ti as montanhas se dissolvem, como em face do fogo a cera se derrete.” “Deus,” diz ele, é aquele cujo trono é o céu e que tem, como escabelo, a terra; se ele abrir o céu, serás tomado por tremores.”<sup>261</sup> Quereis ouvir também o que diz esse profeta a respeito dos ídolos? “Eles serão expostos ao opróbrio diante do sol, e seus cadáveres serão o pasto das aves do céu e dos animais da terra e apodrecerão sob o sol e a lua; esses corpos inertes que eles amaram e aos quais se escravizaram; e a cidade deles será incendiada.”<sup>262</sup> Ele diz que também os elementos e o universo, junto com eles, perecerão: “A terra”, diz ele, “envelhecerá, e o céu passará, mas a palavra do Senhor permanecerá pelos séculos afora.”<sup>263</sup>

E quando Deus quis, uma outra vez, se manifestar por meio de Moisés? “Vede, vede que eu sou Deus e que não há outro além de mim. Sou eu o que matará e o que fará viver; eu golpearei e curarei, e ninguém escapará às minhas mãos.”<sup>264</sup> Mas queres ouvir um outro oráculo? Tens todo o coro dos profetas, os companheiros de tiaso de Moisés. O que diz a eles o Espírito Santo através de Oséias? Não temerei em dizer: “Vede, sou eu quem dá forças ao trovão e que cria o vento,”<sup>265</sup> eu, cujas mãos estabeleceram o exército do céu. E agora, por intermédio de Isaías (eu quero vos lembrar também essas palavras): “Eu sou, eu sou”, diz ele, “o Senhor que anuncia a justiça e fala a verdade; reuni-vos e vinde; deliberai juntos, vós que, dentre as nações, estais salvos. Não têm nenhum conhecimento aqueles que, dentre vós, se dirigem a uma escultura de madeira e adoram os deuses que não os salvarão.” Logo depois, abaixo, ele diz: “Eu sou Deus e, além de mim, não há justo nem salvador; voltei a mim e sereis salvos, vós que vindes dos confins da terra. Eu sou Deus, e não há outro; eu juro sobre mim mesmo.”<sup>266</sup> Indignado com os idólatras, ele diz: “ Que coisa fizestes para retratar o Senhor? Ou melhor; que aparência destes a Ele? Não é uma imagem que um artesão fez? Um

<sup>259</sup> *Jeremias*, 23, 23 e sg.

<sup>260</sup> *Isaías*, 40, 12.

<sup>261</sup> *Isaías*, 64, 1 e 66, 1.

<sup>262</sup> Cf. *Jeremias*, 8,2; 41,20; 4,26.

<sup>263</sup> *Isaías*, 40, 8.

<sup>264</sup> *Deuteronômio*, 32, 39

<sup>265</sup> *Amós*, 11, 12.

<sup>266</sup> *Isaías*, 45, 19 e sg.

ourives não derreteu o ouro para dourá-la?”<sup>267</sup> E assim por diante. Não sois, ainda, idólatras? Mas, agora, tomai cuidado com as ameaças; as estátuas e as obras feitas por mãos humanas lançarão gritos agudos, ou seja, aqueles que depositaram nelas sua confiança, pois a matéria é insensível. Ainda diz [Isaías]: “O Senhor abalará as cidades habitadas e tomará em suas mãos, como um ninho, a terra inteira.”<sup>268</sup>

É preciso anunciar os mistérios e as palavras de sabedoria, de acordo com uma criança hebréia, maravilhosamente formada por ela? “O Senhor me estabeleceu no início de seus caminhos, para as suas obras,”<sup>269</sup> e “o Senhor dá a sabedoria, e de sua face vem o conhecimento e a inteligência.”<sup>270</sup> “Até quando, homem indolente, permanecerás adormecido? Quando despertarás de teu sono? Se és diligente, virá a ti a tua messe, como uma fonte,”<sup>271</sup> o Logos do Pai, a lâmpada do bem, o Senhor que leva consigo a luz, a fé e a salvação para todos. “O Senhor, que fez o céu e a terra com sua força,” diz Jeremias, “enveredou o mundo na sua sabedoria.”<sup>272</sup> Como estávamos caídos sobre os ídolos, a sabedoria, que é o seu Logos, ergueu-nos diante da verdade. Essa é a primeira ressurreição, depois da queda; por isso, dissuadindo-nos de toda idolatria, o prodigioso Moisés perfeitamente escreveu: “Escuta, Israel, o Senhor é teu Deus, o único Senhor,”<sup>273</sup> e “tu adorarás o teu Deus como Senhor e não servirás senão a Ele.” Agora, pois, compreendeis, ó homens, ouvindo o bem-aventurado salmista, Davi: “Guardai a lição; que jamais o Senhor se encolerize, e que vós não pereçais fora do caminho da justiça, quando, de súbito, sua cólera se acenderá. Felizes são todos aqueles que depositam Nele a sua confiança.”<sup>274</sup>

Mas, agora, tendo grande compaixão de nós, o Senhor entoa o cântico da salvação, semelhante a um ritmo de guerra: “Filhos dos homens, até quando tereis o coração pesado? Por que amais as coisas vãs e procurais a mentira?”<sup>275</sup> O santo Apóstolo do Senhor, censurando os gregos, explicar-nos-á: “Quando se tornaram conhecedores de Deus, eles não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas se tornaram vazios em seus pensamentos e trocaram a glória de Deus por uma imagem que representa o homem corruptível, e serviram a criatura, em vez do criador.”<sup>276</sup> Destarte, Deus é aquele que, “no

---

<sup>267</sup> Ibidem, 40, 18 e sg.

<sup>268</sup> Ibidem, 10, 14.

<sup>269</sup> *Provérbios*, 8, 22.

<sup>270</sup> Idem, 2, 6

<sup>271</sup> Idem, 6, 9.

<sup>272</sup> *Jeremias*, 10, 12.

<sup>273</sup> *Deuter.*, 6, 4

<sup>274</sup> *Salmos*, 2, 12.

<sup>275</sup> *Salmos*, 4, 3.

<sup>276</sup> *Romanos*, 1, 21.

começo, fez o céu e a terra”<sup>277</sup>, mas tu, com efeito, não pensas em Deus, adoras o céu; e como não és ímpio? “Escuta, mais uma vez, o profeta, quando diz: “O sol se eclipsará e o céu escurecerá, mas o Todo Poderoso brilhará pela eternidade, e as potências dos céus serão abaladas, e os céus girarão, despregar-se-ão e se contrairão como uma pele” (estas são, pois, as palavras dos profetas), “e a terra desaparecerá da face do Senhor.”<sup>278</sup>

## CAPÍTULO IX

### DEUS NOS EXORTA POR MEIO DE SEU LOGOS

Eu ainda poderia citar-te inúmeros textos das Escrituras, em que “nenhum sinal passará”<sup>279</sup> sem que seja cumprido, “pois é a boca do Senhor,” o Espírito Santo, “que as proferiu.”<sup>280</sup> “Não negligencies, portanto, ó meu filho, os ensinamentos do Senhor, nem te

---

<sup>277</sup> *Gênesis*, 1, 1.

<sup>278</sup> Cf. *Isaias*, 13, 10; *Ezequiel*, 32, 7; *Mateus*, 24, 29; *Isaias*, 34, 4; *Sal.*, 103, 2; *Joel*, 2, 10.

<sup>279</sup> *Mat.*, 5, 18 ou *Luc.*, 16, 17.

<sup>280</sup> Cf. *Isaias*, 1, 20.

sintas desencorajado por suas reprimendas.”<sup>281</sup> Ó grandioso amor pela humanidade! Não é como um professor que repreende seus discípulos, nem como um senhor se dirigindo a seus servos, ou como um deus aos homens, mas sim “como um pai benévolo” que repreende seus filhos. Em seguida, Moisés confessa ficar “assombrado e tremendo”, ao ouvir falar do Logos. E tu, que escutas o próprio Logos divino, não temes? Não te inquietas? Tu não usas da prudência, ao mesmo tempo em que te apressas em te instruíres, isto é, não te apressas rumo à salvação, amedrontado com a ira, tendo acolhido a graça e procurando a esperança, a fim de evitares o julgamento? Vinde, vinde, meus jovens (amigos), “pois se não voltardes a ser como crianças e se não renascerdes,” como dizem as Escrituras, jamais vereis aquele que realmente é vosso Pai, “nem jamais entrareis no reino do céu.”<sup>282</sup> Como, pois, se dá plena liberdade de entrada a um estrangeiro? Mas, quando - penso eu -, uma vez inscrito, tornado cidadão e recebido um pai, vier a tomar posse “dos bens paternos”<sup>283</sup> e for considerado digno dessa herança, o Pai, então, dividirá o seu reino com o próprio filho “bem-amado.”<sup>284</sup> Essa é a igreja dos primogênitos, aquela que é constituída por muitos de seus bons filhos; “são esses os primogênitos inscritos nos céus” e que celebram suas festas com tantas “miríades de anjos;” nós somos os primogênitos, nós, os nutridos de Deus, os amigos do Primogênito, os primeiros que, dentre todos os homens, conhecemos Deus, os primeiros que fomos arrastados do erro, os primeiros separados do diabo.

Entretanto, quanto mais ímpios são alguns, mais filantrópico Deus se mostra a estes; ele quer, de fato, que, em vez de escravos, nós nos tornemos filhos; mas muitos desdenham de tornarem-se filhos. Ó tamanha insensatez! Vós vos envergonhais do Senhor! Ele promete a liberdade, e vós ireis vos refugiar na servidão. Ele oferece a salvação, e vós vos precipitais na condição humana. Ele nos presenteia com a vida eterna, e vós esperais pacientemente o castigo, vós vislumbrais primeiramente “o fogo que o senhor preparou para o diabo e seus anjos.”<sup>285</sup> Por isso, diz o bem-aventurado Apóstolo: “Eu venho testemunhar o Senhor: Não erreis como erram os gentios, na vaidade do espírito; eles têm a inteligência obscurecida e são estrangeiros na vida de Deus, pela ignorância existente neles e pelo endurecimento de seus corações; tornaram-se insensíveis pelo escárnio, eles próprios se dão a todas as espécies de práticas de impureza e cupidez.”<sup>286</sup>

---

<sup>281</sup> *Prov.*, 3, 11

<sup>282</sup> *Mat.*, 18, 3 ou *João*, 3, 5.

<sup>283</sup> *Luc.*, 2, 29.

<sup>284</sup> Cf. *Heb.*, 12, 22 sg.

<sup>285</sup> *Mat.*, 25, 41.

<sup>286</sup> *Efés.*, 4, 17-10.

Quando um semelhante testemunho acusa a loucura dos homens como caminho para chegar a Deus, o que mais resta aos incrédulos senão o julgamento e a condenação? Mas o Senhor não deixa de aconselhar, de amedrontar, de exortar, de instigar e de repreender; ele desperta e ergue, da própria escuridão, aqueles que se desgarraram. “Desperta”, diz ele, “levanta-te dentre os mortos, e o Senhor Cristo te iluminará,”<sup>287</sup> ele, o sol da ressurreição, o que foi gerado antes de Lúcifer, o que deu a vida por seu raios. Que ninguém despreze o Logos, por medo de se desprezar a si próprio inconscientemente. Pois as Escrituras dizem, em alguma parte: “Hoje, se vós escutais a voz do Senhor, não endureceis vossos corações, como na exasperação daquele dia da tentação no deserto, onde vossos pais me puseram à prova. Se quereis aprender qual é esta prova, o Espírito Santo vos explicará: “...e eles viram as minhas obras,” diz ele, “durante quarenta anos; por isso eu me irritei contra essa geração e disse: eles sempre cometem erro, em seus corações; eles não reconheceram os meus caminhos, como jurei em minha ira; jamais eles entrarão no meu remanso.”<sup>288</sup> Vede a ameaça! Vede a exortação! Vede o castigo! Por que ainda transformamos a graça em ira e não recebemos o Logos, com os ouvidos bem abertos, e damos hospitalidade a Deus em nossas almas puras? Grande é, em verdade, a graça de sua promessa, se, hoje, escutarmos a sua voz; e esse “hoje” se estende a cada novo dia, de maneira que se dirá por longo tempo: hoje.<sup>289</sup> Até o final dos tempos durarão o hoje e a possibilidade de aprender; e nessa consumação, o verdadeiro dia, o dia contínuo de Deus, faz-se igual à eternidade. Obedeçamos sempre a voz do divino Logos, pois esse hoje é infinito, é a imagem da eternidade; o dia é o símbolo da luz, e o Logos é a luz dos homens, com a qual somos iluminados por Deus.

É natural que a graça seja abundante para aqueles que creram e que obedeceram, mas aos incrédulos e errantes de coração, que não reconhecem os caminhos do Senhor, os quais João recomendava fazer retos e preparar, que contra eles Deus se irritou e os ameaça; é a realização mesmo da ameaça que sobreveio, enigmaticamente, aos antigos hebreus errantes: dizem que eles não entraram no lugar do descanso por causa de sua falta de fé, antes de se submeterem, deliberadamente, ao sucessor de Moisés, e antes de terem aprendido, por uma experiência tardia, que não podiam ser salvos senão pela fé em Jesus. Por ser filantrópico, o Senhor convida todos os homens “para o conhecimento da verdade,”<sup>290</sup> ele, o que enviou o Paráclito. Em que consiste, pois, esse conhecimento? É a piedade, “a piedade que serve para tudo”, segundo São Paulo, “porque tem a promessa da vida presente e da vida futura.”<sup>291</sup> Ó

<sup>287</sup> Ibidem, 5,14.

<sup>288</sup> Heb., 3, 7-11.

<sup>289</sup> Cf. Heb.,3, 7-13.

<sup>290</sup> I Timóteo, 2, 4.

<sup>291</sup> Ibidem, 4, 8.

homens, por quanto comprarias a salvação eterna, se esta estivesse à venda? Nem o Pactolo<sup>292</sup> inteiro, o mítico rio de ouro, não pagaria o preço equivalente à salvação.

Não vos desencorajeis; vós podeis, se quiserdes, comprar a preciosíssima salvação, com um tesouro pessoal, a caridade e a fé, que é o preço digno da vida. Essa compensação Deus recebe com prazer. “Nós esperamos, pois, no Deus vivente, que é o salvador de todos os homens, principalmente dos que crêm.”<sup>293</sup> Os outros, porém, fortemente presos ao mundo, como algas aos rochedos do mar,<sup>294</sup> desdenham da imortalidade, e, tal qual o ancião de Ítaca, desejam não a verdade, nem a pátria celeste, nem a luz verdadeira e real, mas sim a fumaça. Mas, a piedade, segundo seu poder, faz o homem assemelhar-se a Deus, assegurando-lhe um mestre apropriado: Deus, que só pode imprimir no homem, conforme seu mérito, a semelhança divina.

O Apóstolo, que tinha um conhecimento efetivo desse ensinamento divino, escreve a Timóteo: “Tu, ó Timóteo, tu conheces, desde a mais tenra infância, as santas letras, aquelas que te podem tornar sábio e te levar à salvação pela fé em Cristo.”<sup>295</sup> Com efeito, são verdadeiramente sagrados os textos que santificam e divinizam; são suas letras e suas sílabas santas que compõem os escritos, as obras que o mesmo apóstolo, na mesma passagem, chama de “inspiradas,” porque elas servem para a aprendizagem, para a persuasão, para a correção, para a formação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e preso a toda obra boa.”<sup>296</sup> Ninguém conseguiria ser persuadido por exortações de outros santos como por essas do próprio Senhor, aquele que ama a humanidade; pois ele não tem outra tarefa senão salvar o homem. Ele grita, apressando os homens rumo à salvação: “o reino dos céus está próximo.” Ele tenta converter os homens que se aproximam dele pelo medo. Assim, também, o Apóstolo do Senhor, convidando os macedônios, tornou-se o intérprete da voz divina: “O Senhor está próximo,” diz ele, “guardai-vos para que não sejais surpreendidos vazios!” Entretanto, vós não temeis, ou melhor, vós sois incrédulos, pois não credes nem no Senhor, nem em Paulo, principalmente quando este vos roga em nome do Cristo.

“Provai e vede como o Senhor é bom!” A fé vos introduzirá, a experiência vos ensinará, as Escrituras, como um pedagogo, vos guiarão: “Aqui, ó meus filhos,” dizem elas, escutai-nos, nós vos ensinaremos a temer o Senhor.” Em seguida, como se se voltassem já a seus fiéis, elas acrescentam concisamente: “Quem é o homem que quer a vida, que deseja ver os

<sup>292</sup> Rio da Lídia que, segundo o mito, arrastava pepitas de ouro, desde o momento em que Midas nele se banhou, e cujas águas curava todos os males. (N. do T.)

<sup>293</sup> *I Tim.*, 4, 10.

<sup>294</sup> Cf. Platão, *Rep.*, X, 611 D.

<sup>295</sup> *II Tim.*, 3, 14 sg.

<sup>296</sup> *Mat.*, 4, 17.

belos dias?” Somos nós, diremos, os adoradores do bem, os êmulos dos bons. Escutais, pois, “vós que estais longe,” escutais, “vós que estais perto;”<sup>297</sup> o Logos não se furta a ninguém, é uma luz comum, ele brilha para todos os homens; não há cimérios, em relação ao Logos; apressemo-nos em direção à salvação, em direção ao renascimento; apressemo-nos, nós, os muitos, em nos reunir em um só amor, segundo a unidade da essência monádica. Posto que ela nos faz o bem, proporcionalmente persigamos a unidade e busquemos a boa mônada. A união de muitas vozes, quando sua dissonância e sua dispersão tiverem sido submetidas a uma harmonia divina, tornar-se-á uma única sinfonia, regida por um único corega e instrutor, o Logos, e sobre a própria verdade, ele encontra seu repouso, quando diz: “Abba, Pai;” esta voz, a verdadeira voz, Deus a acolhe como o primeiro fruto recolhido de seus filhos.

## CAPÍTULO XI

### **A PAROUSÍA DO LOGOS DIVINO E SUA BENEFICÊNCIA**

Examina um pouco, pois, se tu o queres, a beneficência divina, desde seu início. Quando o primeiro homem, no paraíso, brincava livre, era ele, ainda, a pequena criança de Deus; quando, sucumbido pela volúpia (a serpente, que se arrasta sobre o ventre, é a alegoria da volúpia, o vício terrestre, voltado para a matéria), deixou-se seduzir por seus desejos; a criança se torna homem e, na sua desobediência e indocilidade para com seu pai,

---

<sup>297</sup> Ester, 9, 10; Danie, 9, 7; Is., 57, 14; Efés., 2, 17.

envergonhava-se de Deus. Tal foi a força da volúpia: o homem que, por sua simplicidade, era livre, achou-se preso a seus erros. Mais uma vez o Senhor quis libertá-lo de seus liames – aprisionado pela carne – (que divino mistério!), ele subjuguou a serpente e reduziu à servidão o tirano, a morte, e - o mais paradoxal – a esse homem perdido pela volúpia, prisioneiro da corrupção, ele, por seus braços estendidos, o mostrou liberto. Ó maravilha plena de mistério! O Senhor é escutado, e o homem é ressuscitado; aquele que havia caído do paraíso, recebe, por sua obediência, uma recompensa ainda maior: os céus.

Portanto, parece-me que, depois que o próprio Logos veio do céu para nós, não há mais necessidade de irmos a nenhuma escola humana, nem nos preocuparmos com Atenas e o restante da Grécia, tampouco com a Jônia. Se, de fato, o mestre nos proveu de todas as coisas por seu santo poder – com a criação, a salvação, a piedade, com suas leis, suas profecias e seus ensinamentos -, esse mestre, agora, tudo nos ensina, e o universo já se tornou, por meio do Logos, uma Atenas e uma Grécia. Não acrediteis, pois, no mito poético que representa Minos, de Creta, com laços familiares com Zeus; não deixeis de crer em nós, que nos tornamos discípulos de Deus, receptáculos da única e verdadeira sabedoria, a qual os maiores filósofos apenas entreviram; mas os discípulos de Cristo a receberam e a proclamaram. E o Cristo inteiro, por assim dizer, não se divide: ele não é bárbaro, nem judeu, nem grego, nem masculino, nem feminino; é o homem novo, transformado pelo Espírito Santo de Deus.<sup>298</sup>

De resto, os outros conselhos e princípios são ínfimos e se aplicam apenas a questões particulares: casar-se, ocupar-se da política, ter filhos? Só a religião é uma exortação universal e serve, sem dúvida alguma, para a vida inteira, que, em toda circunstância, em toda oportunidade, dirige para o fim mais importante: a vida; é visando a esse objetivo único que é preciso viver, para vivermos sempre; a filosofia, como diziam os antigos, é uma deliberação prolongada, que procura obter o amor eterno pela sabedoria. “Ora, o mandamento do Senhor brilha ao longe, iluminando os olhos.”<sup>299</sup> Recebe o Cristo, recebe a faculdade de ver, recebe a tua luz,

para que bem reconheças Deus e o homem.<sup>300</sup>

“Doce” é o Logos que nos iluminou, “mais que o ouro e a pedra preciosa; ele é mais desejado que o mel e a cera.”<sup>301</sup> Como, pois, não seria desejado aquele que iluminou a mente enterrada nas trevas, e que deu acuidade aos “olhos, porta-luz da alma”? Do mesmo modo

<sup>298</sup> Cf. *Coríntios*, 1, 13; *Gálatas*, 3, 28 e 6, 15; *Efésios*, 4, 24 *et alia*.

<sup>299</sup> *Salmos*, 18, 9.

<sup>300</sup> *Iliada*, V, 128.

<sup>301</sup> *Salmos*, 18, 11.

que, “se o sol não existisse, o universo seria só noite, por causa dos outros astros,”<sup>302</sup> assim, também, se nós não tivéssemos conhecido o Logos e não tivéssemos sido iluminados por ele, nada nos distinguiria das aves voláteis que se alimentam do trigo, sevadas na escuridão e alimentadas pela morte. Recebamos a luz, a fim de que recebamos Deus; recebamos a luz e nos tornemos discípulos do Senhor. Pois ele prometeu isso a seu Pai: “Eu farei conhecer o teu nome aos meus irmãos; no meio da assembléia, entoarei hinos em teu louvor.”<sup>303</sup> Canta teus hinos e me faz conhecer teu Pai, Deus; tuas palavras me salvarão, teu cântico me instruirá. Até agora, eu vivi errante, procurando por Deus, mas, depois que me iluminaste, Senhor, e eu encontrei Deus, por meio de ti, e de ti recebo o Pai, eu me torno teu co-herdeiro, já que tu não te envergonhas de teu irmão.<sup>304</sup>

Ponhamos fim, ponhamos fim, pois, ao esquecimento da verdade! Despojemo-nos da ignorância e da obscuridade que impedem, como uma venda, os nossos olhos de contemplar aquele que é verdadeiramente Deus, fazendo, antes de tudo, chegar até Ele esta aclamação: “Salve, ó luz!”<sup>305</sup> Do céu, uma luz brilhou para nós, que estávamos nas trevas e aprisionados à sombra da morte: luz mais diáfana que o sol, mais doce que a vida aqui na terra.<sup>306</sup> Essa luz é a vida eterna, e tudo que dela participa vive; assim como a noite reverencia a luz, o medo desaparece, cedendo lugar ao dia do Senhor. Tudo se torna luz perfeita, e o ocidente se transforma em oriente. Isso é o que se concebe como “criatura nova,”<sup>307</sup> pois “o sol da justiça” que cavalga de um lado a outro do universo, visita igualmente toda a humanidade, imitando seu Pai, o qual eleva, sobre todos os homens, o seu sol<sup>308</sup> e destila o rocío da verdade. Foi ele quem mudou o Ocidente em Oriente, a morte em vida, ao se deixar crucificar; foi ele quem tirou o homem da perdição para prendê-lo ao éter; ele transplanta a corrupção para que ela se torne incorruptibilidade, ele transforma a terra em céu, o lavrador de Deus, “que dissemina os sinais favoráveis, exorta os povos à obra do bem, “lembrando o modo de viver”<sup>309</sup> segundo a verdade; ele nos agracia com a herança do Pai, verdadeiramente grande, divina e inalienável; ele diviniza o homem, por meio de um ensinamento celestial, “dando leis à sua inteligência e inscrevendo-as em seu coração.” Que leis Ele averbou? “Que todos conheçam a Deus, do

<sup>302</sup> HERÁCLITO, fr. 99 (Diels).

<sup>303</sup> *Salmos*, 21, 23.

<sup>304</sup> Cf. *Romanos*, 8, 17 e *Hebreus*, 2, 11.

<sup>305</sup> Cf. ÉSQUILO, *Agamémnon*, 22, 508.

<sup>306</sup> Cf. *Isaiás*, 9, 2; *Mateus*, 4, 16; *Lucas*, 1, 79.

<sup>307</sup> Cf. *Gálatas*, 6, 15.

<sup>308</sup> *Mat.*, 5, 45.

<sup>309</sup> Cf. ARATOS, *Phaen.*, 6 e sg.

menor ao maior, e Eu lhes serei propício”, diz Deus, “e Eu não guardarei na memória os seus erros.”<sup>310</sup>

Recebamos as leis da vida, obedeçamos à exortação de Deus, aprendamos a conhecê-lo, para que Ele nos seja benévolo; paguemo-lhe o tributo não pela necessidade, mas agradecidos e com docilidade, como um aluguel [a piedade] pago a Deus, por nossa morada aqui na terra. Ele te dará

ouro por bronze, uma hecatombe por nove bois,<sup>311</sup>

por um pouco de fé, a terra imensa para cultivares; a água para beberes e o mar para navegares, o ar para respirares, o fogo para te servires, o mundo para habitares; daqui, tu podes partir para colonizar os céus; essas coisas grandiosas, obras e favores consideráveis, ser-te-ão cedidas por um pouco de fé. Aqueles que crêem em embusteiros, recebem, como meios de salvação, seus amuletos e seus encantamentos, e vós não quereis vos submeter ao próprio Logos Celeste, o Logos salvador, e abandonar-vos ao carisma de Deus, para que ele vos liberte das paixões, que são as doenças da alma, e não serdes levado pelo pecado? O pecado é a morte eterna. Enfim, néscios e cegos, assim como as toupeiras, vós viveis sem nada fazer além de comer na escuridão, fluindo na corrupção. Mas, ela existe, a verdade existe, essa verdade que gritou que “saindo das trevas, a luz brilhará.”<sup>312</sup> Que essa luz brilhe, pois, no âmago do homem, no seu coração, e que os raios do conhecimento se elevem para manifestar e tornar resplandecente o homem escondido em seu íntimo, o discípulo da luz, familiar e co-herdeiro de Cristo, principalmente agora que a criança honorável e piedosíssima veio adorar o nome de seu Pai, nome venerável dentre os veneráveis, que comanda seu filho com benevolência e o exorta à salvação. Aquele que lhe obedece, ganha vantagens em tudo: ele segue Deus, ele obedece seu Pai, e, no meio dos que erram, ele ama a Deus, ama o próximo, cumpre os mandamentos, procura obter o prêmio, ele reclama a promessa.

Está, desde sempre, estabelecido por Deus salvar o rebanho humano. Por isso, o bom Deus enviou o Bom Pastor. Ora, o Logos desnuda a verdade diante dos homens, para mostrar-lhes a excelsitude da salvação, ou melhor, para que estando eles arrependidos, sejam julgados. Essa é a proclamação da justiça: boa nova, quando se obedece; julgamento, quando se desobedece. Mas eis a trombeta altissonante que ressoa para convocar os soldados e anunciar o combate; Cristo, que entoou fortemente o seu peã de paz até às extremidades da terra, não reunirá, então, seus soldados? Ele, em verdade, convocou, ó homem, por seu sangue e por sua

<sup>310</sup> *Jeremias*, 38; *Heb.*, 8, 10-12.

<sup>311</sup> *Iliada*, VI, 236.

<sup>312</sup> *Cor.*, 4, 6.

palavra, um exército que não derrama sangue, e o conduziu ao reino do céu. A trombeta de Cristo é o seu Evangelho; ele a faz ressoar, e nós a escutamos. Tomemos as armas da paz, “revestindo-nos com o peitoral da justiça,” segurando o escudo da fé, cingindo a cabeça com o elmo da salvação e “afiando a espada do espírito, que é a palavra de Deus.”<sup>313</sup> É assim que o Apóstolo, pacificamente, dispõe para a batalha; tais são as armas que nos tornam invulneráveis; assim armados, preparamo-nos para o combate contra o Mal; aniquilemos seus traços inflamáveis com o golpe úmido de nossas espadas batizadas pelo Logos. Retribuamos os seus benefícios com ações de graça e louvores, e bendigamos a Deus por seu Logos divino. “Enquanto tu ainda estás falando, ele diz: Aqui estou.”<sup>314</sup>

Ó santo e bem-aventurado poder, que faz de Deus nosso concidadão! Vale muito mais, e é preferível, tornar-se o imitador e o servidor do melhor dos seres; pois ninguém poderá imitar o Deus a quem se serve piedosamente, nem servi-lo e honrá-lo senão imitando-o. De fato, o amor celestial e verdadeiramente divino ocorre aos homens, quando a verdadeira beleza, reanimada pelo Logos divino, pode brilhar em sua alma. E o mais importante é que, passo a passo com essa vontade sincera, caminha a ação soteriológica; a escolha, por assim dizer, está atrelada ao mesmo jugo que a vida. Por isso, essa exortação da verdade assemelha-se aos mais fiéis dos amigos, posto que ela nos é fiel até o último alento, e tornou-se, para aqueles que vão para o céu, uma boa companhia para a alma, em sua plena e derradeira exalação. Por que te exorto? Para que te apresses em salvar-te. Isso é o que Cristo quer; com uma única palavra, ele te presenteia com a vida. E qual é essa palavra? Aprende-a concisamente: O Logos da verdade, o Logos da incorruptibilidade, aquele que regenera o homem, elevando-o até a verdade, o agulhão da salvação, o que expulsa a corrupção, o que desterra a morte, aquele que, dentro de cada homem, constrói um templo, para que, em cada homem, ele instale Deus. Santifica esse templo, abandona ao vento e ao fogo os prazeres e a frivolidade, como flores efêmeras; cultiva prudentemente os frutos da temperança, e tu mesmo te consagras a Deus, como premissas dos frutos, a fim de que sejas não apenas obra, mas também dom de Deus. Duas coisas convêm a um familiar de Cristo: mostrar-se digno do reino e ser julgado digno desse reino.

---

<sup>313</sup> Cf. *Efésios*, 6,14-17; *Tessal.*, 5, 8; *Isaias*, 59, 17.

<sup>314</sup> *Isaias*, 58, 9.

## CAPÍTULO XII

**É PRECISO ACEITAR O LOGOS DE DEUS**

Fujamos, pois, desse costume, fujamos como de um promontório difícil, ou da ameaça de Caribde, ou das sereias míticas; ele estrangula o homem, ele o desvia da verdade, ele o afasta da vida, é uma armadilha, é um precipício, é um poço, o hábito é um mal devorador:

Longe dessa fumaça e dessas ondas ancora a tua nau!<sup>315</sup>

---

<sup>315</sup> *Odiss.*, XIII, 219.

Fujamos, meus companheiros de navegação, fujamos dessas ondas, elas expellem fogo; há uma ilha maligna, com ossos amontoados e cadáveres, aí canta uma bela cortesã; é a volúpia se divertindo com uma música vulgar:

Vem por aqui, célebre Odisseu, grande glória dos aqueus,  
Ancora a tua nau, para escutares uma voz mais divina.<sup>316</sup>

Ela te lisonjeia, ó navegante, ela anuncia a tua glória; essa prostituta se apropria daquele que é o orgulho dos helenos; deixa-a infestar a ilha de cadáveres, o sopro celeste vem em teu auxílio; rechaça a volúpia, ela ludibria:

Que nenhuma mulher, sem longo vestido, a mente te engane,  
Charlando com sedução, teu celeiro buscando.<sup>317</sup>

Navega para além desse recanto, artesão da morte; basta que tu queiras e terás vencido a perdição, preso ao madeiro, tu te livrarás de toda corrupção; o Logos de Deus será o teu piloto, e o Espírito Santo te fará ancorar nos portos celestes; então, tu contemplarás o meu Deus e serás iniciado nesses santos mistérios; tu, por fim, usufruirás, nos céus, dos bens secretos, dos bens que, por mim, são guardados, “os quais nenhum ouvido humano escutou falar, e que não vieram do coração de nenhum mortal.”<sup>318</sup>

Em verdade, eu creio ver dois sóis e duas Tebas,<sup>319</sup>

dizia um bacante para os ídolos, embriagado de pura arrogância; eu teria piedade das desordens de sua embriaguez, assim como daquele que perde a razão; eu o convidaria para a salvação que cura o espírito, porque também o Senhor ama a conversão do pecador e a sua morte.

Vem, ó insensato, mas não te apoiando no tirso, nem coroado de loureiro; lança por terra a tua mitra, a tua nébrida, torna-te sensato; eu te mostrarei o Logos e os seus mistérios, para discorrer segundo as vossas imagens. Eis a montanha amada por Deus, ela não é, como o Citéron, palco de tragédias, mas consagrada aos dramas da verdade; ela é uma montanha de temperança, obumbrada por florestas de pureza; nela, as irmãs de Sêmele, “a fulminada por um raio de Zeus,”<sup>320</sup> as ménades, não celebram Baco, as iniciadas na impura repartição das

<sup>316</sup> Ibidem, XII, 184 e sg.

<sup>317</sup> HESÍODO, *Trab.*, 373 e sg.

<sup>318</sup> I *Coríntios*, 2, 9.

<sup>319</sup> EURÍPIDES, *Bacantes*, 918 e sg.

<sup>320</sup> Idem, *ibidem*, 6 e 26.

carnes; mas as filhas de Deus, as puras e belas ovelhas, que revelam os sagrados mistérios do Logos, formam um coro cheio de sabedoria.

O coro são os justos; o cântico é o hino do rei de todas as coisas; as jovens dedilham a lira, os anjos entoam os hinos de glória, os profetas falam, a ressonância da musica se difunde, segue-se o tíaso, correndo a toda a brida; os que foram chamados, apressam-se, desejosos por receber o Pai. Vem a mim, ó ancião, deixa Tebas, tu, também! Abandona o vaticínio e o culto de Baco, deixa-te levar, pela mão, à verdade; vê, eu te dou o madeiro para te apoiares; apressa-te, Tirésias, crê: Tu verás! O Cristo brilha mais que o sol; por meio dele, os olhos dos cegos recobram a vista, a noite fugirá de ti, o fogo se amedrontará, a morte se afastará; tu verás os céus, ó ancião, tu que não vês Tebas.

Ó mistérios verdadeiramente santos! Ó luz diáfana! Levo tochas para contemplar Deus e os céus; torno-me santo ao ser iniciado: o Senhor é o hierofante e marca o iniciado com o sinal da cruz, conduzindo-o à luz e apresenta ao Pai aquele que creu, para que Ele o guarde eternamente. Essas são as festas báquicas dos meus mistérios; se tu o queres, recebe tu, também, a iniciação e tomarás parte com os anjos, em torno do Deus único e verdadeiro, iniciado e imortal, enquanto o Logos de Deus se unirá a nossos hinos. Esse é o eterno Jesus, o único e sumo-sacerdote do Deus único, também seu pai; ele roga pelos homens e os exorta: “Escutai, tribos inumeráveis,”<sup>321</sup> ou melhor, todos os que, dentre os homens, são racionais, bárbaros e gregos; eu conclamo toda a raça humana, sendo eu o criador, pela vontade do Pai. Vinde a mim para que recebas um posto sob as ordens do Deus único e do único Logos de Deus; não sois, apenas pela razão, superiores aos animais irracionais, mas, dentre todos os mortais, só a vós eu dou o direito de usufruir da imortalidade. Pois eu quero, eu quero dividir convosco essa graça e me encarregar de toda beneficência: a imortalidade! Eu vos agracio com o Logos, o conhecimento de Deus; eu me dou, por inteiro, a mim mesmo. Isso é o que eu sou, isso é o que Deus quer, isso é uma sinfonia, é a harmonia do Pai, é o Filho, é o Cristo, é o Logos de Deus, o braço do Senhor, a força do universo, a vontade do Pai. Ó vós todos que sois imagens, mas nem todas semelhantes, eu vos quero corrigir, segundo o arquétipo, para que vos torneis semelhantes a mim. Eu vos ungirei com o unguento da fé, por meio do qual vós vos despojareis da corrupção, e eu vos mostrarei a forma pura da justiça, através da qual chegareis até Deus. “Vinde a mim todos os que estão fatigados e carregados, e eu vos farei repousar; tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim que sou doce e humilde de coração; e vós encontrareis repouso para vossas almas; pois o meu jugo é suave e meu fardo é leve.”<sup>322</sup>

<sup>321</sup> *Iliada*, XVII, 220.

<sup>322</sup> *Mat.*, 11, 28-30.

Apressemos-nos, corramos, nós que amamos e somos a imagem do Logos; apressemos-nos, corramos, tomemos o seu jugo, persigamos a imortalidade; amemos o Cristo, o Bom Auriga dos homens; ele conduziu o potro junto ao cavalo velho e, depois de juntar a parelha humana, ele conduz o carro em direção à imortalidade, apressando-se em chegar a Deus, para realizar, com clareza, o que enigmaticamente ele anunciou: primeiramente entrou em Jerusalém, agora, elevando-se aos céus, oferece ao Pai o grandioso espetáculo do filho eternamente vencedor. Sejamos, pois, ambiciosos das coisas belas e sejamos homens que amam a Deus, e adquiramos os maiores dos bens: Deus e a vida. O Logos é salutífero; tenhamos confiança nele e nunca desejemos a prata e o ouro, nem a glória, mas sim o Logos da verdade. Com efeito, não agrada a Deus, quando menosprezamos as coisas que são dignas de valor e preferimos a arrogância da insensatez, da ignorância, da frivolidade e da idolatria, assim como o excesso de impiedade.

Os filhos dos filósofos, de fato, consideram não ser impiedade e perversidade todas as coisas quantas praticam os ignorantes, e os concebem a todos como loucos, atestando, destarte, a própria ignorância como uma espécie de loucura. A razão entende que não se pode hesitar a respeito de qual destas duas coisas é a melhor: ser sensato ou ser louco. Segurando tenazmente a verdade, é preciso que, com todas as forças, sigamos a Deus, segundo o bom senso, e crer que tudo é dele, como realmente o é; além disso, é necessário que, reconhecendo-nos como a mais bela de suas obras, nós nos confiemos a Deus, amando-o como nosso Senhor e que consideremos isso como obra de toda a nossa vida. E se os “bens são comuns aos amigos”<sup>323</sup> e, por outro lado, o homem é amigo de Deus (e, verdadeiramente, ele o é, por intermédio do Logos), todas as coisas, agora, se tornam patrimônio do homem, pois tudo pertence a Deus, e todas as coisas são comuns a esses dois amigos: Deus e o homem.

Agora, podemos dizer que só o cristão é piedoso, rico, sensato e nobre e, por conseguinte, uma imagem semelhante a Deus; e podemos, ainda, dizer e crer que, tornado, por Cristo Jesus, “justo e santo, com a inteligência,”<sup>324</sup> ele é, de certa maneira, agora, semelhante a Deus.

O profeta, aliás, não dissimula essa graça, dizendo: “Eu disse que vós sois deuses e todos são filhos do Altíssimo.”<sup>325</sup> Ele nos adotou e quer ser, apenas por nós, chamado de Pai, e não por aqueles que não crêem. E eis o que ele tem para nós, seguidores de Cristo:

<sup>323</sup> Cf. PLATÃO, *Fedro*, 279 C e *Leis*, V, 739 C.

<sup>324</sup> PLATÃO, *Teeteto*, 176 B.

<sup>325</sup> *Salmos*, 81, 6.

semelhantes aos nossos desejos são as nossas palavras; as nossas palavras aos nossos atos; os nossos atos à nossa vida; é completamente boa a vida dos homens que reconheceram o Cristo.

Creio ter falado o suficiente; e se me alonguei, foi por amor à humanidade, estendendo aquilo que muito obtive de Deus, como se eu vos exortasse ao maior dos bens, a salvação; pois, quando se trata da vida que jamais e em absoluto terá fim, as palavras, em certas circunstâncias, não cessarão de fazer-se de hierofantes. Para vós ainda vos resta uma última chance de escolher: o julgamento ou a graça; quanto a mim próprio, eu creio que não há como hesitar sobre qual dos dois é o preferível, nem como comparar, eqüitativamente, a vida com a perdição.

*Subscriptio:* **Κληνμεντος προτρεπτικο;ς προ;ς ελληνας**

Subscrito: De Clemente, *Exortação aos Gregos*

---

## BIBLIOGRAFIA

### I. Obras de Clemente de Alexandria

CLEMENS ALEXANDRINUS. *Protrepticus und Paedagogus*. Veranstalter: Otto STÄHLIN. Leipzig: J.C. Hinrichs Buchhandlung, 1936.

CLÉMENT D’ALEXANDRIE. *Le Protreptique*. Introduction, traduction et notes de Claude MONDÉSERT. Paris: Éditions du Cerf, 1976.

CLÉMENT D’ALEXANDRIE. *Le Protreptique*. Introduction, traduction et notes par Claude MONDÉSERT. Deuxième édition revue et augmentée du texte grec avec la collaboration de André PLASSART. Paris: Les Éditions du Cerf, 2004.

LEMENTE DE ALEJANDRÍA. *El Pedagogo*. Traducción y notas por Joan SORIAL DÍAZ. Madrid: Editorial Gredos, 1998.

CLÉMENT D'ALEXANDRIE. *Les Stromates*. Vol. I. Introduction de Claude MONDÉSERT et traduction et notes de Marcel CASTER. Paris: Éditions du Cerf, 1951.

CLÉMENT D'ALEXANDRIE. *Les Stromates*. Vol. II. Introduction et notes de P. Th. CAMELOT. Texte grec et traduction de Claude MONDÉSERT. Paris: Éditions du Cerf, 1954.

CLEMENT OF ALEXANDRIA. *The Exhortation to the Greeks, The rich man's salvation and the fragment of an address entitled To the newly baptized*. Translation by G.W. BUTTERWORTH, M.A. London: William Heinemann LTD, MCMLXXXII. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1982.

CLÉMENT D'ALEXANDRIE. *Les Stromates*. V. I. Traduction et notes de Marcel CASTER. Introduction de Claude MONDÉSERT. Paris: Éditions du Cerf (Sources Chrétiennes), 1951.

CLÉMENT D'ALEXANDRIE. *Extraits de Théodote*. Texte grec, introduction, traduction et notes de F. SANGNARD. Paris: Éditions du Cerf, 1948.

CLEMENS ALEXANDRINUS. In: *Patrologia (cursus completus) – series graecae*. Tomus VIII. J.-P. MIGNE Editorem, 1891.

KLHMHS O ALEXANDREUS. *Biblioqhvk Ellhvnwn Patevrwn kai; Ekkhlsiastikwvn Eggrafevwn*. Aqhvnai: vEkdosiç thvç Apostolikhvç Diakonivaç thvç Ekkhlsivaç thvç Ellavdoç, 1965.

## II. Sobre Clemente, Patrística e Literatura Grega Cristã

ALTANER, Berthold & STUIBER, Alfred. *Patrologie*. Freiburg-Basel-Wien: 1966.

BATISTA MONDIN. *Filone e Clemente*. Roma: Urbaniana University Press, 1984.

BERARDINO, Angelo Di. *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. (Título original: *Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane*). Tradução de Cristina Andrade. São Paulo: Vozes / Paulus, 2002. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOEHNER, P. & GILSON, E. *História da filosofia cristã*. RJ/Petrópolis: Ed. Vozes, 1991.

BUENO, Daniel Ruiz. *Padres Apologistas Griegos (século II)*. BAC. Madrid: La

- Editorial Católica S.A., MCMLIV.
- CAMPENHAUSEN, Hans von. *Griechische Kirchenväter*. Stuttgart: W. Kohlhammer Verlag, 1967.
- DROBNER, R. Hubertus. *Manual de Patrlogia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- DUCHESNE, Jean et alii. *Histoire chrétienne de la littérature: l'esprit des lettres de l'Antiquité à nos jours*. Paris: Flammarion, 1996.
- FILORAMO, Giovanni. *Luce e Gnosi* (Saggio sull'illuminazione nello gnosticismo). Roma: Institutum Patristicum Augustinianum, 1980.
- FRANCESCHINI, P. G. *Manuale di Patrologia*. Milano: Ulrico Hoepli Editore-Libraio della Real Casa, 1979.
- FRANGIOTTI, Roque. *História da Teologia: período patrístico*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Org. Patrística (Padres apologistas)*. São Paulo: Paulus, 1995.
- GILSON, Étienne. *La filosofía en la Edad Media*. Desde los orígenes patrísticos hasta el fin del siglo XIV. Madrid: Editorial Gredos, 1995.
- KNAUBER, Adolf. *Die patrologische Schätzung des Clemens von Alexandrien bis zu seinem neuerlichen Bekanntwerden durch die ersten Druckeditionen des 16. Jahrhunderts*. Münster: Festschrift Johannes Quasten I, 1970.
- LIMA, Ronaldo Fiúza (OFM). *La dinamica nel "Pedagogo" di Clemente Alessandrino: una proposta di inculturazione?* Romae: Institutum Patristicum Augustinianum (Pontificia Universitas Lateranensis), 1999.
- MOUSTAKH, Bas. *Oi Apostolikoiv patevresç*. Aqhvnai: Ekdovtikoç Oivkoç Asthvr, Al. & Papadhmhtrivou, 1953.
- MPALANOU, Dhmhvtrioç Sivmou. *Patrologiva*. En Aqhvnaiç: Aleuropouvlou & Sivaç, 1930.
- ORÍGENES. *Contra Celso*. Tradução de Orlando dos Reis, introdução e notas de Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 2004.
- QUASTEN, Johannes. *Patrologia I – Hasta el concilio de Nicea*. BAC. Madrid: La Editorial Católica, MCMLXI.
- PELLISTRANDI, Stan-Michel. *Le cristianisme primitif*. Génève: Editions Fanot, 1976.
- PAGELS, Elaine. *Os evangelhos gnósticos*. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.
- PAPADOPOULOU, Stuliavnou G. *Patrologiva*. Aqhvnai: vEkdosh G, Parousiva, 1997.

- POHLENZ, M. *Klemens von A. und sein hellenisches Christentum*. Götting: G.H.F., 1943.
- PUECH, Aimé. *Histoire de la littérature grecque chrétienne*. Paris: Les Belles Lettres, 1928.
- SCHULTZ, Walter. *Clemens von Alexandrien – Eine Auswahl aus seiner Schriften*. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1964.

### III. Retórica e Literatura Clássica

- ALSINA, José. *Tragedia, religión y mito entre los griegos*. Barcelona: Editorial Labor, 1971.
- APULÉE. *Les Métamorphoses*. Tomes I et II. Paris: Texte établi par D. Robertson et traduit par Paul Valette. Paris: Les Belles Lettres, 1940.
- ARISTOTELES. *Protreptikos* (Originaltitel: *Protrepticus*). Einleitung, Text, Übersetzung und Kommentar von Ingemar DÜRING. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1979.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Edición del texto con aparato crítico, traducción, prólogo y notas por Antonio TOVAR. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1953.
- BLANCHARD, A. *Essai sur la composition des comédies de Ménandre*. Paris: Les Belles Lettres, 1983.
- BOWRA, C. M. *A experiênciã grega. (The greek experience)*. Lisboa: Editora Arcádia, 1967.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A poética do hipocentauro*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- BRUNET, Philippe. *La naissance de la littérature dans la Grèce ancienne*. Paris: Librairie Générale Française, 1997.
- CALLIMAQUE. *Les origines* (Ai[tia]). Texte établi et traduit par Émile CAHEN. Paris: Les Belles Lettres, 1972.
- CASSIN, Barbara (Org.). *Le plaisir de parler*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1986.
- CHUVIN, Pierre. *Chronique des derniers païens. La disparition du paganisme dans l'Empire romain, du règne de Constantin à celui de Justinien*. Paris: Les Belles Lettres (2<sup>e</sup> édition), 1991.
- CICÉRON. *De L'Invention (De inventione)*. Traduction de Henri BORNECQUE. Paris: Librairie Garnier Frères, 1932.

- \_\_\_\_\_. *De l' Orateur (De oratore)*. Texte établi, traduit et anoté par François RICHARD. Paris: Garnier Frères, 1932.
- CÓRDOVA, Paola Vianelo de et alii. *Oratoria y "ethos"*. In: Cuadernos de Filosofía y Letras. México: UNAM...
- CROISSET, Alfred & CROISSET, Maurice. *Histoire de la littérature grecque*. 2e. édition. Paris: A. Fontenneing, 1899.
- DIONÍSIO DE HALICARNASSO. *Tratado da Imitação*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica - Universidade de Lisboa, 1986.
- EURIPIDE. *Oeuvres complètes*. Paris: Les Belles Lettres, 1947
- FEILLET, Alphonse. *Histoire de la littérature grecque*. Paris: Hachette, 1856.
- FLACELIÈRE, Robert. *Histoire littéraire de la Grèce*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1962.
- GESSCKEN, Johann. *Die griechische tragödie*. Leipzig: B. G. Taubner, 1918.
- GIGON, Olof. *Los orígenes de la filosofía griega*. (De Hesíodo a Parmênides). Madrid: Editorial Gredos, 1980.
- GRANT, Michael. *O mundo de Roma. (The world of Rome)*. Lisboa: Ed. Arcádia, 1967.
- JÚNIOR, Manuel Alexandre. *Argumentação retórica em Filon de Alexandria*. Biblioteca Euphrosyne – 4. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica (Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa), 1990.
- HESÍODO. *Teogonía*. Estudio general, introducción, versión rítmica y notas de Paola VIANELLO DE CÓRDOVA. México: UNAM, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Los trabajos y los días*. Introducción, versión rítmica y notas de Paola VIANELLO DE CÓRDOVA. Instituto de Investigaciones Filológicas – Centro de Estudios Clásicos. México: UNAM, 1979.
- HOMER. *Odyssee*. Leipzig: B.G.Teubner, 1884.
- HOMER. *Iliade*. Tradution et notes de Paul MAZON. Paris: Les Belles Lettres, 1938.
- HOMERO. *Iliada*. Dir. de Pedro Henríquez UREÑA. Buenos Aires: Ed. Loveda, 1943.
- HIMNOS HOMÉRICOS. Introducción, traducción y notas de ALBERTO B. PAJARES. Madrid: Editorial Gredos, 1988.
- KITTO, H. D. F. *A tragédia grega*. (Vols. I e II) Coimbra: Armênio Amado Editora, 1990.
- LESKY, Albin. *Historia de la literatura griega*. Madrid: Editorial Gredos, 1989.
- LONGINO. *Do sublime*. Tradução de Filomena Hirata. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

- MANCINI, Augusto. *História da literatura grega*. Vol. I e II. Lisboa: Editorial Estúdios Cor, S.A.R.L., 1973.
- MEAUTIS, G. *Le crépuscule d'Athènes et Ménandre*. Vandoeuvres-Genève, 1970.
- MEYER, Michel (Org). *Histoire de la Rhétorique (Des Grecs à nos jours)*. Paris: Le Livre de Poche, 1999.
- PAJARES, Alberto Bernabé. *Himnos Homéricos*. Introducción, traducción y notas. Madrid: Editorial Gredos, 1988.
- PAPADOPULOS, A. *Monasterio de San Juan Teólogo*. Patmos (Grecia): Edición Monasterio de Patmos, 1988.
- PERELMAN, Chaïm. *Retóricas*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_ & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação*. Título original: *Traité de l'Argumentation*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PHOTIUS. *Bibliothèque* (tome II – códices 84-185). Paris: Les Belles Lettres, 1960.
- PINDARE. *Olympiques*. Texte établi et traduit par Aimé PUECH. Paris: Les Belles Lettres, 1949.
- \_\_\_\_\_. *Epinicios*. Traducción, introducción y notas de Pedro Bádenas de la PEÑA y Alberto Barnabé PAJARES. Madrid: Alianza Editorial, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Isthmiques et fragments*. Texte établi et traduit par Aimé PUECH. Paris: Belles Lettres, 1952.
- PLATON. *Timée*. Texte établi et traduit par Albert RIVAUD. Paris: Les Belles Lettres, 1956.
- \_\_\_\_\_. *Euthydème*. Texte établi et traduit par Louis MÉRIDIÉ. Paris; Les Belles Lettres, 1956.
- \_\_\_\_\_. *Parménides*. Texte établie et traduit par Auguste DIÈS. Paris: Les Belles Lettres, 1950.
- QUACQUARELLI, Antonio. *Retorica Patristica e sue istituzioni interdisciplinari*. Roma: Città Nuova Editrice, 1995.
- QUINTILIEN. *Institution Oratoire*. Tome IV, livres VI et VII. Texte établi et traduit par Jean Cousin. Paris: Les Belles Lettres, 1977.
- RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Tradução de J. Torres Costa e A. M. Magalhães. Porto: Rés Editora, 1983.
- ROMEYER-GHERBEY, Gilbert. *Os Sofistas*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- SCHIAPPA, Edward. *The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece*. Yale

University Press, 1999.

VIDAL, Gerardo Ramírez et alii. *Oratoria y retórica*. In: Cuadernos de Filosofía y Letras. México: UNAM (FALE - UFMG).

#### IV. Obras gerais

ARIÈS, Philippe & DUBY, Georges. *História da vida privada – Do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

AYMARD, André & AUBOYER, Jeanine. *L'Orient et la Grèce* (Histoire general des civilizations). Paris: PUF, 1953.

BAILLY, A. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 1981.

BARROW, R. H. *Los Romanos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

BRANDÃO, Lucilia Maria Soares. *De Homero a Kazantzákis: uma viagem através da epopéia grega*. Rio de Janeiro (UFRJ/FL): Tese de doutoramento em Semiologia, 2001.

BRILLANT, Maurice & AIGRAIN, René. *Histoire des religions*. Bruchèlles: Desclée & Cie, Éditeur, S.A., 1955.

CAHILL, Thomas. *O desejo das colinas eternas: O mundo antes e depois de Jesus*. Título original: *Desire of the Everlasting Hills*. Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000.

COMBY, J. & LÉMONON, J.-P. *Vie et religions dans l'Empire Romain au temps des premières communautés chrétiennes*. Paris: Éditions du Cerf, 1985.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Tradução de Cleonice Mourão e Consuelo Santiago. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

\_\_\_\_\_. *O trabalho da citação*. Tradução de Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do cristianismo*. São Paulo: Paulinas Editora, 2004.

DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991.

DANIÉLOU, Jean & MARROU, Henri-Irinée. *Nova história da Igreja* (Dos primórdios a São Gregório Magno). Tradução de Paulo Evaristo Arns (O.F.M.). Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1966.

DOUKAS Michael. *Byzantinotourkiké historía* (Buzantinotourkikhv iJstoriva). Keivmena Buzantinhvç iJstoriografivaç - 7. Aqhvnai: vEkdoseiç Kanavkh,

- 1997.
- DOWSON, Christopher. *La religion et la civilization occidentale*. Paris: Payot, 1953.
- DUMAS, François Ribadeau. *L'oeuf cosmique: le symbolisme de la genèse universelle*. St. Jean-de-Braye (France): Éditions Dangles, 1979.
- EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. Tradução de Wolfgang Fischer. São Paulo: Novo Século, 1999.
- FILÓSTRATO. *Vida de Apolonio de Tiana*. Traducción, intruducción y notas de Alberto Bernabé PAJARES. Madrid: Editorial Gredos, 1992.
- FRANGIOTTI, Roque. *História das heresias*. São Paulo: Ed. Paullus, 1995.
- GRAVES, Robert. *Os Mitos Gregos*. Tradução de Fernanda Branco. Título original: *The Greek Myths*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005.
- GRIMAL, Pierre et alii. *Hellenism and the Rise of Roma*. New York: Delacorte Press, 1968.
- GUTHRIE, W. K. C. *Orpheus and Greek Religion*. London: Methuen, 1935.
- HERMES TRIMÉGISTE. *Corpus hermeticum*. Paris: Les Belles Lettres, 1945.
- HOFFMANN, O. et alii. *Historia de la lengua griega*. Madrid: Editorial Gredos, 1973.
- HUMBERT, Jean. *Syntaxe grecque*. 3e. édition, revue et augmentée. Paris: Éditions Klincksieck, 1997.
- HUSSEY, J. M. *Le monde de Byzance*. Paris: Payot, 1958.
- JAEGER, Werner. *Cristianismo primitivo y paideia griega*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Paidéia (A formação do homem grego)*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1986.
- JUNG, C.G. *O homem e seus símbolos*. 8ª edição, tradução de M.L. Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.
- LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides e Heráclito*. Texto, introdução e tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1991.
- LE BRAS, Gabriel & GAUDEMET, Jean. *L'Église dans l'Empire Romain (II et II s siècles – Église et cté)*. Tome II. Paris: Éditions Cujas, 1979.
- LEMERLE. Paul. *Histoire de Byzance*. Paris: PUF, 1948.
- LÉVÊQUE, Pierre. *O mundo helenístico*. Lisboa: Edições 70, 1987.

- LUCE, J. V. *Curso de filosofia grega* (Do século VI a.C. ao séc. III d.C.). Tradução de Adriano da Gama Cury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1992.
- MOMIGLIAMO, Arnaldo Dante. *Os limites da helenização*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- \_\_\_\_\_. *De paganos, judíos y cristianos*. México: Fondo de Cultura Económico 1992.
- MÜLLER, Karl Otfried. *Geschichte der griechischen Literatur*. Stuttgart: A. Heitz, 1882.
- NOVO TESTAMENTO. Texto trilingüe (grego, português e inglês). São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1999.
- OLIVEIRA, José Teixeira de. *A fascinante história do livro*. Vol. IV. (Grécia e Roma) Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1985.
- PARREIRAS HORTA, Guida Nedda Barata. *A luz da Hélade*. Rio de Janeiro: Ed. J. Di Giorgio. 1980.
- PETIT, Paul. *A civilização helenística*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga* (vol. I – Das origens a Sócrates). São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- REGNIER, A. *Les jardins des racines grecques*. Paris: Hachette, 1860.
- RIEMANN, Othon & GOELZER, Henri. *Grammaire comparée du grec e du latin* Paris: A. Colin, 1901.
- RIGHI, Gaetano. *Historia de la filología clásica*. Barcelona: Editorial Labor, 1969.
- ROSE, H. J. *Mitología griega*. Traducción de Juan Godo Costa. Barcelona: Editorial Labor, 1973.
- RUNCIMAN, Steve. *A civilização bizantina*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- SAINT BASILE. *De la lecture des auteurs profanes*. Paris: Hachette, 1859
- SCHOELL, M. *Histoire de la littérature grecque profane: depuis son origine jusqu' à la prise de Constantinople par les turcs*. Paris: Gide Fils, 1823.
- SNELL, Bruno. *A cultura grega e as origens do pensamento europeu*. Título original: *Die Entdeckung des Geistes*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- STUMPF, Samuel Enoch. *De Sócrates a Sartre*. Buenos Aires: Librería El Ateneo, 1979.
- TOYNBEE, Arnold. *Helenismo, história de uma civilização*. 4ª edição, tradução de

Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

UNTERMAN, Alan. *Dictionary of Jewish Lore & Legend*. London: Thames and Hudson Ltd, 1991.

UREÑA PRIETO, Maria Helena de Teves Costa et alii. *Do Grego e do Latim ao Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

VERNANT, Jean-Pierre. *O homem grego*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

WILLIAMS, Terry. *Cronologia da História Eclesiástica*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Nova Vida, 1993.

YARZA, Florencio I. Sebastián. *Diccionario Griego-Español*. Barcelona: Editorial Ramón Sopena, S.A., 1964.

